

Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

H. BUSTAMANTE

Secretaria - T. A. ARARIPE

Gerente: A. CHAVES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DO OUVIDOR, 21

ANO XVII

Brasil - Rio de Janeiro, Outubro de 1929

N. 190

Edição de 96 paginas

SUMMARIO

EDITORIAL — O NOSSO ANIVERSARIO

COLLABORAÇÃO — ASSUMPTOS NAVAES — Os quadros de Officiaes da

Armada no Congresso — Comd. Muniz Barreto	4
Barão do Rio Branco — Frederico Duarte	8
A Batalha de Lomas Valentinas — Cap. Danton Teixeira	10
A Defesa Nacional e a sua História — Cap. F. de Paula Cidade	14
A Escola de Cavallaria — Cel. Euclides Figueiredo	17
Males e Remédios — Cel. Pires de Andrade	19
Meditações sobre a politica militar Sul Americana — Cap. J. B. Magalhães	20
A Missão do Exército Brasileiro na actual phase de nossa evolução — Cel. Parga Rodrigues	25
Preparação Militar do official — Maj. Nilo Val	28
Instrucções para o exame d' E. E. M. em 1930	31
Recordações do Marechal Pétain sobre a batalha de Verdun (trad.) — Ten. Segadas Vianna	33
O Serviço Militar — Cap. Mariano Chaves	36
A Motorização da Cavallaria (trad.)	38
Tiros de Guerra — Ten. Jorge Duarte	41
Um ponto de interesse pelo mar e pelos rios — Maj. Heitor Bustamante	43
As estradas de rodagem — Engenheiro Joaquim Catramby	46
Uniformes — Maj. L. Correia Lima	49
Nossas reservas — Ten. A. Chaves	51
Exercícios de combate nas pequenas unidades de Infantaria — Cap. T. A. Araripe	54
A Aviação em ligação com a Infantaria (trad.) Cap. A. J. Bellagamba	60
O Problema da organização da Infantaria — Cel. Barrand	62
Os officios das escolas de aperfeiçoamento no Campo dos Affonsos — Maj. Ajalmar Mascarenhas	73
Instrução sobre a construção de pontes de estacas livres — Maj. J. Guerriot	74
Azimuth, angulo de marcha, bussola — Ten. Olympio Mourão Filho	78
Morteiro Stokes — Brandt — Cap. Alcio Souto	81
Elementos theoreticos da organização de um plano de fogo — Cap. Octavio Paranhos	84

DA PROVINCIA — A educação physica na 2.ª Região Militar

SUGGESTÕES — O Problema do cabo de esquadra — Ten. Feliciano de A. Avelino

SUBSIDIOS PARA A RESERVA — Cooperação Infantil — Artilharia

Cap. Rubens Cunha

DA REDACÇÃO — "A defesa Nacional" e o Exército

O Grande Chanceler	7
Effectivação e promoção das 2.ª tenentes commissionados	18
O Serviço Militar e a Rússia Sovietica	18
Deficiência de Quadros	39
A Quarta Fundamental — Lei de Promoções	38
Reverendo o passado	70
O Artilheiro M. J.	73
Bibliographia	95

EXPEDIENTE

"A' Direcção de A DEFESA NA-

CIONAL cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emitirem em seus artigos" (art.º 5.º § 2.º dos Estatutos.)

ASSIGNATURAS

Semestre	9\$000
Anno	18\$000
Avulso	2\$000

Permanecem em vigor as reduções para alumnos da E. M. e Sargentos. (5\$000 por semestre).

As assignaturas terminam nos mezes de Junho e Dezembro, podendo ser iniciadas em qualquer época; neste caso o assignante pagará os mezes restantes do semestre a razão de 1\$500 por mez.

Os pedidos de numeros atrasados devem ser acompanhados da importancia respectiva, isto é, 2\$000 por exemplar. (Preço de venda avulsa).

SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Os annuncios e quaesquer publicações pagos, tratam-se com o Director de Publicidade: Sr. José Marques.

Toda a correspondência para a Caixa Postal 1602 ou Travessa do Ouvidor n. 21 (1.º andar).

Mudança de residencia

Para evitar faltas pedimos aos interessados que communiquem á gerencia suas mudanças de Corpo, pois dobrando assim a ligação feita por intermedio dos Representantes não deixarão de receber a revista.

ASSIGNATURAS AVULSAS

Prevenimos aos Srs. assignantes avulsos que iremos incluí-los nos grupos dos respectivos Corpos ou Estabelecimentos pois as remessas por intermedio dos representantes, são registradas.

Aos demais assignantes avisamos que não nos responsabilizamos pelos extravios no Correio, salvo se indemnizarem a importancia equivalente ao registro respectivo.

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa direcção prescrevemos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira á collaboração, sugestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Secretario*;
- 2) Qualquer assumpto sobre assignaturas, expedição e envio de importancias deve tratar-se com o *Gerente*;
- 3) Sempre que se queira reiterar qualquer comunicação, deve-se fazel-o ao *Director*.

AOS NOSSOS REPRESENTANTES

1) As guias de remessa da revista devem ser devolvidas como signal de que foi recebida a expedição. N'ellas deverão vir anotadas as alterações sobre os assignantes.

2) Pede-se aos Srs. representantes que todas as vezes que se ausentarem da sede da guarnição queiram deixar um substituto interino. Em caso de transferencia deverão propôr um official, para substitui-lo definitivamente na representação.

AOS NOSSOS COLLABORADORES

Pedimos encarecidamente aos nossos prezados collaboradores o seguinte:

- apresentar os originaes sempre legíveis e se possível dactylographados;
- só escrever em uma das paginas das folhas do papel que utilisem;
- se se tratar de assumpto tecnico usar somente as abreviaturas regulamentares e não esquecer as demais regras prescriptas pelo R. S. C. (qualquer edição) a respeito da graphia dos nomes de localidades e estradas, orientação etc.

Fazemos tal solicitação com o duplo fim de facilitar a publicação dos trabalhos, que as mais das vezes têm que soffrer completa remodelação, e para evitar a sobrecarga que nos tóca se os seus autores não tomam a si, como de direito, a tarefa de apresental-os em condições.

Ver em outra página o aviso Venda de livros

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — H. Bustamante

Secretario — T. A. Araripe

Gerente — A. Chaves

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — TRAVESSA DO OUVIDOR, 21

ANNO XVII

BRASIL — RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 1929

N. 190

EDITORIAL

O nosso anniversario

O QUE TEM SIDO

Com o presente numero entra a "A Defesa Nacional" em seu decimo setimo anno de existencia.

Nascida em Outubro de 1913 com programma definido e altamente patriotico — collaborar para o soerguimento das nossas instituições militares — ella foi nos seus primeiros tempos o vehiculo escolhido para transmitir ao Exército os ensinamentos hauridos nos meios militares mais adelantados e tambem um campo aberto a todos os que, de boa vontade, quizessem cuidar das questões profissionais.

O seu apparecimento coincidiu justamente com uma época de importantes modificações nos espiritos das Classes Armadas, modificações oriundas da reorganização radical pouco antes iniciada no nosso aparelhamento militar. Ella assumiu, desde então, a ardua tarefa de chamar a attenção do Exército para a solução dos problemas mais indispensaveis á eficiencia do organismo, de estudar os processos a serem adoptados entre nós para chegar a um soluçionamento conveniente de cada um, de apontar com desasombro os vícios existentes e, o que é mais importante, de centralizar e coordenar os esforços dos crentes e dos bem intencionados, no sentido de crear um Exército digno deste nome.

E' bastante compulsarem-se os indices dos seus dezesseis volumes para se poder aquilatar da quantidade e, mesmo, da qualidade da obra trabalhada. Póde-se dizer que não houve questão de interesse para a vida do Exército que não tenha sido ventilada nesses volumes, com maior ou menor acerto, porém sempre no firme desejo de fazer cousa util.

O seu papel constructor, de divulgação, de propaganda, de orientação tem sido nestes dezesseis annos implicitamente reconhecido no acolhimento que lhe foi sempre dispensado pelos elementos mais representativos da classe e principalmente por aquelles que jamais se arredaram da trilha do cumprimento do dever profissional. Muitas vezes até as idéas por ella pregadas têm

sido expozadas pelos órgãos dirigentes do paiz, e têm conduzido a resultados beneficos.

A sua persistencia e a constancia de sua orientação constituem para uma revista de recursos limitados como é, o seu melhor padrão de glorias. As gerações vão subindo na hierarchia, outras mais novas têm vindo occupar os postos vagos no Grupo Mantenedor... e a obra continua.

E' verdade que umas Direcções têm sido mais afortunadas do que outras. Têm visto periodos mais florescentes e têm conseguido applausos da Classe, enquanto que outras arcaram com crises serissimas para a vida da revista e viram suas idéas e conceitos mal interpretados e combatidos de socapa, justamente quando elles correspondiam a necessidades imperiosas de parar males insidiosos e a puras intenções de auxillar com seus conselhos os responsaveis pelos problemas visados. E contudo a obra continua.

Tambem não se deve dizer que não lhe tem valido a experiencia dos annos. Épocas houve em que não temia irritar os apontados cruzadores dos males que nos affligiam, com o fim principal de conseguir o remedio desejado. Pensava-se com a sabedoria popular que "os fins justificam os meios." Mas tambem vel-a-emos, mansueta e amigavelmente indicando soluções, com a grande preocupação de não ferir melindres alheios e attrahir com bons modos os elementos ainda aproveitaveis á causa justa do bem do Exército.

Essa mesma experiencia lhe ensinou com o tempo que não era sufficiente actuar dentro do Exército e da Marinha para conseguir o fim collimado e que muito pouco se teria alcançado se se restringisse a pregar as idéas no circulo reduzido das Corporações Militares.

Por isso tem ella tentado penetrar no meio civil e chegar até os politicos dirigentes do Paiz, não para se imiscuir em suas tricas partidarias ou para dictar-lhes normas de proceder no attinente á gestão dos negocios publicos e sim, no elevado intuito de despertar-lhes a attenção para os desiderata do Exército e da Armada no que interessa ao soluçionamento da Defesa Na-

Assumplos Navaes

OS QUADROS DE OFFICIAES DA ARMADA NO CONGRESSO

Pelo COMMANDANTE MUNIZ BARRETO

Membro do Grupo Mantenedor

(continuação)

A lei de quadros de 1916, da Marinha norte-americana, poucas modificações soffreu até esta data. Não cessou, porem, a discussão na imprensa technica em torno do problema, senão nos ultimos tres annos, depois das medidas contidas no "omnibus bill" e das propostas do "Britten bill" em parte approvadas pelo parlamento. Não tardará ella, entretanto, a reaparecer, pela complexidade da questão, dada as difficuldades em serem encontradas formulas conciliatorias entre o interesse individual e o serviço do Estado, e em face dos novos aspectos que se vão evidenciando na experiencia das soluções que estão sendo tentadas.

E' interessante, para o estudo do "caso brasileiro", pôr em relevo alguns aspectos do debate,

cional e para elucidar os assumptos poucos conhecidos ou mal orientados. Mesmo neste rumo tem procurado sempre ser uma revista essencialmente technica-militar, visando o *soerguimento das nossas instituições militares*.

O QUE É

Quanto á sua função actual e intuitos, e seus destinos, os mesmos principios nobres e elevados, — somente estes, — os mesmos ideaes, que todos fomentaram e radicaram a sua criação, e forneceram seiva e elementos de vida ao seu crescimento e fortalecimento, sempre hão de exclusivamente prevalecer na orientação geral traçada para a sua existencia. A revista não tergiversa a esse respeito. Ella mantém-se solida e indestructivel no incentivo e na defesa dos bons esforços e boa direcção em prol da causa das instituições armadas. Ella não sonha apenas com o Brasil grandioso; o sonho suprime das cousas a realidade e a veracidade. Ella sente esta possibilidade e esta realidade, porque cohece que o Paiz e a Patria de facto constituem entidades formidaveis, de vida, grandeza, pujança, riqueza, aspirações, tendencias e poder inegualaveis, pelo que não duvida siquer dos resultados e esplendores futuros.

Mas tambem ella ainda sente que a boa vontade, a intelligencia e a energia dos homens, ainda se não congregam geralmente em intuitos e esforços bem determinados e intencionados, uteis. Ha muitos esforços contrarios, prejudiciaes; ha desperdícios, máos esforços, e tambem ha a inercia absoluta engatada ao regimen da indolencia e da pasmaceira.

Como corrigir as cousas más, enraizadas? Como gular e orientar seguramente os homens, a massa e as instituições? O trabalho e o exacto cumprimento do dever fixados aos hames de uma só doutrina, constituem a expressão maxima do

agora em trégua relativa, que mais se relacionem com o assumpto que nos vêm detendo.

Os quatro primeiros annos de execução da lei de 1916 escoaram-se, parte em plena guerra e parte ainda sob as preoccupações da desmobilização. Mas, apenas normalizada a situação, as reflexões sobre o problema dos quadros de officiaes voltaram á ordem do dia, com algumas contribuições de alto valor para o seu acurado estudo.

Começou-se a proclamar que as coisas caminhavam bem em materia de accesso, porque todos os annos havia augmento nos effectivos dos differentes postos, em proporção com o numero de aspirantes que a Escola Naval ia entregando ao quadro de Segundos Tenentes. E assim deviam ir correndo os acontecimentos, enquanto não

que deve produzir a coordenação e conjugação de esforços.

A intelligencia? Possuimol-a todos bastante para cooperar e alcançar o exito, ao menos o exito e a satisfação do dever cumprido. Achamos que o bom exemplo, de cima, constitue o processo mais radical para aliciar a boa vontade, os bons intuitos e disposições. Mas elle só por si, não garantirá a entrosagem das cousas. Torna-se necessaria a pressão, para conduzir a uma melhor ajustagem e a uma acceleração.

Mas, voltemos ao nosso objectivo.

A "Defesa Nacional" deseja congregiar todos os bons esforços na causa dos interesses de classe e da Patria; ella não tem cores partidarias, nem se bate por principios de interesse comexinho; a sua causa, é a do engrandecimento Nacional. Ella vibra de entusiasmo ao pensar na marcha vertiginosa, no progresso emfim, de todas as nossas cousas, se a vontade de todos os homens, governada por parcella minima que fosse, de patriotismo, sempre visasse o bem geral.

Sejamos esforçados, sejamos unos, no trabalho, no sentimento, na aspiração e na elevação das causas Nacionais.

Aqui estamos para canalisar, para defender, para impulsionar, todas as boas idéas e deducções. Assumptos geraes e assumptos technicos, referentes á nossa especialidade, aqui, recebem a approvação e são logo divulgados, para produzirem o fruto e o bem que visam.

Na época do regimen da Nação armada, quasi tudo prende-se á questão da defesa Nacional. Encaminharemos todos os assumptos, ligando-se ao nosso objectivo, com praser e com denodo.

Que os esforços de todos os irmãos aqui se congreguem em prol do problema magno da nacionalidade. A "A Defesa Nacional" aspira ser o porta-voz geral; para bem da grandeza do Brasil e da sua indestructibilidade eterna.

A Defesa Nacional

GRUPO MANTENEDOR

H. Bustamante, T. A. Araripe, Alexandre Chaves (Directores) — Munis Barretto (repres. naval) — Frederico Duarte (repres. civil) — Mario Tronassos, Bina Machado, Humberto Castello Branco, A. J. Bellagamba, Sevilha, Ajalmar Mascarenhas Lamartine (da Redacção) — Toscano, Lage Sayão, A. Ancora, Heroldo Filgueiras (da Administração).

CORPO DE REPRESENTANTES

No Rio de Janeiro

- M. G. — 1º Ten. Jair.
E. M. El. — Cap. Pery Bevilacqua.
2º Grupo Regt. — Cap. Aché.
Q. G. P. R. M. — Cap. Edgard Oliveira.
D. G. — 1º Ten. Nilo Chaves.
D. M. B. — Cap. Waldemar B. Aquino.
D. I. G. — Cap. Silva Barros.
Dir. A. — Cap. Agumaldo Caiado de Castro.
Ars. Guerra — Ten. Antonio A. Borges.
Fabr. Curtuc. — 1º Ten. Sebastião M. Barreto.
M. M. F. — 1º Ten. Sarmento.
S. G. M. — Cap. Heroldo.
S. Radio do E. — Cap. Silva Lima.
E. E. M. — 1º Ten. Barros de Castro.
Ser: Basilio da Silva.
E. A. O. — Cap. Octavio Paranhos.
E. C. — 1º Ten. Pietz Espindola.
E. Av. M. — Cap. Bellagamba.
E. M. — Cap. Cyro de Rezende.
Alumno João Bina Machado.
E. Int. — 2º Ten. Ferriche.
C. M. — 1º Ten. Milton Souza.
E. S. I. — 1º Ten. Ignacio Rolin.
P. R. I. — 1º Ten. Armando Gonçalves.
2º R. I. — 2º Ten. Fabio de Castro.
3º R. I. — 1º Ten. Barbosa Pinto.
P. R. C. D. — 1º Ten. F. A. Resas.
15º R. C. I. — 1º Ten. Pietz Espindola.
1º Dist. A. C. — Cap. François.
1º G. A. Mh. — 1º Ten. Virgilio de Carvalho.
1º R. A. M. — 2º Ten. Antonio H. A. Moraes.
2º R. A. M. — 2º Ten. Antonio Maráu.
1º G. I. A. P. — 1º Ten. Hugo Alvim.
Forte de Copacabana — 2º Ten. Faria.
Fortaleza Santa Cruz — 1º Ten. Faustino.
Forte Vigia — 2º Ten. Moyses.
Fortaleza da Lage — 1º Ten. Frota.
1º B. E. — Cap. Adalberto Albuquerque.
1º Cia. F. Viaria — 1º Ten. Nylson.
C. C. C. —
1º Cia. E. — 1º Ten. Carneiro da Cunha.
P. S. D. — 2º Ten. Waldemar Fretz.
1º Cia. Adms. — 2º Ten. Othon Barbosa.
Inspeção de Fronteiras — Cap. Lima Figueiredo.
1º C. R. M. — 1º Ten. Costa e Silva.
Regimento Naval — Cmt. Santa Cruz.
Av. Naval — Cmt. Appel Netto.
Flot. Ss. — Cmt. Christiano de Figueiredo.
P. M. D. P. — Cap. Souto Mayor.
Corpo Bomb. C. F. — 1º Ten. G. Amado.
Club Off. Res. — Cap. Valença.
C. P. O. R. — 1º R. M. — 1º Ten. Sevilha.

Fôra do Rio de Janeiro

- Q. G. 2º D. I. — São Paulo — 1º Ten. Costa Lima.
Q. G. 3º D. I. — Porto Alegre — Cap. Teixeira Braga.
Q. G. 4º D. I. — Juiz de Fôra — Cap. Pinto Pacca.
Q. G. 5º R. M. — Curitiba — 2º Ten. Bunes.
Q. G. 6º R. M. — Bahia — Cap. Nobrega Filho.
Q. G. 7º R. M. — Recife — Cap. João Facó.
Q. G. 8º R. M. — Cap. Verissimo.
Q. G. Circums. — M. Grosso — Campol Grande — 1º Ten. Jandyr.
Fab. de Polvera — Estrella —
Ars. de Guerra — P. Alegre — Cap. A. Correia Lima. D.
C. C. na Europa — Paris. — Cap. J. B. Magalhães.
C. M. — Porto Alegre — 1º Ten. Marques Santiago.
C. M. — Ceará — 1º Ten. Tulio Belleza.
4º R. I. — Quitama — 1º Ten. Lenbleberto.
5º R. I. — (sede) Lorena — Cap. Eloy.
5º R. I. — II Btl. — Pinda — As. Bayard.
6º R. I. — Caçapava — 1º Ten. Arlindo Nunes.
7º R. I. — Sta. Maria — Cap. Frederico Bozelho.
8º R. I. — Cruz Alta — Cap. Juvenal Antunes.
9º R. I. — Rio Grande — Ten. Octacilio Silva.
10º R. I. — Juiz de Fôra — 1º Ten. Armando B. Moraes.
11º R. I. — S. João d'El-Rey — 2º Ten. Hugo Faria.
13º R. I. — Ponta Grossa — 1º Ten. Leonardo de Campos.
1º B. C. — Petrópolis — 2º Ten. Amílcar Dutra.
2º B. C. — S. Gonçalo — 2º Ten. Francisco P. Quedes.
3º B. C. — Victoria — 2º Ten. Pio Borges.
4º B. C. — S. Paulo — 1º Ten. Saboya.

(Continúa)

6º B. C. — Ipameri — Ten. João C. Gross.
 7º B. C. — Porto Alegre — Cap. Jeronymo Braga.
 8º B. C. — S. Leopoldo — 2º Ten. A. Vianna.
 9º B. C. — Caixias — Cap. Maciel.
 10º B. C. — Ouro Preto — Cap. Mariano Chaves.
 13º B. C. — Joinville — Cap. Cezar Gonçalves.
 15º B. C. — Curitiba — Ten. Domingues dos Santos.
 16º B. C. — Cayabá — Major Rabello.
 17º B. C. — Corumbá — 2º Ten. A. Xavier.
 18º B. C. — Campo Grande — 2º Ten. Alves de Lima.
 19º B. C. — Bahia — 2º Ten. Joaquim Monteiro.
 20º B. C. — 2º Ten. Vieira de Azevedo.
 21º B. C. — Recife — 1º Ten. Oliveira Leite.
 22º B. C. — Parahyba — Ten. Carvalho Lisboa.
 24º B. C. — S. Luz — 2º Ten. José Maria Rodrigues.
 25º B. C. — Theteszina — 1º Ten. Moysés.
 27º B. C. — Manaus — Cap. Salgado dos Santos.
 28º B. C. — Aracaju — 1º Ten. Isaias.
 2º R. C. D. — Pirassumunga — Cap. Alcides Lauriodó.
 3º R. C. D. — Jaguarião — Cap. Aureliano.
 4º R. C. D. — Tres Corações — 1º Ten. Goulart Bueno.
 1º R. C. I. — Boqueirão — 1º Ten. Ortegall Novaes.
 2º R. C. I. — S. Borja — 2º Ten. Saldanha.
 3º R. C. I. — S. Luiz — 2º Ten. Franklin.
 4º R. C. I. — Sto. Angelo — Maj. Soares da Silva.
 5º R. C. I. — Uruguayana — 1º Ten. Sá e Souza.
 6º R. C. I. — Alegrete — 1º Ten. Cunha Garcia.
 8º R. C. I. — Rosario — 2º Ten. Poores.
 10º R. C. I. — Bela Vista — Cap. Serra.
 Henrique Rodrigues.
 12º R. C. I. — Bagé — 2º Ten. Emilio Medici.
 13º R. C. I. — Ten. A. S. Vargas.
 14º R. C. I. — D. Pedrito — Ten. Heroio Lemos.
 R. A. Misto — Campo Grande — Ten. Cid Oliveira.
 4º R. A. M. — Itui — Cap. Manoel Nobrega.
 Ten. Sylvio Flemig.

2º R. A. M. — Santa Maria — Ten. Amyr Borges Fortes.
 6º R. A. M. — Cruz Alta — 1º Ten. Frederico Drumond.
 8º R. A. M. — Pouso Alegre — 2º Ten. Clovis S. Barros.
 9º R. A. M. — Curitiba — 1º Ten. Oscar G. Amaral.
 2º G. I. A. P. — Quitáuna — Ten. Horacio Gonçalves.
 3º G. I. A. P. — Cachoeira — 1º Ten. Orlando Geisel.
 5º G. A. Mth. — Valença — 1º Ten. Figueiredo Cardoso.
 1º Gl. A. Cav. — Itaquí — Cap. Euclides Sarmiento.
 2º G. A. Cav. — Uruguayana — Cap. Fabricio.
 3º G. A. Cav. — Bagé — 2º Ten. Balthazar.
 5º G. A. Cav. — Sta. Anna do Liv. —
 Forte de Itaipús — Santos — 1º Ten. Hugo.
 4º B. E. — Itajubá — Ten. Abreu Sobrinho.
 5º B. E. — Porto União — 2º Ten. Juracy Campello.
 1º B. F. Viario — Jaguarão — Ten. Paulo Leite.
 Forte de Itaipús — 2º Ten. Abelardo Marcondes.
 Guarnição de Belo Horizonte — Ten. Coelho dos Reis.
 Guarnição de Florianopolis — 2º Ten. Orlando Gomes.
 Guarnição de São Gabriel — Cap. Geraldo Da Camino.
 Força Publica — São Paulo — Cap. José M. dos Santos.
 Força Publica — R. de Janeiro — Cap. Colares Moreira.
 Brigada Militar — R. G. do Sul — 1º Ten. Alcindo Nunes Pereira.
 1º Batalhão da B. M. — Porto Alegre — Aca-cio F. Oliveira.
 Força Estadual — Ceará — 1º Ten. R. Jourdan.
 Força Estadual — Sta. Catharina — 2º Ten. João Waltheimer.
 Força Estadual — Matto Grosso — Major Aristides Prado.
 C. P. O. R. 3º R. M. — Porto Alegre.

DIRECTOR DE PUBLICIDADE — SR. JOSE MENEZES

AVISO IMPORTANTE

Aos nossos representantes e assignantes

A partir de 1º de Janeiro de 1930, os preços das assignaturas de "A Defesa Nacional" serão os seguintes:

INTERIOR

1º — Officises. —	
Anno	18\$000
Semestre	10\$000
2º — Alunos. —	
Numero Avulso	1\$200
3º — Sargentos. —	
Anno	15\$000
Semestre	8\$000
4º — Avulsos ou atrasados	2\$000

5º — Todos os assignantes que não pertençam a um dos grupos existentes; isto é, que recebam directamente a revista deverão, além dos preços acima pagar a taxa de 1\$500 por semestre relativa ao registro, caso queiram que esta se responsabilize pelos extravios do correio.

a) — As assignaturas deverão terminar sempre nos meses de Junho ou Dezembro
 b) — Caso iniciem em meio de semestre serão cobradas a razão de 1\$700 cada exemplar.

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Indice da materia do XVII anno

Ns. 190 a 202

Grupo Mantenedor: — T. A. Araripe, Humberto Castello Branco e A. J. Bellagamba (Directores) — Muniz Barreto (Representante naval) — Francisco Duarte (Representante civil) — H. Bustamante, Mario Travassos, Bina Machado, Alexandre Chaves, Sevilha, Ajalmar Mascarenhas, Lamartine, Toscano, Lage Sayão, A. Ancora, Heraldo Filgueiras, Ivo Borges, Baptista Gonçalves, Arruda, Rhodes de Almeida, Aâmar Cruz e R. D. Teixeira.

COLLABORADORES

Professor Miguel Couto; Dr. Frederico Duarte; General Borges Fortes; Coroneis: Baudouin, Barrand, H. Panchaud, Paes de Andrade, Parga Rodrigues, Bertholdo Klinger, Euclides Figueiredo e Pedro Cavalcante; Tenentes-Coroneis: Corbé, Hugues, Jauneaud, Ascendino d'Avila Mello, Suetonio Camuê e Newton Braga; Majores: Guérriot, R. Battisteli, Pierre Segur, Luiz de A. Corrêa Lima, Heitor Bustamante, Nilo Val, Ajalmar Mascarenhas, Arthur Pamphyro, João Marcellino, Torres Guimarães e Ivo Borges; Commandantes Washington Ferry de Almeida e Muniz Barreto; Capitães: J. B. Magalhães, F. de Paula Cidade, Mario Travassos, T. A. Araripe, A. J. Bellagamba, Alexandre Chaves, Alcio Souto, Octavio Paranhos, R. D. Teixeira, Jorge Duarte, Benjamin R. Galhardo, Bina Machado, Adhemar Mattos, Mariano Chaves, José Portocarreiro, Rubens Cunha, Octavio Mariath, Ary Silveira, Silva Barros, Everaldino da Fonseca, Augusto Correia Lima, Aristoteles Lima Camara e Orlando Eduardo da Silva; Primeiros-Tenentes: Segadas Vianna, A. Sevilha, Durval M. Coêlho, A. Ancora, Lima Figueiredo, Baptista Gonçalves, Ferlich, J. B. Rangel, Alcindo Pereira, Aristoteles Ribeiro, Olympio Mourão, Irapuan Leal, Laurentino Bonorino, Trajano M. de Souza, Herschell Borralho, Nilo Guerreiro, Carlos Paiva Chaves, Araripe Macedo, José Guimard dos Santos, Azevedo Avelino, Montenegro Magalhães, Oséas Guerra, A. S. Sarmiento e Otto Barbosa; Segundos-Tenentes: Aleyr d'Avila Mello, Benjamin Quintella, João Valença e José Salles.



N.º

Pags.

N.º

Pags.

N.º

EDITORIAES

190 — O nosso anniversario	3
191 — Ainda a lei de promoções ...	99
192 — A defesa nacional	157
193 — A defesa nacional — O comando supremo	219
194 — A defesa nacional — O comando supremo — A organização	283
195 — A defesa nacional — O estado maior — Preparação — Conceção	355
196 — A defesa nacional — O E. M. — Sua eficiencia	417
197 — Eia! Para a frente!	477
198 — A mensagem presidencial ...	545
199 — A defesa nacional — O conselho de defesa nacional	601
200 — A defesa nacional — O problema geral da organização — recrutamento do pessoal ..	661
201 — O proximo quadriennio e a defesa nacional	717

A proposito das conferencias de desarmamento	505
Em prol da unidade de doutrina	541
198, 200 — Notas, resumos e conclusões	557, 672
199 — A Escola Militar e o futuro governo	611
O orçamento da guerra na Camara	613
A instrucção nas companhias de administração	640
Methodo de estudo	641
200 — A viagem da E. E. M.	696
201 — Commemoração da Independencia	723
A educação e as novas doutrinas sociaes	735
Dia do Soldado	755
General Spiro	789
Esboço de um methodo de estudo de Geographia	767

GENERALIDADES

190 — Males e remedios	19
Meditações sobre a politica militar Sul-Americana	20
A missão do Exército brasileiro na actual phase de nossa evolução	25
Um pouco de interesse pelo mar e pelos rios	43
Estradas de rodagem	46
190, 191 — Uniformes	49, 119
191 — As manobras da 1.ª D. I. e o excesso de publicidade	114
192 — O Tolo no meio dos expertos Consideração sobre a nossa organização	155
A proposito das manobras de fim de anno	164
193 — Projectos de leis militares ..	199
194 — Estructura economica e posição internacional	279
Os empregados e o serviço de pequena duração	288
Subsidio para o estudo do theatro de operações	308
Características de um comandante em chefe	330
195, 196, 197 — O R. I. S. G. 1930	343
195 — As vias de communicações e a defesa nacional	359, 426, 483
195, 200 — Reflexões sobre a organização methodica e effiz da defesa nacional	363
195 — A nação em armas	375, 665
196 — A prata de casa	388
A nacionalisação da industria militar	425
A reabertura dos cursos militares	449
197 — O congresso e as leis militares ..	465
	492

ASSUMPTOS NAVAES

190, 192, 195, 198 — Os quadros de officiaes da Armada no Congresso	4, 159, 357, 549
191 — As manobras combinadas do Exército e da Marinha ..	100
O typo de submarino adquirido pela Argentina comparado com o typo brasileiro e o chileno	102
193 — Operações combinadas	221
194 — Novos rumos do problema naval brasileiro	286
195 — Os planos dos novos cruzadores allemães de 10.000 toneladas	415

QUADROS DO EXERCITO

190 — Effectivação e promoção dos 2.ª tenentes commissionados ..	15
Preparação militar do official ..	28
Instrucções para o exame á E. E. M. em 1930	31
Deficiencia de quadros?	50
A questão fundamental — Lei de promoções	58
O problema do cabo de esquadra	71
192 — Manobras de quadros de Exército	191
193 — Sobre o concurso de admissão á E. E. M.	229
194 — Lei de promoções	300
195 — Os novos aspirantes e official ..	370
196 — Programma de concurso de admissão á matricula na E. E. M.	475
Mal a combater	433
197 — Mal a evitar	515
197, 198, 200, 201 — Organização das promoções no Exército ..	479, 553, 667, 736
200 — Lei de promoções	977

TACTI

190

191 e 192

193

195

196

196, 197

199

200

SERVIÇO MILITAR

190 — O Serviço Militar e a Rússia Soviética	18
194 — Serviço militar obrigatório	349
190, 191, 196, 199 — O Sorteio Militar	38, 103, 105, 450, 608

RESERVA

190, 193 — Tiros de Guerra	41, 275
190 — Nossas reservas	51
195 — Reservistas de 2. ^a categoria	371
198 — C. P. O. R. da 2. ^a R. M.	580
200 — O R. I. S. G. — Officiaes da reserva e sargentos da activa	697
201 — C. P. O. R. da 1. ^a R. M.	763

HISTORIA

190 — O grande Chancellor	7
Barão do Rio Branco	8
A Batalha de Lomas Valentinas	10
A Defesa Nacional e a sua historia	14
190, 192, 193, 195, 196 — Recordações do Marechal Petain sobre a batalha de Verdun 33, 161, 244, 379,	419
190 — Revendo o passado	79
193 — O General Ozorio, a sua vida e os seus gestos	227
196 — A situação militar do Brasil ao iniciar-se a guerra do Paraguay	447
197 — Duque de Caxias	489
197, 200, 201 — Verdun	490, 663, 729
201 — Barão do Triunpho	722
Episodios da vida do 1. ^o Regimento de Artilharia	725
O que pensava Foch da Historia Militar	741

TACTICA GERAL E ESTADO MAIOR

190 — Cooperação infantaria — artilharia	92
191, 192 — Inspeção do Chefe do E. M. da 6. ^a R. M. ao 20. ^o B. C. 136 e	206
193 — Thema de tactica geral e das armas	240
195 — O papel do official de E. M.	372
196 — Questões do exame de admissão á E. E. M. em 1930	431
196, 197 — A defensiva	434, 507
Inspeção do chefe do E. M. da 6. ^a R. M. ao 19. ^o B. C. 461,	534
199 — Os cursos da E. E. M.	604
200 — Atribuições do Cmt. da infantaria divisionario	674

INFANTARIA

190 — Exercício de combate nas pequenas unidades de infantaria	54
O problema da organização da infantaria	62
Monteiro Stokes Brandt	32
Elementos theoreticos para a organização de um plano de fogo	84
191 — Infantes a cavallo	108
191, 192, 193 — Tactica de infantaria 116, 167,	268
Reflexões sobre a direcção geral da instrução nas unidades de recrutas com o serviço a curto prazo	129
192 — Um methodo para a instrução dos sargentos de infantaria	192
193 — Problemas da infantaria no ataque	259
193, 197 — Folhas e quadros — controle (na Cia. I.)	264, 524
193 — Os especialistas e o seu preparo	270
194 — Emprego tactico das Mtrs. P. no combate	291
Centro de estudos de Infantaria	321
194 — Granadas do Grupo de Combate	326
Serviço em campanha (pequenos postos)	341
195 — Remuniciamento da Cia. Mtr. P.	374
O ataque	396
195, 198 — Conferencias sobre a instrução da infantaria	455, 576
198 — A defensiva	566
199 — Meios de fogo da infantaria	623
A questão da adaptação ás especialidades na infantaria	620
A instrução de tiro na infantaria	635
Memento tactico de um Cmt. G. C. no combate offensivo.	645
200 — Memento tactico de um Cmt. de G. C. no combate defensivo	699
201 — A instrução dos especialistas no quadro da Cia. I.	747
As necessidades da infantaria	754
Exercício com tropa	770

CAVALLARIA

190 — A Escola de Cavallaria	17
A motorização da Cavallaria	38
191 — O 4. ^o Esquadrão do 10. ^o Caçadores	112
191, 192, 193 — Cavallaria (instrução individual a cavallo) 146, 212	271
192, 198 — Thema de Cavallaria ...	170, 562
194 — Primum agere	294
Querer é poder	325
194, 195 — Cavallaria (instrução do grupo a cavallo)	338, 407
196, 197, 199 — Instructores de equitação	

N.º	Pags.	N.º	Pags.
196, 197 — 459, 533, 660		199 — Altimetros e barographos ...	636
198 — Cavallaria (instrução individual a pé) 473, 539		200 — Considerações sobre a navegação aerea 683	
199, 200, 201 — O emprego da Cavallaria, segundo um allemão 581		201 — Aviação 749	
		Notas sobre o emissor L. L. para aviões 762	

ARTILHARIA

195, 196, 201 — O tiro da artilharia de costa 385, 452, 745	
197 — Apontamentos da E. A. O. 516	
198 — Estudo sobre a regulação por observação unilateral .. 572	
199 — Artilharia anti-aerea 618	
Conservação do material de artilharia 631	
201 — Artilharia divisionaria 731	

ENGENHARIA

190 — Instrução sobre a construção de pontes de estacas leves pelo methodo da ponte de serviço 74	
191 192 — As pontes reforçadas de equipagem 120, 177	
192, 193, 195, 199, 200 — Notas sobre explosivos — Destruições — Minas, ... 200, 248, 389, 650, 707	
194, 195, 196, 200 — Radiotelegraphia 334, 405, 466, 701	
197 — Considerações sobre as equipagens de pontes 532	
200 — Assumptos ferro-viarios 679	

AVIAÇÃO

190 — A aviação em ligação com a infantaria 60	
Os officiaes das Escolas de Aperfeiçoamento no Campo dos Affonsos 72	
O Avião Muniz M 5 73	
197 — Escola de Aviação Militar... 482	
Ataque aereo aos objectivos terrestres 522	
197, 198 — Notas sobre o posto Y de avião 542, 585	
198 — A proposito da festa anniversaria da E. Av. M. 552	
199, 200 — Rumo ao Brasil, fóra dos Affonsos 622, 686	

TECHNICA MILITAR EM GERAL

190 — Azimuth, angulo de marcha, bussola 78	
191 — Plano relevo — 12° R. I. (Bello Horizonte) 143	
192 — Necessidade de bussola—typo 211	
193 — As armas automaticas — Bala ponte-aguda ou bala ogival? 261	
196 — Tiro de pistola 460	
197 — Conservação e accidentes de funcionamento do F. M. Hotchkiss 530	
O problema dos especialistas 538	
199 — Instrução do pessoal de contabilidade nos corpos de tropa 647	

EDUCAÇÃO PHYSICA

190 — A Educação Physica na 2.ª Região Militar 90	
191 — Ante-projecto de lei de Educação Physica 132	
192, 193, 194, 197, 198, 201 — Regulamento Geral de Educação Physica 185, 230, 309, 493, 590, 773	
194 — Mais um elemento para controle de instrução physica... 327	
195 — Educação Physica (Anthropometria) 364	
198 — As demonstrações de Educação Physica 579	
200 — Centro Militar de Educação Physica 687	
201 — Terceira parte do Regulamento Geral de Educação Physica A Educação Physica não é só gymnastica 757	
	769

REMONTA E VETERINARIA

191 — Assumptos omissos 145	
194 — Suggestões 327	
195 — Coudelaria Nacional de Saycan 368	

se atingia o total de 5.500 officiaes, votado em 1916.

As previsões mostravam que tal cifra seria alcançada por volta de 1928; e, como não era previsível nenhum augmento de tonelagem, se não mesmo que já se podia antever a tendência para a sua estabilização no volume existente, na melhor hypothese, — de 1920 a 1923 começaram apparecer as criticas ao "Personnel bill" em rigor, que culminaram em 1925 na apresentação do projecto do Deputado Britten á Camara dos Representantes, approved afinal com as declarações que suggeriu o Governo.

A principio o Ministerio da Marinha era defensor á modificação das disposições existentes, alçando prematuro o movimento em tal sentido, por não terem ellas feito ainda a sua prova em um periodo bastante longo de applicação; mas concedeu sempre em aceitar a proposta, mediante as emendas que aconselhou.

Não parece, todavia, que a nova legislação modificadora possa inspirar muita confiança e emos para nós que em breve os commentarios á officialidade começarão a vir a lume, como anteriormente.

As principaes criticas á lei de 1916 e medidas que a completavam até 1920, conforme os seus autores visavam ora o systema de promoção por merecimento, que alguns condemnavam ás vezes em termos vehementes, ora a proporcionalidade entre os differentes postos, que outros julgavam deficiente; e sempre atingiam a questão de facilidade do accessão, fundamental para o estímulo dos quadros, de envolta com o processo de promoções, eliminação e retirada do serviço activo.

Em resumo, o "bill" de 1916 estabelece:

a) Uma nova proporção entre os differentes postos, pelos quaes o Governo ia fazendo aumentar annualmente o quadro de cada posto, conforme o numero de Segundos Tenentes recém diplomados pela Escola Naval.

b) As promoções a Capitão de Fragata, Capitão de Mar e Guerra e Contra-Almirante seriam feitas sempre por merecimento.

c) Os officiaes desses postos passaram a ser reformados compulsoriamente ao atingirem, respectivamente, a edades de 50, 56 e 64 annos, os Capitães de Corveta ao chegarem aos 45.

A eliminação prevista pelo "Plucking Board" já não existia, desde a lei de 3 de 1915, e sorte que o numero fixo de vagas annuaes, que eram abertas por esse processo, não se verificava mais. E, foi tal a necessidade do serviço de campanha durante a guerra, que a compulsião dos officiaes superiores, a que acabamos de nos referir, foi declarada suspensa até Junho de 1920.

Desde esse anno a situação começou a tornar-se mais clara, comquanto os encargos decorrentes da desmobilização de após guerra ainda preocupassem muito, sobretudo quanto á situação das reservas o serem dispensadas e do grande numero de officiaes sem curso que tiveram de ser admitidos nos primeiros postos da carreira durante a belligerência.

Comçaram, então, a apparecer estudos de varios officiaes, dados á estampa na imprensa, e, sobretudo, mostrando que a situação

dos quadros era satisfactoria e que urgia modificar-se a legislação vigente. Varios alvitres foram apresentados, e a idéa antiga da transferência de officiaes para a situação de reserva veio novamente á discussão, com mais força ainda do que antes, quando a Commissão presidida pelo Sr. Franklin Roosevelt procurou realisar-o e foi proposto ao Congresso pelo Sr. Daniels, então Ministro da Marinha, em 1915.

A transferência para a reserva de um certo numero de officiaes annualmente, a utilização de seus serviços nessa situação em cargos sedentarios em tempo de paz e a sua chamada em guerra para os serviços auxiliares da esquadra e seus desdobramentos, foi considerada geralmente a unica solução aceitavel para equilibrar o numero necessario de promoções, evitando a estagnação dos officiaes na carreira.

Qu se promove, todos os annos, um numero maior de officiaes de que o necessario ao serviço no posto considerado o permanece nos quadros um excesso inevitavel, ou faz-se retirar dos quadros um numero correspondente para que não tenha uma grande parte que ficar sem commissão.

Essa retirada, se conduzir ao simples acrescimo da lista dos inactivos, será alem de dispendiosa, mal vista pelo Congresso e pelo povo. O mesmo não se dará se aos officiaes afastados para abertura de vagas ainda forem conservados no serviço publico justificando a despesa que com elles vae fazendo o thesouro.

O Commandante Koch, nos "Proceedings" de Abril de 1921, lembrava que o alvitre já em 1912 havia sido lembrado pelo almirante Hood, quando em serviço na Directoria do Pessoal (Bureau of Navigation), mas não lograra acceitação porque o Governo queria um projecto "sem augmento de despesa", e por esse tempo não se acreditava ainda nos Estados Unidos, na necessidade de uma Reserva Naval "hoje geralmente reconhecida como uma necessidade".

O Almirante B. C. Bryan, em magnifico trabalho publicado na mesma revista, em Agosto de 1921, depois de analysar extensamente a situação dos quadros e as perspectivas de accessão nos diversos postos e de commentar os differentes systemas de promoção que se podem pôr em pratica, escreveu o seguinte:

— "Devemos notar que de cada mil officiaes da activa, pode-se esperar a retirada de 10 annualmente, compulsoriamente, entre os Capitães de Corveta, de Fragata e de Mar e Guerra. Em um total de 5.500, teremos reformas por annos.

Quando esses officiaes são reformados nos postos de Capitão de Corveta e de Fragata, com 45 e 50 annos, elles terão decerto de si um periodo de 19 e 14 annos, respectivamente, em que ainda são aproveitaveis, conforme o consenso actual.

Em uma actividade commercial, essas pessoas seriam provavelmente conservadas no mesmo trabalho, sem accessão, tanto tempo quanto o permitissem os serviços que fossem capazes de prestar, ou passariam a um plano inferior.

Quero dizer, que a firma sentia-se já obrigada a não desamparar o bom empregado que prestou serviços por 22 ou 27 annos, e a sua

vidade seria utilizada de alguma sorte, se possível.

Para aproveitar-se o tempo restante, util, deuses officiaes lembro o seguinte:

Será creada uma classe adicional na Força Naval de Reserva denominada Reserva Especial, para a qual serão transferidos esses officiaes, que receberão uma percentagem de 25 % sobre seus vencimentos para cada anno que exceder a 30 de serviço, para os Capitães de Fragata, e a 35 para os de Mar e Guerra, segundo a regulamentação que o Ministro da Marinha expedir. Elles serão reformados compulsoriamente com a idade de 62 annos, com 75 % de seus vencimentos.

Em tempo de paz esses officiaes poderão ser designados para servir navios auxiliares e da frota de emergência, ou qualquer outro navio especial conforme determinação do Presidente. Serão ainda empregados em comissões de terra por designação do Ministro, não podendo, entretanto, mais de 15 % permanecer em terra.

Os officiaes da Reserva Especial que estiverem em serviço activo terão as mesmas vantagens que os da activa com o mesmo posto e tempo de serviço.

As principaes vantagens do systema proposto — continuava o almirante Bryan são as seguintes, apenas reproduzidas em resumo:

a) Tanto pela lei de 3 de Março de 1899 como pela de 29 de Agosto de 1916, eram reformados e afastados interinamente do serviço por terem atingido a idade de compulsoria varios officiaes ainda vallidos e uteis, com 75 % de seus vencimentos.

Elles somente poderiam ser chamados em caso de guerra.

Pelo systema proposto elles são transferidos para a reserva, com vencimentos proporcionaes, sendo utilizados os seus serviços em funcções necessarias.

b) Actualmente os officiaes que ainda não alcançaram a idade de compulsoria, são condemnados a ficar no mesmo posto, mesmo depois de preteridos em promoções necessarias, sob as ordens de outros que foram mais modernos, em situação bem desagradavel.

No processo lembrado agora, fica-lhes em parte evitado esse desaire, restando-lhes ainda um incentivo ao bom desempenho de novas funcções em ambientes pouco diferente.

c) Esses officiaes serão de valor inestimavel em tempo de guerra, pelo contacto prolongado que tiveram com as diferentes especies de actividade naval; e, em tempo de paz, elles constituirão quadros cuja necessidade crescente é rapida e incontestavel.

Mas, além das contribuições que acabamos de citar em apoio da these que sustentamos, de **necessidade de transferencia para a reserva de officiaes, ainda não muito edosos, como é o caso da nossa legislação actual e de attribuir-lhes um grande numero de funcções sedentarias** hoje a cargo da officialidade da activa, — outros trabalhos, igualmente importantes, ainda vamos apresentar aos leitores de "A Defesa Nacional".

"A DEFESA NACIONAL" E O EXERCITO

Nunca nos esqueceremos, nestas paginas, de fazer a mais rigorosa justiça áquelles que nos precederam nesta senda, e que hoje, embranquecidos e tropegos, os pés sangrando das durezas do caminho, se vão pouco a pouco afundando nas glórias funebres do poente...

Em todas as cousas desta vida é preciso não esquecer nunca a época em que ellas foram feitas e o espirito que as dictou. Muito do que hoje nos parece deslocado e anarchico, foi racional e accetivel a seu tempo, assim como o que hoje nos parece excellent, será criticavel amanhã.

Profundamente compenetrados dessas verdades eternas, nós desejamos que um largo espirito de tolerancia e camaradagem estenda sobre as paginas destas revistas duas grandes azas brancas...

Não queremos ser absolutamente, no seio da nossa classe, uma horda de insurrectos directos a endireitar o mundo a ferro e fogo — um bando de Cavalleiros da Idéa, que saiu

a campo, armado, não de uma clava, mas de um argumento; não para cruzar ferros, mas para raciocinar; não para confundir, mas para convencer.

Foi com estas idéas que resolvemos fundar esta revista.

Nella exerceremos necessariamente o direito de critica: — ás idéas, não aos individuos.

Mas, tanto quanto nos fór possível, dentro da fallibilidade das cousas humanas, procuraremos manter sempre uma nobreza de attitud — digna daquelles para para quem escrevemos.

Não nos move de fórma alguma a preocupação pretenciosa de sermos os mentores dos nossos chefes nem do nossos camaradas; entramos na liza apenas com um pouco de mocidade, um pouco de estudo e a maior boa vontade, e dos nossos chefes e camaradas ambicionamos tão somente ser prestimosos auxiliares e dedicados collaboradores.

(Do primeiro editorial de "A Defesa Nacional").

O GRANDE CHANCELLER

20-4-1845--10-2-1912

"... o invejável destino desse nosso conterrâneo, projectando o seu vulto sobre as estreitas do paiz, imagem de um nume tutelar, especie de Deus Termino da nossa integridade nacional"

Ruy Barbosa.

A' defesa nacional, na amplitude dos seus elevados desígnios, está vinculada a acção pacifica e vigilante da diplomacia.

O Brasil teve em *José Maria da Silva Paranhos Junior* —
BA DO RIO BRANCO — o incomparavel estadista personif
nessa politica de esforços patrioticamente conjugados.

A larga visão do diplomata e do brasileiro, consciente da soberania patria, nunca esqueceu de abranger as Forças Armadas, comprehendendo e estimulando a sua alta missão constitucional.

O GRANDE CHANCELLER, moldando-se nessa superior e previdente politica, tornou-se o immortal integralizador das nossas fronteiras e, com o signo victorioso da sua direcção diplomatica, conduziu o Brasil em successivos prelios internacionaes.

Honremos, pois, a sua memoria de verdadeiro patriota, os seus exemplos de civismo e a sua grandiosa obra, cuja sobrevivencia deve estar na gratidão dos brasileiros e na acção dos nossos dirigentes.

A *Defesa Nacional*, alteando-se aos cimos da nossa historia, eleva-se ao vulto de RIO BRANCO e, no numero commemorativo do seu anniversario, reverencia o consagrado benemerito da Nação.

BARÃO DO RIO BRANCO

Por FREDERICO DUARTE

Membro do Grupo Mantenedor

"O Barão do Rio Branco não serviu a nossa causa; mas serviu leal e energicamente a sua patria, sem que, na sua longa vida, se possa apontar uma hora de desalento. Assim queremos que sejam os estadistas sul-americanos, sem o lyrismo de candidatos improvisados, mas com energia tenaz de patriotas que sabem que todo o esforço deve ser constante, ininterrupto, sob a bandeira da nação, e com os olhos fixos no caminho pelo qual se deve proseguir."

Em altiva e dominadora homenagem de consideração, e salvas as dissidencias fundamentais vinculadas á vida de cada homem e ao destino de cada nação, dirigimos ao Brasil a homenagem do nosso povo, sincera, cavalheiresca, profunda, á memoria do Barão do Rio Branco, que, servindo o Brasil, realizou uma obra americana."

Assim terminava **La Prensa**, de Buenos Aires, o masculino necrológico de Rio Branco, aos 11 de Fevereiro de 1912. E **La Prensa** era o órgão argentino, que, com as suas grandes possibilidades, mais encarniçada campanha fizera a "el Barón", á sua obra de magno patriota, e, portanto, ao Brasil. — attitudo que aliás, como vimos, nobremente confessa e justifica.

Em poucas palavras, n'uma synthese admiravel, o grande jornal buenaiense reuniu, assim, a vida fecunda, gloriosa, predestinada, do excelsso brasileiro. "Serviu leal e energicamente a sua patria", e, para servi-la bem, o seu esforço foi "constante", ininterrupto, ... com olhos fixos no caminho pelo qual devia proseguir"

E' toda a vida do segundo Rio Branco. Moço ainda, filho de um dos mais robustos troncos da organização social brasileira, e por isso mesmo, senhor de elementos que lhe permittiriam a vida venturosa da mediocridade gosadora e estéril. José Maria da Silva Paranhos Junior, em 1876, com 31 annos de idade (nasceu a 20 de Abril de 1845, nesta cidade do Rio de Janeiro) é despachado nosso consul geral em Liverpool. Antes, desde os 23 annos (1868), já bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade do Recife, para onde se transferira da de S. Paulo no nullimo anno do curso, varios postos occupara, como que a tactear o "seu" caminho: professor interino do Collegio Pedro II e logo a seguir promotor publico em Nova Friburgo, tudo por breve tempo, porque em 1869 tem de rumar ao Rio da Prata e Paraguay, como secretario da Missão Especial para lá enviada, sob a chefia do seu grande progenitor, o Visconde do Rio Branco. Esse estagio, em tal posto, em tal scenario, e em tal momento historico, forneceu-lhe, certamente, impressões e ensinamentos que decisivamente hão de ter influencia para o norte das suas actividades de patriota, de brasileiro apaixonado: o engrandecimento de sua patria, apoiado em equilibrio cordial com os innumerados paizes vizinhos, todos oriundos de uma só colonização quando o Brasil, em unidade, colonizara-se por outro povo e rival.

De volta ao Imperio, ainda em 1869, filho de politico, não poudé furtar-se aos prejuizos do meio. E' eleito deputado geral pela provincia de Matto-Grosso, mas a sua passagem pelo parlamento é apenas um incidente no caminho do itinerante. Funda, então, o diário **A Nação**, e du-

rante cinco annos, com as possibilidades que lhe facultava o seu talento polyforme, exerce o jornalismo politico, sustentando o ministerio do primeiro Rio Branco.

E em 1876, como já dissemos, segue para Liverpool, como consul, a preparar-se para os grandes lances de sua grande vida. Como que o destino o conduzia. Para o desempenho de sua futura tarefa, era necessario que se fizesse crido na historia e na geographia, mórmente dos paizes sul-americanos.

Na Europa, o exercicio das funções de consul, relativamente vãsias para o seu porte e o seu dynamismo, permittiu-lhe vagar para esses estudos. A historia politica e a geographia da America do Sul, principalmente, ficou sem segredos para elle, á luz do seu espirito critico apuradissimo, e, sobretudo, do seu admiravel senso de realidade.

Nesse periodo é que elle escreve os seus conhecidos trabalhos historicos, entre os quaes as "Ephemerides" e as annotações da obra Schneder em que tanto se mostrou conhecedor da nossa abandonada historia militar, pela necessidade que teve de aprofundar os seus estudos da historia nacional, em face da de seus vizinhos. E assim, por cerca de vinte annos, systematicos, preparou-se para o desempenho da primeira grande missão que lhe teria de ser entregue.

Tratava-se da questão de limites com a Republica Argentina, submettida já ao juizo arbitral do Presidente Cleveland. Era advogado do Brasil o barão Aguiar de Andrade, que, entretanto, morre em Washington, no meio da jornada. Para substitui-lo é que o Governo Brasileiro, n'um rasgo de inspiração, convoca Rio Branco. Os seus trabalhos sobre historia e geographia, a impressão que brasileiros illustres, de passagem na Europa, d-lhe recebiam — determinaram a indicação.

Rio Branco transporta-se a Washington. Começa ali verdadeiramente a sua grande vida, que o elevou ao plano de primeiro dos seus compatriotas vivos e á galeria dos nomes tutelares da nacionalidade. A tarefa era formidavel. Além de tudo, o seu adversario, na defesa dos interesses argentinos, era o Sr. Estanislau Zeballos, homem intelligente, de grande energia, patriota extremo e perfeito conhecedor do assumpto.

tora.
altar.
Clev
foi u
apoia
poz a
mos

can
mesm
ment

ritori
kilom
suas
graph

Branc
E o
gican
tidõe
dade,
a sui
naes
como

encar
quest
assin
missã
quest
feder
em n
dadei
traba
tégio
nos

de 14
metro
torio
Esta
Brasi
Branc
paiz
ples
com
nhu

ves,
foi b
poter
Exte
tivo
que,
ment

nem
trict

dez
posto
degra
Itam
ende
E nã
jorna
méro

Mas Rio Branco, com a sua esplendida cultura, o seu tino diplomatico admiravel, estava á altura do instante. O seu ceiebre arrazoado a Cleveland a formidavel "Memoria Brasileira", foi um conjunto de argumentos irresponsiveis, apoiados em documentação farta e decisiva, que poz a velha questão, definitivamente, em seus termos verdadeiros.

E a sentença arbitral do presidente americano, datada de 5 de Fevereiro, veio dizer isso mesmo: o direito era do Brasil, incontestavelmente.

Incorporavamos, assim, definitivamente, o territorio litigioso das "Missões", ou sejam 30.622 kilometros quadrados de terras preciosas, por suas riquezas, e, sobretudo, por sua posição geographica.

Essa extraordinaria victoria do barão do Rio Branco repercutiu fragorosamente em sua patria. E o preço da sua gloria, não podia ser outro, logicamente, senão a monopolização de suas aptidões, das suas energias, de sua grande personalidade, em prol dos interesses nacionaes. Dahi até a sua morte, todas as reivindicações internacionais do Brasil se fizeram em torno do seu nome, como eixo central.

Logo depois do triumpho das "Missões" é encarregado de estudar o "Amapá", a nossa questão de limites com a Guyana Franceza. E assim, quando em 1897, é assignado o compromisso entre o Brasil e a França, sujeitando essa questão á decisão arbitral do Governo da Confederação Suíça, já tem elle todos os elementos em mão. A sua "Exposição" constitue um verdadeiro monumento de erudição historica, e um trabalho de defesa insuperavel. Apesar do prestigio da França e de ser europeu o arbitro, foi-nos absolutamente favoravel a sentença, datada de 1º de dezembro de 1900. Eram 260 mil kilometros quadrados que se consolidavam no territorio nacional.

Esta sua segunda grande victoria produziu no Brasil o eco que era de esperar. O nome do Rio Branco adquiriu prestigio absoluto. Afastado do paiz, havia mais de vinte annos, daqui sabido simples funcionario do corpo consular, tinha elle contudo, entre seus patricios, o prestigio que nenhum outro brasileiro usufruia.

E assim, quando o presidente Rodrigues Alves, em 1902, ao assumir o governo do paiz, o foi buscar do seu posto de nosso ministro plenipotenciario em Berlim, para a pasta das Relações Exteriores, a sua chegada a esta Capital foi motivo de esplendidas manifestações populares, que, entre nós, só são vistas nos grandes movimentos politicos que convulsionam a opinião.

E destinavam-se a um homem que não era, nem nunca quiz ser politico, na accepção restricta do vocabulo.

O que foi a obra de Rio Branco nos quasi dez annos em que, até sua morte, occupou esse posto, nada diria melhor que o prestigio verdadeiramente mystico de que ficou envolvido o Itamaraty, symbolo de sua politica, centro de onde se irradiava a sua magnifica personalidade. E não somente para o brasileiro. Observava um jornalista uruguayo, que todo sul-americano, méro turista que fosse, apenas alphabetisado,

que ao Rio de Janeiro viesse, poderia não subir o corcovado poderia não ir ao Jardim Botânico, mas não deixaria, no mesmo dia do desembarque, de ir contemplar, fosse por fóra só, o Itamaraty glorioso, a casa d'onde se projectava "el Barón".

Não está nos moldes desta breve lembrança rascunhar que seja, a obra complexa e eterna do segundo Rio Branco. Não vamos seguir o seu grande consulado á testa de nossa chancellaria. Mas não é possivel deixar de, ao menos, alludir, de passagem aos cumes do seu trabalho.

Vem antes de tudo o Acre. A obra aqui do politico, da maxima visão, é incomparavel. Seria amesquinhal-a o tel-a por mera conquista diplomatica. E', sim, obra politica, na ampia accepção, obra de estadista, pensada, querida, imposta, magnifica. O' se contássemos com meia duzia de golpes politicos desse porte, em nossa vida nacional, nos seus varios aspectos!

Tratava-se de um enorme e riquissimo territorio, estrangeiro, do ponto de vista juridico. Não haveria tribunal que nol-o entregasse. Mas era povoado, trabalhado por brasileiros, e que estupendos brasileiros! Estes se levantaram espontaneamente, sem a mais leve intervenção do nosso governo, contra o estrangeiro. Seriam submettidos, mas que fonte terrivel de discordia sul-americana se crearia! Porque o Brasil, nas suas raizes mais profundas, pelos imponderaveis mas energico e irresistiveis, difficilmente se contornaria de ver, no futuro, toda uma população brasileira esmagada pela, aliás natural, reacção do estrangeiro.

Rio Branco viu claro o problema delicadissimo, e comprehendeu que se impunha aproveitar o grave incidente. De outro lado alcançava as vantagens economicas da incorporação. Era o caso de uma transacção. E de tal fôrma se houve, com tanta clareza definiu o problema, que os proprios dirigentes bolivianos o devassaram em toda a sua amplitude. Compreenderam que assim devia ser, em beneficio de todos. E a transacção se fez.

Em poucos annos, estavamos reembolsados do despendido, com o territorio incorporado definitivamente ao nosso, e definitivamente afastada a hypothese de, por ali, quebrar-se a paz continental. Quantas guerras inevitaveis já não nos teria custado, até hoje, o Acre boliviano?

Accusou-se Rio Branco de imperialista. Pobres e ridiculos censores! Chamar-se de imperialista a quem, acima de tudo, era homem intelligentissimo, com o mais admiravel senso da realidade, e que, portanto, melhor que ninguém, sabia que imperialista não é quem o quer, mas quem o pôde, attributo como é, consequencia, exclusivamente, da exuberancia economica de um povo, e da força que, necessariamente, policia todo desenvolvimento economico — era simplesmente grotesco. Rio Branco o sentia, e protestava. Protestava pela palavra, e por actos inequivocos. Durante o seu grande consulado do Itamaraty o Brasil estabeleceu tratados de arbitramento com quasi todos os povos da terra. Ainda para aquellos que consideram pouco efficientes tratados dessa natureza, é incontestavel que com esse gesto systematico o Brasil mostrava, solemnemente, as suas intenções, e, mais que

A Batalha de Lomas Valentinas

SUBSIDIO PARA O CONCURSO DE ADMISSÃO À ESCOLA DE ESTADO MAIOR

Pelo CAPITÃO DANTON TEIXEIRA

Ex-membro do Grupo Mantenedor

PRELIMINARES

De Palmas, onde acampon o grosso aliado após seu avanço de Humaitá, apresentam-se ao Marquês duas linhas de manobra.

A oeste a estrada líquida do Paraguai, por onde opera a esquadra; na frente a estrada Assunção-Villeta-Palmas, passando por Itororó, Avai, Ita-Ivaté, e barrada pelo campo entrenchado de Piquiciri.

O Marquês não aceita esses caminhamento naturais. Resolve, coberto pela Esquadra, improvisar uma estrada no Chaco.

A 10 de outubro o intrépido cel. Tibarcio inicia a exploração. A 15 o marechal Argolo assume a direcção das obras. Amplia e completa a picada aberta por Tibarcio. Esta, na extensão de 10. 714m. foi executada em 7 dias (17 a 24) rumo à confluência do Villeta. Em frente a Angostura ela arreda-se do Paraguai despontando terreno alagadiço. E' em seguida alargada para

viaturas; 5 pontes são lançadas (algumas sobre fôssos de 44m. de extensão por 5 de fundos); no seu leito são empregados 30.000 troncos de cavandá.

A 15 de novembro a estrada é aberta ao tráfego de viaturas. Uma linha telegráfica é lançada em toda sua extensão. Várias picadas são abertas na direcção de leste.

Na execução das obras foram empregados 3 B. I. e o Corpo de Pontoneiros que lançou sobre o Villeta uma ponte de bateis, além de ter construído as demais, de circunstância.

Os paraguaios ocupavam a posição defensiva de Lomas-Valentinas, constituída por três núcleos principais: Ita-Ivaté, Piquiciri e Angostura.

Resolve então o Marquês rumar pelo Chaco, ousadamente, e cair na retaguarda inimiga. Deixa a linha do Piquiciri fortemente guardada pelos argentino, orientais e 1 Bda. brasileira de infantaria;

isso, reconhecia equilibradamente, com o senso da medida, o seu papel no concerto geral das nações, mórmente dos seus vizinhos, sem possibilidades de arrefugos, que fugiam tanto às nossas tradições como às nossas finalidades historicas e necessidades. Outro grande acto de confraternidade internacional, que promoveu, foi a concessão espontanea que fizemos ao Uruguay do condoninio das aguas da Lagoa Mirim, medida de tão largo alcance politico para os dois condominios. E na Conferencia de Haya, em 1907, para onde teve a lucida iniciativa de enviar Ruy Barbosa, como representante do Brasil, defendemos perante o mundo, energica, apaixonadamente, as theses mais pacifistas, mais anti-imperialistas. Não esquecer que Ruy foi um grande, magnifico, incomparavel embaixador, mas que as directrizes de sua acção, como nunca negou e nem podia deixar de ser, eram dadas pelo governo que reprezentava. Na voz, em politica exterior, era a de Rio Branco, então no apice do seu glorioso prestigio.

Esse prestigio, elle não deixava de utilizar, no serviço de sua patria. Por elle tivemos o primeiro e unico caral sul americano; fomos o primeiro paiz desta parte do continente que alcançamos, aqui acreditada, uma embaixada; fomos sede do 3 Congresso Pan-Americano, distincção que outros paizes disputavam ardentemente; aproximamo-nos politicamente da grande União norte-Americana, obtendo, desde logo, tratamento commercial vantajossimo, etc. etc. No interior, o seu prestigio se fazia sentir, diante dos bastidores em innumeras questões de relevancia racional; o exercito reorganiza-se, rumando, laboriosamente, em busca de sua finalidade; constróe-se a esquadra; a Noroeste é lançada vigorosamente para Matto Grosso, a neutralizar o

"Bosphoro platino" da expressão de Euclides da Cunha. E' impossivel deixar de reconhecer aqui e em outros muitos actos e factos a influencia de Rio Branco.

O vivo interesse do grande estadista pela restauração de nossos organismos militares, era aspecto marcado da sua actividade benemerita. Pacifista, que traduzia em factos as suas convicções, ao invés das palavras vãs dos demagogos da philosophia barata e do lyrismo internacional, Rio Branco não era porém o **pacifeiro** desmiolado, que por ali pullula, á guisa de intellectual, e que, tendo em sua casa individual magnificas fechaduras e solidas trancas de ferro, sem falar numa boa pistola, bate-se por que a casa da collectividade nacional não tenha fechaduras, trancas, nem pistolas, mesmo quando sabe que as casas das demais collectividades têm, em abundancia, pistolas, trancas e fechaduras, além de uma vontade evidente, incoercivel, de visitar os quintas dos amigos. E, assim, dava todo o seu apoio activo ao desenvolvimento das instituições militares. Muito do que se fez nesse periodo (e foi muito realmente, porque vencida foi a inercia) não teria sido possivel sem a grande figura do Itamaraty.

Rio Branco foi um admiravel patriota. "Serviu leal e energicamente a sua patria" — disse, ao abrir-se-lhe a tumba, o jornalista estrangeiro adversario, curvado ao seu vulto.

Com essa lealdade, com essa energia, com esse grande e superior devotamento, haçquemos todos nós, na medida relativa de nossas possibilidades, trabalhar sempre pelo Brasil que Rio Branco sonhou, como um dos guias eternos da nacionalidade.

argentinos	6300
orientais	800
6ª Bda: 4º, 6º, 15º e 30º	1030
I R. A. Cav.	1800

10130

I Secção de transportes
I Secção de pontoneiros.

Hospital. 370

com o grosso vai executar sua manobra

Vanguarda: 2º C. Ex.
Grosso: 1º e 3º C. Ex.

A tropa em frente á confluencia do Villeta embarcou na esquadra a 5 de dezembro e saltou em Santo Antônio.

A cavalaria costeceu a margem direita do Paraguai até Santa Helena.

Eram 18.667 homens na retaguarda inimiga.

ITORÓRO

A 5 de dezembro a Bda. de C. do cel. Niedermaier, teve ordem de fazer da Guarda de Santo Antônio, uma exploração ao sul, até ao arroio Itoróro. O reconhecimento se fez. A pequena ponte estava livre do inimigo (1).

Durante a noite chega aí o general Caballero com uma D. C. de 4 regimentos e 1 D. I. de o batalhões sob o commando do Cel. Serrano. O conjunto era apoiado por 12 bocas de fogo. Ao amanhecer essa tropa tomou posições em semicírculo nas elevações e matas ao sul da ponte. A infantaria em frente e a leste, a cavallaria a oeste, Caballero comandava o conjunto e pessoalmente a D. C. a artilharia foi repartida pelo sector. Eram ao todo 6.000 homens.

As 5 horas de 6 de dezembro o Exército brasileiro rompe marcha de S. Antônio rumo ao sul. Levava a seguinte ordem de marcha:

Vg: 2º C. Ex.
Grosso: 3º e 1º C. Ex.

As 8 horas cobertos já 8.500 m. o 3º Corpo que se achava na chácara Wysner teve ordem de marchar a montante da ponte do arroio Itoróro e cair no flanco direito inimigo. A cavalaria da vanguarda havia informado que este desfiladeiro se achava occupado por numerosa força.

As 9 horas a infantaria do 2º corpo monta um ataque á ponte. A 5ª Bda. sob o commando do valoroso cel. Fernando Machado apoiada por bocas de fogo que se assestavam em duas picadas abertas a direita e esquerda, teve ordem, após reconhecimento do commandante do 2º corpo, de investir sobre a ponte (2).

A Bda. atravessa impavida o desfiladero (I.

(1) Tratando-se de um desfiladeiro a ser transposto e mesmo disputado, parece que deveria ser occupado por tropas de infantaria apoiadas por artilharia. No flanco delas, pela própria Bda. de C. . .

(2) O combate frontal de Itoróro foi uma precipitação. . . Delineamos a manobra e não a executamos em tempo oportuno.

13, 34, 48º) e toma os dois canhões que a bateria de frente. Fernando Machado é ferido mortalmente.

Os paraguaios irrompem dos matos e rechaciam a 5ª Bda.

Os brasileiros são reforçados e avançam de novo. A mortandade é numerosa.

Não havia apoio sufficiente de artilharia. . .

Argolo e Gurjão caem feridos. . .

Ha um momento de indecisão. Nisto chega Caxias á testa do 1º Corpo:

"Passou pela nossa frente animado, erecto no cavalo, o boné de capa branca com tapanuca de pala levantada e presa ao queixo pela jugular, a espada curva desembainhada, empunhada com vigor, e prôsa pelo fiador de ouro, velho general em chefe, que parecia ter recuperado a energia e o fogo dos 20 anos.

Perifilamos-nos como se uma scintilha eléctrica tivesse passado por todos nós.

Daí a pouco, o maior dos nossos generais arrojava-se impávido sobre a ponte acompanhado pelos batalhões galvanizados pela irradiação da sua gloria".

Ao passar pela tropa exclamou Caxias: — Sigam-me os que forem brasileiros.

O enthusiasmo redobra e os paraguaios são levados de roldão.

Tiveram elles 1.200 baixas, sendo 400 mortos e perderam 6 canhões. Os brasileiros tiveram 2.416 homens fora de combate.

Osorio chega ao campo da luta com o 3º Corpo quando ella terminava pois foi obrigado a fazer três léguas e meia e não 10km. como informara o vaqueno ao general em chefe.

AVAÍ

J. L. Mena Barreto substitue Argolo no commando do 2º Corpo. Este tem ordem de guardar a passagem de Itoróro e aí organizar uma cabeça de ponte.

O grosso (3º e 1º) a 7 e 8 estacionam a leste do monte Ipané. A 9º o estacionamento é mudado para Oeste da confluencia do arroio S. Rosa com o Ipané.

Aí ficaram os três corpos durante o dia 10.

Os feridos de Itoróro foram evacuados pelo Porto Ipané para os navios hospitais da esquadra.

Neste porto desembarcaram as divisões Andrade Neves e João Manuel.

O exercito recebe por aí suas munições e mantimentos.

Na manhã de 11 Caxias resolve avançar ao encalço do gen. Caballero que se achava entre os dois galhos formadores do Avaí.

Os paraguaios dispunham, com os reforços vindos de Villeta, de 8 B. I., 5 R. C. e 18 canhões. (3).

O exercito brasileiro avança com a seguinte ordem de marcha: 3º, 2º, 1º C. Ex.

O 3º logo adiante topa-se com as avançadas inimigas.

Caxias conhecendo assim a posição exacta paraguaia, ordena o avanço da 1ª D. C. para en-

(3) Caballero após Itoróro foi reforçado por I. B. I. e L. R. A. de Villeta e mais I. B. I. de Lomas Valentinas.

volver o flanco esquerdo de Caballero e as 2ª e 3ª sob o commando de Andrade Neves para o flanco direito.

O 3º corpo engaja-se. Câmara com a 5ª D. C. forma sua vanguarda. O 2º corpo se desenvolve á esquerda. O 1º em reserva atrás do 2º.

Desaba uma formidável chuva sobre o campo da luta:

"A batalha continuava intensa. As bandeiras tricolores flutuam por aquelas colinas além, envolvidas em nuvens esbranquiçadas de fumaça. De repente os batalhões inimigos manobram rápidos e formaram quadrados? Por que esta manobra? Não viamos cavalaria perto. Só a artilharia jogava seus chrapneis certos e a infantaria tiroteava a distancia.

Surgiram em seguida, como por encanto, nas frentes das colinas, pela direita e pela esquerda, além do arroio onde pelejavam no alto os quadrados escalonados, os nossos belos regimentos rio grandenses, de lanças perfiladas, e as bandeiras vermelhas e brancas tremulando, como que indicando o caminho da vitória.

Ouvimos o som dos clarins e todas aquelas lâminas rutilantes se abaixaram e as bandeirolas se sumiram. Era a carga... As imensas colunas aproximaram-se, cerradas e rapidas. Dir-se-ia uma carregava sobre a outra. Encontraram-se, enovelaram-se, confundiram-se e quando cessou a épica refrega e os esquadrões se reformaram, não havia um quadrado de pé. Todos tinham sido esmagados pela avalanche fatídica.

Andrade Neves, Câmara, João Manuel foram os commandantes das cargas memoráveis daquelle dia."

A divisão Câmara, a 5ª, combateu com o 3º corpo, mas cooperou na carga final.

O Marquês de Caxias ao terminar a batalha, cruzando pelo cel. Câmara responde o seu cumprimento com as seguintes palavras:

— General, levou-o por suas brilhantes cargas.

Os paraguaios tiveram as seguintes perdas:

3.000 mortos
600 feridos
1.000 prisioneiros
18 canhões (1 submerso no Avai)
5 bandeiras.

Entre os prisioneiros figuraava o cel. Serrano, o chefe infatigável da infantaria em Itoró. Caballero conseguiu fugir, tendo combatido com excepcional bravura e sustentado a luta até o ultimo alento dos seus heroicos soldados...

Do lado brasileiro houve

360 mortos
1.468 feridos

O general Osório cobriu-se mais uma vez de glórias. Foi ferido no maxilar inferior. (4).

A BATALHA DE LOMAS VALENTINAS

Após a batalha do Avai, o exercito brasileiro bivacou nos arredores de Villeta, coberto na direcção do sul.

Os paraguaios se achavam nas Lomas Valentinas.

(4) Seu queixo figura no Museu Historico, a Capital Federal.

As divisões de Lopez eram comandadas da direita para a esquerda: Harnosa, Gonzalez, Montiel, Rivarola Thompson comandava o forte de Angustura. Ao todo formavam uns 12.000 homens.

Caxias concentra em Villeta os recursos para a batalha: os couraçados Silvado e Lima Barros aí depositam 15 dias de mantimentos e grande cópia de munições.

A 16 a 1ª D. C. (João Manuel) é enviada rumo ao sul, em exploração.

A 2ª D. C. reforça a 1ª: os reconhecimentos vão até ao vale do Piraju não encontrando resistência de vulto.

A 18, o próprio Marquês á testa da 5ª D. C. e 1º Ex. faz um reconhecimento para os lados de Lomas.

A 21, ás 2 e 30 o exercito avança ao encontro das forças paraguaias. A cavalaria de Andrade Neves sae uma hora antes, em direcção ao Potreiro Marmore.

A idea de manobra de Caxias consistia em isolar Angustura, atacar simultaneamente Piquiciri pelo Norte e Sul; enfrentar então Ita-Ivaté com o conjunto das forças.

Uma D. C. interceptaria a retirada de Lopez para leste.

Para atacar Piquiciri pelo norte Caxias constituiu uma columna ás ordens de João Manuel e composta da II D. C. I. Bda. de Inf. e 4 canhões.

Para investir Ita-Ivaté dispôs o 1º C. Ex., José Luis, á direita e o 2º C. Ex., Machado Britencourt, á esquerda. O Marquês avançou com estas forças.

Ao meio dia as tropas já enfrentavam seus objectivos, quando chega a informação de que Andrade Neves batera á direita inimiga fazendo enorme presa de gado (3.000 bois, 500 ovelhas, 400 cavalos).

As 15 horas soa o toque geral de avanço...

(5) João Manuel cae sobre Piquiciri. A posição é tomada. Ai fizemos 230 prisioneiros, tomamos 31 canhões e deixamos 680 paraguaios mortos nas trincheiras...

Conseguimos assim ligações com Palmas.

Os argentinos não atacaram simultaneamente connosco, conforme ficou combinado porque o avanço se fez moroso.

Enquanto isto se dava o Marquês investia Ita-Ivaté, embora sem os argentinos, auxiliado por Andrade Neves que deixara no Potreiro Marmore a Bda. Vasco Alves. A luta se torna encarniçada.

Avançamos até proximo ao Q. G. de Lopez. A divisão Rivarola cae oportunamente sobre as nossas colunas já fatigadas e nos rechacou...

Assim mesmo conseguimos ficar com 10 dos 14 canhões que tomáramos. Nossa infantaria recua, mas logo se entrincheira e detém o contra-ataque paraguaio. Estabilizam-se as frentes: o terreno é revolvido.

A 22 os argentinos de Gelly bivacam á direita do dispositivo brasileiro e hein assim os orientais e a Bda. Paranhos.

(5) Hora impropria, tardia, além disso tropa cansada...

Caxias prepara novo ataque. Dissolve varios corpos, completa outros.

Andrade Neves pelejando na 1ª linha, foi ferido por um lançamento no pé, morrendo dias depois no palácio de Lopez em Assunção.

Os corpos de exercito, o 3º dissolvido, ficam assim organizados:

2º D. I. (antiga 3º):
4 Bdas.
1º C. E. M. Bittencourt: 3º D. C.
5º D. C.

2º C. Ex. José Luis... 1º D. I.: 4 Bdas.
1º D. C.
2º D. C.

Eram ao todo 15.954 homens.

Os argentinos formavam 2 C. Ex. com um total de 6.655 homens

1º C. Ex. Rivas 1º D. I. Ayala
2º D. I. Campos

2º C. Ex. Gelly 3º D. I. Olmedo
4º D. I. Buenos Aires

A 22 e 23 houve tiroteio em toda a frente, sem contudo ter havido acção de vulto. (6).

A 24 Caxias senhor da Vitoria, propõe a rendição de López. Este, que havia recebido neste dia 4 E. I. de reforço (1.600) responde altivamente, preferindo a luta. Este documento é de notavel valor literario...

O Marquês ataca a 25 mais a leste. Argentinos e orientais na reserva.

As 6 horas da manhã a artilharia faz um bombardeio (preparação) de 50 tiros por peça, nas posições inimigas. Eram 46 bocas de fogo.

As 7 e 30 a infantaria avança e consegue desalojar o inimigo que recua para uma segunda posição, onde nos detém.

Tivemos neste dia 278 baixas.

Caxias prepara novo ataque para 27.

Os argentinos vão atacar em primeiro esquadra: Rivas a leste, os orientais no centro, Gelly a oeste.

O 2º C. Ex. brasileiro á retaguarda dos orientais do 1º corpo argentino; nesta columna Caxias O 1º corpo brasileiro á retaguarda dos orientais.

A substituição das linhas se fez na noite de 26/27.

Novo bombardeio feito por 40 peças á descançada ás 6 da manhã; 100 tiros cada uma.

O avanço da infantaria se faz geral ás 8 horas.

Ita-Iyaté cae em nosso poder.

López foge por uma picada ás 9 horas, surtando assim a vigilancia do 1º corpo argentino e da cavalaria brasileira...

(6) A 31. fez López fuzilar no Potreiro Maremore, seu irmão Benigno, o general Barrios e o Bispo Paçios. Supõe-se que pela vitoria de Andrade Neves...

Os paraguaios tiveram as seguintes perdas:

1.500 baixas
1.500 prisioneiros
14 canhões

Os argentinos tiveram 347 homens no combate e os brasileiros 38, o que prova te fracasso neste dia a resistencia oferecida pelo inimigo.

De 21 a 27 as baixas foram de 8.435 paraguaios para 4.966 aliados, sendo 4.619 brasileiros. Angostura rende-se a 30 com 1.200 homens e 14 canhões.

Aí foi aprisionado Jorge Thompson, inglês, que servia ao exercito de López.

Era engenheiro. Escreveu ele uma Historia da Guerra do Paraguai, vertida para o castelhano e anotada por dois argentinos.

Mostra o autor nesta obra seu ridiculo odio ao Brasil, querendo desmerecer-lhe as glorias da campanha.

Sena Madureira, nosso brilhante official do Estado Maior, figura notavel na proclamação da Republica, deu a esse vendilhão uma resposta cabal.

A 5 de janeiro o Marquês entra em Assunção que dora occupada a 1ª por um destacamento. E' elevado a Duque e retira-se, doente, com Argolo e Osorio, a 18.

Essas operações do Chaco e Angostura tiveram o nome de Dezembrada.

"A DEFESA NACIONAL" E OS SEUS BEMFEITORES

Revista de caracter unicamente militar, não visando e não proporcionando vantagens materiaes de especie alguma para os seus mantenedores, **A Defesa Nacional** tem vivido estes dezeseis annos de vida util graças ao amparo de todos aquelles que nella enxergam órgão necessario e efficiente para as Classes Armadas, por todos aquelles que reconhecem a pureza de sua acção catechista.

E' por isso que nos sentimos na obrigação de publicar os nossos reiterados agradecimentos a todos os que não nos têm recusado o amparo e o conforto indispensaveis.

Esses agradecimentos são extensivos a todos os nossos assignantes, aos collaboradores e sobretudo aos infatigaveis representantes, que sem excepção, têm sido grandes sustentáculos da revista.

Porém, cabe-nos, além disso, manifestar especialmente esses sentimentos aos Srs. Ministro da Guerra e Chefe do Estado Maior pela sympathia com que sempre nos auxiliaram em momentos difficeis; ao Sr. José Pimenta de Mello, Director de Empresa "O Malho", pela espontaneidade com que nos acolheu, nos orienta tecnicamente e nos auxilia, pondo ao nosso dispor os valiosos recursos de sua Empresa, uma das mais completas do paiz; aos auxiliares dessa empresa e ao Sr. Antonio Luiz Freitas Pereira e seus auxiliares do Gabinete Photographico do Exercito pelos conselhos opportunos com que a sua capacidade tecnica nos tem orientado.

A Defesa Nacional e a sua Historia

Pelo Cap. F. DE PAULA CIDADE

Socio correspondente do Instituto Historico e Geographico do R. G. do Sul. Membro do "Grupo Fundador" da A DEFESA NACIONAL.

Ha precisamente dezeseis annos que um grupo de officiaes de pequena graduacão fundava, no Rio de Janeiro, uma revista que havia de viver até nossos dias, prestando ao Exercito serviços de ordem profissional de não pequeno vulto. A DEFESA NACIONAL foi o nome que lhe deram nos salpicos das aguas lustraes.

De quem partiu a idéa? Qual o seu maior apostolo nessa quadra?

Pessoa que logo depois havia de ter a mais assignalada actuação nas cousas da revista, B. Klinger, escrevera em Dezembro de 1914, em nota com que encerra o numero 15: "Por haver sido distinguido com um cargo no gabinete do Exmo. Snr. Ministro da Guerra, deixou de pertencer á redacção desta revista, desde 16-11-914, o Snr. 1º Tenente Estevão Leitão de Carvalho. A idéa da fundação de um órgão como este, se desde algum tempo despontara entre diversos camaradas — impressionados pela gravidade da desorganização militar do paiz e desejosos de contribuir para uma sã orientação — teve no nosso esforçado camarada o seu incorporador: foi elle quem soube apanhar um momento opportuno e congregar elementos para tornal-a uma realidade."

De regresso do exercito allemão, a maioria dos fundadores da nova revista achava-se empregada pelo que vira na velha Germania e por isso as suas narrações não podiam deixar de influir sobre o animo dos raros fundadores recrutados no meio indigena. Estes acharam-se representados pelos tenentes Basilio Taborda, José Pompeu Cavalcanti de Albuquerque e F. de Paula Cidade. Os demais fundadores eram os capitães Mario Clementino de Carvalho, Epaminondas de Lima e Silva, Cezar Augusto Parga Rodrigues e Jorge Pinheiro, tenentes Bertholdo Klinger, Estevão Leitão de Carvalho, Joaquim de Souza Reis, Euclides Figueiredo e Amaro de Azambuja Villa Nova.

Mario Clementino não servira nas hostes do kaizer, mas outras terras não lhe eram extranhas, posto que largamente palmilhara o calçamento da Broadway, enovelandose no turbilhão humano que a perlustra.

As reuniões dos fundadores da revista repetiam-se, ora no predio n. 74 da rua da Quitanda, onde existia a Papelaria Macedo, ora no Club Militar, assistidas ás vezes por uma alta patente, o general Tito Escobar, um velho com alma de moço, um chefe que como muitos outros sympathisava com aquelle gremio, embora não pertencesse a elle.

Alvitres, sugestões. Reunião de meios pecuniarios. Cada qual concorreria com 50\$000, reembolsaveis opportunamente, para dar sahida ao primeiro numero — quantia realmente exigua nos tempos que correm, porém relativamente elevada quando um segundo-tenente não percebia mais de 400\$000 por mez.

E foi assim que appareceu, em 10 de Outubro de 1913, a já celebre A DEFESA NACIONAL, cujo artigo de fundo, sahido da penna invejavel de Mario Clementino, teve o "concordo" de todos.

Convém dizer aqui que o numero inicial da nova revista, á imitação de uma secular publicação allemã, a *Militar Wochenblatt*, não trouxe capa. Nestas condições, a feitura material não agradou a muita gente e o proprio Mario Clementino não podia comprehender que um periodico serio como o nosso "sahisse á rua em mangas de camisa..."

O caso foi que a partir do 2º numero a DEFESA passou o ter capa, que, por signal, quando muda de cor é para lembrar a seus assignantes que é preciso renovar a assignatura.

A acceitação do novo órgão de assumptos militares foi grande e houve necessidade de criar uma administração complicada, a que o methodo e a actividade de B. Klinger, principalmente, dominaram com facilidade. Não esqueçamos que no Brasil, estas cousas, que dão muito trabalho, não visam a menor recompensa material; quando muito, originam contratempos e dissabores.

Veio surgindo, como era natural, uma larga comunidade de idéas entre os mantenedores da revista e assim o circulo das relações profissionais foi se alargando, até tocar o lado affectivo de cada um de nós. Todos sentiam a necessidade de arraigar mais e mais os sentimentos amistosos, proveniente da solidariedade de idéas dominantes.

Ficou em consequencia disso estabelecido que de trez em trez mezes os mantenedores haviam de se reunir para cear, num ambiente de alta distincção. Desse modo, as melhores casas do Rio viram, de quando em vez, em torno de uma mesa, faiscante de luzes e crystaes, um grupo de homens de espirito, comendo e conversando alegremente. Cada qual pagava o seu talher.

Vinhm depois as anedotas de alto estylo. Leitão de Carvalho, por exemplo, narrava esquivas bisbilhoticas das manobras do exercito allemão, passadas naturalmente com outros mais afoitos; Jorge Pinheiro, á meia voz, fazia esplendidos brindes, como só elle sabe fazel-os; Mario Clementino, lavrando as purissimas gemmas do seu espirito hellenizado, dava a essas reuniões o remate artistico indispensavel.

Todos têm ahí a sua parcella — todos menos um, que nada viu e pouco sabe. O Cidade comia, ouvia e quasi sempre callava, para não perder tempo, diziam alguns, maldosamente.

Foi realmente uma época de ouro. A A DEFESA NACIONAL passou a orientar a instrucção da tropa, mesmo por que os estados-maiores ainda não tinham as attribuições actuaes. Editou com o tempo as melhores obras de educação profissional, previamente traduzidas do allemão. Manteve secções especiaes de consultas, a cargo de B. Klinger, interpretativas dos regulamentos

Effectivação e promoção dos 2^{os} Tenentes Comissionados

Foi apresentado, a 10 do mez proximo pasado, á Camara dos Deputados, um projecto *nandando effectivar, para todos os effectos, os actuaes segundos tenentes em commissão e promovendo-os, de logo, ao posto de 1^o Tenente e assegurando-lhes o accesso até o posto de Capitão.*

A "A DEFESA NACIONAL" não pôde deixar de, com a devida venia, apresentar e fundamentar a sua franca e desinteressada divergencia a essa proposta de lei.

Manifestando o nosso pensamento sobre o assumpto, não visamos ferir os seus interesses e, muito menos, cortejar a mentalidade de *querrear*, a todo transe, os tenentes em commissão.

E' bem antiga a campanha movida pela Revista em prol de uma nova Lei de Promoções e bem recente os seus applausos á ultima reforma do ensino militar.

Como sequencia desse proceder, é logico e coherente discordarmos de um projecto contrario á formação seleccionada dos quadros e que vem golpear mortalmente o fundamento das exigencias contidas na Lei do Ensino.

* * *

em voga. Pelas suas columnas, muitos dos officiaes que attingiram em breve ao generalato, então capitães, semearam idéas; outros já de punhos bordados, serviram-se do mesmo conducto para pregar as suas doutrinas. Lançando-se o olhar sobre os volumes correspondentes ao 1^o. e 2^o. annos, podem ser citados os senhores Caetano de Faria, Tito Escobar, Marta, Florindo Ramos e Felinto Alcino.

A A DEFESA NACIONAL exerceu até certo ponto um papel demolidor, criando uma atmosphera em que não podiam viver e prosperar certas cousas envelhecidas. Criticou impiedosamente algumas soluções de caracter tecnico, que diziam respeito ao exercito e provocou fundos resentimentos, que só aos poucos se apagaram. Muitas pessoas respeitaveis, alguns chefes realmente queridos pela gente da A DEFESA, julgaram-se attingidos pelas apreciações severissimas do novo órgão, mas isso as mais das vezes era producto das interpretações dos commentadores.

A verdade é que desses fumos, levantados pelo ardor juvenil dos plúmiferos da incriminada revista, muita cousa de util ficou.

Derrubaram-se velhos idólos, preparando-se a terra para a nova sementeira. Tornou-se evidente a necessidade de eriar uma doutrina de guerra e verificou-se a difficuldade de orientar inoladamente a propria evolução. Paradoxalmente, o germanophilismo dos chamados *jovens tercos* aplinou a estrada da missão franceza. Levá-los-ia muito longe a enumeração das idéas lançadas pela A DEFESA que fructificaram, mas a organização divisionaria, a interpretação actual do que deve ser chamado effe-

Para melhor mostrarmos a inconveniencia do projecto, examinaremos, em primeiro lugar, as principaes idéas que lhe servem de justificativa.

1^o. — O aviso de 11 - 3 - 1894, que diz serem os alferes em commissão "aptos para exercerem os cargos inherentes ao posto, inclusive o de commandante de companhia", regulava a materia para o seu tempo; e, nos tempos actuaes e vindouros, tendo em vista a complexidade das funções de um Capitão, a sua pratica é improductiva e inconveniente.

Deante da legislação do ensino militar em vigor, não deixará de ser absurda a sua invocação, como elemento subsidiario, para a feitura de qualquer lei destinada ao Exercito.

Mas, desde que foi exhumado e mostrado um aviso de 1894, nós lembramos que o actual governo, pelo seu órgão competente no assumpto — o sr. Ministro da Guerra — declarou, em aviso de 23 de Março de 1922, ao Estado-Maior do Exercito, que "*os officiaes em commissão não preenchem de modo cabal as exigencias reclamadas pela completa formação de um official do primeiro posto.*"

Aviso por aviso, é justo que se considere como opportuno e em vigor o de 1922.

tivo orçamentario, a prohibição de mudanças de armas para praças, o rumo á tropa consagrada hoje em dia em tantos regulamentos, o tornar o fardamento propriedade do estado e não dos individuos, o problema da remonta, e tantos e tantos outros, são batalhas ganhas discretamente pelo espirito combativo que sempre animou a popular revista. Hoje em dia parecerá que taes cousas não têm importancia, porém os que conhecem as soluções dadas anteriormente a esses problemas, ligados á tradição e á rotina, podem dizer do valor da conquista e do esforço despendido pelos evangelizadores.

Órgão de combate, soffreu, como era natural, rudes contra-ataques. Dahi, evoluiu para o terreno exclusivamente tecnico, segundo as directrizes que ainda hoje norteiam o seu bell-surto.

Agora, antes do ponto final e para prevenir uma quasi inexplicavel falta de modestia, convém esclarecer que dentre os fundadores e redactores da A DEFESA o mais apagado, o que alli se entrou pela benevolencia dos demais, foi quem escreve estas linhas. Mas, facto notavel sob o ponto de vista psychologico: mesmo sobre a fraca mentalidade deste elemento minimo, tem ainda popular revista — quasi dois decennios mais tarde — as virtudes de uma fonte Castalia.

O velho capitão tem hoje, como hade ter amanhã, quando a idade legal obrigar-o a deixar o seu logar aos que melhor possam servir, mesma alma de tenente — idealista, alegre, capaz de cumprir o seu dever custe o que custar. Só a A DEFESA, como fonte inspiradora, pôde e pôde fazer destes milagres.

FIM

2º. — Este mesmo aviso destrói o argumento também apresentado de que, em 1894, já se fez a effectivação de commissionedos e consequentes promoções.

Além disso, o critério nos processos de promoção, em vigor nos exercitos organizados, é o de se promover o official que, ao lado de serviços e outros requisitos, tenha capacidade funcional para o novo posto.

3º. — Parece-nos exaggerada a affirmativa de que "os actuaes segundos tenentes em comissão já deram provas irrefutaveis de que são competentes para desempenharem os cargos inherentes ao posto, inclusive o de commandar companhia, privativo de Capitão."

Quem conhece o que deve ser a *instrução e a administração* nos corpos de tropa não poderá proclamar "a competencia" attribuida agora aos commissionedos.

Instruir e administrar, são attribuições que exigem estudo e tirocinio.

A um Tenente e a um Capitão do Exercito, de moderna organização profissional e de acção educadora sobre os seus conscriptos, é exigido, em grão desenvolvido, conhecimentos tacticos e technicos, regularmente obtidos na Escola Militar, e uma indispensavel cultura, iniciada pelo curso de humanidades.

4º. — O argumento de que "a maioria destes officiaes sente-se na impossibilidade de fazer o curso das Escolas Militares pelo excesso de idade" é, ao nosso vêr, um motivo para não levar a ao exercicio effectivo de outros postos, onde é exigido ardor e tenacidade.

Esboça-se ahí um precedente perigoso para contornar a acção inexoravel da compulsoria...

5º. — Uma outra razão justificativa interessante é "o accumulo de familia".

As grandes proles são premiadas com auxilios para educação (facilidade de matricula nos Collegios Militares e Pedro II, no caso em questão), e não, promovendo o chefe de familia...

6º. — A consideração de que o critério adoptado com o funcionalismo civil, effectivando os serventuarios em comissão, é inteiramente inapplicavel ao caso dos segundos tenentes commissionedos.

A organização dos quadros dos empregados civis tem caracter funcional e finalidades profundamente differentes da dos que servem nas classes armadas.

7º. — A determinação do projecto para promover os 2ºs tenentes commissionedos, immediatamente á effectividade, ao posto de 1º tenente, consubstancia uma iniquidade aos actuaes, 2ºs tenentes de curso e vem ferir direitos adquiridos e garantidos por lei, o que, sem duvida, daria por si só para annullar o projecto caso fosse approved e sancionado.

Seria erigir-se em lei a desestimação do estudo e a proscricção do merecimento intellectual.

* * *

O projecto, examinado no seu aspecto de conjunto e por seus effeitos, merece também formal e definitiva rejeição.

Quando, em materia de formação de quadros, se procura dotar o Exercito de melhores elementos de selecção e consolidar as conquistas obtidas recentemente, o interesse militar só poderá esclarecer o Congresso com esse alvitre.

Não se exige curso para a promoção a cabo e um outro para a aquisição do posto de sargento?

Para a promoção por merecimento, o official não só poderá ter examinada a sua fé de officio caso tenha, além do curso de sua arma, o de aperfeiçoamento?

O generalato não é só accessivel áquelle que se sujeitar a mais o curso de estado maior?

O preparo profissional é balizado, como se vê, por uma serie de cursos e a promoção do official ou o encerramento a meio caminho de sua carreira está na dependencia da aquisição ou não dessas provas periodicas, em successivas escolas.

O projecto, portanto, destina-se a crear, para os seus interessados e dentro do Exercito, um nucleo de privilegiados, isentos das obrigações intellectuaes impostas aos que não entram para o officialato pelo commissionamento e com todos os direitos, até o posto de capitão, a estes assegurados.

* * *

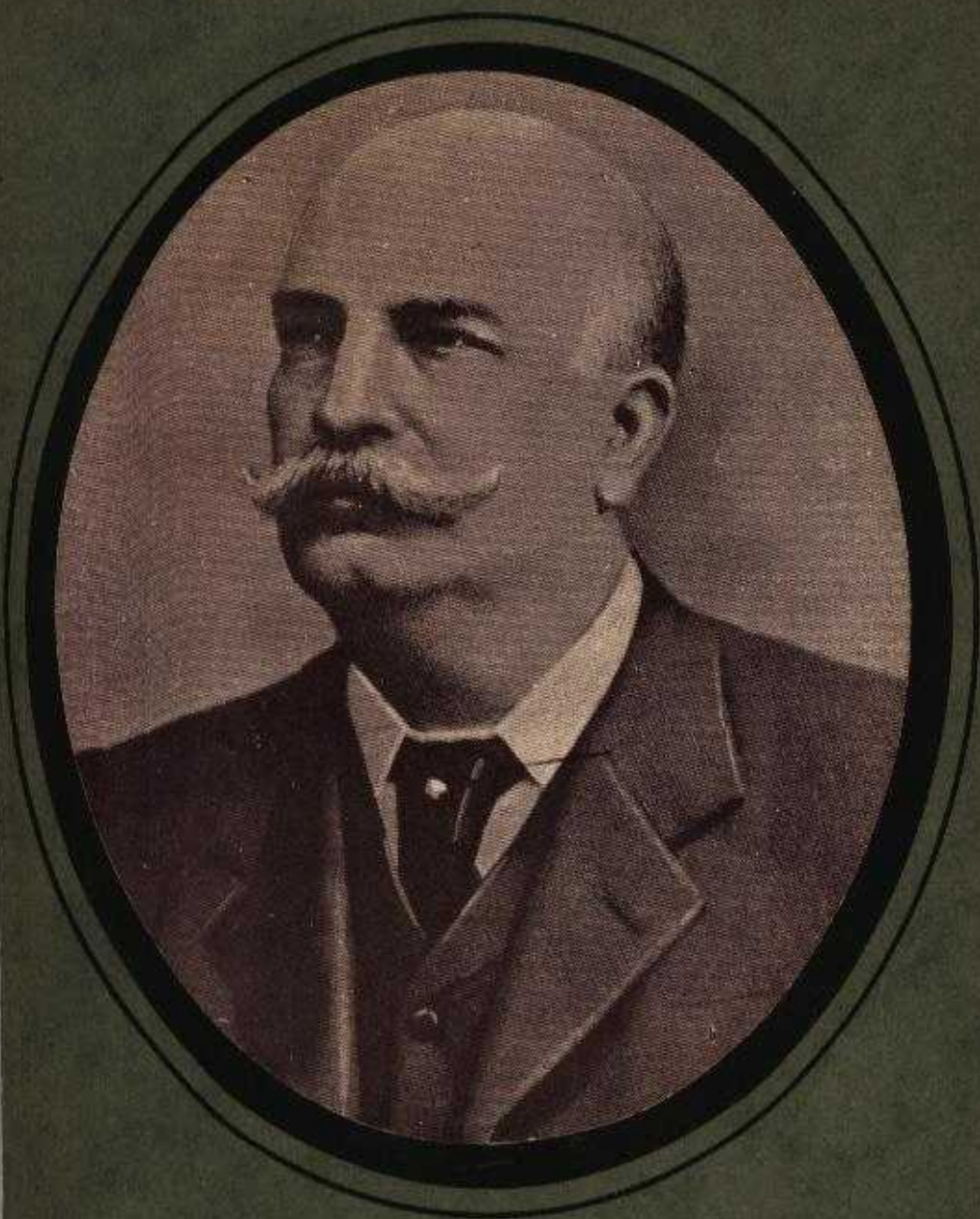
Estamos convencidos de que o Decreto legislativo n. 5561 de 1º de Novembro de 1928, que regula a situação dos actuaes 2º Tenentes em comissão, veio plenamente satisfazer os interesses da formação dos quadros, da disciplina e até o proprio interesse dos officiaes em comissão.

Concedendo-lhes matricula na Escola Militar e reforma voluntaria áquelles que tenham mais de 20 annos de serviço, subordinando-os á compulsoria e os mantendo na comissão "emquanto bem servirem", a lei visou, por processo seguro, apesar de lento, extinguir a situação de *em comissão* com o aproveitamento, mediante um curso normal de muitos e com a facilidade de passagem para a reserva a outros.

Ha actualmente, na Escola Militar, um grande numero de commissionedos, que vae vencendo as successivas etapas dos cursos preparatorios, fundamental e das armas. O exemplo desses moços, applicados e ansiosos para se verem *regular e legitimamente* effectivados no primeiro posto, mostra que o assumpto já tem, em lei expressa e de execução normal, elementos sufficientes e viaveis para a sua solução *verdadeiramente militar*.

E' a Fé que dá vida á Acção. E constitue uma honra para a Humanidade o facto de maior numero de homens se immolarem pelas idéas do que pelos interesses. Só existe verdadeira grandeza quando animada pela centelha de um ideal.

(O CHEFE — Gen. GAMELIN).



O grande chancelier
BARÃO DO RIO BRANCO

Instruções para o exame á escola do E. Maior em 1930

CAPITULO I

Condições de admissão ao concurso

1. Todos os candidatos ao concurso de admissão deverão possuir um dos cursos de aperfeiçoamento de officiaes das differentes escolas (Escola de Aperfeiçoamento de Officiaes, Escola de Cavallaria ou Escola de Aviação Militar), além das seguintes condições:

- a) ser official de qualquer das armas;
- b) possuir a robustez physica compativel com o serviço de estado-maior;
- c) ter, na data da apresentação do requerimento, mais de 25 e menos de 36 annos de idade (só para os primeiros tenentes e capitães);
- d) ter, pelo menos, tres annos de serviço irregimentado, como official (só para os primeiros tenentes e capitães);

Aos coroneis, porém, promovidos a este posto até 1º de janeiro de 1929, não se exigirá o curso de aperfeiçoamento, devendo entretanto prestar o exame de admissão (que se estende a todos os officiaes) e satisfazer os requisitos constantes das letras a e b acima transcriptas.

CAPITULO II

Exame dos requerimentos de inscripção ao concurso feitos pelos candidatos

2. Os requerimentos dos officiaes, que satisficam todas as condições acima referidas e que desejarem tomar parte no concurso, deverão chegar ás mãos do chefe do Estado-Maior do Exército antes de 15 de dezembro.

Os requerimentos deverão ser acompanhados de uma *folha de informações*, conforme o modelo anexo ás presentes instruções, organizada pelo commandante do corpo ou chefe da repartição onde sirva o candidato, e da cópia da acta de inspecção de saúde do mesmo.

Os commandantes de corpos, chefes de repartições e os generaes commandantes de brigadas e divisões não deverão esquecer que estas apreciações ou juizos têm uma grande influencia sobre a escolha dos candidatos e implicam, por consequencia, sua responsabilidade pessoal.

3. Os requerimentos e as folhas de informações dos candidatos serão examinados por uma comissão especial de syndicancia que, para melhor esclarecer seu julgamento, receberá do chefe do Departamento da Guerra cópia das fés de officio dos officiaes, si assim julgar conveniente.

A composição dessa comissão de syndicancia será secreta, seus trabalhos serão feitos em sigillo e suas conclusões communicadas reservadamente, com a necessaria documentação, ao chefe do Estado-Maior do Exército.

Este dará sciencia ao ministro da Guerra dos nomes dos officiaes que, do ponto de vista de idoneidade moral, estiverem em condições de

effectuar matricula no curso de estado-maior e segundo o numero de matriculados fixado pelo ministro da Guerra.

4. As conclusões da comissão de syndicancia uma vez approvadas, deverão ser communicadas aos requerentes pelo chefe do Estado-Maior do Exército.

5. Os requerimentos para a matricula no curso de revisão de estado-maior serão examinados e classificados pela mesma comissão de syndicancia referida no item n. 3.

CAPITULO III

Organização do concurso

6. Na segunda quinzena de janeiro de 1930, os candidatos admittidos ao concurso serão chamados á sede da região militar a que pertencerem, para ali fazerem o exame que constará exclusivamente de provas escriptas.

7. Essas provas serão as seguintes:

a) uma composição de tactica comportando a resolução de um caso concreto simples, relativo ás operações de um destacamento mixto de força inferior ou no maximo igual a de uma brigada. Duração: sete horas.

A organização desse thema, baseado na applicação dos regulamentos em vigor, comportará:

1º, uma parte relativa á tactica geral: exploração, segurança em marcha e em estacionamento; combate. Duração: tres horas;

2º, uma serie de questões relativas á tactica particular de cada arma: infantaria, cavallaria artilharia, engenharia e aviação. Duração: tres horas (sendo duas horas para infantaria e artilharia, e uma hora para as outras armas);

3º, uma parte relativa ao funcionamento dos serviços de reabastecimento de viveres e de munições, de uma unidade inferior ou igual ao regimento. Duração: uma hora. Essas questões darão logar á redacção de ordens com ou sem discussão e prévia justificação dos meios de transmissão dessas ordens, e serão estabelecidas, segundo uma mesma hypothese de conjunto de tactica geral.

b) Estudo de uma ou mais partes do terreno que serviu de base ao thema de tactica geral. Duração: duas horas.

c) uma composição de historia, de uma duração maxima de quatro horas, contendo o desenvolvimento de uma questão constante do programma do capitulo V destas instruções.

Esta prova terá por fim permittir á commissão julgadora a apreciação, não somente dos conhecimentos historicos dos candidatos, mas tambem do modo como elles compõem e redigem o assumpto tratado.

d) uma composição de geographia, de uma duração maxima de tres horas, comportando o desenvolvimento de uma questão comprehendida no programma que figura no capitulo V das presentes instruções.

e) uma composição de legislação e de administração militares, de uma duração maxima de duas horas, comportando o desenvolvimento de uma ou duas questões compreendidas no programma constante do capítulo V das instruções.

f) uma composição de francez, de duração maxima de uma hora e meia, comprehendendo a redacção nesta lingua, sem auxilio de dictionario ou de grammatica, de um assumpto simples, relativo á historia, geographia, organização do exercito ou á tactica geral.

8. As questões para o concurso serão endas com antecedencia aos commandantes de regiões e circumscripção militares pelo chefe do Estado-Maior do Exercito em envelopes lacrados.

(1) diferentes para cada sessão e que são tão abertos na presença dos candidatos antes de começar cada sessão.

Os detalhes de organização dos exames serão dados pelos referidos commandantes que proenharão sobre o fornecimento aos candidatos de papel, canetas, mata-borrão, etc.

Os exames se realizarão sob a vigilancia do chefe de serviço de estado-maior da região ou circumscripção, que providenciará para que os candidatos não se communicem entre si, nem com estranhos e não se utilizem de livros, nem de outros auxilios.

No fim de cada sessão as provas dos candidatos serão reunidas em um involucre que será selado e trará exteriormente a indicação da natureza da prova que contém, bem como a assignação do chefe do E. M. da Região ou Circumscripção e será enviado ao chefe do Estado-Maior do Exercito.

Instruções particulares serão enviadas aos commandantes de Regiões e Circumscripção indicando-lhes as datas nas quaes terão logar os exames e as medidas de detalhe que dependam de sua iniciativa.

CAPITULO IV

Julgamento das provas e classificação

9. O julgamento das provas e a classificação dos candidatos ficarão ao cargo de uma comissão julgadora assim constituida:

— um sub-chefe do Estado-Maior do Exercito como presidente;

— o director de estudos da Escola de Estado-Maior;

— um official superior do Estado-Maior do Exercito de posto superior ou pelo menos igual ao official candidato (mais graduado);

— um official superior da Missão Militar estrangeira.

O julgamento das provas serão applicados os seguintes coefficients:

Os envelopes contendo as questões de composição sobre tactica, conterão também cartas necessarias.

Tactica geral 8

Tactica das armas:

Tactica: Coefficiente total 16.	a) infantaria, coefficiente	2	2
	b) artilharia, coefficiente	2	
	c) cavallaria, aviação e engenharia, coefficiente	2	

Reabastecimento 2

Topographia 2

Historia 10

Geographia 8

Legislação e administração 6

Francez 4

11. A commissão fará a classificação em sessão plena, sendo os candidatos, officiaes superiores, classificados á parte e lavrando-se de tudo uma acta que será remetida, juntamente com as provas dos candidatos, ao Chefe do Estado-Maior do Exercito, a quem incumbe designar os officiaes admittidos a matricula na escola.

CAPITULO V

Programma do exame

12. Historia detalhada do Brasil — Populações primitivas — Começo da colonização portugueza — Tentativas dos inglezes, francezes e hollandezes para se implantarem no Brasil — Invasões hespanholas do fim do seculo XVIII — Progresso das idéas liberaes: conspiração de Tiradentes — Proclamação da independencia do Imperio — Reinados de D. Pedro I e de D. Pedro II — Guerra contra a Argentina em 1852 — Guerra do Paraguay — Proclamação da Republica.

Historia mais summaria dos outros Estados da America do Sul e dos da America Central — A colonização hespanhola — Guerras da Independencia.

13. Geographia.

a) Evolução physica da terra — As diferentes eras.

O trabalho das aguas. — Erosão — Phenomenos glaciaes e vulcanicos. — Ethnographia — As grandes raças primitivas — As migrações dos povos — Imigração moderna da Europa para as duas Americas: suas causas e consequencias.

b) Geographia detalhada do Brasil sob o ponto de vista physico, politico e economico.

Geographia mais summaria dos outros Estados da America do Sul e dos da America Central e do Norte — As Antilhas — Noções sobre o desenvolvimento dos Estados Unidos da America do Norte.

14. Legislação e administração militares.

Organização e funcionamento dos serviços administrativos nos corpos de tropa: soldo, far-

II —

Articul

Rumo

em Fran

tempo qu

tuizam co

o comman

de seus de

ões. Veri

ções, o a

danta da

haviam de

avel clar

general L

condições

formidave

ainda em

titua um

ções avan

cinco a se

um accide

carar as c

Entre

parte de D

documento,

ta e trans

Organ

Consti

ro da Gue

Serviços, d

acimentos

Noções

arsenales e

de materia

Divisão

circumscrip

Lei e

to.

Promoç

pracas.

Regras

militar.

Mo

Corpo

official.

Logar

Folha

nome do of

Recordações do Marechal Pétain sobre a batalha de Verdun

TRAD. DA "ILLUSTRATION" PELO TEN. SEGADAS VIANNA.

(Cont. do n. 189)

II — A ORGANIZAÇÃO DA DEFESA

Articulação Geral do Dispositivo Defensivo

Rumores estranhos e inqualificáveis corriam em França desde o início da luta; ao mesmo tempo que nossos chefes e nossas tropas a combatiam com tão bella valentia, pretendia-se que o commando local havia fallido no cumprimento de seus deveres e que se impunham severas sanções. Verifiquei, logo ao assumir minhas funções, o absurdo dessas allegações. O commandante da região fortificada e seu estado maior haviam dado provas ao contrario de sua remarcável clarividencia, e, sob a sabia direcção do general Langle de Cary, recebiam as melhores condições o ataque por elles previsto. Após tão formidável esforço inimigo, a posse de Verdun ainda em nossas mãos em 25 de Fevereiro, constituia um verdadeiro successo. A perda das posições avançadas, sobre uma profundidade de cinco a seis kilometros, nada mais constituia que um accidente normal — do qual se podiam enacar as consequências sem temor.

Entretanto a occupação pelos Allemaes do forte de Douaumont, ponto dominante e chave do

campo de batalha, traria, sem duvida para a defesa, consequências materiaes e moraes consideraveis.

O estado maior do II Exercito, chegado na manhã de 26, poz-se immediatamente a trabalhar para diffundir minhas primeiras instrucções.

Estas definiam logo, qual a "posição de resistencia" unica, a defender com todos os nossos meios, posição que seria delienada sobre a margem direita, pelas proprias linhas que mantinhamos nessa occasião e que não deixavam sufficiente campo livre para permittir o minimo recuo. Estas linhas deviam ser construidas: face ao norte, pelas posições avançadas de Thiaumont e de Souville, mantendo-se tão proximo quanto possivel da massa de Douaumont; face a leste, pela propria linha dos fortes de Vaux, Tavannes, Moulainville e a crista de Côtes-de-Meuse dominando o Woëvre. Sobre a margem esquerda, ella passaria por Cumières, Mort-Homme, cota 304 e Avocourt. O Mosna, entre Cumières e Charny, formaria a linha de defesa e ligação entre as duas margens.

A missão do exercito, fixada pela ordem de operações n.º 1, era a seguinte: deter a todo custo os ataques inimigos; retomar immediatamente

damento, equipamento, aquartelamento, remonte e transporte.

Organização do Exercito.

Constituição e funcionamento do Ministerio da Guerra, do Estado-Maior do Exercito, dos Serviços, dos grandes commandos e dos estabelecimentos militares de ensino.

Noções summarias sobre a organização dos arsenaes e dos estabelecimentos de fabricação de material de guerra.

Divisão militar do territorio em regiões e circumscripção.

Lei e regulamentos ao recrutamento e sorteio.

Promoções e reformas dos officiaes e praças.

Regras geraes da disciplina e da justiça militar.

Modelo da folha de informações

Região.
Brigada.
Corpo ou estabelecimento em que serve o official.
Logar e data.
Folha de informações relativas ao (posto e nome do official).

Nome por extenso.

Data e logar do nascimento.

Data do assentamento de praça.

Resumo das funções successivamente desempenhadas.

Resumo das notas obtidas nos estabelecimentos militares de ensino.

Motivos dos principaes elogios. Natureza das faltas commetidas.

Juizo do commandante do corpo ou do chefe sob cujas ordens está servindo e relativa a estas qualidades:

- intelligencia;
- zelo;
- resistencia physica;
- educação.

Nota de conjuncto (0 a 10) sobre a aptidão geral do official.

Assignatura do commandante do corpo ou do chefe da repartição do candidato.

Juizo do Commandante da Brigada: expresso em uma nota de conjuncto de 0 a 10.

Juizo do commandante da Divisão ou da Região: expresso em uma nota de conjuncto de 0 a 10.

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1929.
— Nestor Passos.

("Diario Official", 5-10-29).

qualquer parcella de terreno por elle conquistada.

Esta formula rigorosa impunha a cada um a vontade de defender firmemente a linha assignalada. A despeito das fadigas e dos soffrimentos a padecer, os executantes deviam agir como si já estivessem de posse de todas as forças necessarias, e dizer convictos: "Não ha uma falta a commetter nem uma pollegada de terreno a perder". Todos concentrariam seus esforços sobre a frente, sem olhar para traz.

As unidades em sector, assim se achavam repartidas: o grupamento Guillaumat (2 divisões com o estado maior do I corpo) se encontrava a cavalleiro sobre o Mosa e immediatamente a leste; o grupamento Balfourier (no valor de 4 divisões com o estado maior do XX corpo) defendia as alturas que iam da villa de Douaumont ao forte de Vaux; a oeste do rio, o general Bazelaire tinha a missão de manter seu "front" em qualquer eventualidade; os XIV e II corpos, estabelecidos face a leste, de Moulaiville até Eparges, mantinham os "Hauts-de-Meuse".

Não restavam em reserva sinão os elementos do XXX corpo, completamente esgotados, porém, o Grande Quartel General annunciava a proxima chegada dos estados maiores de dois corpos de exercitos (XIII e XXI, com 4 divisões), e que um terceiro seguiria logo após (XXXIII). Nessas condições não era urgente encaminhar outras grandes unidades para o II Exercito; ao mesmo tempo que informavamos o Grande Quartel General da desnecessidade acima, pediamos-lhe em compensação de nos enviar sem demora importantes meios de artilharia, porque continuavamos a soffrer gravemente o bombardeio dos canhões pesados do adversario.

Tres prescripções essenciaes completavam a organização geral da defesa.

Entretanto, tornava-se necessario avançar até a base leste dos "Côte-de-Meuse" a primeira linha dos XIV e II corpos de exercito para assegurar de maneira efficaz e definitiva a cobertura de nossos observatorios e remediar assim, no que havia de excessivo em certos pontos, o recuo do Woëvre, precedentemente ordenado pelo general Langle de Cary; as operações de detalhe, que se tornaram precisas para a execução desta ordem, foram effectuadas sem incidente. O commandante do exercito reservou-se em seguida para dar pessoalmente, si necessario, a ordem para incendiar as obras d'arte e passagem sobre o Mosa, afim de que ninguém se considerasse autorizado a se retirar bruscamente sobre a margem esquerda e inutilizar as pontes atraz de si. Emfim, os sectores da margem direita foram avisados de que não podiam contar provisoriamente com nenhum reforço, para que as reservas se pudessem escalar sobre a margem esquerda, promptas a receber, entre o Mosa e Argonne, um ataque que era o perigo mais imminente.

Na tarde de 26, o general de Castelnau telegraphava para Chantilly: "A situação não está ainda sufficientemente esclarecida para que o general Petain e eu possamos formular uma apreciação precisa. Creio entretanto que si pudermos ganhar dois ou tres dias que permitam ao general commandante do II Exercito collo-

car as cousas em ordem e fazer sentir sua acção, todo perigo de perder Verdun estará definitivamente afastado".

O General Joffre resolveu que o II Exercito dependeria directamente d'elle, sem o grupo de exercitos como intermediario, e que o III Exercito (general Humbert) passaria a ficar sob o meu commando tactico. Elle tornou mais activa a corrente de reforços e se preoccupou em tomar todas as medidas susceptiveis de facilitar nossa tarefa. Expoz ao commando britannico a necessidade em que nos encontravamos de dispor de todos os nossos meios para conduzir a bom termo a formidavel batalha na qual estavamos engajados e obteve que o general Haig encarasse a possibilidade de dispensar em breve nosso X exercito, ainda em linha sobre o front anglo-belga. Por telegramma de 27, o general em chefe approvou minhas primeiras disposições: "Eu vos testemunho minha satisfação pela rapidez com que realizastes a organização do commando sobre o campo de batalha... No ponto em que se acha a batalha, sentireis como eu que a melhor maneira de enraizar o esforço que o inimigo pronuncia, é de atacardes por vossa vez. E' preciso retomar o terreno que elle nos conquistou. As munições não vos faltarão; as posições flanqueadoras da margem esquerda vos permitem esmagar constantemente o adversario de fogos potentes".

Esta ultima affirmação, nessa data, exprimia evidentemente mais um desejo do que uma possibilidade!

No emtanto não desesperarei respondendo, sobre esse ponto, ao ponto de vista do commandante em chefe, pois que elle desejava fornecer-me os meios necessarios.

O DISPOSITIVO DO II EXERCITO

Durante os ultimos dias de fevereiro e o inicio de março, pensei principalmente na imminencia de um ataque sobre a margem esquerda. Logo que, pela manhã, o coronel Barescut vinha-me por ao par dos acontecimentos da noite, fazia-lhe invariavelmente esta pergunta: "O que ha de novo a oeste do Mosa?...". Tinha um grande anseio, em terminar o dispositivo do II Exercito, antes que se produzisse, entre o Mosa e Argonne, a offensiva ameacadora: era preciso estabelecer as tropas sobre suas posições; collocar em posição o dispositivo da artilharia, que até então nada mais era que um amontoado heteroclitico e improvisado de formações de todas as origens e de todos os calibres; organizar o serviço das retaguardas, do qual dependiam a vida e a salvação do exercito.

A repartição da tropa tornava-se muito difficil de assegurar sobre a margem direita onde, nos dias 1 e 2 de Março, os agrupamentos Guillaumat e Balfourier supportaram terribes assaltos visando a cota Poiyre e a villa de Douaumont. Mantinhamo-nos firmes em toda parte, conforme a ordem recebida, mas essa resistencia sobre a linha que havia sido fixada, era como que um prodigio de equilibrio sobre uma corda esticada. Nossa fachada, tão rudemente sacudida, podia desmoronar de um momento para outro

enquanto o cerebro mandasse que ella fosse sustentada.

Decidi, em consequencia, que, atraz da posição de resistencia já indicada sobre as duas margens, levantar-se-ia uma posição de barragem balisada por: Avocourt, forte de Marre, salidas nordeste de Verdun e o forte de Rozellier.

Tornava-se necessario por outro lado que incidentes como o abandono do forte de Douaumont em 25 de Fevereiro, não se repetissem. De 10 de Março, os commandantes de sector receberam a esse respeito prescripções detalhadas: cada forte teria um commandante proprio e uma guarnição especial, que seria substituida o menos possível; seriam abastecidos de quinze dias de viveres e munições; estabelecer-se-iam determinações precisas fixando que a fortificação não se renderia nem seria evacuada, mesmo em caso de ficar completamente cercada...

Os fortes tornavam-se assim os eixos principais da resistencia de que elles formavam a espinha, e a excellente rede de transmissões de que os ligava mutuamente, facilitaria o exercicio do commando.

No que concerne á artilharia, o general de Langle, commandante do sector da margem esquerda, foi convidado para orientar face a nordeste suas baterias que, sem duvida pouco numerosas mas já installadas, podiam tomar vantajosamente sob seu fogo as que os allemães approximasse de sua infantaria sobre a margem direita. Para completar essa medida, não cessei de estimular a actividade da artilharia. Desde que os agentes de ligação dos corpos de exercito, ligados á reunião quotidiana de Sonilly, faziam-me a descripção dos combates travados em suas respectivas frentes, não cessava de lhes cortar a palavra pela seguinte interrogação: "O que fizeram vossas baterias? Em seguida falaremos de outros detalhes." No inicio as respostas eram confusas... Mas como eu me irritasse, minha preocupação dominante se repercutia nos estudos maiores interessados, cujos relatorios, cêdo revelaram um sensivel progresso. Nossa artilharia, conforme minhas directivas, tomava a ofensiva por "concentrações de fogos que eram verdadeiras operações, cuidadosamente preparadas, e que, sem nos causar perdas, produziam-as no inimigo." Constantemente repetia: "É necessario que a artilharia dê á infantaria a impressão de que ella a apoia e que não se acha dominada!"

Entretanto o exercito, encerrado em um saliente do "front", corria o risco; mas esse resultado não podia ser obtido antes que tivessemos um importante reforço de nossos meios materiais, e a artilharia inimiga era extraordinariamente superior á nossa. Em Verdun, as casas esmorravam sob os obuzes e o incendio as destruia umas após outras; nos quartéis, as tropas e os orgãos de commando soffriam elevadas perdas e, unicamente os excellentes subterraneos da cidadella offereciam um abrigo seguro para os serviços e os reabastecimentos mais importantes. As vias de accesso convergentes para a cidade e o suburbio de Regret, ponto de chegada dos reforços, de viveres e de material, eram constantemente bombardeados pela artilharia pesada e pela aviação allemães.

O PROBLEMA DAS COMMUNICAÇÕES

Quatro vias provenientes da retaguarda, convergiam para a encruzilhada Regret-Verdun, base avançada do reaprovisionamento do exercito: 1ª a via ferrea vinda de Commercy e descendo o Mosa, inutilizavel por passar em Saint-Mihiel nas linhas do inimigo; 2ª a via-ferrea de Saint-Menehould e Clemont — en — Argonne, constantemente batida por obuzes nas alturas de Aubréville e a pela qual não se podia transportar sinão uma parte do material de engenharia; 3ª a pequena via ferrea de bitola estreita, chamada "Meusien", que servia para o transporte de viveres e de uma parte do material; 4ª a rodovia departamental de Bar-le-Duc, sobre a qual circulavam sem interrupção comboios automoveis conduzindo para a batalha as tropas e as munições.

Esta estrada, sob a direcção de uma "commissão reguladora automovel", estava dividida em seis "districtos", á frente de cada um dos quaes se encontrava um official responsavel pela circulação, dispondo dos orgãos necessarios á funcção que exercia; um inspector funcionava nos principaes cruzamentos para fazer passar as columnas de tropas nos intervallos dos comboios.

Desde que, em 28 de fevereiro, começou o degelo, a estrada tornou-se subitamente impraticavel... Tornava-se preciso encontrar sem demora um processo qualquer que a puzesse em condições de servir: questão de vida ou de morte para o II Exercito. Como não podiamos procurar material muito longe, o que exigiria muito tempo e agravaria o problema dos transportes, fiz abrir entre Bar-le-Duc e Verdun um grande numero de pedreiras de pedras moles proprias da região; grupos de civis e territoriaes iniciaram sua exploração immediatamente. Outros grupos, repartidos pelos seis "districtos" jogavam incessantemente sobre o piso da estrada, os materiaes provindos das pedreiras; a fila dos caminhões fazia o papel de rolo compressor... Triumphamos finalmente do degelo, graças á actividade devotada de todo o pessoal do serviço de estradas do exercito. Mas, deviamos fazer face a uma outra crise, porque os revestimentos das rodas dos caminhões se despedaçavam sobre as pedras insufficientemente esmagadas e os motores se fatigavam terrivelmente. A direcção de transportes demonstrou um zelo e um engenho notaveis: os parques automoveis de Bar-le-Duc e de Troyes melhoraram rapidamente sua aparelhagem; as prensas hydraulicas para os revestimentos massivos de borracha para as rodas, funcionaram noite e dia; conseguiu-se improvisar a fabricação das peças substituíveis; constituiram-se secções de "depannage", e os caminhões puderam continuar a seguir sobre a estrada, com uma frequencia que chegou á media de uma viatura por 14 segundos.

O serviço automovel do exercito e a commissão reguladora de Bar-le-Duc, que conseguiram produzir tão admiravel resultado, empregavam no fim de fevereiro 300 officiaes, 8.500 homens e 3.900 viaturas, formando 175 secções automoveis. De 21 de fevereiro até 6 de março, conduziram até Regret um total de 23.000 toneladas de munições, 2.500 toneladas de material e 190.000 homens.

Estes numeros indicam a importancia do

O SORTEIO MILITAR

—O que precisa ser feito antes de se cogitar em novo R. S. M.

Pelo Cap. MARIANO CHAVES

Longe de mim qualquer ideia philantropica sobre o assumpto de que vou tratar. — O que possa existir de cogitação pessoal na explanação que enceto, deverá ser francamente adaptavel á anedocta de Colombo, antes da qual já triumphava o aphorismo: "Nihil sub sole novi."

No entretanto, á falta de quem no momento pudesse ouvir minhas ideias e graphal-as de modo mais util e proveitoso, caiba-me a tarefa de desservir á litteratura servindo ao Sorteio Militar.

* *

E' indispensavel cogitar profundamente sobre um novo processo de Alistamento, base do Sorteio Militar.

O que existe teria uma finalidade proveitosa si outras fossem as condições do meio ambiente, outra a educação civica do Povo, outra a vontade de cumprir as Leis existentes.

N'um paiz como o nosso, vastissimo, verdadeira amalgama de usos e costumes, onde até o problema da alphabetisação do Povo ainda absorve grande parte do tempo dos nossos Legisladores e Administradores, onde a ignorancia proposital é mais pernicioza que o desconhecimento do necessario para vencer na Vida, será inocuo qualquer esforço empregado para obter um verdadeiro recrutamento nacional, sem que se construa, desde os alicerces, um novo edificio de Alistamento, deruindo qualquer empecilho que se lhe antepare por mais forte e respeitavel que se nos antolhe.

O que é indispensavel a um Alistamento? Conhecer os alistaveis.

Como, porém, conhecê-los sem uma fonte originaria segura e, tanto quanto possivel, escoimada de defeitos?

Eis o problema a ser resolvido pelo nosso Poder Publico.

Abstraia-mos dos Ministerios a, b, c, ... e nos dirijamos ao Governo.

Permittam-me o pleonismo: Principiemos do principio.

Vamos, sem mais demora, para o Registro de Nascimentos e Obitos. — Abaixo o archaismo! A conservação tem seus limites dentro do conservar melhorando. — E' preciso reorganizar ou organizar esse serviço em bases seguras, obrigatorias, até com penalidades graves comminadas aos re-

papel desempenhado pela famosa "Via Sacra" e o perigo que nos ameaçava de um esforço alemão entre Argonne e Meuse; tanto mais, que esse ataque exporia igualmente á destruição a valente via-ferrea de bitola estreita "Meusien", que assegurava, em cinco sextos, o reabastecimento em viveres de um exercito que já contava 10.600 officiaes, 420.000 homens e 136.000 cavalos e muars.

Devido ao estado precario de nossas communicações, eu não compartilhava mais, no inicio de março, da calma de todo o paiz, que passara

fractarios, de modo tal que, mesmo na mais modesta choupana perdida na immensidão do interior do Paiz, chegue o funcionario encarregado de colher periodicamente os dados necessarios a um conhecimento seguro dos que têm a ventura de nascer e viver neste Brasil tão grande.

A obra é colosso, mas, pode ser feita. Quem poderia supôr que a biblica Torre de Babel, deixada de ser construida só porque houve a confusão das linguas, tivesse hoje sua applicação nos arranha-céus, verdadeira confusão de arroj e de arte?

Querer é poder.

Vejamos.

O Ministerio da Viação tem em seus recursos o Correio, no serviço que mais penetra por todo o Paiz, distribuindo sua correspondencia de modo complexo, desde a aristocratica missiva em avião até a mais modesta cartinha conduzida em detestavel alimaria por um abnegado empregado.

Ha, contudo, um ponto terminal em que as cartas são procuradas pelos proprios interessados.

Pois, bem! E' preciso fazer desaparecer esse ponto terminal e urge que esse serviço distribuidor seja domiciliar.

Não é impossivel!

Afaste-se desde já a ideia do augmento de despesa na decantada phrase dos pseudo defensores do erario publico. A esses inertes eu perguntaria:

Despesa necessaria e util é sobrecarga ao Paiz?

Ou melhor:

Quantos milhares de contos custa ao Governo o recenseamento periodico?

Continuemos:

Adoptemos como pontos terminaes recolhedores de Registro de Nascimentos e Obitos, os cartorios actualmente existentes, mais no interior do Paiz!

D'ahi, por deante, o serviço de Registro á domicilio seria feito em conjugação com os empregados do Correio, estafetas, distribuidores, transformados, para tal fim, em verdadeiros

bruscamente de um extremo nervosismo a uma serenidade excessiva; eu seria feliz, portanto, de corresponder á confiança de que gozavamos na retaguarda, e esperava justificar a declaração que o general Gallieni, ministro da Guerra, havia feito no dia 2 de março, ao commandante em chefe: "O inimigo pôde renovar sua tentativa... A França tranquilla e confiante, sabe que o balauarte que lhe será opposto pelo exercito não desmoronará."

(Continua)

funcionarios ambulantes dos Cartorios de seus municípios, com responsabilidades definidas e em caracterisadas.

E' obvio que, a maioria dos actuaes empregados nesse serviço não têm possibilidades de amarem a seu cargo uma tal tarefa. E' bem a ver, porém, que esse mal actual é oriundo da idiculiaridade de ordenado estipulado, causa unica a falta de competencia para função mais trabalhosa. — Uma vez, porém, proporcionados meios mais consentaneos com a função a desempenhar, não de surgir, á fortiori, candidaturas a tal emprego com as indispensaveis habilitações.

Assim, pois, com um tão simples processo de Registro domiciliar, chegaríamos ao formidavel resultado pratico de ter sempre em dia, fustalmente por exemplo, a noção exacta de todos os Nascimentos e Obitos occorridos até o mais recondito casebre de um profundo vale ou na contra-encosta de onde se descortina o horizonte a beljar a terra n'um preito mudo de não desperta a solidão sem fim.

E d'ahi?

Quanto serão os resultados praticos decorrentes de um serviço como esse, perfeitamente organizado e com um funcionamento tão simples?

Digam-n'o os homens do Governo.

Perdoem-me os camaradas da "Defesa Nacional", que o mais modesto dos seus representantes, tenha abusado de suas columnas com um artiguete tão desprovido do colorido necessario ao assumpto.

E' que tenho certeza de que a these a estudar ha de empolgar a outros que melhor a explanem de modo a agitar o Governo arrastando-o a meditar.

A maior gloria que aspiro no momento é desaparecer no torvelinho das opiniões e sugestões que não de proliferar em torno da ideia. — O orgulhoso Carvalho que resiste á impetuosidade mesmo dos furacões, teve sua modestissima semente de origem.

Contento-me em ser semente e já é muita honra. — Podem cortar a arvore da ideia que eu ainda direi de mim para mim: "Sê como o sandalo, perfuma o machado que te cortar." — A intelligencia brilhante que com não menos fulgida penna ou acção conseguir corporificar em facto real a ideia que ora apresento, será um bemfeitor da administração publica.

Permittam-me que cite textualmente um periodo da "Defesa Nacional" em seu numero de Julho do corrente anno: "O Sorteio não fraccassou e, si houve fracasso, ao seu Regulamento se deve attribui-lo por não ter levado ainda sufficientemente em conta todas as circumstancias que caracterizam a complexidade do assumpto n'um Palz como o nosso."

E eu acrescentarei, terminando:

Para haver Sorteio é preciso haver Alistamento.

Para haver Alistamento é preciso haver uma fonte originaria, methodica, segura e insuspeita.

Para haver uma fonte com taes requisitos é urgentissimo possuir de facto um Registro de Nascimentos e Obitos.

ALLIANÇA COMMERCIAL DE ANILINAS LTD A.

RIO DE JANEIRO

Rua D. Gerardo, 42-2º

Ende. Telegr. CORANIL

Caixa Postal, 342

EXCLUSIVA DISTRIBUIDORA NO BRASIL DOS SEGUINTE PRODUCTOS DA:

L. G. FARBENINDUSTRIE A. G., ALLEMANHA

PRODUCTOS CHIMICOS para a fabricação de explosivos e artigos pyrotechnicos:

NITRATOS — de ammonia 99,5 % NH_4NO_3 , de baryo em pó, de potassio 99,5/99,9 % KNO_3 , de sodio 98 % NaNO_3 , de stroncio em pó;

CARBONATOS — de baryo 98/100 % BaCO_3 , de stroncio 99/100 % SrCO_3 ;

CHLORATOS — de potassio 99/100 % KClO_3 , de sodio 99/100 % NaClO_3 ;

ACIDOS — nitrico 96/98 % HNO_3 , nitrico em mistura com acido sulfurico (acido HS)

AMMONIAS — liquida 28,42 % e 35,28 % NH_3 , anhydrica 99,9 % NH_3 ;

CENTRALITES — I com ponto de solidificação 71°C e ponto de fusão 71,5°C;

II com ponto de solidificação 120°C e ponto de fusão 121°C;

DIPHENYLAMINAS — commercial, tech. puro e chim. puro com pontos de solidificação entre 52-52,7°C e de fusão entre 53-54°C.

BINITROTOLUENO — com ponto de solidificação 66,5/69°C, Dimethylanilina;

NITROBENZOL, NITRONAPHTALINA — ref. crist.; GRAPHITE — pó, 98 % C;

ENXOFRE — em canudos, em pedras e em pó; PHOSPHORO — vivo em bastões;

CERA MONTANA — crúa e alvejada; CHLORURETO DE AMMONIA — para soldar, etc., etc.

Filias: S. Paulo Porto Alegre Bahia Recife

A motorisação da cavallaria

Pelo Major D. VON HARTLIER

(Continuação do n. 189) — Tradução

INGLATERRA

Examinemos agora o que se pensa na Inglaterra a respeito da substituição das DC por divisões motorisadas. Pode-se considerar que a Inglaterra está a testa do movimento de motorisação. Estreitamente ligada a esta questão propõe-se uma outra que é a de saber-se se a cavallaria tem ou não vivido.

Segundo affirma o cap. Hart, a Cavallaria está hoje completamente *demodée* e deve ser substituída pelo tank rapido. Na Camara dos Communs um deputado pede em 15 de Março de 1926 a attenção para a motorisação porque *breve só haverá lugar para os cavallos nos jardins zoologicos*. Em consequencia pedia elle a supressão da cavallaria. Este deputado era official e foi contradictado por outro tambem official.

Houve a respeito uma explicação do M. G. O Cel. Fuller que foi official do E. M. do corpo de tanks, durante a Guerra, representa o ponto de vista radical.

Elle publicou sobre a guerra uma grande obra onde se descreve uma batalha futura. Fuller admittie apenas tanks sobre os campos de batalha; o tank a prova de gaz, de projectis, capaz de cobrir, sem estradas, as maiores distancias. E', segundo elle, a arma principal, a unica capaz de existir, sendo a infantaria, a artilharia e a cavallaria condemnadas a morte.

Elle vê a cavallaria substituída por um tank leve, actualmente um Wilser e de futuro um mais leve capaz de deslocar-se a 50 ou 25 kms. por hora, para as missões de reconhecimento.

Este tank poderá facilmente cobrir 250 kms.

A excepção de passagens estreitas e florestas espessas, uma machina desta especie poderia circular em todos os terrenos praticaveis ao cavallo e até vencer obstaculos que este não ouaria abordar. O tank pode levar combustivel comsigo para um tempo longo.

Sua equipagem tem pouco a temer da artilharia inimiga e dos atiradores.

Além destas vantagens sobre o cavallo, os tanks marchariam 2 vezes, mais depressa que a cavallaria e proveriam á sua propria defesa.

Em summa o emprego da cavallaria continuaria o mesmo com meios novos: os tanks — cavallaria, ao par dos tanks — artilharia e dos tanks — infantaria; operariam todos como um *cruzador terrestre*.

Estas phantasticas idéas do Cel. Fuller foram criticadas numa publicação militar, nestes termos:

"Tem-se falado em substituir a cavallaria por unidades mechanicas, dizendo-se haver a ultima guerra demonstrado que o tempo do cavallo já passou. O Cel. Fuller traçou um quadro da batalha do futuro onde a unica ta-

refa da cavallaria seria procurar sua salvação a galope evacuando o campo de batalha. Em meu modo de ver os que falam assim soffrem de *vertigens* do *machinismo* impressão causada pela guerra de posição no theatro de Oeste, do mesmo modo que os primeiros vapores da champagne fazem ver tudo roseo.

Excepto em 1914, em França, ou em 1918, na Palestina, a cavallaria pouco fez nas batalhas modernas.

Si a vontade do soldado allemão não tivesse sido quebrada pela pressão soffrida por toda Allemanha, o combate a O. teria terminado pelo aniquillamento do Exercito Allemão em terreno livre e então a cavallaria dos alliados teria um papel de primeiro plano.

"Pelo relatorio official sobre as ultimas manobras (1925) sabe-se que as operações têm justificado a necessidade de cavallaria.

"A guerra de 1914-1918 fez oscillar as idéas para a machina como a guerra sul africana fê-las pender para a infantaria montada. Estou persuadido que, como em 1912, tudo terminaria por um *justo equilibrio*."

Assim falou a revista ingleza.

O Ministro da Guerra declarou que não se encarava a redução da cavallaria porque não havia só a contar com guerras no Centro ou Oeste da Europa, devendo o Exercito Britanico estar prompto para bater-se em theatros de operações os mais differentes.

Não se pode mesmo dizer até que ponto é possivel motorisar a artilharia. E' preciso experimentar progressivamente. Assim falou o Ministro da Guerra.

Tem-se a impressão de que, comquanto a cavallaria ingleza haja sua acção limitada pelo progresso das outras armas, as idéas de seu emprego pouco mudaram em relação ao passado. E' consequencia das experiencias da Mesopotamia e da Palestina e da Syria, onde houve ataques a cavallo mesmo para grandes formações.

O Chefe do E. M. Gen. Of Cavan adverte os espiritos contra uma mechanisação muito rapida. O homem, diz elle, vale mais no combate que a machina; é preciso adoptal-a *passo a passo*.

Os Marechaes Robertson e Douglas Haig acham que a cavallaria tem ainda muito a fazer e as outras armas della não podem prescindir.

Asignalam os perigos das longas columnas de automoveis sob ataques aereos muito difficeis ainda de cobrir.

O Director da E. S. de Guerra, ingleza, o Gen. Ironside, lembra que um exercito motorisado poderia ficar detido pelas destruições das

estradas e das vias ferreas. Em terreno argiloso e em tempo de chuva é difficil utilizar os caminhões.

Diz o regulamento de cavallaria ingleza que a cavallaria dispoñdo de terreno favoravel não pode ser dispensada.

Mas é preciso ter em conta que muitas missões outr'ora della privativas podem ser hoje vantajosamente desempenhadas pela aviação de combate, tanks rapidos e infantaria transportada em caminhões.

A acção dos auto-blindados leves, motocyclistas e tanks em ligação com a cavallaria é tratada em detalhe e faz-se notar que os movimentos de uns não ficam presos aos de outros. O contrario entravaria tanto a iniciativa da cavallaria como dos tanks etc.

Outros dizem ainda que uma guerra de movimento sem cavallaria, seria impossivel, mesmo com a collaboração da aviação e dos outros elementos.

A exploração é procedida pelo trabalho dos destacamentos de descoberta, isto é, elementos da cavallaria reforçados por outras armas. Crê-se em Inglaterra que os auto metralhadoras, as patrulhas de motocyclistas quando se trate de ir a distancia alem do alcance da cavallaria, podem prestar bons serviços.

Entretanto reconhece-se que as patrulhas de cavallaria são indispensaveis. O tank é antes uma arma de ataque. Serve para a exploração.

No que se refere á exploração strategica o regulamento inglez é de parecer que esta incombe á infantaria, devendo seus resultados ser completados pela cavallaria, isto é, ha um trabalho commum para as duas armas.

O regulamento inglez considera ainda possível o ataque a cavallo por unidades maiores que o R. C. e faz prescripções detalhadas para o ataque da DC e mais, com referencias relativas ao entrevero, a reunião, e os ataques contra infantaria e artilharia. Os inglezes ligam muita importancia aos ataques combinados, a pé e a cavallo, como ao apoio de artilharia no ataque a cavallo.

Aprecia-se tambem muito o emprego dos gazes. Si bem que se trabalhe muito em França e na Alemanha para a protecção dos cavallos contra os gazes, crê-se, todavia, que a cavallaria é menos exposta aos gazes, por causa de sua mobilidade, que a infantaria. Além disso, considera-se que o inimigo não disporá sempre de gazes onde a cavallaria opera.

Em conjunto pode-se dizer que as concepções inglezas em relação ao emprego da cavallaria na exploração e no combate pelo fogo, são muito semelhantes ás allemães.

Em 1925, em Aldershot, experimentou-se em situação de guerra de movimento o emprego combinado da cavallaria com carros Wickers. A Cavallaria progrediu atraz dos tanks sob a protecção de uma rede de fumo artificial, conseguindo penetrar profundamente no flanco do partido adverso.

Nas manobras do Salisbury em 1925 puzeram-se em acção 4 DI e 1 DC. A acção em commum das differentes armas e formações motorisadas parece não haver dado resultado. Pretendem uns que enquanto se manifestou a

superioridade das tropas motorisadas a cavallaria não teve nenhum successo. Outros affirmam que o valor das tropas montadas confirmou-se.

Fez-se ainda resaltar que os transportes de infantaria em caminhões foram muito instructivos mas não se desenrolaram de um modo satisfactorio: os caminhões não permittiriam embarques rapidos e a velocidade de marcha das columnas foi insufficiente. E' assim que não rendeu mais de 3 a 4 milhas a noite, em caminhos estreitos. Fez-se de outro lado resaltar a difficuldade em transportar os cavallos, cerca de 100, de um Btl. I.

Estes puderam ser embarcados, não ha duvida, mas o transporte causou serias apprehensões por causa do perigo de ver as cabeças dos animaes chocarem-se a todo momento contra os postes das estradas, arvores e outros obstaculos naturaes das estradas.

PONTO DE VISTA ALLEMÃO

O movimento estrangeiro da motorisação é seguido de perto na Alemanha. Em geral estas idéas precedem de varias dezenas de annos as possibilidades e ultrapassam certos limites que no futuro é possível atingir.

Nossas opiniões, que são essencialmente as da Inspeção da Cavallaria Allemã, são conformes um estado de facto, aos ensinamentos e ás leis eternas da guerra.

Tomando por base as descobertas recentes e o rendimento acrescido das armas de fogo declara-se muitas vezes que as missões da cavallaria têm variado nas differentes épocas da historia. — Mas, de facto, nada mudou nestas missões, porque calcadas sobre as propriedades do cavallo, ficaram invariaveis com este elemento que escapa aos progressos da technica.

Vejamos primeiro a Exploração: — A exploração longinqua tem sido sempre uma das missões principaes da cavallaria. Ainda hoje, a despeito da aviação, da infantaria transportada, dos cyclistas, autos blindados, não se pode fazer a exploração sem cavallaria. Todos os novos elementos servem para reforçar a cavallaria, mas não a substituem. Lembremos apenas que a informação negativa do aviador é sem valor, que de noite e em tempo coberto sua acção é limitada, que não pode fazer prisioneiros, que não pode cobrir, que não mantem o contacto intimo com o inimigo e que não occupa o terreno; lembremos que o cyclista e o infante transportado não podem utilizar sua velocidade na estrada. Num paiz cultivado cheio de estradas elles podem servir para reforçar a cavallaria de exploração; num paiz de poucas estradas, notadamente quando ha mau tempo, elles chegam tarde quasi sempre.

Um exemplo. Deu-se ao corpo Shemetow, na Rumania, em Craiova em 1917, uma Bda. Cyclista.

Até Bucarest, havia boas estradas e o tempo era secco; os cyclistas foram empregados constantemente. Depois de Bucarest, no caminho do Sereth, o tempo torna-se mau, nenhuma boa estrada e a lama negra collava-se de tal modo ás rodas que estas não podiam girar, nem

mesmo empurrando a bicycleta a mão. Do mesmo modo ficaram immobilizados os caminhões levando as metralhadoras dos cyclistas.

A solução foi abandonar as bicycletas e caminhões e fazer da Bda. dois B. C. a pé.

Na Lithuania e na Curlandia, as bicycletas ficaram tambem para traz por causa do mau tempo. Em taes paizes, no mau tempo só o cavalleiro era livre de movimentos.

Supponhamos, no entanto, que haja carros construidos de tal modo que possam fazer longas marchas em maus caminhos, através do campo, tão moveis como o cavalleiro e mais velozes e resistentes.

Mesmo assim podia-se dispensar a cavallaria?

As florestas e as montanhas não continuariam a ser inacessiveis a taes engenhos? Seu emprego não ficaria limitado em presença de pontes fracas ou destruidas?

E' preciso admitir armas de defesa. Sempre a uma arma nova para o ataque tem correspondido uma nova arma de defesa.

Falemos agora de uma questão de preço. Que paiz é hoje bastante rico para preparar a quantidade de autos blindados em substituição da cavallaria? Elles devem existir desde o tempo de paz porque devem entrar em acção nos primeiros momentos da guerra, e isto acarreta o perigo de entrar em luta com um material *demodé*. O mesmo se pode dizer dos tanks, cujo motor com seu ruido limitará sempre sem emprego. As patrulhas de cavallaria podem ir até o contacto porque podem ir sem serem vistas.

A transmissão das informações só poderia ser feita por T.S.F. (e então reduzidas, curtas) ou por meio de outro tank da retaguarda, o que exigiria reuni-los em grupos e o que mais atrahiria sobre elles a attenção do inimigo.

Nosso Alto Commando liga a maxima importancia á exploração pela cavallaria conforme os ensinamentos da guerra. Acha que os elementos leves devem ser apoiados por unidades fortes levada bastante para a frente. Isto demonstra a importancia dos C. C. na exploração.

Se a exploração conduz ao afastamento por varios dias do grosso dos Exercitos, só a cavallaria a pode effectuar. A curta distancia podem-se enviar pequenos destacamentos que preencherão sua missão apoiando-se sobre cortes do terreno. A elles será preciso no entanto affectar sempre um pouco de cavallaria. Não podem ser lançados longe porque, se não puderem ser soccorridos a tempo, tendo difficuldades em se escapar, ver-se-ão em serias difficuldades quando encontrem um inimigo bastante forte.

A cavallaria é mais apta que qualquer outra arma a romper o combate. Se um destacamento mixto não acceita o combate, renuncia geralmente á sua missão. Si o acceita e o inimigo é superior, sem poder aquelle ser apoiado, corre serios riscos.

Tem-se um exemplo nas operações do 8º Ex. na Polonia em 1914 onde uma DI Siberiana lançada para a frente para reconhecer e conter o inimigo, acceitou o combate e foi aniquilhada. só os detricos da DI puderam chegar a Varso-

via. Era missão para uma cavallaria de exercito...

Mais é pobre de estradas um paiz mais é preciso ter cavallaria para as missões de exploração.

As operações sobre a retaguarda inimiga demonstram a importancia das tropas montadas e que estas devem constituir o elemento principal das DC, que devem sem os elementos de reforço, de que precisarão muitas vezes libertar-se, ter ainda uma potencia sufficiente.

Revelar-se-á forçosamente no futuro um erro reforçar-se a potencia de fogo de uma DC em detrimento de sua mobilidade, como é o caso da divisão leve motorizada.

Que nos lembremos das obras do Gen. de cavallaria Von Poseck sobre as campanhas da Lithuania e da Curlandia; da batalha de Vilna, na Rumania; da Palestina; das operações polacas de 1920 contra Koziatyn; dos combates victoriosos dos turecos em 1923 contra os gregos na Asia Menor; onde as divisões automoveis nada teriam podido fazer!

Sobre más estradas, com mau tempo e sem communicações para a retaguarda, só o cavalleiro movei é capaz de combater. Todos os meios mecanicos fazem fiasco em situações difficeis. As divisões motorizadas não são proprias ás operações independentes e longinquoas.

Parece que é mais logica a solução dos paizes que conservaram o mesmo numero de R. C. e reforçaram sensivelmente as DC com meios de infantaria transportada, elevando sua potencia para o combate ao nivel necessario.

CONCLUSÃO

Para evitar no correr das marchas das grandes unidades de cavallaria, reveses importantes, é preciso que o homem seja bom cavalleiro e o cavallo bem ensinado. Condições ainda mais necessarias quando a tropa deve sair das estradas e desenvolver-se, porque é preciso, para que a cavallaria possa explorar o effeito de surpresa, que o cavalleiro seja habil em terreno variado.

E' erro suppor que o valor da instrucção equestre diminuiu porque o combate normal da cavallaria é hoje a pé.

Quem sabe montar sabe tambem poupar seu cavallo e sabe tirar delle maior rendimento que o que monta mal.

Deve-se saber que um cavallo ensinado é mais resistente á fadiga que um mal ensinado: a guerra permittiu de novo constatar esta verdade.

Alem disso, um bom cavalleiro montando um cavallo bem ensinado fatiga-se menos que um mau cavalleiro montando um cavallo mal ensinado. Isto é uma vantagem no combate, que só vem após as marchas e que assim encontra os homens em melhores condições, tendo portanto probabilidades de melhor exito.

A cavallaria da Europa é melhor á proporção que avança para L. E' facil de explicar: restricto campo de acção; vasta rede de estradas; pequeno espaço para provaveis accões de cavallaria; possibilidades de emprego de formações motorizadas; nas regiões do Oeste.

TIROS DE GUERRA

Pelo Ten. JORGE DUARTE
Ex-membro do Grupo Mantenedor.

Data de 1901, com a Sociedade de Tiro Fluminense, o início entre nós do tiro civil com armas de guerra; mas só em 1909, com a Confederação do Tiro Brasileiro, é que surgem os verdadeiros Tiros de Guerra. Recebidos desde a sua origem pelas sympathias unânimes da Nação, que via nelles um commetimento de alta expressão cívico-militar, entraram a prosperar, attingindo em 1917-1918 o fastigio do seu desenvolvimento; em seguida, por motivos incoerentes, despenharam-se em lastimável decadência, da qual, ao preço de muito esforço, vêm resurgindo nestes ultimos annos.

Esta, a synthese da bem conhecida historia dos T. G.. Falsamente baseados nella, tirando lições que a mesma não comporta, sobretudo em relação áquella decadência, abundam, toda hoje, os tiro-phobos, — camuflados uns, ostensivos outros. Seria ingenuo e ocioso vir eu aqui discutir a inutilidade ou inutilidade dos T. G.; é o melhor, devia ser materia incontroversa. Comtudo, á impertinencia daquelles nunca é demais reinar-se algumas razões. Argumentam elles:

— O T. G. é um meio de fugir-se ao sorteio militar.

— O T. G. é uma fabrica de falsos reservistas.

— O T. G. é um instrumento de baixa politicalagem.

O T. G. prejudica o sorteio? Não. Negue-mo-lo com a convicção que nos dá uma demonstração *mathematica*.

Consideremos, para isto, a 1ª Circ. de Recr.; aliou essa o anno passado, 17. 574 homens; excluio dahi 3.037 (reservistas, mortos, etc.), entrando, portanto, em sorteio 14.517; feitas as 2 convenções, na forma do R. S. M., sobraram mais de 5.000 jovens, desde logo considerados reservistas de 3ª categoria, ha, portanto, uma larga

sôbra de sorteados não convocados. Si houvesse falta de homens a sortear e convocar para o contingente pedido, porque tivesse sido muito grande o n. de jovens de 21 annos já reservistas de 2ª categoria, neste caso, sim, poder-se-ia arguir o T. G. de prejudicial ao sorteio; mas como está, não.

Si assim é aqui na Capital Federal, onde existem 62 centros de instrução militar (T. G. e estabelecimentos de ensino com instrução militar), a população é de 1.600.000 e o contingente a incorporar é fortissimo, nos Estados os numeros são muito mais expressivos.

A Bahia, por exemplo, com 4.000.000 de habitantes incorpora somente 414 homens e tem apenas 34 centros de instrução; admitindo, modestamente, para esse Estado ser de 0,5%, sobre a população masculina, a classe de 21 annos; temos annualemente 20.000 bahianos com essa idade; abatendo-se dahi 25% de exclusões legais (reservistas, incapazes, etc.) e os 414 do contingente a incorporar sobram, liquidos, infalliveis mais de 14.000 jovens sem nenhuma instrução militar.

Por calculos analogos, acharemos annualemente, em todo paiz, cerca de 80.000 homens de 21 annos nas mesmas condições alludidas.

Assim enquanto os C. I. M. não fornecerem, cada anno, mais de 80.000 reservistas de 2ª categoria, poderão primeiro desenvolver-se sem qualquer damno ao sorteio.

Como explicar, então, que este não consiga preencher os claros do Exército Activo?

Alóra as causas sociaes, por demais conhecidas, e cuja remoção tem de ser lenta e gradual, dois são os responsaveis immediatos:

1º — o insubmisso;

2º — o R. S. M. que, embora não preencha dos os claros e havendo aquella larga sobra de

A Leste, ao contrario, dispondo de grandes espaços, difficéis de guarnecer; com deficiencia de estradas; não se pode conduzir a guerra em cavallaria.

A Guerra não nos offerece exemplo algum de toda cavallaria reunida no campo de batalha para uma determinada missão decidir da sorte daquella por sua intervenção. — Em Vilna e em Gaza tal reunião não foi realisada. Ver-se-á isto nas batalhas do futuro? A cavallaria alemã pode esperar que lhe caberá o golpe decisivo, apesar de seus fracos effectivos e das descobertas scientificas novas.

Isto talvez a favoreça por que a infantaria ficará cada vez mais pesada com sua machinas, suas necessidades de remuniciamento, seus numerosos vehiculos e cada vez mais amarrada ás suas estradas. É isto uma indicação para procurarmos desenvolver a força da cavallaria saliendo sua mobilidade.

A aptidão da cavallaria em furtar-se ao

combate com um inimigo que progride (acção retardadora) fal-a quasi imprescindivel no combate em retirada. Ella, por sua mobilidade, predomina sempre na perseguição e na retirada. Pouco ha mudado a nova technica neste assumpto. No curso de uma perseguição tem-se que contar com numerosas destruições nas estradas que reduzirão o emprego de tropas motorizadas. Na retirada é preciso poder romper o combate e desaparecer.

Como a retirada exige o retrahimento num largo front e direito deante si, as outras tropas são menos aptas para isso que a cavallaria.

A cavallaria não tem razão em ver negro o futuro. A Guerra mostrou que uma cavallaria actúa guiada por bons chefes pode obter ricos successos.

Que ella tenha de cór as mais simples lições dos maiores mestres, que esteja organizada, treinada, prompta, e poderia contar com um papel decisivo nas guerras futuras.

sorteados não convocados, vêda, porém, que se lance mão delles para substituir as exclusões legais occorridas na 2ª phase da revisão (Art. 103). Desta forma, ha annualmente em todos os Estados um elevado n. de jovens, **sorteados não convocados**, que apesar de nenhuma instrução militar, estão perfeitamente em dia com os seus deveres militares; e, entretanto, o Exercito activo sempre com claros pela insufficiencia do sorteio!... O absurdo resulta, para este, numa especie do supplicio de Tântalo...

Contra o insubmisso, todo o rigôr da lei-serviço permanente de captura, applicação implacavel da punição legal; contra o outro será bastante, talvez, a modificação do texto regulamentar, parece, já em via de elaboração. Aos C. I. é que, propriaente, nenhuma culpa cabe.

A 2ª allegação — o T. G. é uma fabrica de falsos reservistas, destrõe-se com uma simples pergunta: Que é melhor, 80.000 reservistas de 3ª categoria ou 80.000 de 2ª? Todos dirão — de 2ª. Pois é justamente este o fim dos C. I. M. — preparar reservistas de categoria, de sorte que a massa annual dos de 3ª, isto é, dos homens sem nenhuma instrução militar, seja cada vez menor. Não podendo todos ser de 1ª, que sejam, ao menos, de 2ª.

A T. G. é um instrumento de baxa politicagem.

São numerosos, é facto, os T. G. que se têm poluido e aniquillado ao contacto da politicagem local; mas a responsabilidade de taes desmandos não cabe á instituição em si, sinão ao despuôr de certas directorias. Foi o vergonhoso concubinato destas com a politicagem de campanario que deu origem á quasi fallencia da instituição, que vinha de destruir a phase de seu maior prestigio. Contudo, si para aparar o esboramento que se iniciava, houvesse dos poderes competentes de então, a assistencia e controle que as circumstancias exigiam, muito menor teria sido aquelle. Desamparados destes cuidados officiaes, entregues a si proprios, muitos dos T. G., que haviam surgido em um momento de vibração nacional, sem condições de vida propria, teriam de succumbir. E succumbiram, de facto, desapparecidas que foram as suas causas primarias — a guerra e o verbo magico do poeta. De hõa fê, ninguém culpará a instituição por este fracasso parcial e inevitavel.

Aos homens que a desvirtuaram e aos que a desampararam, sim, incide toda a responsabilidade.

.....

Destruídas, assim, á guisa de prologo, as classicas accusações aos C. I. M., agitemos, agora, algumas idéas com o fim de fomentar-lhes a criação.

O meio idoneo e efficaz para tal, é a propaganda; o exito da campanha Bilac provou-o excellentemente; sem a tola pretensão de querer comparar o ambiente social de hoje com o daquelle época, ninguém duvidará, porém, dos optimos resultados, em qualquer momento, de uma propaganda intelligente; as virtudes de um remedio, o valor de um homem, os milhagres de um santo, tudo, tudo, nos vem através della...

Muito se tem feito e conseguido, estes últi-

mos annos, neste assumpto, mas muito mais resta ainda por fazer até se attingir os desejados 80.000 reservistas de 2ª categoria. Com tal proposito imaginemos algumas suggestões:

1ª — Dar cumprimento systematico ao determinado no artigo 86 do R. D. G. T. G., que diz: "O Cmt. da Região ou Circumscripção Militar, por si ou por delegação ao chefe do Serviço de E. M., deverá inspecionar e fiscalisar a instrução militar prevista neste Regulamento e prestar auxilio ao seu desenvolvimento.

Paragrapho unico — Em cada guarnição incumbe ao mais graduado esta fiscalisação, cumprindo-lhe communicar ao inspector de Tiro ou ao Cmt. da R. M. as irregularidades que observar".

A fiscalisação e inspecção dos C. I. M. cabem essencialmente aos Inspectores regionaes de Tiro: essas tarefas não exigem requesitos especiaes de quem as desempenha; mas para fazer propaganda, sim, é preciso, pelo menos ter-se a palavra facil e convincente. Desta sorte, o Cmt. da R. M., a quem compete "prestar auxilio ao seu desenvolvimento" confiará essa missão a um official possuidor de tal dote, além de outros que porventura o recommendem, mais ainda, ao desempenho da mesma. Não é licito esperar-se tudo do inspector regional; neste assumpto de propaganda, por exemplo, si lhe falta de todo o senso de missionario, os resultados serão por força, aquem de mediocres. Estabelecido um programma annual, regulando as condições de tempo, espaço e meios, dentro das possibilidades orçamentarias, o official ou officiaes entrarão em actividade.

Ao fim do anno os resultados dirão si vale ou não a pena proseguir.

2ª — Dividir a Região Militar em zona, a cada uma attribuindo um official auxiliar do Inspector de Tiro, ficando este com a principal.

Já pelos numerosos C. I. M., já pela vastidão das R. M., a fiscalisação e propaganda exercidas sómente pelo capitão inspector regional, não podem ter grande eficiencia. Nas 1ª, 5ª 7ª e 8ª Regiões, um auxiliar por Estado melhoraria muito as condições actuaes do serviço; nos populosos Estados das 2ª, 3ª, 4ª e 6ª R. M. dividir-se-ia cada um delles em duas zonas, para effectos identicos. Esses cargos de auxilir talvez podessem ser preenchidos pelos los. Tenentes dos corpos sem effectivo da propria Região.

3ª — Tornar effectivo para todos os estabelecimentos de ensino, o disposto no artigo 73 do citado P. D. G. T. G.: E' obrigatoria a instrução militar para os alumnos maiores de 16 annos que cursarem as escolas superiores, e estabelecimentos de instrução secundaria, mantidos pela União, pelos Estados ou municipios, inclusive o Districto Federal, bem como estabelecimentos particulares que estiverem no goso de equiparação, tudo de accordo com o artigo 98 da lei 1860 de 4 de Janeiro de 1908.

Cresceria de muito o nº e o rendimento da E. I. M. (estabelecimentos de ensino com instrução militar) si o Departamento Nacional de Ensino, em intellivencia com o Ministerio da Guerra, exigisse:

a) Que nenhum estabelecimento nas condições especificadas podesse funcionar sem que possuísse a sua E. I. M. em actividade;

Um pouco de interesse pelo mar e pelos rios

Pelo Major HEITOR BUSTAMANTE
Membro do Grupo Mantenedor

Todos os paizes Sul-Americanos com excepção da Bolivia e do Paraguay, são marítimos, apresentando alguns grandes extensões de costas onde se engravam importantes portos comerciais, bellas bahias, fôzes, estuários, tudo do maior relevo no estudo da Geographia physica, commercial e economica.

O Brasil, a Argentina, o Chile, o Perú e o Uruguay são desses paizes cujo progresso se não tem concorrido para grande desenvolvimento dos seus interesses no mar, tal ha de acontecer fatalmente, dada a preponderancia que esses interesses determinam na sua vida.

Possuindo immensos terriarios, nos quaes a colonização, a vida e o desenvolvimento se vão dando do litoral para o interior, aos poucos, gradativamente, viram tambem aos poucos crearem-se nesses litoraes os mais importantes nucleos de interesses vitaes, os quaes não podem hoje perder a hegemonia conquistada, mesmo que o desbravamento dos interiores infundáveis vá creando novos interesses, nova vida, novos surtos, que hão de se ligar indefinidamente aos interesses antigos implantados nas costas immensas, magnificas.

As difficuldades existentes de communicações marítimas entre Estados e entre entidades territoriaes de um mesmo Estado, ainda porque certos cursos d'agua de importancia com grande parte as favorecem, supprindo sempre quaesquer outras communicações inexistentes.

E assim, o que é de admirar é que os surtos marítimos impostos ainda não equivalham, em importancia ao perpassar dos tempos, o que póde

ser explicado pela lentidão com que se vae operando o progresso com o continuo mas muito vagaroso conquistar dos interiores ainda incultos, pelo desbravar das vias fereas e estradas alastrando-se pavorosamente. E entre todos os paizes, nenhum como o Brasil está tão bem fadado a brilhantismo de futuro, porque são tantas as condições favoraveis, que elle certamente virá com o correr dos tempos.

As marinhas mercantes representam o producto do esforço dos interesses marítimos que se vão creando; estes estão intimamente ligados ao desenvolvimento geral.

As necessidades da agricultura e da industria sob os seus aspectos variados, a exploração das materias primas existentes, a importação das necessarias ao fomento e ao progresso, o intercambio dos productos, tudo isso determina uma actividade febril, originando os interesses marítimos a que ha pouco nos referimos, que cream os poderes navaes mercantis, base da manutenção e desenvolvimento desses interesses.

Tirar o maximo proveito dos productos naturaes, intensificar a sua exploração, aclimatar convenientemente ao solo os productos dos outros paizes, erar as industrias que se servem do ferro, da madeira, do carvão, das quedas d'agua, até, tudo isso constitue faina grandiosa a que devem se entregar os povos laboriosos, consciendos da sua força, crentes do poder futuro.

Os paizes da America do Sul, em sua generalidade, e especialmente o Brasil, não escapam a esta imposição, porque são ricos da natureza, e possuem povos que não podem desmentir as ex-

valem-se de amizades na tropa afim de conseguir alguns cartuchos emprestados.

Quanto ao armamento, pelos mesmos excessos do nosso regimen centralizador, delongas identicas se produzem quando se trata de dal-o a um centro recém-fundado; mezes e mezes tem ficado este á espera daquelle, adormecendo o entusiasmo dos que o crearam; em taes condições, ha alguns em São Paulo e Minas.

Havendo em stock nos depositos regionaes uma razoavel quantidade de material, evitam estas demoras desconcertantes. Então:

4ª — Na fixação annual do material bello que deverá existir nos depositos (art. 99 do S. M. B.) descrever-se a quantidade destinada aos C. I. M., calculada a munición de accordo com o numero de centros em actividade, MAIS UM PORCENTAGEM RELATIVA AOS QUE VIREM A SE FUNDAR: o stock de armamento (armas para o tiro, armas descalibradas) será proporcional ao numero de incorporação havidas no ultimo anno.

Proximamente trataremos da 3ª necessidade — o instructor, a mais complexa e importante dos C. I. M.

b) Que sejam, de facto, matriculados nestas, todos os alumnos maiores de 16 annos, os quaes só poderiam prestar exames si apresentassem cadereta de reservista ou documento equivalente.

Infelizmente na pratica a obrigatoriedade contida no artigo 73 assume caracter voluntario, pois só ha instrução militar nos estabelecimentos cujas Directorias a peçam espontaneamente.

Mas não basta crear e incorporar; é preciso ensinar, prestar assistencia aos centros recém-fundados. Em que consiste esta assistencia? Essencialmente em prover 3 necessidades — o armamento, a munición e o instructor.

Armamento e munición. Taes Fornecimentos devem ser feitos pelos Depositos regionaes; mas, já por entraves burocraticos, já por não estarem estes devidamente providos, resultam grandes demoras; no segundo caso — ao deposito central, resultante será ao deposito central aqui não — Rio de Janeiro — que caberá fornecer; as delongas dahi são obvias; no interio os C. I. fazem os pedidos de munición no começo do anno para só a receberem no fim do mesmo, já abatida da grande porção que involuntariamente perderam, na forma do artigo 107 do R. S. M. B. E para a instrução de tiro não soffrer interrupção, os instructores

tes qualidades das raças que os vão consi-

Paizes apenas infantis quando se os compara com os paizes dos velhos continentes, de ser grandes, não de afinal, se impôr ao

As marinhas commerciaes dos paizes da America do Sul, que symbolisam fortes expoentes do desenvolvimento, não apresentam ainda aquelle aspecto veneravel, grandioso, das marinhas antes de certos paizes velhos o mesmo de ns novos, mas na sua modestia já vão con-

indo alguma cousa digna de estudo. Se compararmos entre si as marinhas mercantiles seis paizes da America do Sul, que citamos (inclusive o Paraguay), chegaremos aos seguintes resultados, aproximados já se vê: para o conjunto de navios de oceano, grandes e pequenos, até o maximo de tonelagem bruta, se representarmos o nosso poder mercante por 100, os outros paizes serão apresentados do seguinte modo:

Brasil	100
Argentina	45
Chile	40
Uruguay	15
Perú	13
Paraguay, menos de	2

Tomando-se agora a especie — navios a vapor grandes e pequenos, e se representarmos o poder Argentino por 100, teremos os dos outros paizes representados do seguinte modo:

Argentina	100
Perú	85
Brasil, menos de	80
Uruguay	47
Chile	40
Paraguay, quasi	0

Tomando-se finalmente o typo navios fluviaes e de porto, chega-se ao seguinte resultado:

Argentina	100
Brasil	60
Chile	23
Uruguay	21
Perú	5
Paraguay	25

Possuindo o Brasil um desdobramento de costa formidavel, com magnificos portos, bahias, estuários, e rês fluviaes incomparaveis, almas em comunicação com essa costa, está em melhores condições para incrementar o desenvolvimento marítimo, dada a maior proximidade dos Estados Unidos e dos postos europeus, a os quaes poderá manter forte intercambio de relações e de negocios, por intermedio de linhas de navegação de grande vulto exploradas por capitães estrangeiros ou nacionaes.

Tambem, deverá attrahir e conquistar os interesses de nações vizinhas, como a Bolivia e o Paraguay, canalizando para os nossos portos os seus productos ou os materiaes que lhes

sejam indispensaveis. Com productos proprios, de valia, alguns dos quaes somos dos principaes a fornecer ao mundo todo, o Brasil tambem vae aos poucos se libertando do estrangeiro, ampliando uma industria variada que além de determinar uma maior economia Nacional, pode nos acarretar um maior bem, si soubermos captar os mercados até agora arredios, afastados.

Em summa, se contamos com o fatal progresso do Brasil, devemos attribuir aos seus interesses marítimos importancia nunca aquem de outros que se deve manter e ampliar. Mesmo hoje e por muito tempo ainda podemos perceber essa importancia, vendo o modo por que se fazem as ligações entre as grandes unidades territoriaes da União.

Os Estados do Norte ligam-se entre si, e aos centros principaes da nossa terra, por intermedio das linhas marítimas existentes que só por si ainda constituem quasi que o unico effectivo factor material de inter-comunicação.

Apenas entre a Capital Federal e os Estados do Sul e Matto-Grosso dobram-se as comunicações, com o acrescimo de vias terrestres bem precarias, ainda longe de poder satisfazer a todas as necessidades palpitantes.

O Brasil possui um grande numero de portos marítimos, mas poucos são aquelles que têm experimentado o beneficio das adaptações e melhoramentos necessarios, permanecendo grande parte no estado de arranjo que a natureza fornece. Podemos classificar-os em 3 categorias: de 1ª, 2ª e 3ª classes.

Pertencem á 1ª classe os que foram ou estão sendo dotados dos melhoramentos indispensaveis ao trafego marítimo, taes como caes de atracação, armazens, diques, abastecimento de agua, oleo, viação ferrea, guindastes, etc.

Pertencem á 2ª classe os que foram ou estão sendo dotados de melhoramentos não levados ainda ao mesmo gráo dos da 1ª classe. A 3ª pertencem os portos que permanecem inteiramente descurados.

A quasi totalidade dos nossos portos pertencem ás 2ª e 3ª classes. Muitos d'elles não permitem a entrada de navios de grande calado, dada a existencia de bancos de areia ou depositos sedimentares trazidos pelos rios, pois que alguns acham-se nas embocaduras e ficam sujeitos á fatalidade geologica do phenomeno da sedimentação nos deltas. Os que são filiados á 1ª classe são os portos de Belém, Recife, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Rio Grande.

Ao N. do Rio de Janeiro todos os portos nos interessam sob o ponto de vista commercial.

Mas os de Belém, Recife e Bahia salientam-se pelos seus melhoramentos e pelo papel que poderão desempenhar nas occorrencias de uma guerra externa.

A industria particular ensala estabelecer no porto do Rio de Janeiro bases de construcção. Mas já temos dito frequentes vezes que sem a co-actancia do empreendimento ista industria siderurgica, não acreditamos no futuro dos ensaios. O porto de Santos está bem aparelhado sob o ponto de vista dos interesses da marinha mercante. Os portos de Paranaguá, S. Francisco e Florianopolis não tem melhoramentos.

O porto do Rio de Janeiro é a vida do nosso comercio e da nossa vida do nosso comercio e da nossa vida do

O porto do Rio de Janeiro é a vida do nosso comercio e da nossa vida do nosso comercio e da nossa vida do

Na marinha

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O Javali de Remate

O porto do Rio Grande do Sul representa a propria vida do Estado a que pertence. E' necessario cuidar-se d'elle como de uma joia que refulge no extremo de uma corrente.

O nosso Paiz possui um formidavel numero de rios navegaveis. O Amazonas, com a sua immensa rede tributaria, representa o colosso de um percurso de franca navegabilidade a vapor, de cerca de 40 mil kilometros de extensao. Dentre os seus innumeros affluentes navegaveis, podem-se citar:

Na margem direita:

O *Javary*, navegavel a vapor até a povoação de *Rematê dos Males*, na confluencia com o *Itacachy*;

O *Jundiatyba*, navegavel pelos paquetes da Companhia do Amazonas;

O *Juruá*, navegavel a vapor até *Taranacá*;

O *Purus*, navegavel em quasi toda a sua extensao, pois não possui cachoeiras senão proximo das cabeceiras;

O *Madeira*, formado pela junção do *Beni* e do *Mamoré*, é navegavel desde a foz até a cachoeira de *Santo Antonio*;

O *Tapajós*, navegavel da foz até a villa de *Itaituba*;

O *Xingú* (infelizmente não conheço dados a respeito).

Na margem esquerda

O *Rio Negro*, navegavel por grandes vapores até *Santa Izabel* (cerca de 420 milhas de *Marabá*).

O *Rio Tocantins* (que não é affluente do Amazonas) é formado pelo *Tocantins* pequeno e pelo *Maranhão*, e recebe o grande *Araguaya*. E' grandemente navegavel a vapor até *Bayão*.

Uma via ferrea ligando *Alcobaça* á *Praia da Rainha*, acima de *S. João de Araguaia* (na região da confluencia do *Araguaya*, transpondo a secção das cachoeiras deste rio, e pondo em communicação o alto *Araguaya* com o *Baio Tocantins*, será com a navegação a vapor dos dois rios, a poderosa cadeia de união entre os Estados de *Goyaz* e do *Pará*.

O *Rio São Francisco* é um dos mais notaveis da America do Sul. Duas são as secções navegaveis deste rio: a situada entre as cachoeiras de *Pirapora* (Minas) e *Schadinho* (proximo de *Joazeiro*, Bahia), com 1.580 kilometros de extensao; e a que vai de *Piranhas* á foz, com 238 kilometros de percurso. A primeira secção, com os affluentes que ali vêm ter, alguns tambem navegaveis, forma uma extensa rede de communicação no interior do Brasil.

O *Rio Paraná*, começando na junção dos rios *Grande* e *Paranahyba*, na região em que se defrontam os territorios de 4 Estados do Brasil, corre em territorio Brasileiro até a foz do *Guassú*. As cachoeiras do *Salto de Guayra* impedem a franca navegação do curso desse rio em territorio Brasileiro. Uma pequena via ferrea ligando *Porto Guayra* ao porto *Mingoli*, no *Paraná*, obvia esse inconveniente em territorio estrangeiro; e é optima ali a sua navegabili-

dade a vapor, excepto num pequeno trecho correntoso e de cachoeiras entre *Corrientes* e *Incaración*.

O *Rio Paraguay*, com um curso de perto de 2.100 kilometros, dos quaes 1400 em territorio Brasileiro e de fronteira, é francamente navegavel por grandes navios a vapor até *Villa Maná* proximo de *São Luiz de Coceres*, quasi em pleno coração de *Matto Grosso*. Um dos seus maiores affluentes, o *São Lourenço*, possui boa navegabilidade até *Cuyabá*, capital do Estado.

O *Rio Uruguay* é um dos mais importantes da America do Sul, e affecta de modo especial a situação do Brasil. A cachoeira do *Salto Grande* divide este rio em alto e baixo *Uruguay*. E' navegavel por embarcações de pequeno calado na parte da nossa fronteira, e de grande calado até *Concordia* na fronteira *Uruguay-Argentina*. Os rios *Paraná* e *Uruguay* formam, pela sua reunião, o famoso *Rio da Prata*, mais braço de mar que mesmo rio.

O curso do *Rio Paranahyba* é de 957 kilometros. Elle separa os Estados de *Minas* e *Goyaz*. A navegação é interrompida por duas cachoeiras: a de *S. Simão* abaixo da confluencia do *rio dos Bois*, e a de *Santo André* cinco leguas acima da confluencia com o *Rio Grande*.

Ha ainda um grande numero de rios no Brasil, alguns navegaveis, porém de importancia muito inferior a dos que acabamos de enumerar; muitos deles são affluentes destes, outros ao contrario possuem bacias proprias; entre estes podemos citar: o *Parnahyba*, que conduz a *Therexina*; o *Garupy*, o *Mearim*, o *Itapicuru*, o *Jaguaribé*, o *Piranhas*, o *Jequitiahonha*, o *Paranahyba do Sul*, o *Jacubhy*, o *Camaquã*, etc. Este trabalho não comporta o desenvolvimento a que poderíamos ser levados se dispuzéssemos de espaço e tempo necessarios.

No Amazonas a nossa preponderancia em recursos de toda a natureza é accentuada. Todo o commercio da região é feito por via fluvial que ali substitue vantajosamente qualquer outra via de communicação. Os rios transportam directamente para o Atlantico não só os nossos productos do interior como tambem os da região N. da *Bolivia*. Mas, a *Bolivia* e o *Paraguay*, paizes centraes, tem o natural escoamento dos seus productos pelos rios *Paraguay* e *Paraná* até o *Rio da Prata*. O Brasil por muito tempo dependeu destes rios, pela necessidade de ligar-se ao *Estado de Matto Grosso*. A nossa Historia registra continua luta pela liberdade de navegação nos affluentes do *Prata*, contra a qual sempre se manifestou a *Republica Argentina*.

O commercio maritimo do Brasil deveser considerando dividido em dois grandes ramos: o commercio anterior;

o commercio exterior.

O primeiro comprehende a grande e a pequena cabotagem e a navegação fluvial pelo interior das suas terras; o segundo comprehende o commercio com o estrangeiro.

Estudando a navegabilidade dos rios é que se póde perceber o grande desenvolvimento que certamente tomará a navegação fluvial no dia em que tivermos industria naval propria; pois os grandes cursos d'agua não serão substituidos

ESTRADAS DE RODAGEM

ORGANIZAÇÃO DE UM PLANO RODOVIÁRIO NACIONAL

Pelo Engenheiro JOAQUIM CATRAMBY

Não a título de curiosidade, mas com interesse utilitário, reproduzimos a seguir o magnífico estudo e projecto de organização rodoviária geral do Brasil, já ha tempos apresentado ao quarto Congresso de Estradas de Rodagem, pelo auctor engenheiro Joaquim Catramby. Os nossos leitores, dos quaes por certo muitos já se inteiraram do assumpto e d'elle cogitaram, encontrarão um excellento motivo de meditação, para o qual a convergencia das attentões, será certamente vantajosa e util. Trata-se effectivamente de assumpto de interesse Nacional, primordial e assim sendo a intelligencia e os esforços de todos os brasileiros devem concordar para animar e impulsionar no sentido da solução desejada.

"O engenheiro Joaquim Catramby, membro da directoria do Automovel Club do Rio de Janeiro, apresentou ao Quarto Congresso Nacional de Estradas de Rodagem um plano rodoviário abrangendo todo o Brasil.

Introduzindo o seu plano rodoviário, o dr.

pelas estradas de ferro, ao contrario dobrarão as communicações para facilitá-las.

A grande e a pequena cabotagem ainda são no presente o unico recurso de que nos utilizamos para ligar os Estados entre si, principalmente ao longo da immensa costa, e modestamente com a utilização dos rios.

O Rio São Francisco é o traço de união actual entre os Estados de Minas e Bahia, extendendo-se aos Estados de Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

O commercio exterior é mantido por Companhias estrangeiras e Nacionais; entre estas avultam o Lloyd Brasileiro e a Companhia N. N. Costeira.

Os principaes portos Brasileiros, aquelles de 1ª classe a que nos referimos neste trabalho, estão ligados por essas companhias aos principaes portos commerciaes do mundo; ellas realisam a troca de productos os mais variados, e os interesses extendem-se a toda a superficie do Globo.

Mantemos relações principalmente:

Na America do Norte e Central: com o Canada, Cuba, Estados Unidos, Mexico, etc.;

Na America do Sul com a Argentina, Chile, Uruguay, Paraguay, etc.;

Na Africa: com o Egypto, possessões Francezas e Portuguezas, União Sul Africanas;

Na Europa: com o Allemannha, Austria, Belgica, Dinamarca, Finlândia, França, Gran-Bretanha, Hespanha, Hollanda, Italia, Noruega, Portugal, Suecia, Tcheco-Slovachia, Turquia;

Na Asia: com a China, Japão, Índia Inglesa.

A Historia nos ensina que as Nações que têm grandes interesses a proteger, não firmam na Providencia a base da sua protecção. A marinha de guerra do Brasil, não tem, no concerto

Catramby fez interessante divagação sobre a necessidade que em todos os tempos sentiu de meios efficazes de communicação.

Entrando propriamente na questão nacional, apresentou o projecto que se segue, relativo a um plano completo de estradas tronco, cobrindo todo o territorio nacional".

"Hoje, mais do nunca, é necessario o nosso esforço continuo e decidido, no sentido de plasmar, de accordo com o porvir que aspiramos, este immenso embrião, que o Brasil ainda é. Mas é mistér que agora se proceda com o descortino e a systematização, que infelizmente não tiveram as conquistas do passado, para que, de facto, nos apparelhemos, de sorte a figurar dignamente ao lado dos Estados Unidos da America.

Incumbe, pois, aos homens de hoje a continuação do que está feito e a iniciativa do que se fará.

E', portanto, da mais estricta oportunidade a organização, de um plano rodoviário geral do Brasil, estabelecendo as linhas troncos-federaes, a que affluirão de futuro as ramificações estaduais.

raes, intensificar a sua conveniente ta rahrh m Sul Americano, o destaque que devia ter; ao contrario, mantem-se em certa inferioridade, longe de poder garantir a defesa de todos os nossos interesses maritimos. *A Nação ainda é pobre, dizem, e não pôde arcar com o peso morto de formidaveis armamentos, dispendiosos e mais ou menos inuteis....., si temos dirimido as nossas contendas, não com o peso dos canhões, mas com o peso formidavel da palavra dos nossos estadistas.* Bemaventurados os que assim pensam; mas de boas intenções anda o inferno cheio; olhemos a nossa propria grandeza e desconfiemos do facto de que o nosso idealismo possa garantir-nos sempre, eternamente, a cordealidade e o respeito alheios.

Em summa; o futuro do Brasil não está exclusivamente no mar; mas depende fundamentalmente d'elle; as vias communicações fluviaes podem resolver no nosso Paiz uma boa porcentagem das difficuldades geraes. O afincio no modo de encarar e impulsionar os emprehendimentos relativos a estas questões, constituirá para os Governos motivo de reconhecimento perenne da Patria, e fonte segura de beneficios de toda a ordem.

NOTA:

O presente trabalho contém algum material de compilação; são dados technicos extrahidos de livros didacticos, como por exemplo a "Geographia Especial" do Dr. Carlos de Novaes, bem como de um trabalho da lavra do sr. Comandante Martins Filho, da nossa Marinha de Guerra. As citações que faço foram algumas modificadas na forma, outras reduzidas ou alteradas. Pelo que deixo de introduzir o grifho, como disponzavel.

uma necessidade nacional que se faz sentir ativamente, e que desde já começará a apparear-nos para as conquistas objectivas, em que se a de fundir a grandeza do Brasil. E' delle que agita, em traços largos o projecto, submettido á consideração do Quarto Congresso Nacional de Estradas de Rodagem.

Organização do plano rodoviario do Brasil— governo federal do Brasil, como o da America e Norte, collaborará com todos e cada um dos estados da União na construcção de rede rodoviaria nacional, que se classificará em duas categorias: Estradas Federaes ou troncos de Penetração, e Estaduaes, ou União dos Estados. Os troncos se derão de boas condições technicas, atraves do littoral dos portos do Rio de Janeiro para o sul, Santos e Florianopolis, e para o norte, Salvador, Recife, Parahyba, Fortaleza e Maranhão.

Estradas-troncos:

1ª — Ligação da Capital Federal para a capital do Estado de São Paulo, primeiro centro rodoviario, e para a capital do Estado de Minas Geraes, segundo centro rodoviario.

2ª — São Paulo irradia em tres directrizes: São Paulo-Campinas, S. Paulo-Itú e S. Paulo-Sorocaba.

Bello Horizonte irradia tambem em tres directrizes: Bello Horizonte-Morro Velho, Bello Horizonte-Vespasiano e Bello Horizonte-Pitangui.

3ª — Estradas norte, pelo planalto central.

4ª — Tronco de Florianopolis a Missões.

5ª — Linhas das fronteiras.

6ª — Bahia á cidade da Barra, Porto Nacional, Tocantins.

7ª — Recife á cidade da Barra, confluencia Grande com o São Francisco.

8ª — Parahyba á Carolina.

9ª — Fortaleza a Lavras.

10ª — Grande Tronco Amazonas ou caminho de Roosevelt.

11ª — Estrada central noroeste.

12ª — Estrada Sorocaba-Itararé, ou sulina.

13ª — Estrada nordesta de Bello Horizonte a Leiz do Maranhão.

14ª — Linha do Rio Branco.

15ª — Linhas das Guyanas.

16ª — Estradas Tapajós-Xingú.

17ª — Estradas das Sete Quedas.

18ª — Linha Rio-S. Paulo, pelo littoral (costa sul do Brasil).

1ª — Ligação da Capital do Estado de S. Paulo pela estrada Paulista-Rio-Barra Mansa-Itapetininga-São Paulo; e á capital de Minas Geraes pela estrada Rio-Petropolis Juiz de Fora-Bello Horizonte.

2ª — Estrada do Norte, pelo planalto central, terá como ponto de partida: Campinas, em São Paulo e Patrocínio, em Minas Geraes, aproveitando as estradas já construidas: Campinas, Uberlândia, Ituverava, Uberaba, Uberabinha, seguindo para Santa Rita do Paranahyba (Ponte Alfonso Penna) e dahi Morrinhos, Caldas Novas, Camary, cabeceira do Ibirussú onde encontra a linha de Patrocínio a Paracatú, em busca da Villa Crystallina, Planaltina, Formosa, Sitio da Abadia, S. Domingos, Palmas, Porto Nacional,

Goyaz, correndo dahi em deante pelo traçado de Pirapóra a Belém, capital do Estado do Pará.

3ª — O tronco de Florianopolis a Missões parte de Florianopolis, Lages, Herval, Xanperê, até a margem do Papery-Guassú, fronteira argentina; a linha União Norte sae de Florianopolis por Blumenau, Campo Alegre, Curitiba, Ponta Grossa; a linha União Sul desce por Laguna, Araraguá, Torres, Conceição do Arroio, Porto Alegre, capital do Estado do Rio grande do Sul.

4ª — Linha da Fronteira parte de Porto Alegre a Camacuan, Pelotas, Bagé, Sant'Anna do Livramento, Quarahy, Uruguayana, Itaquay, S. Borja, Santo Angelo e Cruz Alta, com dois ramaes para Jaguarão e para Quarahim e duas ligações com o Uruguay, Mello e Taquarembó e o de São Borja a Pousadas, na fronteira argentina-paraguay.

5ª — Bahia á cidade da Barra; este tronco parte de São Salvador, Feira de Sant'Anna, Munda Novo, Santa Rita do Rio Preto, em busca do Porto Nacional, encontrando no ramal da linha Norte, que de Santa Rita do Rio Preto vae a Taquatinga, São Domingos, entroncamento da viação norte que de S. Paulo e de Minas se dirigem á Formosa.

6ª — Recife á cidade da Barra, partindo de Recife, Victoria, Pesqueira, Rio Branco, Floresta Petrolina; Remanso á cidade da Barra, linha tronco que segue a entroncar com a linha Norte parte de S. Paulo de Minas á Formosa.

7ª — Parahyba á Leopoldina, Campinas Grande, Soledade, Lavras, Floriano, Carolina, Tocantins entroncamento com a linha norte que parte de S. Paulo á Formosa.

8ª — Tronco Fortaleza a Lavras, Fortaleza, Quixadá, Lavras, Flodesta.

9ª — O grande tronco central Amazonas, caminho Roosevelt, partirá do Rio e S. Paulo, Ribeirão Preto, Uberabinha, entroncamento da linha que do Rio vae a Bello Horizonte, Patrocínio, Araguay, entroncamento em Uberabinha, de onde seguem para Santa Rita do Paranahyba, Rio Verde, Jatahy, Mineiros, Santa Rita do Araguay, seguindo dahi a linha da expedição Ronquay e Roosevelt, até Santo Antonio do Madeira; dahi, procura o rio Abunã, ligando-se com as estradas que reúnem os tres departamentos do Acre, estradas já construidas; Rio Branco, Senna Madureira e Cruzeiro do Sul, com ramaes que vêm da Bolivia ao Kapury, pelas estradas do Beni, da Madre de Deus, Tawamann e Orton, e tambem uma ligação para Cusco, no Perú, seguindo pelo Perú, o caminho dos Incas, passando em Iquitos, Equador e Caracas, com um ramal para Bogotá, na Columbia; essa estrada aproveita cerca de 4.000 kilometros de estradas construidas e em trafego.

10ª — A estrada central noroeste que, partindo de S. Paulo, Itú, Botucatu, Itapura, no rio Paraná; linha de Itú a Avaré á Tibiriçá, de onde segue para Campo Grande e Corumbá.

11ª — Linha Sorocaba-Itararé, que parte de S. Paulo, Sorocaba, Itapetininga e Faxina, Itararé, seguindo dahi a ponta Grossa, Porto União, onde se bifurca em dois troncos, um que segue para Passo Fundo, e o outro para Palmas, ligando-os, em Cruz Alta, de onde segue para Santa Ma-

ria, até Sant'Anna do Livramento, com um ramal que, partindo de Ponta Grossa, vai a Prudentópolis e Catanduvas, onde se bifurca, indo uma linha para a Foz do Iguaçu, e a outra para o Porto Mendes, a ligar-se com a linha que de Salto Grande Parapanema vem ao Porto Guayra.

12 — Estrada portista do Rio a S. Luiz do Maranhão. Parte do Rio: Belo Horizonte, Diamantina, Montes Claros, Tremedal, Bom Jesus, Lençóis, Morro do Chapéu, Petrolina, Floriano, Therezina e S. Luiz do Maranhão.

13 — Estrada do Rio Branco. Parte de Manaus a Caracarahy e daí pela estrada já construída a Boa Vista, seguindo pelos campos até a margem esquerda do Tacutu, ligando-se às linhas inglesas que, de Demerare, vão a esse ponto.

14 — Estrada das Guyanas. Parte de Macapá, no Estado do Pará, segue pelos Campos Gerais até entroncar com a estrada do Rio Branco, tendo dois ramaes, para Alémquer e Almerim, na margem esquerda do Amazonas.

15 — Estrada Tapajós a Xingú. Parte da linha Amazonas, vai a Itaituba, com um ramal para Altamira, onde existe uma estrada de rodagem para Xingú.

16 — Linha das Sete Quedas. Sae de Arinos, no Parapanema; segue Tihagy, Engenharia Rebouças, no Iyahy, e Porto Guayra; daí a Ponta Porã, a ligar-se com as linhas que do Paraguay e de Assumpção vêm à Concepcion e a Ponta Porã já ligada a Campo Grande.

17 — Linha Rio S. Paulo, pelo littoral. E' a costa azul do Brasil; sae da Capital Federal Santa Cruz Itaguary, Mangaratiba, Angra dos Reis e Paraty procurando, em São Paulo, Parahytinga, Parahybuna e Moggy-São Paulo, com seus ramaes para São Sebastião e Ubatuba.

Linha União dos Estados — São Luiz, as capitais do Pará e Piahy, Belém e Therezina, passando por Coroatá.

Linha de Fortaleza a Therezina e Fortaleza ao Rio Grande do Norte, por Mossoró e Lages. Parahyba do Norte por Soledade e Guarabyra Recife a Parahyba por Nazareth e Itambé Recife a Macció por Palmeira e Muricy. Aracajú a Macció por Cururipe, Triumpho Maróim

São Salvador a Aracajú por Santa Luzia e Lagoinhas

Espirito Santo (Victoria) pela linha do littoral, São Mathews, Caravellas, Ilhéos, Valença, Nazareth, Feira de Sant'Anna ou ligando-se pela estrada de Theophilo Ottoni, aberta em 48, de Uruco a Uruco e daí a Fortaleza a entroncar na linha de S. Salvador a Jequié

Rio de Janeiro a Victoria pela Rio-Petropolis, Therezopolis, Friburgo, Cantagallo a ligar-se com a estrada que de Itapemirim vai do littoral a Victoria.

S. Paulo-Rio e S. Paulo-Curitiba pela linha de Blumenad e a Porto Alegre pela linha do Araranguá.

Justificação do projecto — Visitar por completo as estradas já existentes nos diversos Estados da Republica o que não pôde deixar de redundar numa immensa economia de tempo e de capitais. Nelic, outrossim, não se perden de vista nem o lado commercial da questão, nem as considerações estrategicas, a que era mister attender — procurando-se não só ligar entre si, as capitais dos Estados, como ligar-as egualmente, na sua quasi totalidade, á futura capital da Republica, no planalto central de sorte a que o traçado correspondesse a uma inteira e indissolúvel communhão de interesses, na Federação nacional.

E' licito esperar que a realização desse projecto contribuirá para um enorme desenvolvimento do trafego das actuaes linhas ferreas, entre as quaes são numerosas as que ainda não atingiram sua total capacidade de transporte, justamente em virtude da deficiencia das rodovias, que para ellas, como para as grandes arterias fluvias, representam o papel de pequenos tributarios.

Deve existir um concurso absoluto entre os caminhos de ferro e as estradas de rodagem — um é complemento do outro, sem antagonismos entre elles.

Nos Estados Unidos, onde as estradas de rodagem atingiram o maximo de perfeição no seu traçado e construção, verifica-se que por ellas se escôa o duplo que transportam as ferrovias, descongestionando assim os centros productores, em beneficios das zonas consumidoras, facilmente abastecidas pelas industrias.

E' na tela que se começam a concretizar as grandes idéas, na vida das nações. Naquellas em que está representada a configuração do nosso paiz e o percurso das arterias federaes de que trata este plano, esboçado a bem da nossa grandeza material, poder-se-á ver quando ellas influirão triumphalmente nos surtos da actividade brasileira.

E', pois, mister que não nos demoremos a integral-o no acervo das nossas realizações praticas, como uma das mais meritorias contribuições da geração presente, para as conquistas do progresso do Brasil.

(Do "Correio da Manhã" de 16 de Fevereiro).

A P Á T R I A

"A patria não é ninguém; são todos; e a qual tem no seio della o mesmo direito á idéa, palavra, á associação. A patria, não é um sistema nem uma acção, nem um monopólio, nem a forma de governo; é o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciencia, o lar, o berço dos fis e o tumulto dos antepassados — a continuação da lei, da lingua e da liberdade. Os que vivem são os que não invejam, os que não inam, os que não conspiram, os que não subleam, os que não desalentam, os que não emnu-

decem, os que não se acorbadam, mas resistem, mas ensinam, mas esforçam, mas discutem, mas pacificam, mas praticam a justiça, a admiração, o entusiasmo. Porquês todos os sentimentos grandes são benignos, e residem originariamente no amor. No proprio patriotismo armado, o mais difficil da vocação, a sua dignidade não está no matar, mas no morrer. A guerra, legitimamente, não pôde ser o extermínio nem ambição; é simplesmente a defesa. Além desses limites, seria um flagello barbaresco, que o patriotismo repudia".

(Ruy Barbosa).

U N I F O R M E S

Pelo Maj. LUIZ DE A. CORREIA LIMA

Ex-membro do Grupo Mantenedor

Uma das características da nossa raça infantil é o desejo de *parecer* aquillo que se não é.

Não ha vendeiro alli da esquina, gordalhufo rebento de lavradores lá das provincias d'além mar que apesar de se dizer republicano, democrata e etc... não vá a sorrelfa tirando do proprio pé de meia um certo numero de tostões, com os quaes se propõe a comprar um titulo de conde ou barão papalino; interessante é existir ahi um ponto de contacto entre o vendedor de toucinho e estes intellectuaes, pseudo-republicanos.

Não ha ignorante algum, almofadinha, ou filho de fazendeiro, que não sonhe com a aureola de um diploma de doutor, pouco lhe importando saber ou não aquillo que a posse de tal pergaminho lhe impõe.

Na mesma ordem de coisas ha por estes largos brasis em fóra, gente que se ufana galharda e altiva, com holorentos titulos de coronel, major ou capitão da fallecida briosa, e no entanto é fidalgo inimigo do exercito, protesta contra o serviço militar e vae arrancando por todos os meios, — politica, incapacidades physicas, outras fraldas e até pela accintosa insubmissão — os seus filhos ao dever elementar de todo homem, que é preparar-se para a defesa da Patria.

Neste ambiente de brincadeira, nesta comedia de vida nacional, apparecem os collegios — os formadores da mentalidade de amanhã, — trazendo o cimento de seus ensinamentos, para congregar na mentalidade nascente dos jovens, em um só bloco indestructivel, todas as ideias vagas de futilidade, de commodismo, de parasitismo e de farça delles emergentes, facilmente extirpaveis si outras fossem as directrizes dos educadores.

Como elemento de reclame, de suborno moral; varios directores de collegios, visando augmentar o numero de seus alumnos, instituem uniformes tão semelhantes aos dos officiaes do exercito, ou dos alumnos da Escola Militar, que o proprio autor deste artigo de uma feita se enganou, tal a subtilidade da differença apenas em distinctivo da gola.

Não crimino aqui a infantibilidade de rapazolas quererem *figir* de officiaes do exercito ou alumnos da Escola Militar; é proprio da idade, e com o desejo de *agradar as pequenas*, resolvem parecer mais do que realmente são, mas verbero acremente os homens feitos, os educadores, ás vezes militares de hontem, que por espirito comercial, esquecem que na escola se formam os caracteres, e que acoimar, ou antes excitar esta phantasmagoria é preparar futeis, é ensinar que o homem deve trocar a propria personalidade por uma outra de emprestimo, simplesmente por ser esta mais brilhante e mais vistosa.

Muito pouca gente vê o perigoso aspecto moral dessa mascarada sobre a formação mental da juventude; mas aquelle que se demorar um pouco a pensar no assumpto sentirá vivamente

que tal coisa é uma abdicção da personalidade, symptoma terrivel de gangrena social.

E' preciso que *sejamos o que somos*, e si é nosso anhelto alcançar uma posição, é necessario *atingil-a* e não simplesmente *parecer* que a temos.

A par desse alto inconveniente moral, ainda para a disciplina, para o respeito que se deve ás instituições armadas do paiz, surgem outras decorrentes de confusão de coisas muito differentes como sejam um menino de 16 annos do Curso Freycinet, differindo de um 1º tenente contador, sómente em ter bonet sem jugular dourada, tudo o mais, galões, talabarte, distinctivos absolutamente iguaes.

Parece-me que seria de utilidade publica que o Congresso desse uma lei mais ou menos do molde que se segue:

Art. 1º — Nenhuma instituição publica ou particular, — policiaes, companhia de navegação, chauffeurs, collegios, sociedades etc., poderá usar uniforme, ou traje a isto assemelhado, sem que previamente sejam os seus planos approvados pelo Ministro da Guerra ou da Marinha, conforme o caso.

Art. 2º — Os citados ministerios farão publicar bases, dentro das quaes poderão ser feitos os uniformes para taes instituições, o que é formalmente prohibido usar por umas, e tolerado para outras.

Art. 3º — Toda modificação a ser feita em taes uniformes só poderá entrar em vigor depois de approvada pelos ministerios em questão.

Art. 4º — Os ministros acima referidos, poderão delegar estas funcções aos commandantes de região e capitães de portos, para agirem dentro de certo numero de disposições pré-estabelecidas.

Art. 5º — Aos infractores se applicará uma primeira multa de 500\$000 e posteriormente tantas de 5:000\$000 quantas forem as infracções praticadas pelo proprio infractor, ou por pessoas que por ordem sua devam usar taes uniformes.

O EXERCITO COMO ESCOLA

Um bom exercito é uma escola de disciplina hierarchica, que prepara a disciplina social; e é, ao mesmo tempo, uma escola de trabalho, de sacrificio e de patriotismo. Um exercito bem organizado é uma das creações mais perfectas do espirito humano, porque nelle se exige e se obtem o abandono dos mesquinhos interesses individuaes, em nome dos grandes interesses collectivos; nelle se exige e se obtem que a entidade *homem*, de ordinario tão pessoal e tão egoista, se transfigure na abstracção *dever*; nelle se exige e se obtem o sacrificio do primeiro e do maior de todos os bens que é a *vida*, em nome do principio superior de *patria*.

(Do primeiro editorial de "A Defesa Nacional").

DEFICIENCIA DE QUADROS?

É sabido que o sr. Ministro da Guerra adoptou, desde o início da sua administração, a norma salutar da classificação de officiaes recém-promovidos, principalmente por merecimento, fóra das guarnições em que serviam por ocasião das promoções, bem como a da transferência de officiaes antigos em determinadas guarnições para outras da fronteira e de Estados afastados do centro e ainda a do rumo á tropa para os officiaes a longo tempo em comissões técnicas ou de ordem administrativa. Semelhantes medidas, cujas vantagens ninguém pôde negar, visavam directamente collocar á testa dos corpos officiaes novos, premiados por seu real valor e aos quaes é indispensavel a experiencia de commando; effectuar mudanças de commandos já antigos, enraizados na pratica de habitos e tradições muitas vezes prejudiciaes á marcha geral dos serviços; fazer variar as attribuições no desempenho dos deveres da profissão; e finalmente tornar accessiveis a todos os officiaes as agruras e confortos das boas localidades como das más. Póde ser que a deliberação do rodizio não tenha agradado a *tout le monde et son père* mas não resta duvida que ella attende a preocupação de bem servir a causa nacional.

Essa movimentação de officiaes teve a vantagem de dar vida a muitos corpos, vantagens reconhecidas publicamente pelo proprio sr. Ministro da Guerra, por occasião de sua viagem á 3ª Região Militar.

Nesta mesma ordem de idéas, a administração da Guerra se preocupou em collocar á testa de certos departamentos militares, taes como nas circumscripções de recrutamento e sorteio, officiaes da activa, de competencia e renome, naturalmente visando imprimir ao serviço cunho necessario de normalidade, severidade e, porque não dizer, de moralidade que faltava, tal a obliteração imposta por influencias extranhas e nocivas ao encaminhamento das cousas.

Entretanto, força é convir, as medidas por mais bem intencionadas e executadas que o tivessem sido, até agora não alcançaram satisfazer as necessidades geraes; e, ao contrario, aponta-se certo transtorno em diversos organismos pela ausencia de officiaes para o desempenho de funções inadiaveis.

Não nos é possível fazer um juizo perfeito das causas determinantes das falhas accusadas, certamente porque não conhecemos de modo completo a situação em que se engrena a multiplicidade de interesses em jogo nessa questão de movimento de officiaes. Seja-nos entretanto, permitido tecer algumas considerações a respeito.

Pelo que observamos e pelas noticias que nos chegam dos Estados, verificamos que, apesar da energia empregada na execução da medida, continúa a ser sentida a falta de officiaes, tanto nos corpos como, e principalmente, nos Estados Maiores.

Quando se tem noticia do despovoamento dos Estados Maiores póde-se querer concluir dahi que ha falta de officiaes habilitados para as funções especializadas destes organismos, mas a ligeira vista pelo Almanack nos mostra ser

já grande o numero de officiaes de todos os postos e armas que possuem o diploma do curso respectivo.

O que é patente é que a grande maioria, a quasi totalidade dos officiaes com o curso de Estado Maior se acha na tropa ou então desempenhando funções extranhas ao Exercito.

Dir-se-á que a permanencia dos officiaes com o curso de Estado Maior na tropa é uma situação necessaria a que ninguém se póde furtar. Concordamos perfeitamente com isso e temos repetidas vezes proclamado essa necessidade de passagem do official de Estado Maior pelos corpos de tropa não só para conhecer as necessidades dessa tropa a que terá de dar missões, como tambem para manter o treinamento indispensavel ao commando dessa mesma tropa quando a isso fôr chamado. Mas sempre falamos em *estagio* (tempo de aprendizagem) e não permanencia *ad eternum*, porque se não admittimos official combatente que não tenha tirocinio de tropa, tambem e, por maioria de razão, não podemos aceitar que officiaes declarados de Estado Maior não tenham tirocinio do serviço de Estado Maior. Ora, na situação actual a falta de tirocinio dos officiaes de Estado Maior é assustadora. Temos officiaes que de uma vez diplomados pela Escola de Estado Maior não tiveram nem um dia de pratica do respectivo serviço; outros ha que ha já varios annos se acham afastados do serviço, todos destreinados para a função para que foram preparados, quasi todos desconhecendo as modificações da doutrina e dos processos do serviço e alguns tendo esquecido o que aprenderam no curso respectivo. Se não mantivermos o treinamento do official de Estado Maior no seu serviço, não poderemos contar com ellas no momento decisivo; teremos desperdiçado tempo e dinheiro de sua formação. E não se pense que seja pequena a quantia dispendida pela Nação para formar um official de Estado Maior!

Pensamos que assim como se estabeleceu o rodizio para a tropa, se deve ter tambem o rodizio para o Estado Maior. Se este fór posto em execução teremos evitado o despovoamento dos Estados Maiores.

Certos officiaes de reconhecido pendor para a função e de qualidades excepcionaes no assumpto devem ser tratados pela administração da guerra com especial cuidado. É preciso pensar na formação dos officiaes de escol que um dia terão que arcar com as arduas funções de chefes de Estado Maior das Grandes Unidades. É preciso ter um bloco numeroso delles, preparado para a função e em condições intellectuaes e moraes de assumir-lhe as responsabilidades.

É preciso, de qualquer modo, evitar que esses officiaes fiquem estagnando na tropa e, ás vezes, em guarnições onde a deficiencia de recursos lhe annullam a capacidade de trabalho e o acerto das decisões.

Do mesmo modo, não deverá ser permitido o desvio de officiaes com o curso de Estado Maior em comissões fóra do Exercito, comissões que poderão ser exercidas por officiaes sem o curso.

A falta de officiaes nos corpos é uma situa-

NOSSAS RESERVAS

Pelo 1º Tenente A. CHAVES,
Membro do Grupo Mantenedor

Não temos a pretensão de provar aqui áquelles que nos dão a honra de sua attenção o quanto é necessario a construcção das reservas do Exercito, pois é evidente que a Guerra não pode ser feita com os reduzidos effectivos do tempo de paz.

Ninguém ignora tambem que essa reserva deva ser constituida em pessoal e material e que a organização da reserva de pessoal visamos a formação de soldados e officiaes.

Sobre a reserva de officiaes é que pretendemos dizer algo.

* * *

Até alguns annos atraz nada tínhamos com relação a essa parte importantissima da reserva de pessoal, pois, possuíamos apenas a Guarda Nacional de "gloriosa memoria"; felizmente para nós, esse importante problema da defesa nacional está sendo solucionado com a criação de varios Centros de Preparação de Officiaes de Reserva, cujo numero tende a augmentar e onde não só se prepara a élite da sociedade para o officinato, mas tambem, por meio dos cursos de aperfeiçoamento, são aproveitados os bons elementos antigos e mantidos o preparo dos novos.

Não tentamos, portanto, apresentar suggestões sobre a solução material do problema bem encaminhado por nossas autoridades e na qual temos a honra de modestamente cooperar, mas fazer uma pequena revista nos factores de ordem moral que concorrem para o descontentamento da maior parte dos officiaes de reserva.

* * *

1ª causa — bi-lateral)

a) — Má acceitação dos officiaes de reserva no meio militar.

b) — Supposição, por parte dos civis, de que os militares constituem uma classe a parte da Sociedade.

Origem dessa causa.

Nos tempos de antanho em que o Exercito se compartimentava nitidamente em parte intel-

lectual e parte "tarimbeira", como esta predominasse pelo numero, o Exercito se achava virtualmente aquém da sociedade civil.

Ora, é humano que cada individuo procure encontrar vantagens moraes de sua profissão sobre as demais e d'ahi a definida separação que havia entre militares e civis que, pejorativamente, eram cognominados de "paizanos".

Era common então, entre os que se dedicavam ao estudo, a preocupação de se formarem em engenharia militar e serem tratados de "Dr.", titulo de que faziam mais questão do que do relativo ao proprio posto.

Os demais, cortos de um modo geral, procuravam sobresahir dos "paizanos" pelo isolamento, pelo desprezo como que os tratavam e pelas attitudes energicas que quasi sempre tocavam ás raízas da violencia e da grosseria.

Consequencias.

Tudo evolue e, felizmente, hoje em dia o nivel intellectual do Exercito subiu sendo possivel a qualquer official, digno de possuir esse titulo a convivencia nos meios civis mais cultos.

Mas, apesar da evolução, ha certas cousas rotineiras que perduram, quer no meio civil quer no meio militar.

Assim, encontramos ainda militares, felizmente em numero reduzido, que sentem certo asco pelo facto de civis poderem usar uniformes de official do Exercito, sem terem passado pela Escola Militar e serem profissionaes, enquanto que bem grande é o numero de civis que ignora completamente o modo de formação de um official da activa e se admira, por vezes, que um official, tendo que fazer varios cursos no Exercito, abra mão do pomposo titulo de Engenheiro Militar.

Para estes o Exercito ainda se divide nas duas categorias que citámos, de sorte que, ao ouvirem referentes sobre um qualquer official querem, antes de mais nada, saber se elle é ou não engenheiro.

Varios seriam os factos que poderíamos citar como documentação á asserção que vimos

ção difficilmente explicada. Será que os quadros de officiaes são deficientes?

Será que a falta seja devido ao numero de officiaes que frequentam as differentes escolas? Será que tem havido má distribuição dos officiaes?

Não podemos atinar com a causa do mal, tanto mais quando a existencia de officiaes do corpo sem effectivo parece assegurar um numero de officiaes combatentes maior do que o necessario aos corpos effectivo.

Mas o que não resta duvida é que se torna indispensavel um reajustamento dos quadros ás necessidades reaes, de facto, dos differentes serviços do Exercito para que a machina possa func-

cionar sem tropeços. Para que possamos retirar do pequeno e deficiente Exercito que possuímos todos os resultados desejados, é urgente que elle de facto exista em todos os seus elementos e possa funcionar sem arremedos irrisorios.

Esse reajustamento parece ser mais necessario quanto ao Quadro Suplementar, de onde sahem os officiaes para os serviços e commissões varias e que as circumstancias indicam não mais corresponder ás exigencias da situação actual.

A leitura das idéas expendidas prova as difficuldades que ha na resolução do problema, felizmente resolvido em grande parte pela actual administração, que certamente e, graças á experiencia já adquirida, saberá dar uma solução completa ao caso.

de fazer, mas, como taes factos são communs, nos eximimos de o fazer para não prolongar muito essas ligeiras considerações sobre a reserva.

Assim pois, quando vemos que o official de reserva ainda não é tão bem acceto como deveria ser, o emquanto que nós em muitas cousas somos olhados de soslaio pelos civis, sentimos um prolongamento de idéas antigas e uma tradição que absolutamente não deve ser guardada.

Desde qde a Guerra deixou de ser feita pelas classes armadas para ser executada pela nação em armas, desapareceu a divisão citada que existia entre militares e "paizanos"; o patriotismo exige de todos igualmente, pois na hora da lucta, reduzidas as actividades civis ao minimo, todos se tornam militares e todos, homens e até mesmo mulheres, concorrem com seu esforço para a victoria que não mais pertence ao Exército mas sim á Nação vencedora.

Uma vez que todos nós conhecemos de sobra o que acabamos de affirmar, porque motivo havemos de permittir a existência das raízes de um passado perfeitamente razoavel na época, mas injustificavel nos dias de hoje?

Será instinto de conservação de classe?

Parece á primeira vista que, se um civil pode com estudos mais ou menos summarios e com alguma pratica, adquiridas ligeiramente em certos estagios, exercer as funções de official, desaparece a necessidade da manutenção de um Exército que no Brasil, como em qualquer outro paiz, muito pesa nos orçamentos.

Entretanto isto é pura apparencia, pois a guerra deve ser technicamente preparada e essa preparação só pode competir a profissionais; além disto o elemento civil deve ser instruido para tal fim e essa instrução bem como o treinamento respectivo também compete a profissionais; finalmente, entre as multiphas funções que competem aos officiaes, ha algumas que só devem ser exercidas por individuos possuidores de uma pratica só adquirida com o estudo, a reflexão e a execução de todos os dias, escapando portanto, taes funções, á competencia de officiaes de reserva.

Portanto, desde que é imprescindivel a existência da nossa classe como deveremos agir?

Segregando-nos do meio civil, apresentarmos-nos, quando muito, como um mal necessario.

Chamando o civil ao nosso convivio, faremos com que:

- a) — fique elle em condições de desempenhar uma função competivel com o seu preparo, em caso de guerra;
- b) — conheça, pela convivencia, o movel da nossa cultura;
- c) — conheça as necessidades da guerra e se convença de que os exercitos permanentes são insubstituiveis.

Conclusão.

Devemos nos esforçar para que desapareçam essas animosidades injustificaveis.

Por que motivo o aluno da Escola Militar ha de olhar com desdém o do C. P. O. R.?

Os alumnos do C. P. O. R. são academicos como o são os da E. M., têm cultivo equivalentes, apenas uns, os da E. M. são profissionais em embrião e outros, os do C. P. O. R., são estudantes que tiram de suas horas de folga, momentos bem preciosos, para dedicar a estudos militares.

Si os alumnos da E. M. não admittem a possibilidade de serem excluidos do convivio academico, pelo simples facto de serem militares, não têm o direito de pretender excluir do convivio militar, os candidatos a officiaes de reserva, por não serem profissionais.

Com relação aos officiaes, era myster que aproveitasse o estagio que fazem para identificar-se com o nosso meio, despertando-lhes o interesse pela caserna, de molde que mesmo depois do estagio elles procurem de quando em quando, o quartel, seja para assistir a um exercicio importante de que tenham tido noticias, seja para estreitar mais as amizades que tenham adquirido durante o estagio.

Existe um official de reserva cuja presença é infallivel no 1º R. C. D. sempre que ha secção de estudos de tactica geral.

Seria ideal que isto se desse com grande numero d'elles.

Para isto é preciso que o estagio seja encarado sob um aspecto justo.

Durante um estagio não se trata apenas de procurar ver o que sabe o aspirante ou official de reserva, mas de aperfeiçoar os conhecimentos que elle já tenha adquirido, ministrar-lhe novos conhecimentos e, finalmente, verificar o proveito obtido em tal estagio.

Fazer um estagiario assistir a exercicio de combate, cujo thema não conhece, nem lhe foi explicado e no fim pedir-lhe um relatório ou o resumo das ordens que daria caso fosse commandante de tal ou qual unidade, é roubar inutilmente o tempo de um civil que quer aprender e é prejudicar os cofres publicos que pagam a esse civil para tal fim.

Não temos a pretensão de procurar doutrinar, relatamos aqui nestas notas apenas o que temos, observado, desde que entrámos em contacto com a reserva.

Temos conhecido aspirantes que se queixam da improductividade de seu estagio, onde são simples espectadores de exercicios e conieccionadores de relatorios sobre factos que não tiveram occasião de apreciar devidamente e sobre os quaes não tiveram a minima explicação; por outro lado temos tido a satisfação de palestrar com outros que não se cansam de elogiar a dedicação dos seus chefes sempre solícitos e promptos a transmittir-lhes os seus conhecimentos, sendo que alguns têm tido a sorte de encontrar chefes que organizam programmas especiaes para instrução dos estagiarios de sua Cia.

A diversidade de resultados, consequente da falta de uniformidade de exigencias durante o estagio, nos leva a concluir que é myster unificar essas exigencias, tornando obrigatorio para todos os chefes aquillo que alguns, bem orientados, já praticam; isto é o estabelecimento de programmas em que se procure:

1º — Aperfeiçoar os conhecimentos dos estagiários;

2º — Ministralhes novos ensinamentos.

3º — Verificar o aproveitamento que haviam tirado, durante o estagio.

* * *

2ª causa.

Uniformes.

Origem dessa causa.

A vaidade, sentimento futil, mas muito humano, faz com os uniformes da reserva sirvam de espantelho aos candidatos que não são ainda muito consciões de suas obrigações moraes para com o paiz.

Attendendo a que a maior parte dos candidatos ao officialito da reserva é constituída por individuos moços, é bastante licito admittirmos o desejo da exhibição dos uniformes, como se acontecer com alumnos da Escola Militar, situação pela qual todos nós já passamos e cujas virtudes e defeitos muito bem comprehendemos.

Quem lida no seio da reserva bem conhece a repulsa que o alumno do C. P. O. R. tem pelo "bibico" e que o official sente pela fita vermelha.

Consequencias.

Si admittirmos que em 100 candidatos a official de reserva, 20 procurem essa situação pela consciencia que têm de ser forçados a dar ao Brasil, em caso de guerra, tudo que sua intelligencia lhes permitta, teremos que 80 procurarão, por achar bonito o fardamento, por julgar que é muito agradável responder a continencias e por outras futilidades mais.

E' bem verdade que em 100 candidatos nem todos serão aproveitaveis, mas entre os 80 % de vaidosos, mais da metade estará em condições intellectuaes e mesmo moraes de desempenhar as funções do posto que almeja.

Então, exploremos essa vaidade, colloquemol-os em situação de poderem commandar um pelotão ou secção, mas não nos esqueçamos de permittir-lhes o uso dos uniformes semelhantes aos nossos.

Porque não nos limitamos a uma pequena differença de distinctivo entre a activa e a reserva si collegiaes e até mesmo os chauffeurs

usam uniformes perfeitamente semelhantes aos nossos?

Temos a impressão que a vaidade tambem actua em certos elementos da activa que julga um esbulho aos seus direitos, o facto de "paizanos" poderem se fardar de officiaes.

Mas, façamos uma selecção perfeita entre os candidatos e permittamos o ingresso apenas aos elementos de escol, mantenhamos severa vigilancia sobre os elementos já admittidos, para promover a sua exclusão, caso se tornem menos dignos e assim não sentiremos o menor pejo em nos hobrearmos desde o tempo de paz com um civil que, num caso de guerra, virá participar das mesmas privações e sacrificios e concorrer, do mesmo modo que nós, para a Victoria do Brasil.

Conclusão.

Sacrifiquemos um pouco dessa vaidade natural em beneficio da efficiencia da reserva e adoptemos para elles uniformes em que se distingam as armas ou servicos a que pertençam e até mesmo os corpos para os quaes estejam designados.

Os nossos regulamentos, sabiamente, procuram estimular o espirito de arma e dentro destas o da unidade; porque matar entre os officiaes de reserva esse espirito confundindo-os todos sob uma fita vermelha e dentro de uma mesma arma sob estrada commum?

Não será melhor que os officiaes de reserva sintam orgulho em pertencer a essa ou aquella arma, tomando verdadeiro interesse por ella e que, convencidos de que são partes integrantes de taes ou taes unidades, procurem se interessar pela vida dos corpos a que pertençam conhecendo-lhes a tradição, acompanhando de perto a sua vida, assistindo espontaneamente os seus exercicios principaes e estreitando os laços de camaradagem com os seus chefes, companheiros e subordinados?

Parece-nos que maior gosto teriam os officiaes de reserva pelas cousas militares, se lhes fosse permittido usar unifores identicos aos nossos.

A differença entre a activa e reserva poderia estar num distinctivo especial que fosse introduzido ou na cor differente que se adoptasse para o numero a ser usado.

Rio Branco visto pelos Argentinos

"O Brasil perde um dos seus mais fieis servidores. Fazer sentir superioridade em lutas diplomaticas, sahindo victoriosos de todos os conflictos, é obra que na historia sul-americana só faz excepção em favor do cargo de Chanceller, que o Barão do Rio Branco deixou vazio e que não poderá ser preenchido por um só homem; talvez a collaboração de muitos apenas dissimulará a sua partida, menos agora, nas actuaes circumstancias, em que o Brasil soffre desregramentos interiores.

O Barão do Rio Branco preparou o povo para a guerra sem perturbar a paz, e cae no meio do seu trabalho. O seu enterro será o enterro dos triumphadores.

Quando amanhã, depois que o Brasil voltar á sua actividade e passem os annos e se escoem os seculos, sempre terá para o grande Chanceller uma recordação, como a que merecem aquelles que contribuem para edificar uma nacionalidade.

Foi na verdade um pae da Patria, elle que contribuiu para coroar a obra da independencia e cumpriu uma homérica tarefa de reorganização" (De La RAZON em 1912).

EXERCICIO DE COMBATE NAS PEQUENAS UNIDADES DE INFANTARIA (*)

Pelo Cap. T. A. ARARIPE

Membro do Grupo Mantenedor

criação de situações reais — Exercícios de aplicação

A instrução tática das pequenas unidades de infantaria decompõe-se, como recurso didáctico, em duas phases distintas: ver os meus "CONSELHOS SOBRE A INSTRUÇÃO DE COMBATE E SERVIÇO EM CAMPANHA", 3ª edição, pag. 126):

- a) o estudo do mecanismo;
- b) os exercícios de aplicação.

Na primeira phase os instrumentos são adestrados na pratica dos actos essenciaes, mecanicos e communs a cada genero de situação do combate, — "atos sempre os mesmos e que devem ser executados machinalmente afim de deixar ao espirito do executante a liberdade indispensavel para examinar a situação e escolher os meios mais proprios de resolver esta.

Na segunda phase — de applicação — tem-se em vista educar o espirito de decisão dos executantes em face de situações particulares imprevisitas e semelhantes ás de guerra.

Para que os objectivos da instrução sejam inteiramente atingidos é indispensavel que os exercicios de applicação se desenrolem em atmosphera tão approximada quanto possivel das da guerra.

Vae nisto toda a difficuldade da instrução de combate e ahí reside o grande motivo do pouco carinho com que esta instrução é tratada entre nós.

"Para dar uma instrução deste genero a difficuldade está em se tornar necessario ter percepção das exigencias da guerra moderna e noção de suas realidades; é o precisar saber, pouco ou muito, o que são as difficuldades inauditas do campo de batalha onde o vacuo ou o silencio são, muitas vezes, tão impressionantes quanto o é o diluvio de obuzes ou de balas em que os combatentes se podem encontrar". (Prefacio do cel. G. Barrand, no livro citado).

Os exercicios de applicação comprehendem: uma preparação; uma execução; e uma reunião (critica).

PREPARAÇÃO

Com sufficiente antecedencia o director de um exercicio deve preparal-o minuciosamente. Esta preparação consistirá em:

- A — a fixação dos ensinamentos que se quer pôr em evidencia;
- B — a escolha do terreno appropriado;
- C — a criação e estudo da situação da tropa a instruir;
- D — o estudo da situação e reacções do inimigo;
- E — a organização de instrucções para representar o inimigo e suas reacções, os effeitos da acção dos executantes sobre o inimigo e o pôr em evidencia;

A) Ensinamentos visados.

O instructor (director do exercicio) nunca deve perder de vista que estes exercicios têm por fim principalmente desenvolver o espirito de iniciativa e a cohesão dos combatentes.

Para cada um delles se estabelece um numero muito restricto, dois e no maximo tres, de ensinamentos a evidenciar. Um maior numero difficultará a organização do exercicio e a reunião (critica).

Para escolhê-los convem sempre reter o regulamento na parte a executar e manter-se em guarda contra as fantasias muito communs a todos.

B) Escolha do terreno appropriado.

A escolha do terreno é função dos ensinamentos a pôr em evidencia; mas muitas vezes, por carencia de terrenos variados é o terreno que impõe os ensinamentos a destacar.

O primeiro preceito tem sua applicação facilitada porque um mesmo terreno permite variar largamente os exercicios, desde que se attente não terem os recursos que apresenta (formas, cobertas, obstaculos, etc.) valor intrinseco proprio, e sim aquelle que resulta de uma situação e de uma missão de combate determinadas.

Outra regra inflexivel é a seguinte: "Deve ser prohibido formular hypotheses que modifiquem a configuração do terreno que se vae utilizar; em todos os casos deve-se tomar o tal qual é, sem sahir da realidade. Qualquer convenção estabelecida, sob o pretexto de ensinar um processo que não seja imposto pelo proprio terreno, só serve para falsear as idéas e transviar o espirito de relance". A unica convenção permitida é a relativa á figuracão das organizações inimigas ou amigas quando não se podem realizar effectivamente os respectivos trabalhos.

Se a pequena extensão do terreno não permite executar, sem inverosimilhança, uma acção completa, deve-se apresentar o thema em tantas phases quantas as necessarias.

C) Criação e estudo da situação da tropa a instruir.

Todo o thema deve apresentar uma situação inicial para o exercicio e uma serie de indicações que determinem e orientem a acção dos executantes (ordens, missão, etc.).

Elle se baseia em hypothese simples, em que

(*) Fontes de consulta:

Matérialisation des effets des feux — Arrière et instruction des petites unités — Lt Col P. A. COUR (Revue d'Infanterie 1925 — Avril).
Méthodes d'Instruction — Gen. NIESSEL.
L'enseignement du combat dans les petites unités d'Infanterie — Cel. LEMOINE.

— Este trabalho foi extrahido da III Parte (inédita) dos Conselhos sobre a Instrução de Combate e Serviço em Campanha (Escola do Poltão), de minha autoria.

a unidade em exercicio apparece sempre enquadra. "O caso de unidade não enquadra só se apresenta se a unidade vizinha se detém ou toma uma direcção divergente; entram, então, em acção os destacamentos de ligação previstos como remédio, ou os fogos de protecção da artilharia e das metralhadoras, desencadeados em proveito do flanco descoberto".

A situação inicial pôde ser estabelecida minuciosamente ou então é indicada ligeiramente, cabendo neste caso ao executante (commandante da unidade em exercicio) a tarefa de collocar no terreno os seus elementos de accordo com os dados fornecidos e as possibilidades dahi decorrentes.

Essa situação deve estar bem conhecida por todos os executantes no momento do inicio do exercicio. E' indispensavel que todos sintam o ambiente em que vai agir a unidade.

As indicações que determinam a execução têm em regra o caracter de ordem dada pelo escalão superior. Deve possuir os requisitos indispensaveis á toda a ordem e conter sómente as informações que os executantes na realidade conseguiriam pelos seus meios normaes.

Para poder prever e regular a reacção do inimigo é necessario que o director do exercicio estude as acções provaveis dos executantes e em função de cada uma dessas possibilidades organize um quadro daquellas reacções e das intervenções dos arbitros.

Entretanto é preciso que fique bem estabelecido não poder o director do exercicio impôr uma solução aos executantes, principalmente no caso especial destes exercicios de applicação. Sua intervenção neste sentido só será possivel por meio das reacções do inimigo ou da acção de outras unidades amigas.

E' vantajoso não accumular os incidentes porque de outro modo pôde haver confusão e perturbações a boa comprehensão das situações. Como consequencia disso cada exercicio deve ser organizado com o fim de estudar-se um unico episodio do combate e esse mesmo limitado em seu desenvolvimento. Em outro exercicio pôde-se continuar a acção partindo da situação a que se tinha chegado no exercicio anterior e já corrigida pelo director.

D) Estudo da situação do inimigo e de suas reacções.

O director do exercicio concebe a situação do inimigo de modo a poder resaltar os ensinamentos visados.

Em regra supõe o inimigo senhor de seus meios e os empregando "certadamente". Se o director do exercicio conhece os processos seguidos pelos adversarios mais provaveis, regula a acção do inimigo de accordo com estes; se isso não for possivel, supprá o inimigo adoptando os nossos proprios processos.

Algumas vezes será necessario admittir que o inimigo commette erros provaveis com o fim especial de accentuar determinado ensinamento.

As reacções do inimigo manifestam-se tanto pelo fogo como pelo movimento, e de accordo com o desenvolvimento da acção do executante.

Nos exercicios de offensiva (inimigo na defensiva) as reacções deste ultimo pelo fogo têm mais interesse do que as pelo movimento e dão

logar a criação de zonas onde a progressão é difficil e lenta ou onde ella é de todo impossivel. Neste caso as reacções pelo movimento (contra ataques) assumem o mesmo caracter das dos exercicios de defensiva (inimigo na offensiva) mas de difficil representação devido a se manifestarem em distancias muito curtas.

Nos exercicios de defensiva (inimigo na offensiva) as reacções deste ultimo pelo movimento vão indicar a maior ou menor efficacia das medidas adoptadas pelos executantes. A progressão mais ou menos lenta do inimigo é o melhor signal de que os fogos da defesa são empregados com efficacia ou não. O fogo inimigo serve neste caso para neutralizar ou destruir alguns meios dos executantes, que não puderam impedir a progressão e instalação dos meios adversos em posições de tiro convenientes.

Algumas vezes haverá interesse em dar tal intensidade á acção do inimigo que os executantes se vejam obrigados a evacuar as posições occupadas, sob pena de se deixarem aprisionar.

E) Representação do inimigo, de suas reacções, dos efeitos da acção dos executantes sobre o inimigo e de outros incidentes secundarios.

Em combate a tropa soffre a influencia material que resultar dos efeitos destruidores dos meios adversos; percebe o apoio que lhe advem do emprego do proprio fogo pela diminuição daquelles efeitos; e consequentemente tem o seu moral abatido ou elevado com o exito ou fracasso de seus esforços.

Um exercicio de applicação bem dirigido deve apresentar atmosphera que permita a lembrança dessas influencias.

E' bem certo que não se pôde representar tal qual é na realidade o efeito destruidor do fogo, nem reproduzir o estado nervoso em que, de facto, se encontrarão os combatentes. Por isso os meios empregados para tentar a reprodução realidade são paliativos e servem principalmente para despertar a imaginação dos executantes. Esta, sim, é o auxiliar mais poderoso na realização dos exercicios concretos.

Os executantes têm que fazer esforço de imaginação, ter noção segura do efeito do fogo inimigo e da acção do proprio fogo para poder concluir as suas possibilidades em cada momento.

Todos os meios a empregar pelo instructor-director do exercicio terão por objectivo capital despertar e orientar a imaginação dos instruidos de modo que este se lembre facilmente e se conforme com a provavel realidade do campo de batalha no caso particular em que se encontra no momento.

Principaes elementos do quadro a representar. Em todo exercicio é preciso representar:

- a) o efeito do fogo inimigo;
- b) o movimento do inimigo;
- c) o efeito do proprio fogo e das fracções vizinhas;
- d) os resultados obtidos com o proprio movimento e das fracções vizinhas;
- e) os incidentes secundarios da acção.

a) Efeitos do fogo inimigo.

No fogo inimigo ha a distinguir.

- 1) a sua natureza (artilharia, infantaria, aviação);

- 2) a zona em que se manifesta;
- 3) o ponto de partida do fogo;
- 4) intensidade de seu efeito;
- 5) o mecanismo do tiro (velocidade e sucção das rajadas);
- 6) as perdas causadas.

Vejamos como representar os fogos de Artilharia.

Fogos de Artilharia — Zona em que se manifestam (zona batida) — A indicação das zonas onde se faz sentir o efeito dos fogos da Artilharia inimiga é obtida facilmente por meio de bandeirolas. Com estas pôde-se representar os pontos de queda dos projectis isolados ou a zona em que cae grande numero de tiros. Quando a bandeirola representa os pontos de queda dos projectis isolados, é conveniente convencionar previamente a extensão da zona em que o efeito do projectil se faz sentir. Para representar a zona onde cae grande numero de projectis basta collocar uma bandeirola em cada vertice do quadrilátero que a limita e outra de cores diferentes nos pontos em que os tiros são mais tensos.

Para que os tiros da artilharia inimiga mantenham o caracter de surpresa, procede-se do seguinte modo:

Nas proximidades das zonas em que se vae manifestar a acção da artilharia inimiga collocam-se um ou mais soldados bem occultos, munidos de bandeirolas, sob a direcção de um graduado que recebe instrucções escriptas minuciosas regulando o modo de proceder. No momento opportuno, indicado por signal do director do exercicio, as bandeirolas serão erguidas de modo que fiquem bem visiveis. Se houver necessidade de deslocar os fogos de artilharia quer para enquadrar o objectivo (tiros de regulação e de efficacia, quer para modificar no momento a zona batida (necessidade de instrucção), quer ainda no caso da barragem rolante, essas bandeirolas serão deslocadas mediante uma simples ordem do director do exercicio ao graduado das bandeirolas, ou então farse-á surgir outras, previamente collocadas nos locais convenientes.

Com bandeirolas de cores diferentes podemos distinguir os tiros do 75, do 155 C., 120 L. e 155 L.

Ter sido aconselhado representar as zonas batidas pelos fogos de artilharia por meio de faixas de panno (processo do Gen. PASSAGA) entendidas no sólo e que indicam o inicio da zona batida, sua largura e intensidade. Mas tal processo parece-me oneroso e de pequena utilidade. Basta attentar que para indicarmos uma só zona batida por grupo precisamos no minimo de 300 ms. de panno. Além disso será difficil indicar por meio dellas o deslocamento dos tiros ou a variação de sua intensidade.

E' essencial que as bandeirolas e os homens que as manejam só sejam vistos pelos executantes no momento em que se faz sentir a acção do fogo.

Ponto de partida dos tiros — Para os exercicios de pequenas unidades não precisa o executante conhecer os pontos de partida dos tiros de artilharia. Quando muito elle deverá conhecer os observatorios provaveis que servem á artilharia inimiga, mas esses observatorios serão determinados pelo proprio executante graças a ligeiro

estudo do terreno, não havendo portanto necessidade de represental-os.

Nos exercicios especiaes de instrucção dos observadores especialistas para a busca de informações haverá conveniencia em representar, não os pontos de partida mas a direcção geral dos tiros de artilharia, o que será facil de fazer por meio de bandeirolas.

Intensidade do fogo — A intensidade do fogo será deduzida da maior ou menor cadencia do tiro, da extensão da zona batida e das perdas causadas. Não ha portanto vantagem em represental-a. Contudo, em muitos exercicios convém indicar aos executantes se o fogo que o bate permite ainda o movimento por lanços e em formação diluida ou se elle obriga a infantaria o collar-se ao sólo. Esta indicação pôde ser dada verbalmente pelos arbitros (observadores de conducta) que acompanham cada fracção ou então empregam-se bandeirolas de cores diferentes para distinguir as duas especies de fogo citadas.

Mecanismo do tiro — A successão das rajadas e cadencia do tiro podem ser figuradas por meio de signal acustico (corneta ou tambor). Se quizeremos accentuar essa representação podemos indicar o inicio da rajada com uma pequena bomba chilena.

Distinguem-se os tiros do 75 do 120 L. ou do 155 C. por meio de notas breve e longa da corneta ou do tambor.

Perdas causadas — Os arbitros que acompanham cada fracção indicam as perdas soffridas, fazendo parar os homens atingidos pelos projectis e dando-os como levemente feridos, gravemente feridos e mortos. O director deve dar a esses arbitros instrucções minuciosas que prescrevem o modo de intervenção do arbitro e de accordo com as diferentes hypotheses possiveis. Em linhas geraes as perdas devem corresponder ao efeito do fogo inimigo representado e á habilidade do commando da unidade e dos homens na execução dos diferentes movimentos.

FOGOS DE INFANTARIA

Zonas de fogos — Os fogos da Infantaria são reproduzidos por:

— armas automaticas (Mtrs.) e petrechos de acompanhamento que fazem o tiro directo ou indirecto ás grandes distancias (de 1.200 a 3."500 ms.).

— armas automaticas (Mtrs. e F. M.), fuzil ordinario e petrechos de acompanhamento que atiram nas médias e pequenas distancias até 1.200 ms.);

— armas portateis individuais (fuzil ordinario, masquetão, pistola, granadas) e armas automaticas atirando no combate aproximado (a menos de 200 ms.).

Armas automaticas e petrechos de acompanhamento atirando ás grandes distancias. Em regra esses tiros são feitos contra zonas importantes do terreno de maneira muito semelhante aos de artilharia. Por isso aconselhamos para a sua representação os processos indicados para esses fogos: limitação das zonas batidas por bandeirolas, simulação das rajadas com a corneta, tambor ou matraca, variação das cores das bandeirolas para indicar a intensidade dos fogos, arbitro para

indicar as perdas, etc. Devemos ainda representar por bandeirolas a direcção geral do fogo.

É útil recordar aqui que essa representação do fogo das metralhadoras é muito imperfeita e deve ser montada com habilidade de modo a atenuar a inverosimilhança.

Armas atirando nas médias e pequenas distancias. O problema de representação desses tiros é muito mais sério do que os casos anteriores, porque a acção do inimigo é muito activa e geral na zona do terreno limitada pelo alcance útil de tiro dessas armas.

Vejamos, em primeiro lugar, a representação das zonas de fogos das armas automaticas.

Em regra, é preciso admitir que cada arma automatica está disposta no terreno para bater qualquer objectivo que surja em um sector de tiro bem determinado. Dentro cada sector, ha, por sua vez, zonas onde os fogos tem grande efficacia, outras em que a efficacia é pequena, e, finalmente, outras onde a tropa estará abrigada contra os fogos em questão.

Trata-se, portanto, de semear no terreno sobre uma profundidade de 1.200 ms. e frente maior de 2.000 ms., uma serie de zonas onde o fogo das armas automaticas inimigas se manifesta com ou menor efficacia.

Mas deve-se attentar que neste caso a impressão tida pelo executante é differente daquelle relativo aos tiros de artilharia ou de armas automaticas atirando á grandes distancias. Em lugar de ver uma região do terreno onde caem os tiros de artilharia ou das armas automaticas, o executante sente que está em zona perigosa porque ouve o sibillar das balas e vê, algumas vezes, os vizinhos serem attingidos.

Por isso não é preciso limitar uma zona, como no caso anterior mas sómente indicar ao executante que no momento o trecho em que está soffre o effeito dos fogos inimigos. E como o executante pôde deslocar-se e com elle o fogo do inimigo, é necessario que o signal indicativo dessa acção de fogo tambem se mova.

O processo que aconselhamos é ainda o das bandeirolas (de formato differente das usadas na representação das zonas batidas pelos fogos de artilharia e de armas automaticas atirando á grande distancia).

Cada fracção do executante (em principio, o G. C.) é acompanhado por um graduado esperto e munido de algumas bandeirolas e de cores differentes, para distinguir fogo intenso que não permittie movimento ou fogo que permittie o movimento graças á formação e apoio dos elementos vizinhos. No momento opportuno o graduado porta bandeirolas apita e levanta a bandeirola correspondente á especie de fogo, o que indicará que todos os homens que se acham em um raio convenconado (50 a 100 ms.) estão sob a acção do fogo uma arma automatica.

Tal processo vae exigir dos porta bandeirolas um conhecimento seguro do modo de acção do inimigo mas facil será ao director do exercicio ministrar-lhes esse conhecimento por meio de exercicios, preparatorios sobre o caixão de acia e de instruções escriptas minuciosas que levará para o campo.

O processo das faixas já citado (do Gen. PASSAGA) (*) tem o inconveniente de exigir

grande quantidade de panno para representar todos os trechos batidos, de não ser movel como o é a acção do fogo e de serem as faixas visiveis ao longe com prejuizo da acção de surpresa.

A intensidade de fogo — A maior ou menor intensidade do fogo é representada por bandeirolas de cores differentes e pelos disparos das armas que figuram os órgãos de fogo inimigo. Estas bem abastecidas de cartuchos de festim agirão de modo tão approximado quanto possivel da situação real. Além disso os arbitros completarão essas indicações reproduzindo em voz alta a significação da bandeirola erguida.

Direcção do fogo — As metralhadoras com missão de fogo importante (flanqueamentos capitães, tiros de enfiada em corredor de passagem obrigatoria, etc.) devem ter a direcção de fogo principal traçada no terreno. Bastam para isso duas bandeirolas, collocadas uma ás proximidades da posição de tiro e outra a 100 ou 200 metros na frente, bandeirolas que só devem apparecer no momento opportuno, isto é, tempo sufficiente após os primeiros tiros, analogo ao que na realidade os executantes consumiram para perceber essa direcção de tiro.

Posição de tiro — Tanto quanto possivel, as metralhadoras inimigas devem ser representadas por metralhadoras bem collocadas e manejadas como o inimigo o faria na realidade. Os fuzis metralhadores pôdem ser figurados por fuzis ordinarios fazendo series de tres tiros para dar idéa das rajadas.

Perdas causadas — As perdas soffridas pelas unidades serão indicadas pelos arbitros (observadores de conducta) de accordo com as instruções recebidas e em funcção do modo de proceder do executante (aproveitamento do terreno, habilidade para occupar posição, medidas para dominar o fogo inimigo, etc.).

Fuzis e mosquetões atirando ás médias e pequenas distancias — A representação dos fogos destas armas pôde ser conseguida de modo semelhante ao usado para os F. M., considerando as zonas em que os atiradores de fuzil pôdem agir contra os executantes e a efficacia menor desses tiros. Não haverá necessidade de figurar todos os fuzis do inimigo; basta representar um para cada conjunto de fuzis que possam atirar contra uma dada zona.

Granadas de fuzil e petrechos de acompanhamento — As zonas batidas e o effeito dos agrupamentos de granadas de fuzil e dos morteiros são representados pelos processos aconselhados para a artilharia. Os fogos do canhão de acompanhamento (37) são representados de modo analogo aos das metralhadoras e F. M. atirando nas médias e pequenas distancias.

Combate aproximado — A confusão e a situação critica do combate aproximado (pharse propriamente do assalto) não permittem representação que se assemelhe á realidade. Contudo, nos exercicios de G. C. e Pel. será possivel reproduzir certos pormenores dessa luta. (Ver os Conselhos sobre a Instrução de Combate e Serviço em Campanha, II Parte, ns. 1.6 a 170).

Movimentos do inimigo — A representação dos movimentos do inimigo, tanto no ataque

(*) V. Gen. PASSAGA — Le Combat.

A questão fundamental - Lei de promoções

TENTATIVAS CONTRA O QUE JÁ SE CONSEGUIU

Transita pelo Senado um projecto que visa abolir, para determinados officiaes, as disposições da lei 5632 de Dezembro ultimo sobre a exigencia dos cursos novos para a promoção por merecimento.

Não constitue esse projecto a primeira reacção contra o artigo 6º da lei do ensino, em nome de pretensos *direitos offendidos*. Já em nosso editorial de Março registámos o phenomeno e mostrámos que "a defesa de semelhantes direitos, como cousa adquirida, resumbrava tanto de systematica incompreensão do problema militar maximo — a *formação dos quadros* — e de injustificavel sentimento piedoso ou caritativo, como de um *commodismo egoisticamente sobreposto ao interesse da collectividade*".

Porém até então essas manifestações tinham sido platonicas, circumscriptas ao campo das idéas pessoais e desprovidas de quaesquer effectos objectivos. Não nos amedrontavam porque sabíamos que os fructos colhidos na execução das exigencias combatidas seriam os seus melhores defensores e sustentáculos.

Agora, não. Os reaccionarios mostram-se mais ousados e querem destruir a aquisição que a maioria do Exército considera como uma das mais felizes destes ultimos tempos.

Custa-nos crer que, no momento actual, quando a maioria ou quasi totalidade dos quadros do Exército anseia por augmentar a bagagem de seus conhecimentos profissionais, quando ninguem quer ficar para traz na busca de novos ensinamentos e quando as escolas demonstram pela sua frequencia e pela somma de

esforços despendidos o applauso dos officiaes a semelhante exigencia, haja officiaes com coragem para pedir a sua revogação. E' bem de ver que não criticamos o digno Senador que patrocina o projecto. Certamente com os elementos que lhe forneceram os interessados no projecto, elle se capacitou da *offensa de direitos adquiridos* e julgou isto bastante para caracterizar a justiça da causa.

Mas "na realidade não existem *direitos offendidos*, nessa questão em face das necessidades imperativas do Exército e, portanto, da Nação". O que se quer e o que é imprescindível é um quadro de officiaes competentes no desempenho de sua missão; competencia realmente comprovada a accrescida de dia para dia a medida que se sobe na escala dos postos. E' o regimen do ensino *continuo, gradual e progressivo*, o unico compativel com a complexidade crescente das funções e com as constantes modificações impostas pelo progresso da technica.

Quem o procurar destruir estará pregando o *regimen da incompetencia*, porque não é admissivel que se assegure o accesso de officiaes que não estejam ao par das modificações surgidas com a adopção dos novos processos de combate e com os constantes progressos da technica, "modificações que por se repetirem com frequencia exigem do official refundição completa e ininterrupta de sua cultura profissional".

Os pleiteantes de semelhante medida não podem attrahir a sympathia para a sua causa da maioria dos officiaes que amam o Exército,

como na defesa, é obtida fazendo deslocar os órgãos de fogo aos quaes se juntarão bandeirolas que indiquem o effectivo da fracção em movimento.

Effeito do proprio fogo e das fracções vizinhas — O effeito do fogo dos executantes tem como consequencia uma diminuição ou cessação do fogo do adversario. Então, para indicar aos executantes que seu fogo ou o das fracções vizinhas é efficaz, basta pelos processos já indicados diminuir ou annular a intensidade do fogo inimigo.

Para isso os arbitros receberão ordens especiaes do director do exercicio.

Resultados obtidos com o movimento proprio e o das fracções vizinhas — De modo identico ao anterior se figurarão os resultados do movimento dos executantes. Assim, por exemplo, uma ameaça de desbordamento de um órgão de fogo inimigo pôde dar lugar a que elle cesse o fogo e se retire; um contra ataque dos nossos pôde dar lugar a uma retirada do inimigo ou a uma reacção mais forte de seu fogo, etc.

Incidentes secundarios da acção — Quando se tiver em vista praticar certos pormenores especiaes nas operações (remuniciamento, levantamento de feridos, protecção contra os gases, protecção contra os aviões, etc.), os incidentes serão communicados verbalmente aos executan-

tes pelo arbitros (observadores de conducta) junto á cada unidade.

Recommendação final — Do exposto conclue-se que para o exercicio ter execução satisfactoria é imprescindivel organizar previamente com todos os pormenores destinados a figurar a realidade do campo de batalha.

Tudo isso será escripto em uma série de pequenos documentos, dentre os quaes destacaremos:

Quadro de convenções para representar o inimigo;

Instruções para os homens que representam o inimigo (com um esboço);

Instruções para os arbitros e seus auxiliares (com esboço);

Quadro dos ensinamentos principaes a re-saltar; etc.

Os resultados do exercicio serão mais seguros se o director do exercicio preparar os arbitros e representantes da acção do inimigo por meio de exercicios sobre o caixão de arca, de modo que todos conheçam bem as suas funções. Além disso, durante a execução do exercicio, o director pôde dar novas ordens aos arbitros para o que manterá junto de si alguns mensageiros ou estafetas.

Alguns exemplos esclarecerão estes conselhos

o querem digno e forte e que sempre sacrificaram os interesses pessoais aos collectivos.

Além do aspecto pessoal de sua pretensão actual, ha este outro, de caracter muito mais grave, que é a confissão tacita de espirito comodista e de falta de amor proprio, quando fugindo aos cursos novos se sujeitarem a humilhantes situação de inferioridade em face da grande maioria que delles é senhora.

Esses nossos camaradas transviados não deconvir que o sacrificio que delles se exige não é tão grande assim que não compense as vantagens que lhe proporcionam o sentimento de valor profissional mais solido e o prestigio que dahi decorre para si. Além do que, semelhantes cursos constituiram mais uma oportunidade para confirmar a excelencia (que proclamam) de seus cursos anteriores, collocando-os em situação vantajosa em face daquelles que confessam a deficiência desses mesmos cursos para as necessidades do momento actual.

Felizmente os membros do Senado, já tiveram a palavra autorizada do Senador CARLOS CAVALCANTE, verdadeiro amigo das Classes Armadas em todos os tempos, pelo brilhante parecer que temos o prazer de transcrever e em que se observa a completa identidade de vistas entre as idéas que sempre advogamos e as defendidas pelo Ilustre parlamentar.

Fazemos votos para que o Senado acate em toda a linha a opinião justa, logica e coherente do velho amigo desta Revista e com elle coopere em todos os empreendimentos que vizem o engrandecimento das Classes Armadas e, principalmente, na organização de uma LEI DE PROMOÇÕES, apressando esse engrandecimento pela constituição de quadros, cada vez mais competentes e honestamente seleccionados.

Eis o parecer do Senador CARLOS CAVALCANTE:

"O meu voto sobre o projecto n. 29, da autoria do eminente senador Paulo de Frontin, derogando a lei n. 5.632, de 31 de dezembro do anno proximo passado, para suspender sua applicação aos officiaes nas condições que menciona, vae forçosamente divergir, como diverge, do brilhante parecer emitido, no caso, pelo seu danto relator.

"Prima facie", tenho para mim, antes de qualquer outra indagação, que parecer o projecto só existem, por virtude de um equivoco manifesto, na apreciação e alcance do decreto legislativo n. 13.451, de 29 de janeiro de 1918, instituindo os fundamentos ou bases, para a reorganização do ensino militar e dando ao mesmo tempo a chave logica das regras cuja annullação agora se intenta. Na realidade, a nova lei sobre tão relevante objecto, o que fez, uma decada depois de assentes aquellas bases, foi apenas approximar, com moderação e ponderadamente, o regimen actual do das referidas bases, possibilitando assim, o advento de Quadros Hierarchicos formados em correspondencia decisiva com as necessidades, por demais prementes e já agora inadiaveis, do Exercito nacional.

A proposito, convém recordar o que preceitua o art. 2º dessas bases: "Os cursos d'arma (infantaria, cavallaria, artilharia e engenha-

ria), são feitos na Escola Militar e destinados a preparar "officiaes subalternos de tropa" das diversas armas". Por consequencia, é força reconhecer que assim sendo, falta alguma cousa a esses officiaes, para que possam desempenhar suas funções todas, com a precisa idoneidade e effizaz segurança. Esta "alguma cousa" se vae encontrar, nitidamente expressa e regulada com sabedoria, no parag. 2º do art. 3º seguinte, concebido nestes termos: "a escola de aperfeiçoamento para officiaes, dispõe de tropas de infantaria, cavallaria, artilharia e engenharia, "pois ella é destinada a completar a instrução dos officiaes, aperfeiçoal-os como instructores e como commandantes" das pequenas unidades". De sorte que, rigorosamente, em face dos textos da lei vigente, ao tempo da promulgação dessa que estamos revendo, sob a suspeita de inconstitucionalidade, a instrução dos ditos officiaes, sómente se poderia considerar acabada e relativamente "completa", após haverem feito o aludido curso de aperfeiçoamento. E pois a elles, unicamente, deveria caber a promoção aos postos superiores, não por um, mas por ambos os principios que normalmente regulam o accesso, em tempo de paz. Ora, a lei do ensino actual, não exige tanto. Prescreve apenas que esse curso de aperfeiçoamento seja unicamente uma "condicional" na promoção pelo principio de merecimento, apesar de reconhecida sua preponderante importancia de "complemento indispensavel" ao valor technico do subalterno, visto que só por elle pôde obter o necessario e precipuo coefficiente de habilitação, para o exercicio do commando.

Quanto ao generalato, ainda as supramencionadas bases para a reorganização do ensino militar, das quaes nos estamos soccorrendo, estabeleceram categoricamente, no § 3º do art. 5º, que dez annos após sua publicação (1919), o certificado do curso de estado maior passaria a ser "requisito indispensavel" para a promoção ao posto de general de brigada. Revela notar que para facilitar o cumprimento de semelhante exigencia, a propria lei permitia a matricula aos officiaes superiores na escola de estado maior, ainda que sómente dentro daquelle prazo, fundando igualmente, annexo á mesma escola, o curso de revisão dos conhecimentos já adquiridos pelos officiaes em certas condições, para os que desejassem collocar-se na altura dos progressos feitos pela arte da guerra, na grande crise mundial.

Onde, pois, a offensa, a lesão, a direitos adquiridos quaesquer?

De resto, toda gente sabe que no regimen em vigor das leis de accesso, satisfeita a exigencia do intersticio, é soberana e incontrastavel a faculdade de escolha do executivo, dentro ou fóra da conhecida lista triplace, resultando insubsistente e nullo qualquer protesto ou reclamação contra a mesma escolha. Na jurisprudencia administrativa militar, este facto é incontroverso e pacifico.

Além disso, sob o ponto de vista moral devemos ponderar, que na complexa carreira das armas, hoje em dia, ninguem poderá considerar-se preparado, em absoluto, definitivamente, a desempenhar seus deveres, em todo

A Aviação em ligação com a Infantaria

TRADUZIDO DE "LA REVUE D'INFANTERIE" PELO CAP. A. J. BELLAGAMBA

(cont. do nº 189)

Tomada de contacto.

Approximando-se da linha de fogo, a infantaria deve redobrar de precauções para escapar ás investigações da aviação inimiga.

Em zona submettida a fogos violentos de toda a natureza, um objectivo referido e submettido a tiros controlados, corre grave risco: poderá receber fogos de infantaria, de artilharia e de aviação de combate cujas possibilidades já foram estudadas. Então a utilização do terreno e a dissimulação (camuflagem), constituindo os principais meios de defesa, devem ser familiares á infantaria.

E' inútil insistir sobre o aproveitamento do terreno que faz parte da instrução da infantaria no combate. Os grupos progredem de cobertura em cobertura sob a protecção do escalão fogo, esforçando-se, em tal progressão, por evitar as formações geométricas que facilitaríam a observação aérea, utilizando ao maximo os camuflamentos e cobertas e se dispersando extremamente nas zonas descobertas.

Além d'isso, o habito da camuflagem deve ser acto reflexo para a infantaria, mormente nesta phase de combate em que adquire particular importancia.

Assim, a começar pela cor dos uniformes dos soldados — a kaki é indiscutivelmente a preferível entre todas por melhor se confundir com a tonalidade geral dos campos — a camuflagem deve ser levada ao extremo e a habilidade da infantaria será applicada em occultar tudo que por ventura, possa despertar a sua presença. Os ardis dos indios e dos arabes disfarçando-se com galhos, não mais se nos afiguram pueris ou irrisorios, mas constituem ensinamento profundo que corresponde a uma necessidade

da guerra, applicada em todas as epochas: passar despercebido.

Na grande guerra, os allemães revelaram extraordinario cuidado em se disfarçar constantemente e de modo completo. Sua disciplina de marcha acarretou difficuldades reaes á observação franceza e, em 1918, prisioneiros allemães traziam o capacete coberto por rendilhado metallico, apresentando espigas de trigo.

Repete-se: o valor de taes ensinamentos se conserva perpetuamente. A infantaria se esforçará desde logo em evitar os brilhos das armas ou os objectos que a divulgam e os grupos que progredirem por terrenos descobertos, não hesitarão em se paramentar com galhos, palha, ou demais accessorios correspondentes á tonalidade da região a percorrer.

A infantaria reservará sua signalisação para responder ao pedido de balisamento do seu avião: empregará então, os painéis e quaesquer outros objectos visíveis de que disponha no momento: lenços, jornaes, etc.

2º — MEIOS ACTIVOS.

A infantaria, porém, não deverá se limitar a escapar ás investigações da aviação inimiga, escondendo-se. Dispõe de meios de fogos poderosos que utilisará desde que tenha diminuido sua vulnerabilidade por meio de abrigos.

Para isto, impõem-se duas condições:

1º — Libertar-se do effeito moral procurado pelos aviões que interveem á fraca altura sobre as tropas;

2º — conhecer a efficacia e o emprego dos meios de fogo de que se dispõe.

Durante a guerra, em ataques feitos ás tropas terrestres pelos aviões, obtiveram-se, ás

os escalões ascendentes da hierarchia. A grave e por vezes dolorosa lição da experiencia, é do que, cada official, esteja em que altura estiver dessa hierarchia, precisa manter em dia seus conhecimentos militares e refundil-os constantemente.

Está feita a prova do velho systema, conhecido nos meios militares pelo qualificativo ironico de "lei do tubo", em virtude do qual, uma vez transpostos os humbraes da Escola Militar, tudo estava terminado, bastando correr o tempo, para subir-se a escala inteira dos postos, até o pinaculo. Nada mais maravilhosamente commodo, sob o ponto de vista pessoal. Mas, confessemos; foi este systema que nos trouxe á deploravel inferioridade militar, no mundo e no continente, que está a provocar verdadeiro clamor na opinião publica e entre os technicos mais autorizados, no sentido de

obter-se a urgente e radical reforma de seus moldes e processos.

A lei n. 5.632, do ensino militar, foi uma etapa vencida, no rumo da patriotica e salutar reacção que ha de regenerar os nossos quadros. Quer, porém, o projecto a plena restauração dos decretos de promoção já condemnados pelo consenso geral. Será, então, preciso, ainda desta vez, fazer um grande alto, em nossa marcha para o futuro, immobilisarmos-nos, quando, mesmo entre os paizes mais novos da America do Sul, neste particular, tudo se agita pelo trabalho intensivo, afim de progredir e conquistar o melhor e o mais perfeito, num assumpto que tão visceralmente affecta, em ultima analyse, á propria Nação?

O plano de lei em causa, na minha desautorizada opinião é de facto essa immobildade, estagnante e atrophiciadora. Sou, portanto, e com a devida venia, contrario á sua acceitação pelo Senado, salvo melhor juizo".

...ados materiaes sobre os objectivos... sempre grande effeito moral. Com... e um avião "picando" a pleno mo... alcançando qualquer objectivo, produz... impressão desmoralisadora sobre as tro... terrestres. O barulho do motor, o silvo das... e a velocidade vertiginosa, esprestam ao... aspecto de bolido ameaçador.

Apontaram-se, durante a guerra, muitos in... veteranos, calmos e insensíveis aos perigos, troados em innumerables assaltos mas que não po... reagir contra tal impressão deprimente. ada homem se crê visado pessoalmente e não... de utilizar o proprio armamento. Na rea... porém, muito mais modesta é a efficacia... "holido".

Com effeito, o piloto é assaltado por uma... de preocupações: impedir o resfriam... do motor, pilotar, referir, visar, cuidar de... eventual, etc. Além d'isso, sua velocidade... que é enorme quando baixa, torna-se... para a precisão, de modo que o pi... não visa mais um ponto e sim uma zona, atendo a estrada, a orla do matto, a picada, trincheira, etc.

Ja se d'esse que sobre tropas reunidas em... a descoberta e sobre os comboios, o avião... efficacia certa e real; desde, porém, que a... se espalhe, se immobilise ou se abrigue, a vulnerabilidade se torna nula.

E nessas condições, deve o infante se con... pondo a questão nos justos termos, de... a luta entre o piloto que opera em pleno... em condições desvantajosas e o infante de... e decidido a utilizar-se de seu armamento... é desigual: o primeiro certamente a... erá."

Como deve o infante empregar suas metra...oras contra avião?

A solução depende de **organisação e de duração**.

Organisação — Já se tratou do papel dos... de sua repartição pelos differentes es... e de seus meios de signalisação para dar... deta.

Habituaados a identificar os aviões inimigos... a avaliar sua altura, taes vigias os assignalarão... sua unidade e provocarão assim a **intervenção**... sobre todos os aviões que **voarem baixo**. Em... principio, qualquer avião que voe abaixo de 1.000... metros constitue alvo proprio para a infantaria, porque em tal altura sua velocidade angular é... grande demais para a intervenção favoravel da... D. C. A. e a aviação de caça dispõe de campo... muito restricto para manobrar e realisar a sur... preta. Uma **secção por batalhão** constituiria boa... forçada de metralhadoras contra avião que... equipadas especialmente, poderão reforçar a... companhia de metralhadoras, eventualmente, so... os objectivos terrestres.

Educação — O tiro sobre o objectivo aereo... differe totalmente do tiro sobre objectivo ter... restre; a velocidade do avião exige uma **corre... ção-alvo**. As metralhadoras contra avião devem... ser equipadas especialmente, montadas em tripés... que permitam o maior campo de tiro possivel.

O **corrector Peyru** e a **estadia** permittem... avaliar grosseiramente mas em condições su... ficientes, a correção a fazer e o emprego de

balas traçantes dá indicação util, embora imper... feita, da trajectoria.

Taes accessorios são indispensaveis para... effectuar o tiro sobre objectivo aereo, mas ainda... não offerecem a solução absolutamente exacta.

Em suas grandes linhas, consiste o pro... blema do tiro anti-aereo, sendo dado um avião... que se desloca no espaço com certa velocidade, em:

1º — Determinar o plano do tiro em que... deverá ser a arma collocada na occasião de se... agir o gatilho, para attingir o alvo;

2º — Dar á arma no plano de tiro a incli... nação necessaria para attingir o alvo. Os ele... mentos do tiro que devem ser determinados ra... pidamente, são:

- a distancia do tiro;
- a velocidade do avião-alvo;
- a velocidade da bala;
- o sitio do objectivo;
- o valor e o sentido do vento.

A **apreciação** approximada e baseada sobre... hypotheses para certos destes elementos, im... pede que se obtenha uma solução mathematica... e rigorosa. Com effeito, a distancia do tiro va... ria rapidamente, dada a velocidade enorme do... avião. Para avaliar a depressa, não se pode em... pregar o telemetro por ter pequeno campo e... manuseio delicado. A estadia dá uma **distancia**... **approximada** em função da **grandeza apparente**... do avião cujo typo seja conhecido. Praticamen... te, os atiradores exercitados avaliam a distancia... segundo o grão de **visibilidades** de certas partes... do avião: distinctivos, mastros, estaes, ou pas... sageiros.

A **velocidade do avião-alvo** é apreciada se... gundo o typo do avião supposto voando em re... gimen medio e levando em conta ainda a sua... posição sobre a horizontal (voo normal, "ca... brado", ou "picado").

A **velocidade da bala** é tirada das tabellas, mas virá falseada pelo erro commettido na apre... ciação da **distancia do tiro**.

O **sito do objectivo** é dado pela alça vertical... do corrector **Peyru**. No tiro, admittir-se-á a re... gidez da trajectoria embora não seja exacto... para os angulos superiores a 10º.

Emfim, a **influencia do vento** modifica ain... da certos factores:

— faz-se sentir na **direcção de marcha do avião**, pois que com vento de lado, o avião des... lisa na direcção do vento e sua trajectoria não... corresponde á direcção da fuselagem;

— modifica a **velocidade relativa** em com... paração com o solo, diminuindo-a ou augmen... tando-a com seu valor;

— Influe sobre o projectil, modificando-lhe... a velocidade e a trajectoria, influencia esta que... na pratica se considera nulla.

Taes factores permittem calcular a **corre... ção-alvo**: atirando-se sobre um avião que se... desloca com velocidade VB, a **duração do tra... jecto da bala** será:

$$\frac{\text{Velocidade daa bala}}{\text{Distancia do tiro}} = t$$

Durante este tempo **t** o avião terá percor... rido o caminho VB.t que é a **correção alvo**.

O problema da organização da Infantaria.

Pelo Cel. BARRAND (Da M. M. F.)

Meus senhores.

Logo após esta minha conferencia, ser-vos-á distribuido o primeiro fasciculo do Curso de Infantaria por mim professado nesta Escola, em annos anteriores, no qual se encontram reunidas as cinco primeiras conferencias sobre os seguintes assumptos:

1.^a — Estado do homem como instrumento de guerra, e qualidades do chefe;

2.^a e 3.^a — Estudo do armamento da infantaria, sua evolução durante a Grande Guerra e consequentes modificações nos processos de combate e na organização da infantaria durante o mesmo periodo de tempo;

4.^a e 5.^a — Estudo tecnico dos efeitos do fogo da infantaria.

Conhecedores dos assumptos tratados nestas primeiras conferencias, os senhores terão uma documentação perfeita para acompanhar os trabalhos que vamos iniciar neste anno lec-

Vê-se, de modo rapido mas claro, que a probabilidade de attingir um avião diminue rapidamente com o **aumento da distancia**. A infantaria, porém, obterá resultados importantes se applicar as regras seguintes:

1.^a — Adestrar as guarnições na pratica do tiro anti-aereo com corrector;

2.^a — Concentrar sobre o avião o maximo de fogos, com rajadas curtas e frequentes;

3.^a — Adoptar como limite maximo para atirar sobre os aviões, a **distancia de 1.200 metros**.

A experiencia da guerra 1914-1918 e as operações mais recentes sobre outros theatros, mostraram os resultados importantes que podem ser obtidos pela infantaria sobre os aviões que voem baixo. Sempre que a infantaria franceza empregou correctores, obteve resultados apreciaveis e os allemães realisaram neste particular grandes progressos; todos os aviões de infantaria, sem excepção, eram attingidos por metralhadoras, de terra.

Sem manifestação alguma exterior, o avião pode ser attingido gravemente em orgãos vitaes: motor, ou membro de equipagem. Obrigado, porém, a interromper sua missão será constrangido a descer para evitar a perda total.

Taes resultados importantes impõem a necessidade da intervenção da infantaria contra os aviões que voarem baixo. A instrução dos especialistas deverá ser cuidada com esmero em escolas especiaes por exemplo, para o caso da França, na sua escola de tiro e bombardeio de Casaux, desde que para isso fosse convenientemente preparada. E então — opinião pessoal do Cmt. Escudier — é possível que as missões de acompanhamento taes como foram expostas, se tornem de execução problematica.

tivo e, particularmente, para meditar sobre o assumpto que hoje nos prende: o problema da organização da infantaria.

Meus senhores.

Não se pôde pensar em modificação do armamento da infantaria sem pensar tambem nas reacções que tal modificação irá produzir, tanto nos processos de combate da arma como na sua propria organização.

1.^a — Reações nos processos de combate, quer dizer — variações na tactica da arma, isto é, procura, pela manobra, do rendimento maximo da potencia dos fogos; procura dos melhores processos de manobrar para escapar aos fogos do inimigo.

2.^a — Reações na organização da arma, importando em novas accommodações do effectivos, para assegurar o melhor serviço a um armamento mais complicado, technicamente mais perfeito, por isso mesmo mais delicado no maneo, mais potente, mais precioso e cada vez maior consumidor de munições.

Ora, quanto mais delicado ou complicado

Os aviões, certamente, continuarão suas missões, mas deverão procurar sua segurança desenvolvendo maior velocidade, apresentar maior manevrabilidade nas evoluções e o rendimento da missão soffrerá consequentemente.

CONCLUSAO

A decisão dos combates será sempre obtida em terra, mas, o ar se tornou campo fechado, onde se empenharão novas forças, que disputarão a **supremacia aerea** e a nação que obtiver tal **superioridade** poderá ter a certeza de vencer, pois que manobrará informada contra inimigo cego.

A infantaria, arma principal, em cujo proveito trabalham as demais, deve ter attitude definida em relação ás aviações em presença.

1.^a — **Todo avião inimigo constitue perigo latente e immediato**. A infantaria escapará ás investigações da **aviação inimiga** pela disciplina de marcha e pelo disfarce. E intervirá contra ella com toda a potencia efficaz de seus fogos.

2.^a — **A aviação amiga em serviço da infantaria tem possibilidades enormes cujas consequencias podem ser decisivas**. A aviação é um esclarecedor, o avião um agente de ligação, mas que só poderão obter pleno rendimento quando dispuzerem do concurso decidido da infantaria.

As presentes directivas, baseadas em claro raciocínio, seriam superfluas si não existisse uma cooperação estreita para o fim de instrução, entre a infantaria e a aviação. E a colaboração das duas armas, que não poderá ser improvisada, deverá existir desde o tempo de paz. Somente a fé reciproca baseada n'os conhecimentos, conduzirá a resultados fecundos.

o armamento, quanto maior seu aperfeiçoamento tecnico, tanto maiores serão as exigencias do ponto de vista das qualidades do pessoal que deverá servir-o: homens mais inteligentes, mais bem instruidos, mais adestrados; e isto requer a especialização de muitos soldados.

Por outro lado, quanto mais preciso fôr o armamento tanto mais necessario se tornará o pessoal em condições optimas; cada vez mais será preciso apurar a procura dos objectivos, a bater no sentido de tornal-a tão exacta quanto possível. Do mesmo modo a designação dos objectivos deverá ser absolutamente perfeita para que elles possam ser batidos com efficacia e com economia de munições. Será indispensavel, portanto, organizar, com material adequado, armas e pessoas muito adestrados na procura e na designação dos objectivos do campo de batalha.

Dahi resulta a criação de um serviço novo — o de observação — provido de meios proprios e indispensaveis de transmissão.

Quanto maior fôr o rendimento do armamento tanto maior tambem será o consumo de munições. E veremos, assim, o problema do rearmamento, já por si tão importante, aggravar-se principalmente quando se tratar de países com extenso e provido de deficientes meios de comunicações.

Mas, deixando de lado os recursos em meios de comunicações, nas zonas de retaguarda e ficando apenas no terreno do campo de batalha, vê-se que o problema conserva toda sua delikada, porque urge levar até a frente de combate até mesmo a linha de fogo, um pessoal, mais reduzido, que não pôde atirar, mas que pôde ser atingido pelo inimigo.

Surge aqui a organização das unidades de rearmamento providas, se possível, de um material de tracção mechanica para o transporte rápido de cargas pesadas, em qualquer terreno, mesmo revolvido pelas granadas.

Orá, quando, com um armamento dessa natureza, se tiver adestrado um pessoal especializado de primeira ordem, quando se tiver organizado a mais perfeita procura de informações, levada á precisão maxima, quando se chegar a realizar um rearmamento certo e abundante, como poderá o Commando explorar estes elementos de acção e de successo? Como armar partido desses elementos se os objectivos do campo de batalha, geralmente tão fugazes, são, por isso mesmo, difficeis de descobrir, referir e observar?

Se dispondo de uma organização, muito perfeita, dos meios de transmissão — transmissão de informações e ordens — meios seguros e rápidos que o inimigo não possa aproveitar e que permitam exploração prompta das informações e execução immediata das ordens.

Deante desta rapida exposição, comprehendendo-se como são complexas as questões de organização da infantaria.

Já vai longe o tempo em que bastava apenas dar um chefe, tenente ou capitão, a uns 50, 100 200 homens armados de fuzil commum, para constituir um pelotão ou uma companhia; reunir tres ou quatro destas unidades, assim tão simplesmente constituidas, para formar um

batalhão... unidades essas em que toda a instrução dos recrutas se resumia em fazer, de cada soldado, um bom atirador de fuzil, bem treinado na marcha e no aproveitamento do terreno.

Hoje, cada soldado precisa ser especializado em função differente, na fileira. A fileira mesmo desaparece para ser substituida pelos grupos e, apesar de cada soldado ser um especialista, é necessario que todos saibam manejar o fuzil-metralhador e as metralhadoras leves e pesadas, lançar ou atirar granadas, prestar serviços no manejo dos petrechos, ser agentes de ligação, observadores, sapadores, etc.

* *

Com tal complexidade de instrução, com tantos papeis differentes a desempenhar no campo de batalha, papeis em que, na maioria das vezes, os executantes, não poderão ser improvisados, como deverá ser organizada a infantaria?

* *

Os senhores já estão ao par dos principios basicos da organização das grandes unidades. Os principios fundamentaes da organização das pequenas unidades, na essencia, são os mesmos.

Trata-se de organizar unidades cujo commando seja facilitado ao extremo, perfeitamente aptas para manobrar, providas de armamento capaz de fornecer o rendimento maximo de modo a permittir-lhes realizar, no combate, a maxima potencia de fogos. Além disso ellas devem sempre poder escapar, em optimas condições, ao fogo adverso para levar aos logares fixados pelo commando ou pela idéa de manobra, a maior potencia de fogos que lhes seja possível fornecer.

Os senhores verificam facilmente que, tanto na instrução como no campo de batalha, torna-se necessario preparar e collocar junto a cada chefe um pessoal adestrado nos papeis especiaes que lhe devem ser attribuidos para facilitar, com segurança e rapidez, o exercicio do commando.

Este pessoal constitue as secções e pelotões de commando, junto aos capitães e maiores, e um verdadeiro Estado Maior junto aos coronéis.

Opportunamente veremos de que consta cada um destes elementos de commando.

Desde já, porém, pôde-se notar que, com a organização destes meios praticos de commando, tambem surgiram as possibilidades de reduzir ao minimo os effectivos destas unidades.

Dahi resulta que o commando se torna mais facil e as unidades, com pequenos effectivos, mais aptas para manobrar e em optimas condições para escapar, no campo de batalha, á potencia do fogo adverso.

Ha ainda uma questão a resolver: é preciso assegurar sempre o bom rendimento das armas, fornecendo-lhes as munições necessarias para conseguir a potencia maxima dos fogos.

Aliás, todo progresso no armamento, caracterizado pela maior potencia do material, o au-

tomatismo, e o maior consumo de munições, tem como consequência uma diminuição dos effectivos.

Lembro a previsão do General BUAT: "Podemos imaginar, para os tempos que hão de vir (salvo se chegarmos algum dia á paz perpetua), uma infantaria composta de homens agrupados por dois apenas e metidos numa especie de casco de tartaruga, atirando, lá de dentro, com metralhadores ou canhões..."

Mas, na situação actual, qual será a melhor accommodação dos effectivos para dar ao material á nossa disposição o rendimento maximo, isto é, para permittir á infantaria de hoje, com o armamento de que dispõe, a possibilidade de realizar a potencia maxima de fogos no combate?

A infantaria brasileira já dispõe de um armamento excellent e que deve ser aproveitado. Este armamento comprehende:

Fuzil-metralhador HOTCHKISS.

Metralhadora Leve HOTCHKISS.

Metralhadora Pesada HOTCHKISS.

1—O F. M. é a arma do grupo de combate.

2—A metralhadora leve, com precisão um pouco inferior á da metralhadora pesada, mas que poderá ser augmentada adaptando-se-lhe um reparo, e de alcance util tambem um pouco reduzido (1200 a 1800 metros em vez de 2500 a 3000 com o peso de 12 a 13 kilos em lugar de 23 ou 24 (até mesmo 26, como a metralhadora alemã), o que muito facilita seu transporte permittindo deslocamentos rapidos, tanto de uma base de fogos para outra, como para acompanhar os primeiros escalões de combate, tornando particularmente movel a infantaria que della se utiliza.

3—Finalmente a metralhadora pesada, a verdadeira arma sem nervos, de precisão perfeita e alcance vae até 3000 metros, mas, como sua propria classificação indica, *pesada*, e só podendo deslocar-se, no campo de batalha, com uma certa lentidão.

A rapidez de tiro da metralhadora pesada, como da leve, é de 350 a 400 disparos por minuto. Ambas são grandes consumidoras de munição e, por isso, exigem que se organize junto a ellas, e para cada peça, um primeiro escalão de remuniamento além das munições conduzidas nos T. C. das respectivas unidades.

Para os F. M. que só atiram com a velocidade pratica de 150 a 200 tiros por minuto, não temos semelhante escalão e as munições de necessidade immediata, para um dia de combate, são transportadas pelos homens do grupo de combate.

Vejamos pois, como é possível, com tal material, organizar uma infantaria perfeitamente manobreira e, ao mesmo tempo, capaz de tirar o rendimento maximo deste armamento.

* *

ORGANIZAÇÃO DO GRUPO DE COMBATE

Uma verificação da guerra mundial, o primeiro ensinamento della tirado, é que — o com-

bate se conduz por grupos; pelega-se por grupos, como diz o R. E. C. I., no relatório ao Ministro. A idéa básica da organização deve ser, portanto, a constituição do grupo de combate, evidentemente cellula da organização da infantaria moderna.

Dar-lhe o armamento de que precisa, isto é, uma arma automatica de grande potencia de fogo, de facil manejo, bastante rustica, resistente á acção da agua e da poeira, de peso minimo (7 a 8 kilos) para não tornar pouco manejavel o grupo, e dotada com as munições necessarias para um dia de combate, (admittendo-se o remuniamento normal á noite), será o essencial.

Ora, a experiencia da guerra mostrou que, no decorrer de um dia de combate, o F. M. tem de enfrentar apenas um numero reduzido de incidentes criticos (3 a 4), durante os quaes, quando ha disciplina de fogo, elle atira pouco tempo (alguns minutos, ás vezes alguns segundos). Por consequencia, 1500 a 1800 cartuchos chegam para o consumo immediato e diario.

Dahi resulta que um soldado conduzindo a arma e 4 ou 5 trazendo 300 ou 400 cartuchos, cada um, (9 a 10 kilos de carga, tem-se a possibilidade de formar um pequeno grupo que, cuidando apenas do F. M., poderá dar a este o rendimento maximo e, á infantaria, o primeiro elemento de potencia de fogo.

Não devemos esquecer que quanto mais reduzido fôr o effectivo do grupo, tanto mais facilmente elle escapará ao fogo adverso e mais alliviadas ficarão as companhias, os batalhões e os regimentos.

Mas, o pessoal que acabamos de ver é occupado exclusivamente no serviço da arma; serve para transportar a e municipal-a. Além disto, torna-se ainda necessario protegê-la contra os perigos de um inimigo audacioso que tente atacá-la de perto, pelos flancos, enquanto todos aquelles homens têm suas attensões attrahidas para a frente. A necessidade de um elemento de protecção para a arma automatica é a razão de ser da organização de um pequeno nucleo de volteadores, que, reunidos aos serventes do F. M., vão constituir o Grupo de Combate.

Na organização actual temos 12 homens no Grupo mas parece que 10 lhe são mais que sufficientes, como o temos na França.

Para se fazer uma idéa da repercussão que daria lugar a redução do Grupo de Combate de 12 para 10 homens, um simples calculo indica que isso teria como consequencia uma economia de 72 homens no batalhão (a 3 companhias), 216 homens no regimento e 648 na Divisão de Infantaria.

Sendo o F. M. uma arma de trajectoria tensa torna-se necessario prever, para o combate approximado e para attingir o inimigo abrigado no terreno, a existencia de especialistas no lançamento de granadas de mão e de V. B., pertencentes ao proprio Grupo. Estes, incluídos entre os volteadores do Grupo, são o granadeiro lançador e o granadeiro atirador.

Desse modo, com um chefe (sargento), 2 cabos e 10 ou 12 homens, temos o Grupo organizado. O pessoal destinado ao serviço da arma constituirá a esquadra de fusileiros, o resto, a esquadra de volteadores.

Entre os volteadores um será ad-

apel de agente de transmissão, outro no de observação. Entre os municionadores, dois são indicados para fazer parte da esquadra de remuniciamento do pelotão quando esta tiver de ser empregada.

O PELOTÃO

Comprende-se que uma unidade tal como o grupo de Combate representa apenas uma célula da organização; isto quer dizer que elle é um órgão capaz de atirar unicamente para a frente, afim de alcançar um objectivo determinado ou de responder, pelo fogo, ao que é dirigido contra elle; não é, e não pode ser, um elemento de manobra capaz de combinar o fogo do seu M. com o movimento dos seus volteadores.

Assim sendo, desde que se trata de manobra, de executar mesmo a mais elementar manobra de fogo, preciso admittir-se a existência de dois grupos pelo menos, reunidos pela mesma mão ou dirigidos por um mesmo chefe. Deesse modo será possível um grupo atirar enquanto outro marcha e assim se terá alcançado um primeiro principio a respeito do fogo — o principio da permanência ou da continuidade do fogo.

Então, com dois grupos obedecendo ao mesmo chefe para o cumprimento de determinado plano, podemos ter uma unidade elementar de manobra — o pelotão — que será commandado por um official.

Mas, com dois grupos sómente, ha pouca facilidade de manobrar principalmente se se leva em conta que, no campo de batalha só se podem fazer movimentos para a frente e que são impossíveis os deslocamentos lateraes.

Assim sendo, para permittir uma manobra flexivel, é conveniente que o pelotão tenha minimo tres grupos ou 4.

Com tres grupos tem-se a possibilidade de guardar mão do movimento pela direita ou pela esquerda da resistencia a manobrar, conservando ainda um grupo prompto a agir.

a potencia do F. M. moderno, o pelotão de 3 ou 4 G. C. já é uma unidade de manobra bem importante, que pôde lançar sobre o inimigo quasi mil projectis em um minuto, o que representa muito mais do que o pelotão antigo de 50 homens com seus 50 fuzis communs.

Não é de admirar que, desde já, vejamos apparecer no pelotão o pessoal de que falamos na exposição dos principios de organização — pessoal de substituição (primeiro elemento de reserva do commando) o sargento cerra-fila, substituto do chefe; pessoal de observação e de transmissão tirado dos Grupos. (logicamente do grupo base) attendendo á economia e a que o terreno em que age o pelotão é pouco extenso; pessoal de remuniciamento constituido por dois municionadores auxiliares de cada grupo. O que não se deve esquecer é que este pessoal tem de ser previamente instruido e especializado e, se não se faz questão de economisar dois homens por pelotão, torna-se necessario designar e instruir fóra dos grupos de combate mais um observador e um agente de transmissão.

Não obstante serem todos os cabos capazes, impõe-se a especialização de um para dirigir os V. B. quando fôr preciso reuni-los todos.

Finalmente é indispensavel a designação de um cabo para commandar a esquadra de remuniciamento.

COMPANHIA

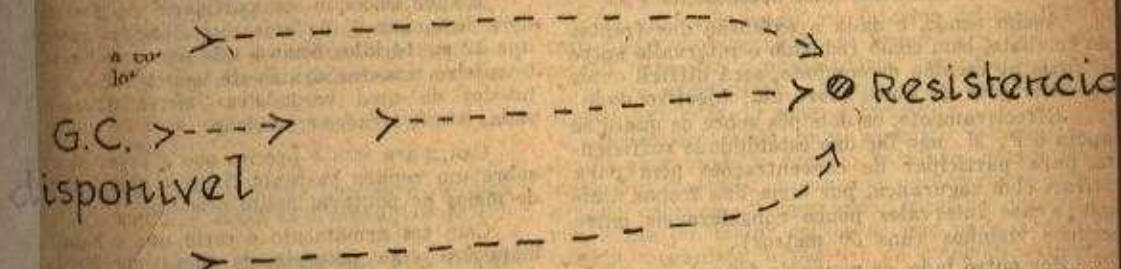
Assim organizado o pelotão com 4 grupos de combate, parece que bastaria apenas reunir tres pelitões para constituir a companhia.

Esta solução respeitaria plenamente as velhas tradições do Exército brasileiro que tinha quatro esquadras no antigo pelotão e tres pelotões na companhia. Ao mesmo tempo a companhia poderia contar com o total de 12 grupos de combate (o mesmo do Exército francez com 4 pelotões de 3 G. C.).



Com 4 grupos, porém, a manobra torna-se ainda mais facil: pôde ser feita simultaneamente pelos dois flancos da resistencia, com a possibilidade de guardar-se um grupo disponível.

De resto, a partir dahi, entraríamos em cheio na ordem ternaria: companhia de tres pelotões, batalhão de tres companhias, regimento de tres batalhões.



Na organização franceza o pelotão tem 3 G. C. a brasileira tem 4. De qualquer modo, dada

Demoremos um pouco no estudo da companhia.

Temos então 12 grupos de combate reunidos em 3 pelotões e um capitão para o commando do conjunto.

Esta é a verdadeira unidade moral da infantaria, com vida própria, material e moral.

Nada pareceria mais natural que conservar-a tal como está. Sua potencia de fogos é considerável, seu effectivo também (12 G. C. a 13 ou 15 homens dão um total de 156 ou 180).

O terreno em que ella vai combater, entretanto, é já bastante extenso, umas centenas de metros (cerca de 400) tanto no sentido da frente como da profundidade.

Por isso vamos ver a companhia moderna apparecer completa, dispondo de todos os accessórios de commando:

- para assegurar as melhores possibilidades do combate;
- para assegurar a vida material da companhia.

Desse modo, veremos perto do capitão os órgãos de commando seguintes:

- 1°. — um grupo para a transmissão de ordens e partes;
- 2°. — um grupo para a observação, isto é, para a procura e exploração das informações, parte trabalhando em proveito do batalhão;
- 3°. — um grupo de sapadores;
- 4°. — um grupo de estafetas.

e mais o pessoal indispensavel para assegurar a vida material da companhia, o qual constitue o grupo do T. C.

O conjunto destes órgãos fica sob as ordens do sargento ajudante da companhia e constitue a *Secção de commando*.

O BATALHÃO

O batalhão comprehende tres companhias e mais algumas unidades especiaes que fornecem fogos differentes dos que já vimos.

Com effecto, toda a potencia de fogos da companhia reside na potencia de fogos dos seus 12 F. M., fogo muito possante por que é produzido por uma arma automatica que pôde dar 150 a 200 tiros por minuto, mas de precisão relativa em comparação com a metralhadora pesada (1/5), e que faz do F. M. a arma das pequenas e medias distancias (até 600-800 ms.)

Assim sendo, e dada a extensão das frentes do combate, bem como reduzido o intervalo entre si fuzis no escalão de combate, será diffieil obter concentrações de fogos sobre um objectivo dado.

Effectivamente, os dois pés sobre os quaes se apoia o F. M. não lhe dão estabilidade sufficiente para participar de concentrações nem para atirar, com segurança, por cima das tropas amigas e nos intervallos pouco consideraveis entre grupos visinhos (uns 50 metros).

Por outro lado, os meios de fogo de que pôde dispor o inimigo (metralhadoras, petrechos, etc.), impossibilitam o F. M. de lutar contra el-

les, porque o inimigo poderá atirar com precisão, de distancias maiores que 600 - 800 metros com as metralhadoras e petrechos.

Dahi resulta a necessidade de dispor de meios de fogos para permittir que uma companhia detida pelo inimigo possa readquirir a superioridade de fogo, isto é, meios que possam contra-bater, neutralizar e aniquilar, se possivel, os meios de fogo adversos que se achem fóra do alcance dos F. M. ou sobre os quaes estes não possam executar concentrações sufficientes.

Este papel é destinado ás metralhadoras e aos petrechos do batalhão.

Passemos um golpe de vista sobre as qualidades balisticas destas armas.

1 — METRALHADORAS.

a) — Maxima potencia, 400 a 500 tiros por minuto, e que poderia ir além se o consumo de munições não fosse limitado pelas possibilidades de remunição e de resistencia material.

b) — Grande alcance e precisão. Grande alcance para bater objectivos fóra do alcance dos F. M., ficando tanto quanto possivel á retaguarda dos escalões mais avançados; grande precisão para poder atirar por cima das tropas amigas e nos intervallos muito reduzidos.

Ahi, está portanto, definido o papel das metralhadoras.

Qualquer metralhadora, leve ou pesada, com a rapidez de tiro classica (400 tiros por minuto), alcance util de 1.200 a 2.000 metros e uma precisão que possa permittir o tiro por cima das tropas ou nos intervallos, mesmo reduzidos, como acontece á metralhadora pesada HOTCHKISS, preenche satisfactoriamente o papel indicado acima. Mas para mim que, faz pouco tempo, tive ensejo de dirigir manobras de batalhão com metralhadoras pesadas, a menos pesada, isto é, a metralhadora leve é a mais conveniente. Com effecto, com a metralhadora pesada, o deslocamento da base de fogos de uma posição para outra é muito moroso, penoso mesmo e exige muito tempo. Enquanto isso, o combate, por parte dos escalões de fogo, é, forçado a uma parada mais ou menos demorada. Bem sei que a característica do combate moderno é justamente a de apresentar tempos mortos, isto é, deslocar-se por movimentos bruscos e irregulares, por lances no tempo; mas o adversario que fór o primeiro a ficar *prompto para* lançar mão de novos argumentos de fogo terá grande vantagem sobre o outro.

E' por isso que sou partidario da metralhadora leve, isto é, de uma metralhadora pesando uns 12 ou 14 kilos como a que poss. Exército brasileiro, mas naturalmente, que tenha as qualidades de uma verdadeira metralhadora pesada, isto é, alcance e precisão.

Ora, para isso é preciso que a arma assente sobre um reparo bastante firme e que disponha de meios de pontaria muito precisos.

Com tal armamento é certo que o batalhão adquirirá uma potencia de fogos consideravel, dependente tambem, por certo, do numero de metralhadoras leves que lhe dermos, bem como do numero de F. M. das companhias de volveadores.

rá mais ainda uma respeitável potencia de fogo aliada a uma grande mobilidade.

A proposito desta qualidade — mobilidade — infantaria — eu peço aos senhores que reflitam na opinião externada pelo coronel TOUTON, ainda ha poucas mezes professor de infantaria da Escola de Guerra da FRANÇA: Nosso armamento é mais leve que o de outros exercitos, que o dos allemães, por exemplo (pelo menos o que nos é conhecido), mas é justamente em os materiaes mais leves, isto é, para aquelles que podem augmentar a mobilidade da infantaria, que precisamos orientar-nos com uma firme resolução."

A questão a resolver agora é a de organizar unidade encarregada de manejar as metralhadoras de batalhão, isto é, determinar-lhe o numero de peças e o modo de grupá-las.

Os senhores já estão ao par da moderna tática de fogos — base da moderna tática das pequenas unidades e que estudaremos, tão detalhadamente quanto possível, no curso dos nossos trabalhos; já sabem que o papel das metralhadoras de batalhão é tomar parte na constituição das *zonas de fogos*, bases estas que, tanto no decorrer do combate como antes do ataque e depois de conquistado o objectivo, devem achar-se em condições de fornecer, na frente dos escalões mais avançados, fogos densos, isto é, profusos e contínuos e que possam ser desencadeados ao primeiro pedido daquelles escalões.

São estes os conhecidos principios da *plenitude de fogo e da permanencia do fogo*.

Isto exige uma unidade de fogo capaz de dispor, pelo menos, em dois escalões, um ficando em condições de fornecer os fogos pedidos pela frente, enquanto o outro se desloca. Naturalmente isto não quer dizer que tal deslocamento deva ser feito rigidamente por metade ou terço da unidade; indica apenas que, á medida que uma missão de fogos ou a possibilidade de uma acção atirar, ella automaticamente se desloca para uma nova posição já determinada pelo plano de batalha e onde as outras secções virão reunir-se. Mas, dado o caracter dos fogos a fornecer, ou longínquos, difficilmente observaveis ou não observaveis (que é o caso geral), é preciso que os grupos que atiram sejam formados por 8 ou 4 peças, no mínimo.

Teremos, necessidade, portanto, de uma unidade de metralhadoras mais proxima da companhia que do pelotão, comprehendendo 12 ou 8 peças grupadas em:

- 4 secções de 3 peças — ou melhor em
- 3 secções de 4 peças por (analogia com a companhia de volteadores de 3 pelotões a 4 G. C., ou ainda a companhia de
- 4 secções de 4 peças (solução franceza).

Naturalmente tal unidade precisará de uma secção de commando, como as companhias de volteadores.

PETRECHOS — Qualquer que seja a unidade de metralhadoras, será sempre constituída por arma de trajectoria tensa.

Orá muitas vezes torna-se necessario atingir os pontos abrigados em trincheiras, em bu-

racos de obuses, á retaguarda de obstaculos quaesquer do proprio terreno. Isto exige uma arma de trajectoria curva.

Por outro lado, o alvo offerecido por uma metralhadora inimiga é muito pequeno e, por isso, requer, para attingil-o, uma arma de extrema precisão.

Estas razões conduziram, durante a guerra e mesmo sob a pressão das circunstancias do momento, á criação e organização das unidades de petrechos de acompanhamento da infantaria:

1 canhão de 37.

1 morteiro Stockes.

Canhão 37, arma contra metralhadoras, com extrema precisão mas de pouca potencia.

Morteiro Stockes, de grande potencia, porém modelo de imprecisão.

Aliás, um simples golpe de vista sobre o terreno batido, na frente do batalhão, pelas armas de trajectoria curva, mostra que, entre a zona batida pelas granadas de fusil (menos de 180 metros) e a batida pelo actual morteiro Stockes (de 600 a 1800 (, fica uma zona desprovida de fogos de infantaria (de 180 a 600 metros) e que a profundidade maxima de terreno batido é de 1800 metros.

A solução para este problema é simples. Presentemente existe o morteiro Brandt — Stockes, modelo de precisão, que pode atirar com alcance desde 20 metros (com o angulo de 88°) até 3000 metros (alcance maximo).

— A 2225 metros a zona batida tem 40 metros de profundidade por 30 de largura.

— A 200 metros a zona batida tem 16 metros de profundidade por 7 de largura.

Dada a potencia de seu projectil de 81 mm, comprehende-se que nenhuma metralhadora poderá escapar ao tiro desse petrecho.

Por isso eu penso que, tanto na FRANÇA como no BRASIL, tratar-se-á de substituir o canhão de 37 e o morteiro Stockes por dois Brandts, ou até mesmo 3, pois na FRANÇA, actualmente ha uma corrente de idéas favoravel ao augmento do numero deste petrecho.

Mas enquanto o F. M. dá 180 a 200 tiros por minuto e a metralhadora 400, o morteiro Brandt poderá dar de 25 a 35.

Por isso o problema de remuniciamento apresenta-se particularmente delicado. Como será elle resolvido no escalão T. C.? Não sei precisamente, mas é de suppor que dentro de pouco será preciso cogitar do emprego de meios de transportes rapidos (tractores com reboques).

De qualquer modo, no interior do batalhão tratar-se-á de organizar de antemão, e como o pessoal previsto (municiadores auxiliares dos G. C., e graduados), as esquadras, pelotões e demais unidades de remuniciamento.

Do mesmo modo, para permittir o commando de uma unidade como o batalhão, dotado de materiaes diversos, os quaes se caracterizam pelo grande consumo de munições, torna-se necessario, ainda em maior escala do que para a companhia, organizar o pessoal de commando bem como o de observação e transmissões. Particularmente no batalhão, a primeira unidade tática da infantaria, o problema da observação precisará ser resolvido em condições optimas porque as-

sim se poderá fazer emprego economico das munições. Por outro lado, se se considerar que os morteiros affectos ao batalhão são perfeitamente comparaveis á artilharia de acompanhamento immediato, comprehender-se-á ainda melhor a necessidade de uma perfeita observação, com meios de transmissão adequados.

O serviço de observação do batalhão deverá comprehender, como nas companhias, órgãos para a procura de informações. Mas isto não bastará: torna-se indispensavel a existencia de um órgão especial de direcção, funcionando junto ao major, para fazer agirem, segundo as circumstancias, o terreno e situação tactica, os organos de procura e de exploração das informações.

Além disso, deveremos ter mais pessoal especializado, munido de material adequado (telephono, T. P. S., signaleiros, estafetas a pé, esclarecedores montados), necessario para a transmissão rapida de informações de toda especie.

Outras necessidades exigem sapadores, outras ainda demandam a organização do serviço sanitario, com o medico do batalhão, enfermeiros, padoleiros, conductores, etc], do mesmo modo que, para assegurar a vida material de todo o pessoal do commando são necessarios cosinheiros, conductores de viaturas, etc.

Todo este pessoal reunido constitue o pelotão de commando do batalhão, pessoal muito numeroso, como se pôde imaginar, e cujo commando deve ser organizado com muito cuidado assim como a sua repartição em grupos separados.

O REGIMENTO

A reunião de 3 batalhões constitue o regimento. Mas tal unidade, destinada a agir em frentes muito extensas, que ultrapassam 2, 3 e mais kilometros, com igual profundidade, não irá precisar de meios supplementares? Certamente que sim. E primeiramente vamos encontral-os sob a forma de poderosos fogos de artilharia, postos de antemão á disposição do coronel, para empregal-os nos logares em que for necessario agir com o maximo de potencia. São os fogos fornecidos pela artilharia de acompanhamento immediato ou pela de apoio directo.

Mas, além disso, e admitindo a organização do batalhão tal como o vimos, com 3 companhias de fusileiros volteadores e uma unidade de metralhadoras leves, não seria util e mesmo indispensavel pôr á disposição do coronel uma reserva de fogos de infantaria muito possantes, não só pela velocidade de tiro mas ainda pela *precisão absolutamente e alcance maior*, capaz de reforçar ou augmentar as acções de fogos das bases de fogos do batalhão?

Isso não iria permittir com maior facilidade os deslocamentos das bases de fogos para a frente nas operações offensivas, e cobrir sua installações nas posições mais avançadas, até mesmo nos objectivos conquistados?

Ao meu ver a companhia de metralhadoras pesadas no regimento duplicará as possibilidades de manobra do coronel, tanto na offensiva como na defensiva.

Na defensiva serão as metralhadoras pesadas que permittirão os grandes escalonamentos da defesa em profundidade, as barragens de fogos successivas, a compertimentagem do terreno no interior das posições.

Na offensiva ellas constituirão um auxilio immediato de fogos possantes para todas as zonas de esforço principal.

Particularmente aqui no BRASIL onde, sob a pressão das circumstancias, o batalhão adquire uma certa personalidade, maior que em qualquer outro paiz; em que as reservas bem como os reforços de toda natureza (os remuniamentos de toda especie) arriscam-se a prolongadas demoras e a chegar atrasados, é necessario que o coronel disponha de uma possante reserva de fogos perto de si.

Será esta reserva de fogos, exclusivamente, que na maioria dos casos lhe permittirá intervir no combate, reforçando um batalhão, cobrindo outro, fechando um buraco aberto pela exagerada extensão da frente, tapando a brecha onde penetrou o inimigo, etc. . .

Para isso será preciso uma companhia de metralhadoras pesadas, forte, numerosa, contando pelo menos:

4 pelotões ou secções de 3 peças, ou

3 pelotões ou secções de 4 peças, ou ainda melhor por ser mais numerosa:

4 pelotões de 4 peças, como na FRANÇA.

Nesta mesma ordem de idéas, devido ao facto de se ter dado ao batalhão, como parte constitutiva, uma secção de dois morteiros Brandt, é necessario ter no regimento pelo menos uma secção tambem de 2 morteiros do mesmo typo, verdadeira artilharia de acompanhamento immediato, capaz de substituir ou reforçar as secções dos batalhões.

Esta secção deverá ser incorporada á companhia de metralhadoras pesadas do regimento, do mesmo modo que a do batalhão é incorporada á respectiva unidade de metralhadoras leves.

Sendo assim, as unidades de commando do regimento vão apparecer muito numerosas e muito importantes.

Por isso vamos ver, perto do coronel, não uma secção ou pelotão de commando, mas um verdadeiro Estado Maior, porque enquanto nas companhias e batalhões temos apenas órgãos de execução aqui vamos ter não somente estes mas outros, de centralisação de tudo que vem da frente, e de direcção para tudo que se dirige para a frente.

Detalhemos mais.

Para a observação será necessario um serviço completo comprehendendo:

1º — 1 official chefe do serviço (o official de informações do regimento), verdadeiro official de 2ª secção, dispondo de amanuenses, desenhistas, etc., e tendo como adjuncto o official commandante dos esclarecedores montados;

2º — equipes de procura de informações, pelo menos 3, das quaes 2 para agirem nas zonas dos batalhões de primeiro escalão e uma de substituição ou de reserva para ser empregada em pontos especiaes.

3ª — uma equipe de centralização e exploração das informações colhidas, dispondo do pessoal necessário para as suas transmissões (signalistas, telephonistas, radio-telegraphistas, espiões montados, colombophiles, etc.).

Só este serviço exige:

- 2 officiaes.
- 3 cabos.
- 21 soldados a pé.
- 20 e tantos montados.

Levemos em conta mais o pessoal indispensável ao restante do serviço de transmissões de toda espécie, e ainda os amanuenses, conductores, agentes de ligação com a unidade superior (official), com os batalhões (3 sargentos), com a companhia de metralhadoras pesadas (1 sargento), com a secção de petrechos (1 sargento), além dos esclarecedores montados; o pessoal para o serviço de saúde — medicos, pharmaceuticos, dentistas, enfermeiros, radioleiros, radiotelegraphistas, etc.; os sapadores o pessoal para o manuseamento em munições, artificios, ferragem, etc.; e finalmente o pessoal indispensável para assegurar a vida material deste Estado maior.

Chegaremos á conclusão de que, para ser possível o commando e a vida do regimento, é preciso ter organizado não somente um verdadeiro estado maior necessário para o combate, mas também uma verdadeira unidade administrativa perto do coronel.

Esta unidade é a companhia extra-numerária, na qual se acham reunidos todos os órgãos do estado maior, que se reparte em secções e cujo efectivo chega quasi ao triplo do de uma companhia de fusileiros voltadores na organização actual.

Deste rapido golpe de vista passado sobre a organização das PEQUENAS UNIDADES DE INFANTARIA, os senhores podem chegar ás seguintes conclusões:

1ª — a potencia das armas productoras de fogo augmentou consideravelmente e esse augmento de potencia teve como consequencia a diminuição dos effectivos chamados a manejar as novas armas.

2ª — como este augmento de potencia exige também um augmento formidavel no consumo de projectis, torna-se imprescindivel augmentar proporcionalmente os meios de remunição com material adequado, bem como o pessoal necessário a esse serviço;

3ª — o acrescimo de potencia de fogos caracterisado pelo augmento de precisão das armas, por um lado, e pelo grande consumo de munições e maiores difficuldades de remunição, por outro lado, requer o emprego economico da arma, isto é, opportuno e preciso.

Dahi a organização deste novo serviço de observação ao qual será attribuida a função de descobrir os objectivos pouco visíveis, empregando para isso material adequado; de fazer a designação desses objectivos por meios acertados e processos rapidos afim de permittir a exploração imediata das informações obtidas, com o menor numero de projectis possível.

Só a organização deste serviço no regimento absorve 2 officiaes, 24 sargentos, 20 cabos, e 157 soldados.

E assim, enquanto do progresso do armamento conduz a economisar effectivos no uso immediato das armas, no campo de batalha, embora com a potencia de fogos formidavelmente acrescida, esse mesmo progresso obriga a lançar mão, ainda no campo de batalha, de um numero pessoal que não maneja armas mas emprega binoculos, telemetros, até pranchetas e alidades, que faz desenhos e croquis, que faz uso dos telephone eapparehos radiotelegraphicos, cujo manejo é tão delicado mesmo na calma dos gabinetes.

Se se leva em conta ainda, que cada arma apesar de simples e rustica é um modelo de pressão pode-se concluir que o papel do modesto soldado de infantaria torna-se, cada dia, mais difficil e complicado.

Estamos longe do soldado que precisava apenas ser bom atirador e bom marchador. Hoje todos os soldados são mais ou menos especialistas. Especialistas no manejo de uma arma complicada, embora seja a mais simples possível; especialistas no manejo de apparehos complicados como o são todos os apparehos scientificos. Isso quer dizer que o papel do official de tropa, instructor no tempo de paz, conductor de tropa no campo de batalha, torna-se, dia a dia, mais arduo, mais complicado e, tudo isso, sem prejuizo das qualidades moraes que são precisas pôr á prova deante dos effectos aterroizados e mortiferos das armas modernas, qualidades montando pelos chefes como pela tropa.

Tendo concluido o estudo que me propoz, da organização da infantaria, estudo tão intimamente ligado ao da organização do proprio Exercito e á vida da nação porque interessa á maior parte dos cidadãos chamados ás fileiras e a todos os que concorrem para as despesas na preparação de sua defeza, eu não posso deixar de chamar a attenção de todos vós que vos esforçaes por bem cumprir a tarefa de officiaes de Estado Maior, para essa verdade que ninguém poderá refutar: Se a organização do Exercito é obra de Estado Maior; se o plano de guerra e a preparação da victoria são obras de Estado Maior, não é menos verdade que, em ultima analyse, são o official de tropa e o soldado que ganham as batalhas.

Devemos ir pouco além, acrescimentando que a organização de um Exercito, das diversas armas e serviços que entram em sua composição, não é obra somente de Estado Maior; é também obra do Governo que nella colabora fornecendo o dinheiro do paiz.

E nessa ordem de idéas convém lembrar o que até bem pouco tempo se costumava dizer de uma arma brilhante cujo papel, no BRASIL, conserva-se integral enquanto parece ter desmerecido em outros paizes: "A cavallaria é uma arma cara."

Entretanto, meus senhores, com o custo sempre crescente da vida, a modesta infantaria munida de armas automaticas (F. M., Mtr. L., Mtr. P.), petrechos e accessorios para observação (telemetros, binoculos, periscopios, etc.), todos de muito custo, a infantaria como disse, torna-se também uma arma muito cara.

Revendo o passado

Havendo brotado, crescido e fructificado a feliz idéa de commemorarmos o anniversario da revista de um modo significativo e até hoje ainda não posto em pratica, lembramo-nos de contar algo sobre o inicio de sua vida real.

Lançamo-nos então á procura, no archivo, de cousa que se prestasse ao fim desejado.

A procura não foi longa, deparando-se-nos logo o livro Borrão n.º 1 da Receita e Despesa.

Infelizmente faltavam-lhe algumas folhas, que tiradas talvez, propositadamente, hoje com certeza ser-nos-ia muito util a sua leitura. Mas, mesmo assim, encontramos nelle, entre outros assumptos: impressões militares, cerca de 16 casos interessantes sobre propaganda da revista, além de alguns dados que serão adiante commentados. Os camaradas mais graduados e antigos, deverão estar lembrados de que, após ingentes sacrificios, sahia á luz, em outubro de 1913, o primeiro numero de "A Defesa Nacional".

Sua propaganda, feita com grande devotamento por parte de officiaes jovens e esperançosos, que eram alvo dos mais desconcertados apellidos, foi victoriosa, e hoje com immensa satisfação, podemos dizer que sem a Revista o Exército não pôde nem deve passar, cabendo-lhe a responsabilidade de sua manutenção.

Das impressões militares, podemos destacar o seguinte ensinamento: Tendo o actual Snr. Ministro da Guerra regulamentado as condições de aperfeiçoamento dos nossos officiaes no estrangeiro, não seria demais que se tratasse de determinar, com antecedencia quaes os cargos a exercer pelos mesmos, de accordo com os cursos obtidos.

Assim, evitar-se-á que ao regressarem á Pa-

Assim sendo, para levar a effeito uma nova organização que provoca modificações radicaes como acontece com a substituição do fuzil comum por armas automaticas, morteiros, etc., é preciso em primeiro lugar dispor de muito dinheiro!

A importancia total a empregar em aquisições dessa natureza não pôde ser obtida do Governo (qualquer que elle seja e em qualquer paiz) de uma só vez. Torna-se necessario escalar as despesas sobre um certo numero de annos.

Uma organização nova é sempre obra de grande vulto e, tanto para ganhar tempo como para poupar dinheiro, uma vez decidida, deve ser empreendida com accentuado espirito de continuidade, sempre evoluindo a passos seguros, nunca revolucionando ou annullando o que já está construido sobre certas bases para reconstruir novamente e de modo differente.

O BRASIL já possui fuzis metralhadores, metralhadoras leves e pezadas. Seu numero não permite dotar os batalhões e regimentos de unidades tão poderosas como seria de desejar? Então dotemo-las do maximo que for possível neste momento e reservemo-nos para augmentar o numero de peças mais tarde.

As metralhadoras leves não têm reparo e recebe-se com razão que sejam muitos deficientes

não se saiba que fazer delles, deixando-os por muito tempo sem commissão, o que acontecia outr'ora, com os que iam á Allemanha.

Quanto a propaganda da Revista, no livro já citado consta: Na afanosa lida de catar assignantes para a "Defesa Nacional" entre outros casos humorísticos, de amargo sabor, deram-se os seguintes:

1.º) Em... depois d'uma recusa do cmt. explicando-lhe nosso dedicado representante que se tratava de uma obra seria em que se achavam empenhados, entre outros, varios rapazes conhecidos como trabalhadores e que haviam estado arregimentados na Allemanha. Resposta: Quero lá saber d'essa gente que andou dançando na Europa!

2.º) Alguns officiaes a quem o... abordou no... para assignarem, acquiresceram com a condição de não figurarem seus nomes nas listas. Tal condição foi repellida porque importaria em taxar a revista como indigna, tanto que só clandestinamente queriam esses typos possuil-a. A um arremedo de desculpa então balbuciado replicou o... que então pedissem sempre emprestada a revista a algum assignante.

3.º) Até sahir o N. 1.º, nosso representante em... não mandou lista. Remetteu-se então um exemplar ao cmt. com o pedido de assignaturas. Foi devolvido sem nem ao menos ter sido aberto.

Só transcrevemos alguns casos para não ficar muito longo e tambem porque pelos publicados já os nossos leitores poderão ajuizar do teor dos restantes.

Infelizmente para nós a historia se repete e já na propaganda da nova phase, tivemos o desprazer de encontrar alguns casos semelhantes.

para organizar bases de fogos? Então juntamos a ellas algumas metralhadoras pezadas, até que, mais tarde se possam conseguir reparo para ellas.

Foi seguindo essa ordem de idéas que se conseguiu chegar á organização adoptada nas manobras do anno passado, em S. SIMÃO, a qual se acha contida em um documento que será distribuido aos senhores e á qual vamos subordinar nossos trabalhos deste anno.

Naturalmente, ao meu vêr, tal organização só será viavel a titulo de transição mas, mesmo assim, marcará uma etapa de avanço; só será viavel no caso de corresponder ás nossas necessidades em face de um inimigo cuja organização seja menos adiantada.

Mas se esta ultima estiver á altura do que se pôde imaginar pelos regulamentos conhecidos, é certo que ficariamos, a respeito da potencia de fogos a realizar no campo de batalha, em estado evidente de inferioridade.

Por todas as razões expostas, acceptamos, para os nossos trabalhos actuaes, a organização da manobra de S. SIMÃO, mas precisamos cuidar sempre do futuro e dos progressos a realizar para permittir que o Exército brasileiro possa cumprir a missão que lhe é attribuida pela constituição do paiz.

Sugestões

O PROBLEMA DO CABO DE ESQUADRA

Ten. FELICISSIMO DE AZEVEDO AVELINO

Já que muito se tem dito a respeito do problema do sargento nos corpos de tropa, o qual tendo solução, embora morosa mas por isso muito satisfactoria, com os contingentes fornecidos á tropa pela E. S. I., não é fora de tempo que se cuide do problema dos cabos.

Si bem que na escala das responsabilidades se possa equiparar um cabo commandante de esquadra a um sargento commandante de po, todavia não se deve concluir dahi que a função do cabo seja menos importante, por isso seja o assumpto attinente aos mesmos curado.

Ainda que nos saibamos, na mediocridade dos conhecimentos, muito aquém da altura dada pela transcendência do assumpto, como julgamo-nos no dever de entrar com o conserto da nossa observação, para solução do problema afim de que, mais tarde, outros, com o brilho e realce, tratem a questão á luz de saber e competencia, resultando dahi bem a instrução e quiçá para a propria efficia de nosso Exército, o que tudo redunde em verdadeiro beneficio para a Nação.

Já se vê que em nossas linhas, só tivemos o direito de tratar da questão na parte em que compete á Infantaria; mas, o que se observa na Real das Armas, "mutatis mutandis" com a denominação "venia" dos senhores Cavalheiros, Artífices, Engenheiros e Aviadores, talvez se note bem em suas respectivas Armas.

Como sabemos o cabo de esquadra e, de um modo geral, o cabo, é um soldado que inicia a instrução para candidatar-se ao posto de sargento, o mais tardar no começo do segundo mez de a incorporação ou segundo contingente, e o resto do total dos homens fornecidos pelos contingentes.

São geralmente, ou pelo menos devem sê-lo,

os homens mais instruidos, mais intelligentes, mais aproveitaveis, mais aptos emfim.

Com mais tres mezes de instrução eil-os promptos a desempenhar os multiplos affazeres que os regulamentos exigem de um cabo.

Até aqui nada de novo.

Mas, si reflectirmos agora que, a contar da data da incorporação official dos voluntarios e sorteados os corpos, ás respectivas sub-unidades, também iniciaram seu trabalho de instrução dos recrutas, e o iniciaram sem possuírem os cabos dirigentes das esquadras, veremos as difficuldades em que se encontram os instructores, a collocar recrutas nas funções de commandantes de esquadras, e a fazerem-se elles mesmos de cabos, afim de que a instrução tenha efficiencia! No anno seguinte o mesmo facto se repete porque os cabos, justamente por serem os melhores soldados, são geralmente os voluntarios, e na primeira turma de licenciamento, na sua quasi totalidade, dão baixa do serviço.

Uma solução para a questão, si bem que outras possam existir e talvez superiores á proposta por nós, seria a seguinte:

O tempo de serviço dos soldados que fossem promovidos a cabo seria dobrado, continuando após cada incorporação a funcionar o pelotão de candidatos a cabo os quaes prestariam exame e seriam promovidos quando os cabos da turma anterior fossem licenciados.

Mas, para que a tropa possua cabos á altura de suas funções, nas condições acima propostas, isto é, servindo tempo duplo, seria mister e muito justificavel, que o soldo dos mesmos fosse razoavelmente augmentado, afim de que o homem tivesse uma recompensa justa da perda que teve do tempo dispendido ao serviço da Nação, preparando-se e ajudando a preparar homens para a sua defesa.

Dez nossos primeiros assignantes, podemos citar os seguintes: Marechal J. Cesar Lamjois, José Caetano de Faria, Gen. Moraes Rego, Pedro Ivo Henriques, Gen. Jacques Ourique, Gen. Alencastro, Gen. Bento Ribeiro, Gen. Bittencourt, Gen. Siqueira de Menezes, Gen. das Barreto, Gen. Ferreira de Abreu, Gen. Medo, Cel. Neiva de Figueiredo, Cel. Miguel da Martins, Cel. Dr. Thomaz Cavalcante, Cel. Dr. Caetano Albuquerque, Cel. Alexandre Barreto, Cel. Souza Aguiar, Cel. Dr. Francisco Julien, Cel. Christiano Ferreira, Ten. Cel. Siro da Costa Ten. Cel. João Lamjois Ten. Cel. de Faria, Ten. Cel. Hastimphilo de Mouta, Maj. Raul P. Seidl, Maj. Tertuliano Poty, Maj. Dr. Moreira Guimarães, Maj. Antonio J. de Lima Camara, Cap. José Pessoa, Cap. Augusto do Amaral, Cap. Augusto Costa e Silva, Cap. Aranha da Silva, Cap. Malan d'Angrogne, Dr. Pandiê Calogeras, Dr. João Vespucio, Dr. Luciano Sodré, Senador Pinheiro Machado.

A impressão da N. 1 de 1000 exemplares de 2 paginas, custou a importante quantia, para

a epoca de, 400\$000, tendo subido a despeza do mez (outubro) a 560\$400.

Ao findar-se o mesmo mez a receita era de 1:134\$000 de 327 assignaturas pagas, existindo 266 a pagar, que perfaziam um total de 593 assignaturas.

Vê-se portanto, que a acceitação da Revista, apesar dos casos contados acima, foi boa, mas, passados os tres primeiros mezes, já em janeiro de 1914, contava ella com cerca de 1120 assignantes o que revela grande resultado, vindo corôar de pleno exito, a obra de que hoje podemos orgulhosos, commemorar o seu 16º anniversario.

Para terminarmos estas notas vamos dar somente os nomes dos organizadores da Revista, pois os nossos estatutos não permitem que se faça mais.

Redactores: Bartholdo Klinger, Estevão Lef-tão de Carvalho e J. de Souza Reis.

Grupo Mantenedor: Francisco de Padua Ci-

Grupo Mantenedor: Francisco de Paula Cladade, Mario Clementino, Lima e Silva, Farga Rodrigues, Jorge Pinheiro, Pompão Cavalcante, Euclides Figueiredo, Taborda e Amaro Villa Nova.

OS OFFICIAES DAS ESCOLAS DE APERFEIÇOAMENTO NO CAMPO DOS AFFONSOS

Pelo Maj. AJALMAR MASCARENHAS

Membro do Grupo de Mantenedor

E' de norma visitarem os officiaes das diversas escolas de aperfeiçoamento a de Aviação Militar; nessa visita, que não se repete para cada turma, se estudam as características do material em uso e se recordam principios tacticos de seu emprego, um vôo de cerca de vinte minutos nas immedições do campo a uma altura media de 1000 metros lhes completa a instrução.

A propriedade, o interesse de taes visitas salta aos olhos; a sabedoria do principio não se discute. Para, no entanto, maior rendimento da instrução e consolidação de ideias que fazem a base mesma do prestigio da arma nascente, umas tantas medidas devem completar os programmas futuros de visita:

1º — Parece-nos indispensavel que cada official realice um minimo de dois vôos, em dias diferentes; o primeiro vôo é o de *baptismo do ar*; não é muito proprio á colheita de ensinamentos tacticos; a emoção natural do primeiro vôo, a novidade do espectáculo, a multidão de minucias que se disputam a primazia da observação, a preocupação da aterragem, o ruido do motor, o vento da helice, são factores que, em regra, concorrem para tanto.

O primeiro vôo não deve comportar nenhuma missão militar de observação do terreno; elle será o eliminador natural do mundo de ideias falsas que a lenda avoluma a proposito da terceira dimensão; o official terá como programma de observação *olhar*; elle verá o que puder, como puder.

No segundo vôo, que poderá ser feito entre mil e mil e quinhentos metros de altura, se organizará um pequeno programma de trabalho; o official estudará na carta a região que irá sobrevoar; chamar-se-á sua attenção para taes e taes minucias a observar, como se apresentarão á sua vista, grão relativo de visibilidade, etc.

Será de muito interesse fazel-o notar a extrema visibilidade das pistas, o caprichoso emaranhado de sua rede; a singularidade dos terrenos de lavoura, o variado de sua coloração, os contornos geometricos das diversas culturas.

Em summa, será preciso, lhe dizer o que vae ver, como vae ver e, do ponto de vista militar, o que interessa, frequentemente, ver.

O piloto assistirá obrigatoriamente a essa sessão preparatoria, que deverá ser illustrada com photographias da região.

2º — Uma disposição de lei tornou extensivas aos officiaes eventualmente em serviço na aviação as vantagens de nossa lei de accidentes; nada obstat, para os alumnos das escolas de aperfeiçoamento, o vôo tem sido, até aqui, *voluntario*; tal pratica nos parece prejudicial aos interesses superiores da instrução; essa tolerancia deve desaparecer, por injustificavel; ella acaricia uma qualidade que não pôde ser cultivada por soldados.

De facto, é já inadmissivel a recusa de embarque num avião, para pequeno vôo nas immedições do aerodromo, por parte de officiaes que se estão aperfeiçoando no preparo para a guerra.

Essa tolerancia se justifica tanto menos quanto meia duzia de argumentos serios, simples, convincentes, bastam para dissuadi-los da sem razão de um vago e inexpressivo receio das surpresas do ar.

Sabemos, da convivencia com *passageiros de primeira viagem*, que muita gente teme, no vôo, a vertigem das alturas; outros acreditam sentir, ao aterrarr, a mesma desagradavel sensação de descida rapida de elevador; terceiros pensam ver tudo se deslocar na terra com velocidade vertiginosa; quantos creem não supportar a pressão dos mil ou dos dois mil metros, muito embora, como bons cavalleiros, façam gostosamente uma pista de obstaculos.

A noção de que se o motor parar no ar o avião despencará como um bolido é, muito inexplicavelmente, de vulgaridade escandalosa; para combatel-a, dando aos assistentes uma pequena lição de aerodynamica experimental, é que nossas festas de aviação incluem sempre no programma um numero de aterragem de precisão depois de descida com a helice calada, isto é, motor completamente parado.

Parece-nos criminoso deixar officiaes que se aperfeiçoam, na posse integral de taes ideias, tanto mais quanto um pequeno vôo basta para pôr a questão nos justos termos. A visita aos Affonsos é a oportunidade; deixal-a passar é lamentavel.

3º — E' de todo necessario que os vôos se façam nas melhores condições, esforçando-se cada piloto por que o visitante se sinta bem a bordo e conserve a noção de segurança que é justo esperar da aviação presente. Deve-se evitar toda manobra brusca, as acrobaticas absolutamente interdittas.

Um vôo calmo, num regimen reduzido de motor, uma descida em vôo planado, suave, uma boa aterragem, são condições essenciaes do cumprimento exacto da missão.

Eis um ponto em que é preciso insistir: toda tendencia em se sobreporem á missão as qualidades de *virtuoso* do piloto deve ser afastada; sobre affectar a disciplina, surprehender o passageiro com proezas que melhor apreciaria á distancia é deselegante e de máo effeito.

Aqui, como sempre, é a missão que prima: é preciso que se não esqueçam os pilotos de que, ao lado da missão material de transporte, a determinada região alguém que vae ver alguma coisa, — missão que não comporta acrobacias — há a missão moral que nos incumbe de levar a espiri-

O AVIÃO MUNIZ M 5

Acaba de sair das officinas da Fabrica Audron, em Paris, um novo typo de avião de turismo ou de trabalho, o Muniz M — 5.

De simplicidade admiravel, de linhas necessariamente modernas, esse avião parece ter sido concebido para larga utilização no Brasil.

Um brasileiro o ideou assim, de madeira, barato, leve, capaz de uma velocidade de cruzeiro de 185 kms por hora, tendo um raio de acção de 900 kms e podendo atterrizar numa pequena lãxa de terreno, em virtude de sua reduzida velocidade minima no solo.

Ao avião de turismo está reservado papel importante no desenvolvimento da aviação, notadamente a civil; o successo do concurso internacional de turismo que se realizou em agosto, em França, confirma a previsão.

Grandes aviões metallicos custosos, devoradores de gazolina, podem interessar aos governos, às grandes empresas commerciaes; mas não ao industrial, ao fazendeiro, ao turista; no Brasil, então, onde os bons campos de atterriza-ção ainda não são numerosos e onde o preço da gazolina é simplesmente prohibitivo, não se pode pensar em fazer aviação comapparelhos de 500 cavallos, do custo de centenas de contos de réis.

Será o avião pequeno, leve, construido de madeira de que nossas florestas invioladas são ricas, economico, descollando em pequena superficie, e, nada obstante, capaz de longos percursos, o que fará aviação effectiva no Brasil.

O Muniz M — 5, satisfazendo a essas condições, imperativas para nós, é bem um avião brasileiro.

Sua apreciavel fineza, mercê de uma aza de contorno elliptico, aliada á estabilidade de voo que lhe é propria, e as muitas novidades elle introduzidas como medida de segurança e conforto, fazem o elogio da competencia tecnica de seu auctor.

O Muniz M — 5 é um monoplano cuja aza está no nivel da parte inferior da fuzelagem, intrinsecamente em balanço, formando um diedro lateral de 4°; a fuzelagem é toda de madeira; o avião comporta dois ou tres tripulantes confortavelmente seja ou não dotado de um duplo commando.

É equipadoo com um motor Hispano Suiza, de seis cylindros em linha, com a potencia nominal de cem cavallos, resfriamento por agua; o

motor dispõe ainda de extintor de incendio e é dotado de um silencioso que, reduzindo o ruido do escapamento, augmenta as qualidades de conforto do avião.

O reservatorio de gazolina tem uma capacidade sufficiente para cinco horas de vôo; é largavel no ar.

As carateristicas geraes do avião são as seguintes:

Envergadura total: 12 metros

Comprimento total: 7m,212

Altura total: 2m,310

Superficie sustentadora: 18 metros quadra-

dos

Potencia: 100 C. V.

Peso quando vasio: 450 kilos

Superficie dos "ailerons": 2 metros quadra-

dos

Superficie da empernagem horizontal: 2m,40

Superficie da empernagem vertical: 1 metro quadrado

Potencia por metro quadrado: 5,5 cavallos.

Possibilidades theoricas:

Tecto absoluto: 6500 metros

Raio de acção: 5 horas

Velocidade maxima no sólo: 205 kms — hora

Velocidade minima no sólo: 65 kms — hora

Velocidade de cruzeiro: 185 kms — hora

O avião Muniz M — 5 foi concebido pelo Major de Aviação do nosso Exercito, Antonio Guedes Muinz que lhe dirigiu a construcção.

O Major Muinz, diplomado em 2º lugar, entre 48 companheiros de turmas, pela Escola Superior de Aeronautico de Paris, vem revelando uma competencia tecnica e uma capacidade de trabalho que lhe fazem honra.

INTERESSES MILITARES E INTERESSES NACIONALES

De resto, os interesses militares se acham hoje em dia, e em todos os paizes do mundo, de tal forma entrelaçados aos interesses nacionaes que trabalhar pelo progresso dos meios de defesa de um povo é, sinão o melhor, pelo menos um dos melhores meios de servir aos interesses geraes desse povo.

(Do primeiro editorial de "A Defesa Nacional")

dos officinaes das armas terrestres uma noção de segurança, ligada á de estabilidade e de conforto.

Se é exacto que a aerobacia é uma forma elegante e viril de segurança, tambem o é a menos adequada para convencer um novato.

Sabemos de officinaes que em busca de sensações novas, solicitam dos pilotos, elles a bordo, demonstrações acrobaticas; não será preciso um mundo de razões para os convencer da inconveniencia de tal pratica num primeiro vôo, exalta a mais forte: a da ordem a cumprir.

Igualmente não ignoramos que vezes sem conta, os que desejam experimentar fortes sen-

sações de vôo, d'elle não guardam uma recordação muito grata; cabe-nos, ainda por isso, lhe evitar a penosa impressão da manobra incomprehendida...

Eis uma doutrina a firmar nos Affonsores cuja pedra angular é a mesma despersonalização tão difficil de se conseguir dos pilotos jovens. E preciso, no entanto, convir que é no cadinho da renuncia ás glorias individuaes que se moldam os caracteres dos verdadeiros pilotos militares. Será o vulto da obra que dirá do valor dos obreiros. A harmonia do conjuncto será o premio do que, esquecidos de si mesmos, trabalham com o olhos na grandeza da Patria.

Instrução sobre a construção de pontes de estacas leves pelo methodo da ponte de serviço

AULAS DA ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFFICIAES)

Pelo Maj. J. GUÉRIOT (Da M. M. F.)

1 — METHODO DE CONSTRUÇÃO

O methodo de construção da ponte de estacas leves, por meio da ponte de serviço, consiste em estabelecer, nas proas dos pontões da ponte de equipagem, preliminarmente construída, tabladros, que servem de plataformas de manobra na cravação das estacas. O trabalho pôde ser empreendido, simultaneamente, em todo o comprimento da ponte.

Afim de deixar, nas proas dos pontões, uma largura sufficiente para o estabelecimento das plataformas de manobra, o taboleiro da ponte de equipagem é deslocado de 0m,80 para jusante.

O taboleiro da ponte fica, assim, disponível para a passagem das tropas e viaturas, salvo du-

rante a operação do seu deslocamento e durante a construção das plataformas de manobra (*).

A circulação dos trabalhadores e o transporte do material se effectuam pelo caminho do pontoneiro ou pelas plataformas de manobra.

2 — PESSOAL DE MANOBRAS

O commandante da manobra, dois officiaes, 13 sargentos ou cabos e 110 homens (não comprehendido o pessoal necessario á preparação das estacas e do taboleiro).

(*) O commandante da ponte, attendendo á sobrecarga produzida nas proas dos pontões pelo pessoal e pela plataforma de manobra, estabelecerá instruções para a passagem das tropas e viaturas durante a construção da ponte de estacas leves.

Supprime-se a passagem pela ponte de equipagem desde que seja possível fazê-la pela ponte de estacas leves.

3 — REPARTIÇÃO E FUNÇÕES DO PESSOAL

Numeros	Denominação dos destacamentos.	Effectivo			Sub-divisões (secções)			Funções
		Officiaes	Sargentos e cabos	Homens	Denominação	Numeros	Sargentos e cabos	
1	Das supportes ou dos cavalletes de estacas	1	10	80	1ª Sec. de supportes	1ª a 10ª	1 8	Marcar, no taboleiro, o local dos supportes. Transportar para os pontões o material das plataformas de manobras.
					2ª Sec. de supportes		1 8	Deslocar o taboleiro da ponte.
					3ª Sec. de supportes		1 8	Construir as plataformas de manobra. Transportar, para os pontões, o material dos cavalletes de estacas. Cravar as estacas; fixar, provisoriamente, o chapéu. Colocar as escoras e os contraventos. Auxiliar, se houver necessidade, o segundo destacamento.
					Da pregação	1ª	1 10	Construir os encontros. Fixar, definitivamente, os chapéus dos cavalletes de estacas; endireitar as estacas se houver necessidade. Fixar as vigotas nos cavalletes.
2	Do taboleiro	1	3	30	Das vigotas e pranchões	2ª	1 16	Construir os encontros. Transportar as vigotas e os pranchões. Auxiliar a 1ª secção a fixar-as nos cavalletes.
					Do rodapé	3ª	1 4	Construir os encontros. Transportar as vigotas de rodapé. Assentar o rodapé.

NOTA — O numero de secções de cavalletes de estacas é dado a título de exemplo: será augmentado ou diminuído consoante os recursos em pessoal.

4 — MATERIAL

Material de Manobra

Além do material necessário á construção da ponte de equipagem)

Para cada secção de cavallete de estacas: material para cravação (um maço, improvisado, em caso de necessidade, e dois macetes), dois martelo, uma serra de trabalho, 10 cordas e oito campos de uma face.

Vigotas e pranchões, destinados á construção de plataformas de manobra, calculados á razão de duas vigotas e seis pranchões, por lance de ponte de equipagem.

Para o destacamento do taboleiro: cordas e vigotas, alicates para cortar arame, seis machadinhos dois enxós, quatro serras de carpinteiro, quatro serrotes, seis trados, seis chaves de engrenagem, dois níveis de pedreiro e duas reguas de dois metros.

Material de Pontagem

Dois dormentes, estacas para os dormentes, seis pranchões de encontro; estacas e pranchões para os chapéus e contraventos; vigotas e pranchões para o taboleiro.

Para cada cavallete de estacas e respectivo taboleiro: 16 pregos, seis parafusos com porca, lima, grampas, etc.

5 — SUMMARIO DA MANOBRA

A ponte de equipagem (por pontões successivos ou por partes, estando construída, e achando-se no local o material dos cavalletes de estacas e do taboleiro, as operações se effectuam consoante o quadro abaixo:

OPERAÇÕES PREPARATORIAS	Numero dos destacamentos
Marcar, a giz, no taboleiro, o local dos cavalletes e os numerar.	1º
Transportar, para cada pontão, o material necessário á construção da plataforma de manobra correspondente ao lance de equipagem seguinte.	1º
Colocar o taboleiro da ponte de 6m80 para jusante.	1º
Alcivar os encontros da ponte de equipagem.	2º
Construir as plataformas de manobra.	1º

CONSTRUÇÃO DA PONTE

Numero dos destacamentos

Transportar, para os pontões vizinhos, o material necessário á construção dos cavalletes de estacas.

1º

Construir os encontros.

2º

Cravar, simultaneamente, tantos cavalletes quantos forem possíveis com os recursos em pessoal e material.

1º e, eventualmente, o 2º

Colocar o taboleiro, partindo da primeira margem.

2º e, eventualmente, o 1º

Separar a ponte de equipagem das marges: descel-a, actuando nas cordas de ancora até que os pontões saiam de baixo da ponte de estacas. Recolher. Retirar as ancoras.

1º e 2º

6 — MANOBRA

(Supõe-se a ponte de equipagem construída)

O material estando collocado ao longo da margem, a montante e a jusante do encontro, os homens formados em duas fileiras: o commandante da manobra constitue os destacamentos e secções consoante as indicações do n. 3, levando em consideração as circumstancias locais e reforçando, caso haja necessidade, alguns delles.

Constitue, principalmente, um numero de secções de cavalletes tão grande quanto possível dando ao destacamento do taboleiro o effectivo sufficiente para que cada lance de cavallete seja coberto desde que este esteja terminado.

Determina se a construção dos cavalletes deve ser atacada simultaneamente, em todo o comprimento da ponte, ou sómente sobre uma parte desse comprimento. Um destacamento de cavalletes, comprehendendo 10 secções, permite facilmente atacar o trabalho num comprimento de 100 metros.)

Dá, em seguida, aos destacamentos, as indicações necessárias:

a) Para effectuar as operações preparatorias — Repartir o trabalho entre todas as secções de cavalletes e indicar ao destacamento do taboleiro o novo local do dormente da ponte de equipagem;

b) Para construir a ponte de estacas — Designar, a cada secção de cavalletes, o numero destes que deverá cravar, de maneira que não haja solução de continuidade entre o acabamento dos cavalletes e a construção do taboleiro.

Esse resultado supõe o acabamento progressivo dos cavalletes, de estacas, embora tenha sido simultaneo o inicio do trabalho; o que se obtém pela repartição judiciosa dos cavalletes pelas secções, levando em consideração:

1º A duração do transporte do material dos cavalletes, necessariamente mais longa para os mais atrasados, o que atraz o acabamento dos cavalletes na razão directa do numero destes;

2º A dificuldade de cravar as estacas (altura da agua, velocidade da corrente, natureza do fundo, etc).

Em regra, admitindo uma dificuldade igual para a construção de todos os cavalletes, os tres ou quatro primeiros cavalletes são cravados, cada um, por uma secção; os cavalletes seguintes (no caso em que a ponte comporte maior numero de cavalletes que de secções) são cravados á razão de dois ou tres por secção. Mas esta repartição pôde variar conforme as circumstancias locais; é assim que, em certos casos (margens de declive suave, fundo saibroso, thalweg muito pronunciado), é possível augmentar-se a tarefa facil das primeiras secções de cavalletes e confiar ás secções que oporam no thalweg a construção de um unico cavalletes.

Ao commandante da manobra, aliás, cabe o direito de utilizar, no decorrer do trabalho, as secções de cavalletes que se tornarem disponiveis, quer na construção de outros cavalletes atrasados, que no esforço do destacamento do taboleiro.

Designar, se houver necessidade, as secções do 2º destacamento que serão encarregadas de construir os destacamentos.

Os chefes de destacamentos conduzem, em seguida, os homens para os locais de trabalho.

Particularidades das funções de cada destacamento

Primeiro destacamento

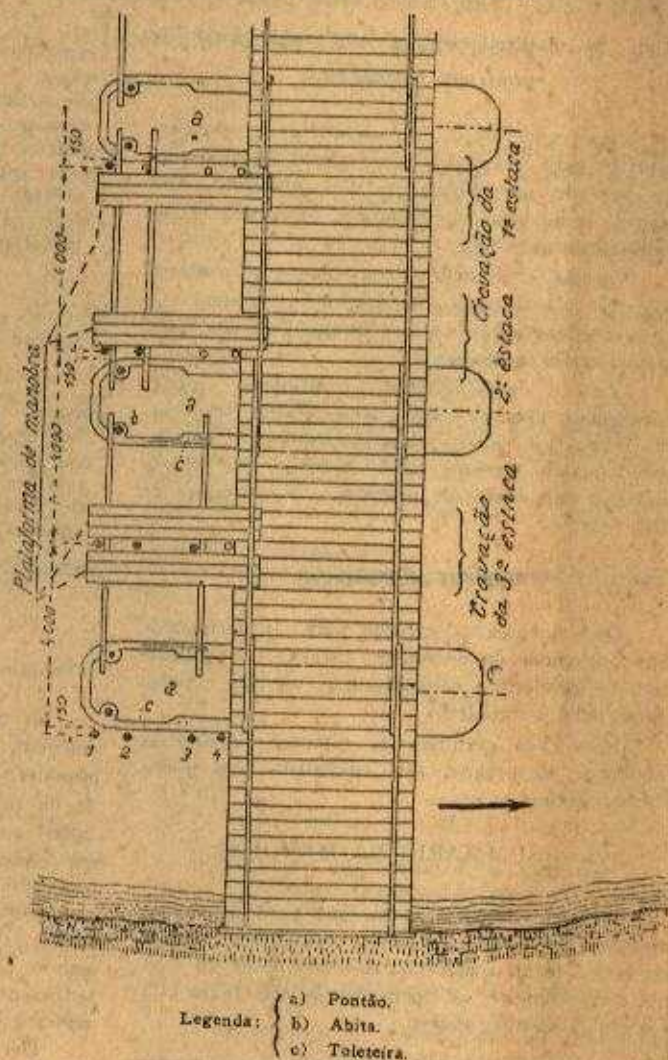
(Dos cavalletes de estacas)

A) OPERAÇÕES PRELIMINARES

— MARCAR O LOCAL DOS CAVALLETES E OS NUMERAR

Os cavalletes são espaçados de quatro metros; dois lances de ponte de equipagem corres-

CONSTRUÇÃO DA PONTE DE ESTACAS LEVES Pelo Methodo da Ponte de servico



Legenda: { a) Pontão.
b) Abita.
c) Toileira.

NOTA — Representu-se, em cada um dos cavalletes, a vação de uma estaca para indicar a disposição da plataforma de manobra. Na realidade, haverá, geralmente, entre dois cavalletes successivos, uma differença de avanço de trabalho menos sensível.

pondem, portanto, a tres lances da ponte de estacas leves.

Marcar a giz e numerar no taboleiro, os locais:

Do 1º cavalletes, a 0m,15 da borda interior do 1º pontão;

Do 2º cavalletes, a igual distancia do 1º e 2º pontões, de maneira que elle não seja embaraçado pela vigota do dispositivo de reforço da ponte de equipagem;

Do 3º cavalletes, a 0m,15 da borda exterior do 2º pontão;

Do 4º Cavalete, a 0m,15 da borda interior do pontão, etc.

— TRANSPORTAR, PARA OS PONTOES, O MATERIAL NECESSARIO AS PLATAFORMAS DE MANOBRAS

Cada secção vai buscar, no deposito de material, as vigotas e os pranchões necessarios á construcção das plataformas de manobra que lhe cabem. Utiliza, para este transporte, o caminho do pontoneiro de montante, se a passagem da ponte tiver de ser conservada livre.

Colloca sobre as proas de cada pontão, do lado da ponte de equipagem seguinte, duas vigas e seis pranchões, necessarios á construcção da plataforma.

— DESLOCAR O TABOLEIRO DA PONTE DE EQUIPAGEM

Retirar o rodapé e collocar as vigotas do rodapé de jusante sobre a popa dos pontões.

Ligar em cada lance uma das vigotas de rodapé, agora vigota de taboleiro, ás primeiras toleteiras de jusante.

Impedir de 0m,80, para jusante, os pranchões, fazendo-os assentar sobre a vigota ligada ás toleteiras.

Collocar o rodapé de jusante, utilizando a popa do rodapé, que assenta sobre as popas de montante, a vigota do taboleiro, que, ligada aos primeiros gatos de pontagem, ficou disponível.

(As vigotas de rodapé de montante são usadas somente depois do estabelecimento das plataformas de manobra)

— ESTABELECEER AS PLATAFORMAS DE MANOBRAS — SONDAR

Collocar sobre as bordas de dois pontões consecutivos duas vigotas; uma, a montante da borda de vante; outra, a 1m,50, mais a jusante. Cobri-la por um tablado, de seis pranchões, repousando sobre essas vigotas e a extremidade do taboleiro; as extremidades dos pranchões ficam por baixos das vigotas de rodapé.

Apertar bem as vigotas de rodapé de montante da ponte de equipagem.

Os pranchões das plataformas fixados, apenas de um só lado, podem ser facilmente deslocados á medida que as necessidades do trabalho vão fazer sentir.

Fazer a sondagem exacta, no local, de cada cavalete.

CONSTRUÇÃO DA PONTE DE ESTACAS LEVES

1 — TRANSPORTAR O MATERIAL DOS CAVALLETES DE ESTACAS

Cada secção vai buscar, no deposito, a ferramenta, as estacas e os pranchões necessarios á construcção dos cavalletes dos quaes se acha encarregada.

Colloca esse material nos pontões vizinhos dos cavalletes: a ponta das estacas voltadas para o montante.

12 — CONSTRUIR OS CAVALLETES DE ESTACAS

Cada secção crava as quatro estacas e as duas escoras do cavalete, começando pela estaca de montante, que é collocada contra a face de montante da vigota de serviço de montante; as estacas 2ª, 3ª e 4ª são collocadas a distancia regulamentar da estaca de montante; para as estacas 2ª e 3ª utilizar, como apoio, a segunda vigota da plataforma de manobra preliminarmente collocada a distancia conveniente e por meio de uma corda frouxa, presa ás toleteiras; a 4ª estaca é apoiada, durante a cravação, contra o taboleiro da ponte.

Para collocar a escora de jusante é necessario impedir para jusante o pranchão correspondente da ponta de pontões.

Fixar, provisoriamente, os dois pranchões, que servem de chapéu, por meio de pregos ou grampos.

Fixar os contraventos por meio de pregos.

Segundo destacamento

(Do taboleiro)

13 — CONSTRUÇÃO DOS ENCONTROS

(Ver Reg. P. C. 156)

14 — COLLOCAÇÃO DO TABOLEIRO

1ª secção (de pregagem) — Desde que a construcção do cavalete está terminada pela secção de cavalete, a 1ª secção fixa, definitivamente, á altura indicada pelo commandante da manobra, o chapéu de pranchões conjugados utilizando grampos, parafusos com porca, pregos, etc.

Aparar, se ha necessidade, as estacas Auxiliares a 2ª secção na collocação do taboleiro P. C. 160)

2ª secção (das vigotas e pranchões) — A 2ª secção traz as vigotas e os pranchões (Reg. P. C. 160); utiliza á medida que ficar disponível, o material das plataformas de manobra.

E' reforçada, se houver necessidade, por secções disponiveis do primeiro destacamento.

3ª secção (do rodapé) — Collocar o rodapé (Reg. P. C. 160).

5 — RECOLHIMENTO DA PONTE DE PONTOES

(1ª e 2ª destacamentos)

A construcção da ponte de estacas estando terminada, procede-se o recolhimento da ponte de pontões.

Recolher o lance do encontro de partida, collocar o dormente do encontro de chegada a quatro metros mais a jusante, retirar os passadores de montante.

Descer, de quatro metros, a ponte, utilizando os cabos de ancora. O lance de encontro de chegada é sustentado por homens que acompanham o movimento. Recoilocar os passadores de montante.

Recolher a ponte, amarrando os cabos de

Azimuth, angulo de marcha, bussola

Pelo 1º Ten. OLYMPIO MOURÃO FILHO

I — Azimuth.

a) — Em Astronomia é o angulo que faz em um ponto o plano vertical que contem uma direcção com o meridiano deste ponto. O azimuth em astronomia é contado a partir da extremidade S. do meridiano e no sentido S. O. N. E., sentido do movimento apparente dos astros.

b) — Em Geodesia — é o mesmo angulo acima definido, mas a contagem é, ás vezes differente, isto é, é feita a partir do N. do meridiano, como por exemplo, nos trabalhos de Hydrographia.

c) — Em Topographia.

Geodesia e Astronomia foram as primeiras sciencias a se utilisarem do azimuth.

Com o emprego do mesmo em Topographia, estabeleceu-se a discussão em torno do sentido de sua contagem. Houve, e ainda hoje ha, quem se revolte contra o emprego da palavra azimuth para designar o angulo em Topographia; topographos notaveis, como E. Crouzet, não se conformam com a denominação e este assim se expressa:

"Por uma extensão infeliz, certos topographos deram a este angulo o nome de azimuth.

Essa palavra é empregada em Geodesia e Astronomia para designar o angulo que faz em um ponto, uma direcção dada, com o meridiano deste ponto. Ora, os meridianos de dois pontos não são parallelos, a menos que um dos dois esteja exactamente sobre o meridiano do outro, quando então os meridianos se confundem. Si nos limites de certos levantamentos em grandes escalas, seu angulo é graphicamente insensivel, é um modo geral o parallelismo dos meridianos não pode ser admittido, sendo preferivel adoptar outra palavra, com o fim de evitar confusões, pois que as cousas não são identicas". Foi reposto o nome de *orientamento*. Entretanto, qualquer que seja a impropriedade, o termo ficou e azimuth é uma denominação universal.

A discussão ficou de pé apenas no que concerne á contagem do azimuth.

Por motivos que adiante faremos claros, ficou convenção universalmente que a contagem do azimuth em Topographia seria feita a partir do N. do meridiano e no sentido N. O. S. E.

II — Angulo de Marcha.

A necessidade de determinar uma direcção de marcha introduziu, desde logo, os usos militares, o emprego do *azimuth*. Em todos os Exercitos tal emprego foi generalizado e ainda hoje, mais do que nunca, o uso da bussola para este mister é considerado indispensavel.

Parece pois que, com a simples noção de azimuth de uma direcção, tudo estaria resolvido, não sendo necessaria a introdução de uma nova noção. Entretanto, conforme cita *De Larminat* sem necessidade urgente alguma que justificasse, ficou convencido que o azimuth de uma direcção de marcha, no Exercito Francez, fosse contado no sentido N. E. S. O., determinada angulo de marcha. Pensa *De Larminat* que tal medida foi tomada com um fito de uniformidade obedecendo a uma rotina em virtude da qual, naquella epocha, os regulamentos militares prescreviam que o sentido de todos os movimentos fosse da esquerda para a direita. Ahamos que tal convenção teve origem apenas no fito de tornar mais commoda a medida do referido angulo, na carta, devido ao sentido da gradação dos transferidores. E. Crouzet expressa-se um pouco rispidamente a respeito dos autores daquelle innovação: "Inventores que não têm noção alguma de Topographia imaginam diariamente disposições proprias para crearem confusões penosas.

Ora mudam o sentido do crescimento dos arcos (angulo de marcha), ora fraccionam a gradação em dois sentidos differentes."

De qualquer modo o *angulo de marcha* continuou a ser adoptado no Exercito Francez e de lá transplantado para nosso Exercito.

O que é preciso fixar de tudo o que prece-de é que:

a) — o azimuth de uma direcção é o angulo do plano vertical que contem esta direcção com um outro plano vertical tomado para origem. Em Topographia o azimuth é contado no sentido N. O. S. E. e partir do N. do meridiano.

E' preciso notar que o sentido da contagem é uma convenção universal que não pode ser desobedecida sem originar erro e confusões, em

acora ás estacas de montante; desde que um então fique livre, fazel-o subir de novo, com o auxílio da corda de ancora, até que a sua proa que á altura da estaca de montante. O cabo de ancora é nella amarrado e a extremidade livre, enrolada sobre o taboleiro, fóra do rodapé de montante. Deixal-o descer a jusante da ponte de táca e ganhar a margem.

Retirar as ancoras — As ancoras mais proximas das margens são retiradas por um pontão, maneira de ponte volante, amarrado a cavaltes conjugados, collocados a 30 metros a mon-

tante da linha de ancoragem. As outras são retiradas por dois pontões conjugados, á maneira de ponte volante, presos por dois cabos de ancora, dobrados, a quatro ancoras mergulhadas a 150 metros a montante da ponta.

Essas disposições permitem retirar as ancoras numa correnteza de 2m,50, e são modificadas consoante a velocidade e a largura do curso da agua, sem, todavia, desprezar-se nenhuma das precauções de segurança que exige semelhante manobra executada a montante da ponte (ancoragens muito seguras, pilotos exercitados, etc.).

dependendo a convenção dos instrumentos de medida;

b) — angulo de marcha é o mesmo angulo do precedentemente, porém, sua contagem no sentido N. E. S. O.

BUSSOLAS

A propriedade que tem a agulha imantada de conservar uma direcção constante para um ponto e lugar dados, pouco differente do meridiano do lugar considerado, permite a medida dos azimuths em Topographia por meio da bussola — goniometro baseado nessas propriedades.

DECLINAÇÃO — A direcção da agulha, chamada *meridiano magnetico*, faz com o meridiano do lugar um angulo que se chama *declinação*, angulo este variavel com as horas do dia, dias e annos, bem como de um lugar para outro.

O angulo de uma direcção qualquer dado directamente pela bussola é chamado *azimuth magnetico*, dando-se o nome de *azimuth verdadeiro* ao azimuth magnetico somado á declinação. Além disto a agulha não é parallela ao plano horizontal do lugar e faz com este um angulo chamado *inclinação*.

Não descreveremos a bussola, por ser muito conhecida; trataremos apenas da gradação do limbo e dos effeitos que produzem os differentes sentidos em que os mesmos podem ser graduados.

Antes porém, recordemos ligeiramente as diversas posições que o limbo pode tomar em relação á caixa e á agulha.

A — o limbo pode ser independente da agulha.

B — o limbo pode fazer *systema* com a agulha;

C — o limbo pode, sendo independente da agulha, ter movimentos proprios, independente da caixa.

Para a denominação das bussolas sob este ponto de vista as escolas se dividiram:

UMA — classifica as bussolas em:

a) — Bussolas de limbo fixo — quando o limbo faz *systema* com a caixa.

b) — Bussolas de limbo movel quando o limbo faz *systema* com a agulha.

OUTRA escola faz a classificação totalmente inversa:

a) — limbo fixo — quando o mesmo faz *systema* com a agulha.

OUTRA escola faz a classificação totalmente inversa:

a) — limbo fixo — quando o mesmo faz *systema* com a agulha.

b) — limbo movel quando o mesmo faz *systema* com a caixa.

Achamos muito mais logica a classificação da primeira escola, considerando que verdadeiramente a agulha é a unica parte da bussola que, tendo uma direcção constante, póde ser considerada como fixa.

Resolvemos adoptar a seguinte classificação:

a) — Bussolas de limbo independente — quando o limbo for independente da agulha.

b) — bussolas de limbo suspenso — quando o limbo fizer *systema* com a agulha.

c) — bussolas de limbo independente e articulado — quando o limbo for independente da agulha e, sendo articulado com a caixa, possuir movimentos proprios.

A. Pelletan denomina bussolas de limbo movel aquellas que denominamos de limbo independente e articulado. F. Gaunnet e E. Crouzet chamam de bussolas de limbo fixo aquelles nas quaes o limbo faz corpo com a agulha; denominam de limbo movel as mesmas que A. Pelletan. Entretanto E. Thiery chama de limbo movel aquellas que têm o limbo solidario com agulha. Lannes define como limbo fixo quando o mesmo é solidario com a caixa e movel quando o mesmo pode girar, articulado, sobre a caixa. Como se vê ha realmente duas escolas e neste caso cada um pode adoptar a que mais agrada, com a condição porém de que defina antes qual a escola que segue afim de evitar os erros e confusões.

Quanto a nós, adoptaremos as denominações atraz citadas, das quaes uma, a ultima, é originalmente nossa.

O problema agora se apresenta de modo seguinte:

Em que sentido graduar os differentes limbos afim de se obterem nas leituras feitas, azimuths ou angulos de marcha?

A principio é evidente que, com excepção das bussolas prismaticas, o zero da gradação deverá estar na extremidade N. do meridiano do limbo, devido á convenção da contagem, que manda a mesma iniciar-se pelo N.

Agora, para fixar as ideias, tomemos uma bussola de limbo independente.

Tracemos sobre o limbo dois diametros, de tal sorte que um delles seja parallelo á linha de visada da bussola e em sua extremidade voltada para a frente, no sentido da mesma visada, marquemos o N. (Conforme o typo da bussola o diametro referido poderá tão bem ser parallelo á linha de visada como coincidir com ella).

Ora, como os azimuths crescem no sentido N. O. S. E. e o limbo é que vai desfilir sua gradação diante da ponta N. da agulha, segue-se evidentemente que a gradação terá de crescer no sentido N. E. S. O. que é o sentido contrario da contagem dos azimuths e o sentido natural da leitura.

Este foi o motivo que levou os Topographos a convencionarem a contagem do azimuths no sentido N. O. S. E., afim de que os limbos das bussolas de limbo independente fossem graduados no sentido N. E. S. O. que é sentido natural da leitura. A proposta partio do Coronel Goulier, notavel topographo francez.

Conclusão: para que uma bussola desta especie nos dê directamente o angulo de marcha na ponta da agulha, é necessario que seu limbo seja graduado no sentido N. O. S. E. que é o sentido inverso da contagem do angulo de marcha.

Tomemos, por exemplo, uma bussola Bézard. Esta bussola tem o limbo independente da agulha e o mesmo é graduado no sentido N. O. S. E. O seu constructor, além de outras desiderata.

quize realizar um dispositivo que permittisse ficar registrado na propria bussola um azimuth lido. Si a graduação do limbo fosse no sentido N. E. S. O., teriamos o azimuth na ponta da agulha e os mesmos não ficariam registrados.

O major Von Bézard intelligentemente graduou o limbo no sentido N. O. S. E., e collocou na extremidade de uma linha paralela á linha de visada e no bordo da caixa, extremidade oposta ao operador, um pequeno indice de referencia; nestas condições, quando se faz a visada, girando-se o limbo no seu alojamento, fazendo o diametro N. S. do mesmo coincidir com a direcção da agulha, fica registrado na linha de referencia o azimuth. Si, antes de fazer a visada, se faz a coincidência do diametro do limbo com a linha de referencia (N. do diametro coincidindo com a referencia), o angulo de marcha pôde ser lido na ponta azul da agulha... Dahi se originou um equívoco sobre a finalidade desta bussola e que num exemplo, que vamos estudar poderá ser apreciada.

Tomemos agora uma bussola de limbo suspenso. Tudo via se passar de modo inverso do caso precedente. Effectivamente, quando giramos o corpo para uma visada, mantendo firme a caixa, o limbo, com sua graduação, não participa do movimento do corpo da caixa, e a linha de referencia vai desfilir deante da graduação. Claro, pois, que a graduação terá de ser no mesmo sentido que o sentido de crescimento do angulo que se quer medir; para termos azimuths na linha de referencia devemos graduar o limbo no sentido N. O. S. E. e para termos angulos de marcha o limbo deverá ser graduado no sentido N. E. S. O.

Voltemos á bussola Bézard. Ella participa das propriedades das bussolas de limbo independente e das propriedades das bussolas de limbo suspenso porque por meio da articulação do limbo, depois de cada visada podemos fazer o zero do limbo coincidir com o N. da agulha. Dahi o facto seguinte: si sua graduação fosse no sentido N. E. S. O. na linha de referencia se leria o angulo de marcha. Como porém seu constructor desejava que ficasse registrado o azimuth, foi obrigado a graduar o limbo no sentido N. O. S. E. O equívoco a que atrás nos referimos é o seguinte: a bussola Bézard, pela contingencia de sua construcção, (construcção esta que visava registrar azimuth), quando tem o N. do diametro do limbo coincidindo com a referencia da caixa, dá, na ponta da agulha, o angulo de marcha; o resultado de tal coincidência é que muita gente supõe que esta bussola foi construida especialmente para dar angulos de marcha. Ora, isto não é exacto.

Em primeiro logar o seu constructor, Major Von Bézard, é official do Exército Austriaco, Exército este que não adopta a noção de angulo de marcha. Além disso, no prospecto que acompanha cada instrumento, o seu constructor só se refere a azimuth e nunca faz menção de leitura na ponta da agulha, de que elle não cõgita. Como argumento de valor, enfim, note-se que nos modelos antigos não é possível fazer-se leitura na ponta da agulha porque a mesma é occulta na maioria das posições por uma folha de celluloido coberta de materia phosphores-

cente e onde ha um recorte igual ao formato da agulha, para dar, pela coincidência entre agulha e recorte, os azimuths sommados á sua declinação. Os modelos novos permittem a leitura na ponta da agulha.

Bussolas prismaticas.

São em geral bussolas de limbo suspenso. Entretanto a regra para a graduação do seu limbo soffre uma excepção devido ao facto de que a referencia para a leitura dos azimuths fica do mesmo lado do observador, isto é, junto do olho do mesmo.

Como em geral o operador não vê o limbo, não interessa entrar em detalhes a respeito do mesmo.

De tudo o que precede o que é preciso bem fixar é que: a graduação do limbo depende:

- a) — do fim a que se destina a bussola; (dar azimuth ou angulo de marcha)
- b) — do systema do limbo (independente)

levando-se em conta que:

- a) — a contagem do azimuth é sempre no sentido N. O. S. E.
- b) — a contagem do angulo de marcha é sempre no sentido N. E. S. O.

O quadro abaixo resume o assumpto e por meio d'elle pôde-se, examinando uma bussola inteiramente desconhecida, saber como utilizal-a:

A - Limbo independente	a) - graduação N. E. S. O.: dá azimuth na ponta da agulha;
	b) - graduação N. O. S. E.: angulo de marcha na ponta da agulha.
B - Limbo suspenso	a) - graduação N. E. S. O. — angulo de marcha na referencia da caixa;
	b) - graduação N. O. S. E. — azimuth na referencia da caixa;
C - Limbo independente e articulado com a caixa	a) - angulo de marcha na ponta da agulha quando o zero do limbo coincide com a referencia da caixa;
	b) - azimuth na referencia da caixa quando o diametro N. S. do limbo coincide com a direcção da agulha;

Bussolas declinadas.

Conforme dissemos atrás, a declinação varia com os logares, e para o mesmo logar com os dias mezes e annos. A consequencia pratica

este facto é que as bussolas de dispositivo fixo não darem automaticamente o azimuth sommando com a declinação devem ser rejeitadas. A bussola Bézard traz no limbo, um recorte perfeitamente igual áquella (no modelo novo uma pequena referencia de cellulóide) e, nas inspecções para o seu emprego, lê-se, que o limbo deve ser girado até se fazer a coincidência entre a agulha e o recorte. E' preciso evitarse tal operação. Aquelle dispositivo é destinado a dar a declinação e só poderia ser applicado no logar da construção da bussola e no tempo em que a mesma foi construida.

Ao girar o limbo deve-se fazer-o até que haja coincidência entre o diametro do mesmo e a direcção da agulha, abandonando-se o recorte. Todavia é preciso se notar que a folha de cellulóide é movel, isto é, pôde-se, desmontando o limbo de sua caixa, fazer girar a folha e repousa num segundo recorte de aluminio, dar ao recorte uma posição que faça com o diametro do limbo um angulo igual á declinação do logar onde se vai operar.

Para certa classe de levantamentos exactos, é preferivel trabalhar com os azimuths magneticos. Querendo-se os azimuths verdadeiros bastará, depois de lidos os magneticos, somar-lhes com a declinação do logar.

Sendo dada uma bussola, como determinar o seu emprego?

Basta enquadrar-a numa das chaves do quadro precedente, para se ficar sabendo immediatamente que especie de angulo ella nos dá o azimuth ou angulo de marcha.

E' necessario ainda levar em conta que especie de unidade é empregada para a gradação. Os limbos pôdem ser graduados em:

Grãos, grados, millesimos e horas. Uma simples inspecção mostra logo a unidade empregada. Quando a bussola é graduada em grados, o numero 100 fica sempre registrado, ou na extremidade L. ou O. dos diametros do limbo. As bussolas de limbo em horas têm o mesmo dividido em 24 horas com a sub-divisão sexagesimal.

De tudo que ficou estudado atraz surgem os problemas em termos claros:

1. — Ha vantagem em se adoptar a noção do angulo de marcha?
2. — Ha inconvenientes na adopção, no Exercito, de varios tipos de bussola? — Em caso contrario, qual o tipo que deverá ser escolhido?

Tomemos a 1ª questão. Acreditamos que, sem de perfeitamente inutil, é perniciososa a adopção do angulo de marcha. Nada a justifica porque não simplifica de modo algum nenhum problema; nem tampouco é ella de caracter tradicional entre nós. E' perniciososa a noção pela confusão formidável que gera em torno pela medida do angulo e tambem pelo trabalho que acarreta quando se utilizam as bussolas de limbo independente e cuja gradação é no sentido N. E. S. O., bussola que são as de uso mais corrente em toda a parte, pois obrigam o operador a fazer subtrações de 360° dos angulos lidos.

Pensamos que a noção do angulo de marcha deve ser abolida e ser substituida pela noção de

azimuth de direcção de marcha ou mais abreviadamente "azimuth de marcha", angulo contado no mesmo sentido que o azimuth em Topographia.

Quanto á 2ª questão está de modo estreito ligada á 1ª. E' obvio que a adopção de um tipo unico e regulamentar de bussolas traria grandes vantagens, sendo que, entre outras citaremos a facilidade que a instrucção para seu emprego traria aos officiaes e sargentos.

O inconveniente principal da falta de uniformização das bussolas adoptadas é a difficuldade em se conseguir que sargentos e mesmo officiaes, estejam sempre em condições de poderem empregar-as indifferenteemente ou mesmo dar instrucções sobre o seu emprego. Quanto ao tipo de bussola a ser escolhido julgamos que o mesmo deve ter os seguintes caracteristicos:

- a) — Maxima portabilidade;
- b) — " solidez;
- c) — " simplicidade.

Quanto ao 1º caracteristico, em geral quasi todas as bussolas o possuem, o mesmo se podendo dizer, quanto ao 2º, da maioria dellas. Entretanto a preocupação de realizar dispositivos engenhosos que permitam a utilização das mesmas para varios fins, tem conduzido alguns tipos a serem complicados e por consequente de máo emprego, como os celebres canivetes de 20 folhas que afinal para nada prestam devido á complicação e manejo difficil.

Achamos que, um bom tipo de bussola a ser adoptado no Exercito, deverá obedecendo ao que ficou dito acima, ser:

- a) — de limbo independente da agulha;
- b) — gradação no sentido N. E. S. O. que é o sentido natural da leitura;
- c) — gradação em grãos para os usos da Infantaria e em millesimos para a artilharia, ou gradação dupla;

Cremos que o tipo de bussola Peigné é o que melhor se ajusta a estas condições, principalmente o tipo primitivo de caixa de madeira a qual possui uma aresta graduada que serve de escala para os levantamentos expeditos.

Não somos adeptos das bussolas de limbo suspenso (limbo fazendo systhema com a agulha) porque sua gradação, no sentido N. O. S. E. é de difficil leitura e conduz o operador a frequentes erros, "mesmo quando ella é prismatica", pois, com a oscillação do limbo (que não fica em repouso absoluto) nunca o operador vê só um numero diante do prisma donde ser levado a ler um azimuth ou maior ou menor do que na realidade graças á disposição da gradação.

Outrosim, os dispositivos proprios a darem o azimuth com a declinação devem ser inteiramente banidos pelos motivos que já explicamos atraz, além da vantagem de se simplificar o instrumento.

E' preciso de se levar em conta que a bussola não é um instrumento para ser usado pelos officiaes somente, estando seu uso generalizado até mesmo aos soldados, devendo pois ser absolutamente simples e solido; tudo aquillo que con-

Morteiro Stokes Brandt

O ACOMPANHAMENTO IMEDIATO DA INFANTARIA E O PROBLEMA DA POTENCIA DE FOGO NA CAVALLARIA

Pelo Cap. ALCIO SOUTO

Realizou-se ha dias, nos campos de GERIÇÓ, interessante demonstração sobre o novo petrecho de acompanhamento da infantaria, cuidadosamente organizada pela firma Mayrink Veiga e Cia., representante desse material no Brasil.

As características principaes do Morteiro Stokes Brandt 1929 são as seguintes:

Calibre — 81 m/m.

Peso — 57 kilos approximadamente, podendo ser transportado durante o combate por seus serventes em 3 fardos de peso inferior a 20 kilos, e durante as marchas no dorso de um só animal.

Alcance de cerca de 3000 m, com grande precisão até a distancia de 2000 m.

Projectil de 3.kg. 5 contendo cerca de 500 gr. de explosivo, dando excellente fragmentação, efficacia comparavel á da granada do 75.

Grande rapidez de tiro, podendo suppor a cadencia normal de 15 a 18 tiros por minuto e maxima de 30.

Grande rusticidade e simplicidade de funcionamento, o que lhe permite tambem uma notavel rapidez de accionamento, em qualquer terreno e ao abrigo de qualquer mascara ou massa cobridora (trincheiras, crateras de projectis, etc.).

* * *

Pessoalmente tivemos oportunidade de verificar, seja pela conducta do material durante o fogo, seja pela observação dos tiros, não só de observatorio nas proximidades do material como de observatorio situado lateralmente e a cerca de 100m. de um dos objectivos, seja ainda pela verificação dos resultados obtidos, que realmente o Morteiro Stokes Brandt parece resolver satisfactoriamente o problema do acompanhamento immediato da infantaria.

Com effeito, de que se trata no desempenho dessa missão?

O acp. imm., de maior importancia no combate offensivo, tem por fim reduzir, com segurança e rapidez, as pequenas resistencias que se antepõem á progressão da infantaria em 1º escalão, particularmente os órgãos de fogo inimi-

gos (metralhadoras) que surgem inopinadamente, por vezes isoladas, e contra os quaes não é sempre possivel a intervenção da artilharia de apoio directo nas condições requeridas de precisão e urgencia, em virtude da distancia em que pode encontrar-se essa artilharia do 1º escalão de infantaria e consequente difficuldade de ligação rapida (pedido do tiro, designação precisa do objectivo) entre as duas armas.

A solução do problema foi a principio procurada com o augmento da potencia de fogo do batalhão de infantaria, attribuindo-se-lhe uma secção de petrechos, denominados de acompanhamento, dispondo de 1 canhão de 37 m/m e de 1 morteiro Stokes. Porém, a pouca potencia do 37 e a pouca precisão e pequeno alcance do então morteiro Stokes, não foram sufficientes para liquidar a questão e permanecem de pé a necessidade de dotar a infantaria de um pequeno "canhão", potente e preciso, que lhe permittisse resolver o problema do acompanhamento immediato.

Como solução imposta pela falta de um material appropriado, a questão foi até o presente resolvida pelo emprego eventual de "fracções" de artilharia, secções ou baterias de 75, de preferencia artilharia de dorso (montanha); mas, a artilharia de 75, em virtude da grande vulnerabilidade de material e forte tensão de suas trajectorias, difficilmente se presta ao cumprimento das missões de acompanhamento immediato, que exigem posições de tiro a pequena distancia — em media de 1 a 2 km. dos objectivos (1) — e tiros a pequena distancia na frente dos elementos de infantaria de 1º escalão.

Além disso, particularmente para nós no Brasil, que difficilmente poderemos dispôr de numerosa artilharia em virtude do elevado custo do material, que teremos difficuldades para substituir ou rapidamente reparar o material (adquirido no estrangeiro), a solução de utilizar para as missões de acp. imm. — atirando della a 2 km. — canhões de campanha, mesmo de dorso (montanha), construidos para dar tiros efficazes

(1) No alcance efficaz das Mtrs. inimigas.

tribuir para prejudicar aquellas duas qualidades deve ser proscripto.

Bibliographia.

Topographia - Berget.
Topographia - Gabbriel.
Topographia - A. Pelletan.
F. Gaumet..

E. Thiery.
Lannes.
De Larminat.
Almeida Guimarães.
Dictionaire Militaire (1898)...
Bonneval.
P. Matta..
B. C. T. P. e E. Crouzet..

a distancias de 5 a 7 e algando a mais de 9 km., é evidente pouco aconselhavel.

Felizmente, o novo Morteiro Stokes Brandt apresenta as qualidades requeridas para resolver satisfactoriamente o problema, a contento das duas armas principalmente interessadas:

da infantaria, porque se trata de um material que lhe poderá ser affecto organicamente de modo a lhe satisfazer as necessidades de acompanhamento immediato nas melhores condições possíveis de tempo, precisão e potencia;

da artilharia, porque evitará o seu emprego numa missão para a qual ella não preenche tecnicamente as condições e a sua disseminação em detrimento da acção nas missões de apoio directo e de conjunto.

Sabemos que alguns dos nossos companheiros, artilheiros, não sympathisam com o facto de ser relegada para o infante uma das missões que até agora tem cabido á artilharia, o que poderá parecer uma diminuição ou redução do papel da artilharia no combate. Responderemos, lembrando que os nossos limitados recursos em material de artilharia, difficilmente nos permitirão satisfazer efficientemente, na maioria dos casos, as principais missões dessa arma no combate, as de apoio directo e as chamadas missões de conjunto (contra bateria, contra objectivos mopinados, interdicções, inquietações), de modo que o facto de aliviarmos a artilharia do seu emprego como "petrecho de combate" virá realmente concorrer para o seu melhor emprego e maior eficiencia no desempenho das citadas missões.

Ainda, no que diz respeito á infantaria, a precisão do Stokes Brandt permite substituir no 1.º a actual secção, prevista de 1 morteiro e 1 canhão de 37, por uma secção de 2 Morteiros Brandt, o que aumentará a potencia de fogo do 1.º e facilitará o remuniamento (em especie) e a instrução, com a suppressão do pequeno canhão de 37.

* * *

Para a Cavallaria, o factor "mobilidade" tem até agora sido um obstaculo para que se lhe dote de uma potencia de fogo maior. Afim de evitar que as D. C. fiquem demasiado pesadas, a artilharia organica dessas grandes unidades não deve ultrapassar de 2 a 3 grupos (apenas 2 na D. C. brasileira), o que representa um apoio pouco poderoso.

Julgamos, entretanto, que as qualidades do Brandt o indicam vantajosamente para resolver em parte o problema do augmento da potencia de fogo da cavallaria. Com effeito, a dotação de 1 Sec. de Morteiros (2 peças) para cada esquadra de cavallaria, por exemplo, daria ao R. C. um poderoso supplemento de fogo sem lhe affectar grandemente a mobilidade, uma vez que o escalão de remuniamento fosse previsto na Divisão.

É certo que o "morteiro" é um grande "comedor" de munições, mas esse inconveniente é

attenuado pela precisão da arma, potencia pouco peso da munição.

* * *

Um outro aspecto que nos parece de real valor é o da rusticidade e simplicidade do material em questão, de molde a podermos não encarar a sua facil aquisição no estrangeiro, mas, o que é sobremodo importante, a fabricacão desse material no Brasil mesmo.

BRAGA, IRMÃO & C

RIO DE JANEIRO — BRASIL

RUA BUENOS AIRES Nº 77 - 1º e 2º and.

Caixa postal nº 1827 — ende. Teleg.

"Bragalex"

Cod.: Ribeiro, A. B. C. 5ª e 6ª Ed. e Mos
Fornecedores dos Governos Federal, Estadua
e Municipaes do Brasil.

Especialistas em: Armas e munições de guerr
polvoras, explosivos, material de aviação,
sapa, engenharia, minas submarinas, equip
mento militares, aparelhos de optica pu
exercito e marinha, tintas, etc.

Representantes exclusivos para o Brasil de:
Dansk Rekytriffeld Syndikat — Copenhag
— Metralhadoras e canhões anti-aere
"Madsen".

Hollandsche Industrie — en Handelmaatscha
pij — Haya — Artilharia de campanha,
montanha, de sitio e de costa e respectiv
munições.

Aktieselskabet Skandinavisk Vaaben og Amn
nitions Kompagni Copenhague — Fuzis
mosquetões "Mauser" e respectiva munic
de guerra.

Sociedade Industrial Suissa — Neunhausen
Mosquetão automaticos metralhadores "B
bmann".

Société des Etablissemnts Krauss — Paris
Aparelhos militares de optica, compas
de aviação, etc.

Garate, Anitua & C. — Eibar — Revolvers
guerra "Detective".

Emil G. v. Hoeveling — Hamburgo — Tin
para navios de guerra.

Elementos theoricos da organização de um plano de fogo

NOTAS DE AULA DA E. A. O.

Pelo Cap. OCTAVIO PARANHOS

O "PLANO DE FOGO" de uma tropa de infantaria na Defensiva visa o emprego de suas armas automaticas e dos seus engenhos de acompanhamento em caso de ataque inimigo.

Elle prevê:

**ONDE ATIRAR,
QUEM ATIRARA,
QUANDO E COMO OS FOGOS SE
DESENCADEARÃO,**

em função da progressão do ataque inimigo.

Na defensiva, estando tudo subordinado a realização brutal da potencia maxima do fogo, O PLANO DE FOGO" commanda a escolha a posição de resistencia e o dispositivo da tropa.

Elle é a expressão fiel da "IDÉA DE MA-OBRA" do chefe encarregado da Defesa.

Seu estabelecimento é de uma importancia vital.

O plano de fogo tem essencialmente por objectivo a organização de uma rede completa de fogos possantes, nas malhas da qual o inimigo irá cedo ou tarde detido, mesmo se conseguir quebrar algumas dellas!

Segundo a concepção actual da Defensiva, esta rede completa de fogos comprehende: (Ver fig. annexa):

1ª. — UMA BARRAGEM PRINCIPAL, profunda, densa e rigorosamente continua, deanda posição de resistencia, constituída pelos fogos do maior numero possivel das armas automaticas leves ou pesadas e dos engenhos pertencentes á unidade encarregada da defesa do terreno.

2ª. — AQUEM DA BARRAGEM PRINCIPAL fogos de separação no interior da posição de resistencia, e, si possivel, uma *barragem de ter* organizada atraz da posição e mantida ante da linha de deter (antiga linha dos reducos) com a maior continuidade possivel.

3ª. — ALEM DA BARRAGEM PRINCIPAL:

a) — os fogos dos postos avançados (rede de fogo continua ou nucleos de fogos mais ou menos ligados entre si, ou combinação dos dois processos).

b) — os fogos partidos da posição de resistencia, SEM LIGAÇÃO entre si, porém adaptadas ás missões dos POSTOS AVANÇADOS.

c) — eventualmente, si possivel, os fogos de interdição e de contra preparação, além da linha de vigilancia dos POSTOS AVANÇADOS.

d) — os fogos especiaes de defeza contra aviões.

O PLANO DE FOGO comprehende assim tres partes, correspondentes á adaptação do fogo das diversas armas que dispomos e ás eventualidades das phases da offensiva inimiga.

A 1ª PARTE, comprehende o conjunto das missões "PRINCIPAES" ou "NORMAES" das armas, no momento do assalto inimigo, e visa a execução da "BARRAGEM PRINCIPAL", parte essencial do "PLANO DE FOGO".

A 2ª PARTE comprehende todas as missões correspondentes aos periodos de aproximação e de ataque do inimigo.

A 3ª PARTE visa a defesa interior da posição de resistencia e a organização dos elementos da barragem de deter.

As missões dadas ás diferentes armas, em vista da realização dessas duas ultimas partes, são chamadas "MISSÕES EVENTUAES", desde que já tenham missão principal.

O plano de fogo regula, para cada um dos casos tratados acima, o desencadeamento dos diferentes tiros.

PRIMEIRA PARTE

A BARRAGEM PRINCIPAL — SEU ESTABELECIMENTO, SEU DESENCADEAMENTO

A 1ª parte do PLANO DE FOGO visa a instalação e o desencadeamento da BARRAGEM PRINCIPAL, zona de fogo profunda, densa, continua, destinada a quebrar o assalto inimigo e a interditar toda infiltração possivel do inimigo.

O estabelecimento da BARRAGEM PRINCIPAL impõe:

1ª. — A escolha da faixa do terreno que se quer interditar ao inimigo, concentrando os projectis das armas da posição.

2ª. — A escolha da posição das armas chamadas a fornecer esses projectis; os G. C. os mais avançados definirão a LINHA DE RESISTENCIA ou a orla exterior da posição, que é ao mesmo tempo o limite posterior da barragem.

3ª. — A maneira de distribuir os projectis no interior dessa zona de barragem para reali-

tar a efficacia (densidade das balas, rapidez de tiro, etc.).

Não é necessario estudar á parte cada uma desses tres pontos inteiramente ligados um ao outro; é necessario, entretanto, fazer resaltar:

1.º — Que, na escolha da zona de terreno onde se deve realizar a barragem principal, é necessario levar em conta as possibilidades de obter tiros razantes fornecidos pelas armas automaticas da linha de resistencia.

E' necessario evitar, por conseguinte, as partes do terreno offerecendo campos de tiro que sejam muito cortados ou limitados pelos accidentes do solo.

2.º — Que é necessario, igualmente, procurar, para realizar a barragem principal, uma zona tal, em que possam participar, não só as armas collocadas sobre a linha de resistencia mesma ou em sua vizinhança immediata, mas o maximo possivel das armas automaticas leves e pesadas escalonadas no interior da posição.

3.º — Que a zona, sobre a qual se deve effectuar a barragem de balas, deve ser bastante profunda, para que o infante inimigo não a possa atravessar de um lance sem ser detido, afim de que o tiro conserve uma densidade sufficiente em toda a zona da barragem.

DISPOSITIVO DAS ARMAS

Todas as armas automaticas leves ou pesadas devem, em principio, tomar parte na commandação dos fogos desejados pelo chefe, para realizar a barragem principal, parte essencial do PLANO DE FOGO.

Para agir na BARRAGEM PRINCIPAL, cada arma é disposta segundo seu ALCANCE e seu grão de PRECISÃO.

E' assim que o modo normal da metralhadora pesada é o FLANQUEAMENTO AFASADO, e o da metralhadora leve o FLANQUEAMENTO APPROXIMADO até 700 metros (1).

Os F. M. asseguram:

1.º — a protecção das secções de Mtrs. Leves atirando em flanqueamento;

2.º — a continuidade do fogo deante das partes da linha de resistencia não batidas pelos fogos das Mtrs. Leves.

Seu emprego corrente no "PLANO DE FOGO" é o tiro normal em frente, que dá a profundidade na barragem e assegura a continuidade nos casos em que os órgãos de flanqueamento sejam destruidos pelo inimigo; por isso as zonas do tiro dos F. M. devem se recortar.

Si bem que o emprego do tiro normal em frente permita ao F. M. assegurar o flanquea-

(1) — Ver as razões na Conferencia de Infantaria de 1927.

mento de certas partes da frente, em particular dos salientes, será muitas vezes necessario tambem de utilizal-o em flanqueamento, para assegurar a continuidade dos fogos nas zonas não batidas pelos fogos das Mtrs. Leves.

Quando collocados (F. M.) em contra-vergente, geralmente actuam em flanqueamento.

Assegurando a protecção das Mtrs. Leves reforçam e completam a barragem fornecida pelas Mtrs.

Os F. M. representam o elemento de fogo mais importante das companhias.

Estas unidades terão muitas vezes, no Brasil, de defender unicamente com o auxilio dos volteadores, certas partes da frente privadas do fogo das armas automaticas em virtude da densidade de vegetação (matto ou capim).

O fuzil ou o mosquetão conserva assim nesses terrenos cobertos, todo seu valor, malgrado a collocação em serviço das armas automaticas.

INSTALLAÇÃO DAS COMPANHIAS

O dispositivo das Cias. é por conseguinte função das missões de fogo impostas as suas diferentes armas automaticas.

Um commandante de Batalhão não pôde, assim, em nenhum caso, se contentar de fixar a cada uma das suas Cias. uma zona de fogo; elle deve, ao contrario, procurar combinar os seus fogos e precisar as missões dos fogos de cada uma para completar a acção dos das suas Mtrs.

Nas Cias. a formação dos G. C. em quinconcio irregular, preconizado para a offensiva, responde igualmente ás necessidades da defensiva.

Tomemos, por exemplo, o dispositivo das armas tomando parte na barragem principal sobre uma trincheira da frente.

Si admittirmos, o que é o caso geral, que uma Sec. Mtrs. L. seja collocada na zona das Cias. de 1.º escalão, a barragem deante da frente será constituída:

1.º — Pelas concentrações de fogos das Mtrs. Pesadas installadas no interior da posição e atirando em flanqueamento afastado.

2.º — pelos tiros em flanqueamento razante das Mtrs. Leves batendo as bordas da posição.

3.º — pelo fogo (F. M. e Fuzis) dos G. C. a, a', a'', b, b', b'', etc. pertencentes aos pelotões de 1.º escalão e nos casos favoráveis pelo fogo de alguns grupos, 1, 2, 3 (pelotões de 2.º escalão) convenientemente collocados para atirar nos intervallos dos primeiros.

E' evidente que o tiro de grupos taes como a" e c" (v. Fig.), nos intervallos dos grupos de 1.º escalão, só é possível, de dia como de noite, pela poeira e na fumaça do combate, si os angulos a" b ou b' c e" forem sufficientemente abertos ou si o terreno que convém de utilizar nesse fim se prestar particularmente (posição em plan superior dos G. C. da rectaguarda).

O maior numero dos G. C. dos pelotões de 2.º escalão não poderão, o mais das vezes, atira-

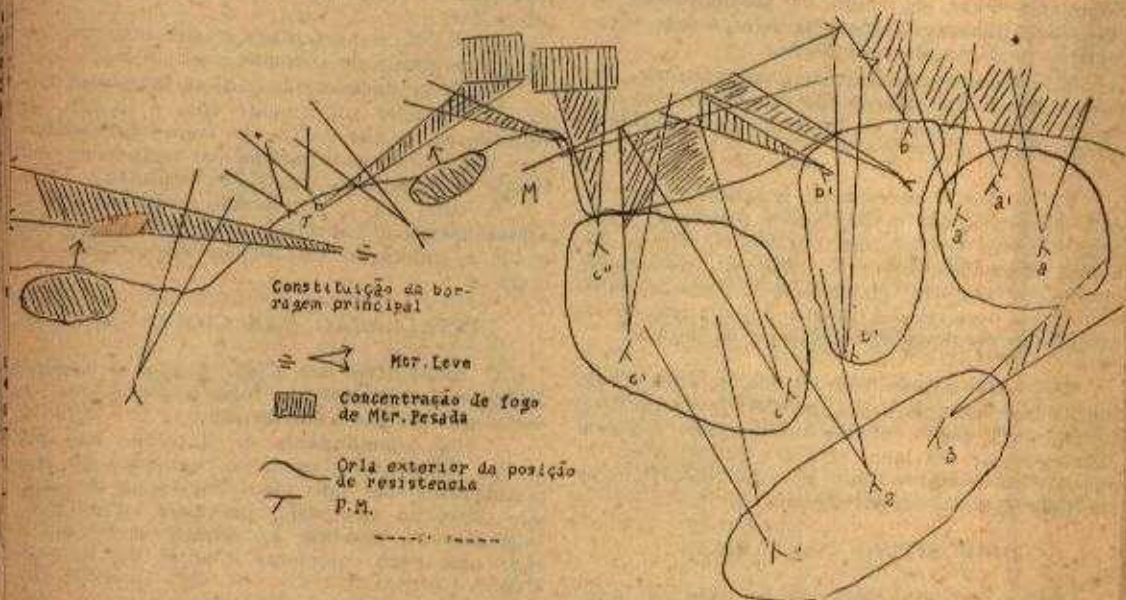
ao mesmo tempo os G. C. dos Pelotões de 1.^a escalação: exemplo: (1 e 2), porém elles intervirão eficazmente si certos grupos taes como c' ou b' desaparecem durante o combate ou ainda si o inimigo fizer irrupção entre os pelotões de 1.^a escalação.

E' necessario não esquecer que é facil melhorar com alguns trabalhos simples de organi-

"Os engenhos de acompanhamento recebem uma missão de alerta".

II — O DESENCADEAMENTO DA BARRAGEM PRINCIPAL.

A barragem principal, chamada a actuar bruscamente no momento do assalto inimigo,



ção do terreno as condições de tiro dos grupos taes como a", c, b".

Estacas fixam os F. M. nas direcções normaes (é necessario poder atirar sem vêr) e padores cobrem os grupos a", b.

A collocação dos G. C. depende então essencialmente do terreno e das facilidades que elle offerece ao emprego dos fogos.

Devemos escolher de maneira a bater todo terreno em frente e assegurar a continuidade da barragem nas zonas cobertas.

Os intervallos entre os G. C. são determinados levando-se em conta as seguintes considerações:

- continuidade de fogo
- perdas a prever
- movimento (bouleversement) do terreno.

ENGENHOS DE ACOMPANHAMENTO

Para reforçar seu systema de fogos, a Infantaria pode ainda utilizar os projectis dos engenhos de acompanhamento assim como as granadas de V. B. e as lançadas pelos granadeiros. STOCKS para bater os angulos mortos de 90 a 2.000 ms.

V. B. — GRANADAS, para bater os angulos mortos approximados (G. de mão = 30 40 ms.; G. do Fuzil = até 150 ms.).

Ha vantagem em grupar os STOCKES dos tils. e os V. B. para obter nos pontos sensiveis resultados mais importantes.

deve poder ser desencadeada instantaneamente, automaticamente, seguramente, de dia como de noite.

Ella deve ser assim prevista de ante-mão em todos os seus detalhes. As missões principaes das armas automaticas apparecem como verdadeiras missões preconcebidas.

Ellas se desencadearão instantaneamente, si a execução da barragem tiver sido preparada sobre os tres factores:

- observação.
- signalização do que foi observado.
- desencadeamento do tiro sobre esse signal.

Dois casos, entretanto, se pôde encarar:

1.^o. — O inimigo não tem tomado contacto com o posição de resistencia.

2.^o. — O inimigo está em contacto com a posição de resistencia.

No 1.^o CASO, a experiencia da guerra mostra que a abordagem da posição de resistencia não pôde ter lugar, senão de dia.

Esta ultima é em geral coberta por uma posição de Postos Avançados cuja guarnição tem por missão:

- a) — prevenir a approximação do inimigo, si elle está ainda afastado no momento em que nos installamos defensivamente.

- b) — cobrir a Pos. de Resistencia, isto é, dar ás tropas occupantes dessa posição o tempo de tomar suas disposições de combate.
- c) — de deter os fracos ataques do inimigo.
- d) — seja de recuar, seja de combater em ligação com a posição de resistencia, deante um ataque forte do inimigo.

Postos em guarda pelos postos-avancados, os observadores da posição de resistencia informam immediatamente aos chefes das secções de metralhadoras que desencadearão a barragem principal por propria iniciativa.

Bastará, neste caso, um unico signal dos P. A. para alertar este material tão preciso.

O inimigo ao de suas trincheiras, por exemplo, indício de um ataque, determinar um código de signaes para o desencadeamento da barragem, etc.

No 2º CASO — O inimigo está em contacto da posição de resistencia.

De dia a iniciativa dos chefes da Secção é sufficiente para desencadear os tiros sobre as partes da frente atacada.

De noite, o desencadeamento automatico da barragem depende:

- da vigilancia da tropa de occupação.
- da amarração de dia dos tiros executada pelas armas automaticas tomando parte na barragem.

— A' NOITE SÓ OS TIROS AMARRADOS DE DIA SÃO EFFICAZES.

Os outros tiros podem actuar, mas seus resultados são aleatorios, frequentemente não dão resultado.

O tiro amarrado é o caracteristico do combate pelo fogo de infantaria á noite, na defensiva.

Esse tiro é facil realizar pelas Mtrs. e fuzis metralhadoras.

Todos os outros engenhos de Infantaria estão pouco mais ou menos impotentes, salvo, todavia, os granadeiros que constituem uma defesa apreciavel e séria no momento da abordagem.

E' necessario entretanto lembrar que, mesmo amarrado, o tiro das Mtrs. tem um rendimento menor de noite.

E' sufficiente, com effeito, um pequeno deslocamento da peça para diminuir a efficacia do tiro.

Para remediar essa inferioridade dos tiros das armas automaticas á noite e permitir a realização de uma barragem densa e continua, é necessario melhorar a visibilidade e por consequente esclarecer o terreno.

Diferentes processos podem ser empregados.

OS FOGUETES LUMINOSOS prestam grande serviço, mas sua acção não é constante.

Pouco depois da luz viva do foguete luminoso a noite parece mais escura ainda.

O emprego dos projectores permite esclare-

cer periodicamente a 1ª linha da posição inimiga, mas os projectores em acção são assinalados e podem ser destruidos facilmente.

Durante a guerra para melhorar o tiro das armas automaticas á noite e, sobretudo, para assegurar a direcção do tiro emprega-se: vertice da massa de mira luminoso; balas luminosas, pontos de referencia luminosos constituídos pelas arvores preparadas com uma pintura phosphorescente e mesmo de pequenas lanternas surdas collocadas na direcção a bater.

Todas essas precauções mostram em que sentido a preparação do tiro amarrado deve ser cuidado. Os tiros das armas automaticas sendo preparados de dia, um mesmo foguete lançado de pontos diferentes, referidos a priori, basta para jogar com as diferentes partes da barragem.

E' necessario, nesse caso, determinar precisamente a autoridade que lança o foguete, afim de evitar, si possível, qualquer desencadeamento não justificado da barragem, motivados pela excitação dos elementos de 1ª escalão.

Os Cmts. de Pontos de Apoios parecem indicados para possuir esta iniciativa de lançar os foguetes.

Em todo o caso, para desencadear a barragem principal, é necessario evitar de prescrever verdadeiros espectaculos de fogos de artificio, que arriscariam provocar confusão no espirito dos executantes, no momento do ataque inimigo.

Em geral, um só foguete, o que serve para o desencadeamento dos tiros de deter da Artilharia, basta.

Não se deve, esquecer que em virtude da difficuldade que ha de se distinguir as cores dos diferentes foguetes, é sempre preferivel basear seu código de signaes, diferenciando os foguetes por suas formas em lugar de caracterizal-os pelas côres.

Emfim para assegurar o fogo cego da barragem, diferentes precauções devem ainda ser tomadas.

Elas concernem em:

1º. — Emparelhar as peças na Sec. Mtrs. para a execução das missões principaes.

Sómente o emparelhamento das peças permite assegurar a continuidade do fogo durante um tempo apreciavel, a instantaneidade do desencadeamento da barragem e a certeza de sua execução, quaesquer que sejam as circumstancias.

As 2 peças de uma Secção de Mtrs. devem ter sempre o mesmo objectivo como missão principal.

O emparelhamento de 2 F. M. se impõe pelo mesmo motivo, quando esta arma recebe uma missão de flanqueamento na barragem principal.

O cuidado de não arriscar á destruição, ao mesmo tempo, as 2 peças da Secção e o que veremos mais tarde, de dar, si possível, a cada peça missões eventuaes diferentes, impõe por outro lado espalhar-as largamente no terreno (100ms) mas sempre permitindo a cada chefe de Secção de ficar senhor de suas peças e de assegurar a vontade, o reabastecimento em munições e viveres, bem como a substituição do pessoal e material posto fóra de combate, e principalmente poder commandal-os.

Si, se leva em conta a zona de dispersão de uma peça de Artilharia, um distancia de 100 a 120 metros, em terreno médio, satisfaz.

2ª. — A preparação, a amarração em caso de necessidade, a regulação dos tiros correspondentes ás missões especiaes.

Só o tiro amarrado, como já vimos, é realizavel num combate em que nada se vê; elle defenia a noite, a fumaça, a cerração, etc.

3ª. — Cada orgão de fogo deve receber uma ordem detalhada (1) — (missão de fogo) simples, precisa, formal, excluindo qualquer motivo de interpretação condicional e comportando o regimen do tiro.

4ª. — Cada orgão de fogo deve ser no minimo enterrado, abrigado de face e de flanco e com parador.

Este preparo deve ser um reflexo nos infant.

5ª. — A organização da observação e das transmissões correspondentes.

6ª. — O approvisionamento e a lotação das missões.

SEGUNDA PARTE

MISSÕES DE FOGOS CORRESPONDENTES AOS PERIODOS DE APPROXIMAÇÃO E DE ATAQUE DO INIMIGO.

A 2ª. parte do plano de fogo comprehende todas as missões de fogos confiadas ás armas automaticas no curso dos periodos de aproximação e de ataque do inimigo.

Ellas têm por fim apanhar o inimigo no momento em que elle (é detido) cae sob a acção dos fogos dos Postos Avançados e de não mais o deixar antes que elle não seja immobilizado e vencido pela barragem principal, cujo papel é de quebrar definitivamente o assalto inimigo.

Essas missões visam os tiros a realizar na frente da barragem principal.

Ellas comprehende:

1ª.) — Os fogos dos Postos Avançados.

2ª.) — Os fogos longinquos da Pos. de resistencia.

3ª.) — Eventualmente, os tiros de contra-preparação, de inquietação e de interdicção.

4ª.) — Os fogos especiaes da defesa contra aviões.

Examinemol-os successivamente.

1ª.) — OS FOGOS DE POSTOS AVANÇADOS têm por fim tornar ao inimigo a tomada de contacto laboriosa, longa e difficil e deixar

(1) — Consigne.

esse ultimo na ignorancia da Posição de Resistencia.

Os fogos dos Postos Avançados procuram realizar uma cortina de fogos continuos, constituida por fogos de flanqueamento e de fogos de frente sem apresentar entretanto nem a profundidade nem uma continuidade tão absoluta como aquella que se requer para a barragem principal, que deve ser uma rede.

A installação dessa cortina de fogo não deve em nenhum caso exigir um consumo excessivo de effectivos que conduzirá a uma dispersão de esforços.

No caso em que o estabelecimento de uma cortina de fogos não é possivel, os fogos dos Postos Avançados devem ser localizados sobre os caminhamentos favoraveis para o inimigo, que o conduzirá directamente á posição de resistencia edifficilmente batidas pelos fogos dessa ultima.

Elles devem sempre, pelo menos, procurar barrar os caminhos tentados para o inimigo.

Elles se apresentam então sob a forma de ninhos de fogos mais ou menos ligados entre si.

Os fogos dos P. A. devem se revelar ao inimigo inopinadamente.

2ª.) — OS FOGOS LONGINQUOS DA POS. RESISTENCIA visam os tiros executados pelas armas automaticas, da posição de resistencia, sem outro limite que aquellos impostos pelo alcance DAS ARMAS e pela compartimentagem do terreno.

Elles têm, antes de tudo, por fim bater os intervallos que existem entre os pontos de apoios dos P. Avançados.

Elles são previstos egualmente sobre os pontos de passagem forçados ou de reuniões provaveis do inimigo.

Elles constituem uma parte das missões eventuaes dadas ás armas automaticas.

Essas missões são determinadas depois de um estudo minucioso das differentes eventualidades que possam se produzir após as informações que se tenha sobre o inimigo.

Após ter deduzido os caminhamentos possíveis para uma progressão do inimigo, determina-se os itinerarios a bater efficaçamente.

A 1ª parte das missões eventuaes visa a interdicção ao inimigo de todo movimento descoberto em toda extensão do terreno, que o alcance das armas automaticas da posição de resistencia permitta attingil-o.

As armas automaticas encurtam seu tiro ao mesmo tempo que o inimigo progride e participam da barragem principal no momento proprio.

CONCENTRAÇÕES DOS FOGOS

Ha interesse em fazer convergir os projectis de varias armas automaticas dispostas em toda a profundidade da posição de resistencia sobre certos pontos particularmente sensiveis.

Algumas missões eventuaes, correspondentes ás concentrações locais no terreno, são assim communs a varias armas automaticas e mesmo a varias secções de metralhadoras.

A organização de concentrações apresenta inúmeras vantagens.

A concentração de fogos de diferentes armas, sobre uma mesma zona, permite de não fazer pedir o seu fornecimento, em um ponto dado, de uma única arma, a qual como tudo que se encontra sobre o campo de batalha está sujeita a ser neutralizada ou destruída.

A zona onde caem os projectis é assim completamente independente das posições onde são batalladas as armas que os lançam.

O inimigo fica na incerteza sobre a origem dos tiros que o detem; elle é assim obrigado de apartir seu fogo sobre enorme espaço, para centralizar as armas automaticas da posição a resistencia.

Sobre uma posição de resistencia a maior parte das metralhadoras Pesadas e uma notavel porção do F. M. devem poder atirar simultaneamente e sobre uma mesma zona.

Cada secção de metralhadora pesada póde não receber varias missões eventuaes.

Essas missões não reclamam os mesmos caracteres do desencadeamento automatico e cegas dirigições para as missões principaes; ha muitas vezes interesse em repartir as missões eventuaes entre as peças das secções de metralhadoras.

PROCURA DA SURPRESA

A realização da concentração de fogos presentes pode revelar ao inimigo um certo numero de posições de Mtrs.; é preciso conciliar a organização desses fogos com a procura do effeito da surpresa, que não pode ser bruta nem trivial si o assaltante não cahir inopinadamente sob o fogo da barragem principal.

Para obter esse resultado bastante importante, os fogos longinquo, que inquietam o assaltante, devem ser confiados ás secções de Mtrs. ledaes, que agindo em flanco afastam o inimigo da barragem são, em geral, situadas notavelmente á retaguarda da linha de resistencia.

O inimigo é assim incitado a manter seu ataque contra essas Mtrs. interiores que poude assaltar.

Ha o maior interesse para a Sec. Mtrs. entregada da missão eventual em evitar desviar do inimigo as posições de combate, escolhidos a função de suas missões principaes.

Para isso, conforme as prescripções regulamentares, as Secções de Metralhadores devem largamente usar de sua mobilidade; ellas utilizam posições de tiro diferentes das que são previstas para as missões normaes.

Devem, entretanto, ficar em medida de se consagrar no mais breve espaço a executar as missões principaes si o ataque inimigo se desenrolar.

A execução das missões eventuaes é sempre subordinada a possibilidade de executar instantaneamente a barragem de fogo principal.

3º). — Os tiros de contra preparação, são construccões previstas de antemão sobre as zonas de reunião para as tropas de 2º escalão ou de reserva.

Os tiros de interdicção ou de inquietação são tiros longinquo executados sob a forma de con-

centrações massicas e desencadeadas por surpresa sobre os pontos de passagem obrigatoria do inimigo.

4º). — Os tiros contra aviões são unicamente executados actualmente por secções de Mtrs. Pesadas postadas o mais á retaguarda possivel da linha de resistencia.

Elle se applica no momento do assalto inimigo; é a ordem do chefe concernente á conducta do fogo.

A experiencia mostra, com effeito, que nesse momento de crise o chefe não pode ser informado a tempo, nem transmittir suas ordens para adaptar seus fogos as acções do inimigo.

Elle é então obrigado a commandar seus fogos de antemão, para os assegurar o minimo de cohesão necessaria.

Esses se desencadeiam brutalmente d'uma cega, pondo em execução consignes precisos dados ás armas e chamados MISSÕES PRINCIPAES.

As missões eventuaes previstas attenuam, na medida do possivel, a rapidez d'um tal systema e adaptam, desde que as circunstancias o permittam, o fogo ás acções do inimigo.

Galeria de "A Defesa Nacional"

Desde que a Revista entrou em sua nova phase, foi cogitação do Grupa Mantenedor organizar uma galeria civica, em a qual fôsse cultuada a memoria brilhante de tantos vultos illustres do Brasil.

Ficou desde logo estabelecido que periodicamente seria publicada a photographia, acompanhada de uma summaria nota biographica, alternando-se a homenagem, ora de um valeroso soldado, ora de um marinheiro heroico.

Mas, não seria justo, nem corresponderia á totalidade dos designios de A DEFESA NACIONAL, se exclusivamente homenageassemos a militares, esquecendo, do mundo civil, uma pleiade immensa e gloriosa de brasileiros illustres.

Assim é que, no numero de Agosto, iniciamos a realização do nosso desejo, com a publicação de um retrato do Duque de Caxias, e nosso maior general.

No numero de hoje, prestamos a nossa homenagem ao insigne BARÃO DO RIO BRANCO, nome grande em todo o Brasil, grande fóra de nossas fronteiras, mas, que no Exército e na Armada occupa por certo, um lugar proeminente na memoria de todos os seus officiaes.

NUMEROS ATRAZADOS

Avisamos aos nossos assignantes que cedemos gratuitamente áquelles que desejarem, exemplares de numeros atrazados correspondentes á antiga phase de "A Defesa Nacional", afim de aliviarmos os nossos archivos.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á Gerencia até 15 de Novembro.

A GERENCIA.

DA PROVINCIA

A Educação Physica na 2 Região Militar

N. da R. — Não é só na Capital Federal que a Educação Physica tem merecido a attenção e os cuidados das autoridades e attrahido os esforços da officialidade dos corpos. As notas que abaixo transcrevemos e que, a nosso pedido, nos foram enviadas por um competente e entusiasmado cultor de desportos, nos põem inteiramente ao par do trabalho realizado uniformemente em toda a região em prol dessa necessidade primordial que é o revigoreamento da raça.

O comparecimento dos jovens e modestos soldados ao lado da mocidade seleccionada da prodigiosa S. Paulo, nessa parada athletica, deve ter influido poderosamente no espirito da assistencia, como meio efficaz de valorização do Exercito, como factor de seu prestigio e de sua necessidade.

S. Paulo, em que tudo é actividade util e onde tudo parece ansear por progresso rapido, deve ter percebido as vantagens enormes que essa acção educadora do Exercito lhe poderá proporcionar como elemento constructor por excellencia, desse mesmo progresso. Certamente, se a assistencia já nos via com sympathia, em após essa demonstração, todos, estadistas, burguezes e proletarios, sentirão crescer em si essa sympathia e não recusarão o seu apoio á tarefa ingente e silenciosa em que nos empenhamos e da qual tiveram occasião de perceber as vantagens apenas de um de seus aspectos.

As palmas e os "bravos!" com que saudaram, não o "bonito dos soldados", mas o resultado de seus esforços, terão que ecoar e persistir em suas mentes e corações, transformando-se em apoio á obra do Exercito e em manifestações de confiança na sua actuação, confiança sem a qual não lhe é possivel estar apto á defesa do Brasil.

Apresentamos aos dignos camaradas da 2ª Região os nossos parabens por esta prova brilhante de trabalho e de segura orientação que acabam de dar.

Fala agora o nosso correspondente:

A participação da tropa da 2ª Região Militar na memoravel parada athletica de 7 de Setembro e na demonstração de cultura physica de 10, foi uma verdadeira consagração do Exercito neste Estado.

A extraordinaria ovação com que desfilou a nossa representação perante a formidavel assistencia que se comprimia nos jardins fronteiros representação, que, quer no conjunto quer impressão causada, fructo da rigorosa preparação dos nossos elementos, orientada pelo Sr. Commandante da Região que não poupou esforços para o seus brilhantismo.

O Presidente do Estado, todo o mundo official e a imprensa, não pouparam elogios á nossa representação, que, quer no conjunto quer individualmente, foi uma das melhores apresentadas e cujos athletas entre os 50.000 que desfilaram foram os que melhor impressão causaram, pelo seu physico, pela sua disciplina, pela sua formação e pelo esmero e rigor de seus uniformes desportivos.

De ha muito o Sr. General Commandante da Região providenciava com o maior desvelo para o nosso comparecimento condigno.

Nomeou uma comissão composta dos Tenentes Emmanuel Adacto Pereira de Mello e Pedro Geraldo, para estudar e apresentar o programma da nossa participação na "GRANDE DEMONSTRAÇÃO DE CULTURA PHYSICA" organizada durante a III CONFERENCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO.

Surgiram logo applausos á feliz iniciativa, logo que os Srs. Commandantes de Corpos fo-

ram inteirados das intenções do Commandante da Região e providencias foram tomadas com a maior boa vontade, e as suas representações compareceram irreprehensíveis, obedecendo para o desfile á seguinte disposição:

I — 4 batedores — praças do IV/2ª R. C. D. em 1º Uniforme;

II — Banda de clarins constituída de 30 clarins de todos os corpos montados desta Região.

III — BANDEIRAS — a Nacional, a da L. S. E. e a da Delegação desta Região conduzida pelos 1º Tenentes Simas Eneas do 2º G. I. A. P., Jatyr Proença do 4º R. L. e 2º dito Meirelles Maia do 4º B. C. Montados e em uniforme de flanela kaki.

IV — DELEGADO DA L. S. E. e COMMISSÃO DESPORTIVA DA DELEGAÇÃO, constituída: 1º Tenente Adacto de Mello do 4º B. C. delegado; 1º Tenente Correia Velho da Secção de Esgrima e Hippiamo; 1º Tenente Aristides Penteado da Secção de Athletismo; 1º Tenente Evilasio Villanova da Secção de Tiro; 1º Tenente Genaro Bomtempo substituindo o Director da Secção de Jogos e 1º Tenente Dr. Meneleu Cunha medico da Delegação. Todos tambem montados e em uniforme de flanela kaki com bracedeira com as cores da L. S. E.

V — ENCARREGADOS DE DESPORTOS DAS UNIDADES: Capitão Ayrton Plaisant do 5º R. L. 1º Tenente Arlindo Nunes do 6º R. L. 1º Tenente Hugo Fernandes do 3º G. A. C., 1º Tenente Cerqueira Coelho do 4º R. A. M., 1º Tenente José Neves do 2º R. C. D., 1º Tenente Paulo Trajano do G. A. Mth., 1º Tenente Horacio Gonçalves do 2º G. I. A. P., 1º Tenente Gross do 6º B. C., 1º Tenente Lincoln Veras da Cia de

comissões, 2º Tenente Palma Lima do 4º R. 1º Tenente Cunha Mello do 4º B. C. Todos bem montados e em uniforme de flanela;

VI — EQUIPES DE POLO DOS CORPOS. — composta das equipas do 2º R. C. D. e 4º R. A. M. com seus uniformes apropriados. A do 2º R. C. D. era chefiada pelo Sr. Capitão Rodrigues e a da 4º R. A. M. pelo Sr. Major Cyro Val.

VII — ESCOLA ORGANISADA PARA A DEMONSTRAÇÃO DE CULTURA PHYSICA. — composta de 108 praças do 4º B. C., 4º R. A. M., 4º R. I., 2º R. C. D. e Cia: Transmissões: formação em columna por 6. Uniforme — Calça de flanela branca com friso marinho, presa ao tornozelo, Sweater azul marinho, sapatos brancos.

VIII — EQUIPES REPRESENTATIVAS DOS JOGOS PRÁTICADOS NA L. S. E. Equipe de foot-ball — 11 homens do 2º R. C. D., volley-ball — 6 homens do 2º G. A. Mth. basket-ball — 6 homens do 4º B. C., peteca — 5 homens do 6º R. I., estafetas — 10 homens do 4º R. A. M. e 8 homens de guerra 8 homens do 4º R. I.

UNIFORME — Calção azul celeste, camisa branca com o escudo da Delegação no lado esquerdo, sapatos brancos. **FORMAÇÃO** — em columna por 6.

IX — REPRESENTAÇÕES DOS CORPOS COM SUAS BANDEIRAS A FRENTE.

4º B. C. 50 homens — camisa branca com listra horizontal azul celeste, calção branco
4º R. 1100 homens — camisa branca com debrisa preta, calção preto distintivo do regimento no lado esquerdo;

2º B. C. 50 homens — camisa branca, calção preto com o distintivo do Btl. em preto no centro do peito;

3º R. I. 65 homens — camisa branca com uma listra horizontal preta tendo do lado o distintivo do regimento, calção branco;

6º R. I. 50 homens — camisa preta, com distintivo do R. no centro do peito em branco, calção branco;

4º R. A. M. 113 homens — camisa listada verticalmente de verde, vermelho e branco, calção branco;

2º G. A. Mth. 50 homens — camisa azul ferrete, calção branco;

2º G. I. A. P. 50 homens — camisa azul marinho, calção branco;

3º G. A. C. 50 homens — camisa vermelha com distintivo do G. no centro, calção branco;

2º R. C. D. 50 homens — camisa azul claro, calção verde, calção branco.

Cia. Transmissões — 50 homens camisa verde, calção branco.

X — As representações dos corpos seguiram-se as dos Tiros de Guerra e E. I. M. de todo o Estado, ao todo 800 homens, também com seus uniformes e suas bandeiras desportivos.

Logo após ao grupo de cavalleiros formado pelos associados e associadas da Sociedade Hippica Paulista, surgiu a nossa representação. Constituiu espectáculo magnifico a descida da ESCOLA DE EDUCAÇÃO PHYSICA na escadaria da fronteira do museu bem em frente e ao longe da tribuna official, pois, a originalidade do seu uni-

forme e a irreprehensibilidade da sua marcha despertaram viva attenção. A' frente a banda de musica do 4º B. C. em 1º uniforme. Ao defrontar o Delegado e a Comissão Desportiva a tribuna official, apresentou áquelle a nossa representação e com os demais postou-se em frente á tribuna, dispondo os batedores nos cantos para balizar o itinerario. O desfile foi magnifico e os applausos foram delirantes. A não ser a S. H. P. foi a nossa representação a unica que passou sem se dividir em frente á tribuna official, pois as demais dividiam-se para contornar a mesma, o que tirou muito o effeito que poderiam causar, mas que se tornou necessario devido ao grande numero de homens, pois mesmo assim prolongou-se o desfile, começado ás 9 horas, até quasi meio dia sem interrupção na marcha.

No dia 10, fizemos no Campo do C. A. Paulistano, perante uma assistencia selecta, uma demonstração dos nossos processos de cultura physica precedida da abertura solemne da temporada desportiva da Região. Após a revista passada pelo Sr. General Commandante da Região, as representações dos corpos já alludidas, prestaram o juramento do athleta e desfilarão em continencia. A esta cerimonia assistiu grande parte da Força Publica e a Guarda Civil do Estado. Por occasião do juramento, procedido com o maior apparato, a assistencia foi presa de grande emoção pois pela 1ª vez assistia a semelhante espectáculo que foi irreprehensivel.

Os 108 homens da Escola sob a direcção do Tenente Adacto executaram então a lição completa escolhida que produziu grande effeito.

Mais uma vez a assistencia não regateou os seus applausos aos nossos soldados. Todos tiveram uma idéa justa do methodo de Educação Physica adoptado entre nós e dos beneficios que elle pode proporcionar a todos, civis e militares.

Desse modo, enquanto esperamos anciosamente pela criação de um Centro de Educação Physica em S. Paulo, com elementos aperfeiçoados nos cursos da Escola de Sargentos de Infantaria, vamos, os officiaes da Região, nos esforcando por despertar o gosto pelos exercicios physicos e por propagar o methodo adoptado.

Ha 15 annos...

Nos paizes novos como o Brasil, com um vasto campo de acção para as iniciativas dos homens de cultura, e onde não ha verdadeiramente espirito militar, a politica e as commissões rendosas despertam as ambições e arrastam constantemente os militares para fóra das fileiras, onde elles não vêm assegurado o exito rapido de sua carreira; e fóra do Exercito elles encontram um duplo galardão aos seus esforços, rubindo na politica e subindo no labor penoso da tropa e os estimulem a também desertarem das fileiras em busca da appetecida chance.

(De "A Defesa Nacional" de 10-8-1914).

Subsídios para os Quadros de Reserva

COOPERAÇÃO INFANTARIA ARTILHARIA

(Notas de estudo)

Pelo Cap. RUBENS CUNHA

Os camaradas das demais armas devem meditar com cuidado sobre as novas noções, contidas no R. M. I., de 1929, estudadas na Revue d'Infanterie, sob os auspícios do Coronel Z, seu brilhante colaborador, cuja luz de grande alcance, transpondo o Atlântico, vem desfazer a penumbra em que vivemos, nós, officiaes de provincia, os "limoges", na expressão feliz de nossos mestres francezes...

Em seu numero de Março, a Revue d'Infanterie, proseguindo no estudo do novo regulamento de manobra de Infantaria, edição de 1929, na sua segunda parte, aborda o titulo III, como se segue: "Cooperação das outras armas com a Infantaria."

O assumpto deste titulo formava, na antiga segunda parte, o capitulo III do titulo I: Cooperação da Infantaria com as outras armas, fórmula pouco feliz, porque são as demais armas que cooperam no combate da Infantaria, e não o inverso.

Assim é que até os cavallarianos, que só se inspiram actualmente no valor moral do lendario Barão do Triunpho, pois suas vigorosas cargas estão fóra da moda, foram chamados a cooperar com a I., embora o regulamento para os exercicios e o combate da Cavallaria, em sua quarta parte, preconize ainda o combate a cavallo para o Pel., o esq. e até para o R.

Dispomos, d'ora avante, da collaboração desse elemento precioso, que muito nos ajudará.

Continuando, diz o escriptor da citada revista "A Artilharia cabe o *primus locus* na enumeração das diversas armas, contempladas no titulo III, arma que no combate é verdadeiramente irmã da Infantaria." Mas como nos presta seu valioso concurso?

— Neutralizando e destruindo os obstaculos materiaes e pessoas que se oppõem á progressão da Infantaria:

- a) antes do ataque: destruição dos obstaculos;
- b) durante o ataque: apoio directo, protecção e, eventualmente, acompanhamento immediato;
- c) na defesa: contra preparação e tiros de deter. Excluidas do quadro a contra bateria, a interdicção e a inquietação, que, só indirectamente, interessam á infantaria.

Para desempenhar missões differentes dispõe a A. D. de materiaes diversos:

- a) artilharia ligeira, comprehendendo a de montanha e a montada;
 - b) artilharia pesada, dividida em longa e curta.
- a) I — artilharia de montanha: (1) Projectis: shrapnell, com 260 ballins de 11 grammas; granada alongada, de aço, com cerca de 800 grammas de explosivo; granada de fonte acceirada, forma D, com cerca de 500 grammas de explo-

sivo; alcance maximo: 7500^m com o shrapnell, e 8700^m com a granada D. Não esquecer que o alcance efficaz é representado por 3/4 dos numeros acima.

Velocidade de tiro: 10 a 12 tiros por minuto, numa duração maxima de 6 minutos; 4 a 6 tiros por minuto, durante 10 ou 15 minutos; 100 tiros por hora, em media, numa serie de varias horas. Com cargas reduzidas pode-se obter a cadencia de 10 a 12 tiros por minuto, numa duração de 10 a 15 minutos. Ter de memoria que com carga reduzida o alcance só é efficaz até 6000^m. Missões — Tiro contra pessoal; com projectil alongado effectua ligeiras destruições; empregado em apoio directo e mesmo na contra bateria, não para destruir o material, mas para silenciar, como diz o Sr. Ten. Coronel Silio Portella, uma das glorias do nosso Exercito, á pagina 154 de seu livro — Artilharia — Exercicios na carta. E' o material de que dispomos para o acompanhamento immediato.

II — artilharia montada (2) Projectis os mesmos do material de montanha.

Alcance maximo — 12.000^m com a granada D. Velocidade de tiro — A mesma do material de montanha.

Missões — tiro contra pessoal; efficaz na destruição das redes de arame-farpado, e, em menor escala na interdicção e contra bateria, empregado no apoio directo.

b) Artilharia pesada curta (155) (3)

Projectis: metralha, com 416 ballins de 25 grammas e 288 fragmentos de 45 grammas; shrapnell, com 270 ballins de 25 grammas; granada alongada, de aço, com 43 kilogrammas, contendo 10.200 grammas de explosivo; granada de ferro acceirada, com 43.500 grammas, contendo 4500 grammas de explosivo.

Alcance maximo — 8 kilometros com o shrapnell de tempo; 9.500 com a granada alongada de aço; 11.200m com a granada de ferro acceirada. Velocidade de tiro. Dois a tres tiros por minutos, em serie de 6 tiros; para series maiores, 1 a 2 tiros por minuto. Si o tiro tiver de durar varias horas, não ir além de 45 tiros horarios.

Missões — Particular emprego nas destruições ordinarias do campo de batalha. Material de grande precisão e potencia.

II — 120 L.

Projectis: shrapnell; granada alongada, de aço, pesando 20 kilogrammas, com 4 kilogrammas de explosivo; granada de ferro acceirado, forma D, com o mesmo peso da anterior contendo 1500 grammas de explosivo. Alcance — 11.000 metros, com o shrapnell ou com a granada alongada; 13.500 metros, com a granada D. Velo-

- (1) Canhão de 75 Mth. Schneider m. 1919.
- (2) Canhão de 75, Schneider m. 1922.
- (3) Canhão Schneider.

idade de tiro. Póde produzir 4 a 6 tiros por minuto, durante 2 minutos no maximo. Não ultrapassar a cadencia de 1 a 2 tiros por minuto, durante 10 ou 15 minutos; para duração de horas, não produzir 45 tiros horarios. Os presentes dados foram extrahidos das conferencias do Sr. mestre Coronel Chabrol, feitas na E. E. M. 1924.

Em conclusão: a Artilharia ligeira caracteriza-se: rapidez de tiro e tensão da trajectoria; esse, variando com o projectil de 7 e 10 kilometros em media; grande efficacia dos projectis sobre o pessoal a descoberto e fraca sobre trincheiramentos, mesmo ligeiros.

A artilharia pesada curta caracteriza-se: tiro menos rapido e curvo; alcance variando entre 8 e 10 kilometros conforme o projectil, prestando o emprego do obus explosivo percutente, particularmente apto á destruição das obras do campo de batalha.

As características do canhão 120 L. tiram-tiro facilidade, do respectivo quadro anterior.

Repartição da A. D. para o Combate:

Apoio directo

Ação de conjunto

Acompanhamento immediato.

Cada fracção é constituída de grupamentos compostos de um ou varios grupos.

Apoio Directo.

Cada regimento de I. engajado corresponde geralmente um grupamento de apoio directo, de acompanhamento e sobre mais de perto a I., com os fogos, desencadeados a pedido desta direccção e satisfeito por prioridade em qualquer momento. Esses tiros podem tambem ser estabelecidos por um plano previo ou por informações transmittidas dos observatorios da A.

O desencadeamento é feito pelo foguete ou pela transmittida pelo telephone.

Ação de conjunto.

Os grupamentos de acção de conjunto trabalham em proveito de toda a D. I., podendo, portanto, concentrar seus fogos numa parte da frente mais necessitada, pois ligados aos grupamentos de apoio directo, constantemente, estão habilitados das necessidades da Infantaria, podendo agir em seu proveito.

Artilharia de acompanhamento immediato.
Tem por missão concorrer com a I. na redução da luta da resistencia, na destruição dos carros de combate e demais resistencia que a infantaria encontra difficuldade em vencer. O commandante desta fixa as missões e determina a sua posição. Nada de novo sobre esta acção d' A. D.

Concepção da A. no combate offensivo.

a) antes do ataque — tiros de preparação, duração mais ou menos longa, cujo fim é destruir, dentro dos limites prescriptos pelo commandante, os obstaculos materiaes que se oppõem á progressão da I., neutralizando tambem a cadencia de fogo adversario. Foram muito empregados na grande guerra, principalmente nas operações de Julho de 1918, no desembarcar da foresta Villers — Cotterets, onde ficou provada a conveniencia da sua suppressão.

b) durante o ataque — tiros de apoio directo pelos grupamentos para este fim designados, cujo objectivo é permittir a I. abordar o inimigo

antes deste se refazer para utilizar com efficacia suas armas; protecção do ataque, pelos grupamentos d'acção de conjunto, cujos tiros devem ser applicados nos pontos do terreno donde o adversario póde observar as tropas de ataque, agir sobre ellas com seus fogos ou contra-atacá-las.

Profundidade da zona de segurança

Os commandantes de inf. devem ter de memoria essas profundidades traduzidas em numeros, para garantia de suas unidades.

No desembarcar de um ataque, partido de uma base determinada, com as posições das baterias de apoio bem fixadas, póde variar de 150 a 200m a profundidade da zona de segurança. No caso contrario deve oscillar entre 400 e 500m, devendo augmentar no decorrer da progressão do ataque ou quando forem mal conhecidas as posições dos elementos mais avançados do escalão de fogo.

Para as fracções da A. de acompanhamento immediato, que agem á curta distancia e executam geralmente o tiro directo, a zona de segurança deve ser menos profunda, principalmente quando a infantaria está coberta e os projectis attingem a contra vertente ou com o emprego da carga reduzida, produzindo trajectoria menos razante, nada influido a diminuição do alcance, desvantagem da citada carga.

Formas dos tiros de apoio directo.

Revestem tres modalidades:

I Barragem rolante;

II Bombardeios successivos

III Combinação dos dois processos

I. A barragem rolante, cortina de fogo densa e profunda, deve ser seguida, o mais de perto possivel, pelos elementos mais avançados da infantaria atacante, devendo deter-se deante delles quando forem detidos.

Comprehende:

Barragem propriamente dita; tiros de varrer.

Características da barragem: 2 tiros por minuto em cada 15 metros de frente, com obus percutente; lancees de 100m, excepcionalmente de 220m entre os quaes cada peça reporta seu tiro (com alça unica) sobre a frente que deve bater; velocidade media da barragem: fixada pelo commando: em geral 100m em 3 ou 4'.

No tiro de varrer a densidade deve ser de um tiro em cada 15m de frente, com obus em tempo, effectuado entre zero e 500 ou 600m, além da barragem percutente.

Devido á grande predilecção de varios officiaes por esta modalidade de apoio directo, tão utilizado na ultima guerra, os autores da nova edição do regulamento de infantaria, resolveram, apesar dos effeitos de ordem moral e material, salientar seus inconvenientes:

Grande consumo de munição; difficuldade da preparação do tiro e seu ajustamento prévio, mesmo na frente de uma base de partida mais ou menos rectilínea e continua;

Frequência do desgarrar entre a I. e a barragem, em consequencia das ondulações do terreno ou das resistencias inimigas;

Fadiga excessiva do material e pessoal, quando a duração for grande;

A barragem rolante deve ser applicada no

ataque á posição fortemente organizada, para manter a I. no terreno conquistado ou lançá-la para frente, depois de longa parada. E' de execução impossível em toda frente de ataque e no total da profundidade do terreno a conquistar.

A barragem applica-se nos casos excepcionaes supra mencionados, empregando-se de um modo geral a segunda modalidade;

II Bombardeios successivos.

Tem por objectivo localizar os tiros successivamente determinados com a vantagem da economia de massas sobre os pontos onde se encontram as mais sérias resistencias.

Os pontos para bombardear podem tambem ser revelados durante o ataque, sendo os primeiros determinados após serio estudo das organizações inimigas.

A duração e densidade desses tiros são fixadas de accordo com suas importancias, o que equivale a dizer que não devem ser repartidas uniforme e regularmente sobre os pontos escolhidos.

Seu desencadeamento pôde ser feito mediante horario, cuja base é a velocidade de progressão da infantaria, fixada pelo commando, ou, ainda por meio do foguete lançado pelos elementos mais avançados daquella.

Nos objectivos imprevisos, que merecem um bombardeio, o desencadeamento é feito por signal convencionado entre o cmt. da I. atacante e o do grupamento de apoio directo.

Concordancia entre as acções da I. e da A.

No caso da barragem rolante, a concordancia é realzada pela decomposição da progressão da I. em lanços separados por tempos de parada bem assignalados, permitindo que seus elementos possam alcançar os tiros de A. As linhas de parada devem ser constituídas por pontos nitidos do terreno, afim de que a infantaria não as ultrapasse, ligando-se demais á barragem, não observando em consequencia a zona de segurança ou augmentando-a em demasia.

Nos bombardeios successivos, a concordancia será obtida, pelo menos, no inicio do ataque, desde que a I. saiba a hora do começo e da duração de cada tiro;

Para os tiros previstos, a concordancia está feita, pois sua duração deve ser fixada na ordem. Têm-se assim o inicio, assignalado pelo lançamento do foguete, pedindo o tiro, e o fim, consequencia do seu tempo de duração. Sempre que se tratar do signal ou do horario, é de

toda conveniencia, para evitar duvidas sobre a cessação do tiro, convencionar que será materializada por alguns arrebentamentos altos ou por tiros com projectil fumigeno.

Tratando-se de bombardeio imprevisito, a concordancia será garantida, em condições analogas ás anteriores, desde que a ordem diga que a duração desses tiros será de tantos minutos...

Ligações e transmissões

A realização da concordancia entre a I. e a A. atacantes depende, em grande parte, do bom funcionamento das ligações e transmissões. Nada de novo sobre este assumpto na nova edição. Ligação: juxtaposição dos P. C. da I. e da A.; destacamento de ligação da A. junto aos cmts. de unidades de I. apoiados. A ligação entre as duas armas dá os melhores resultados, quando o chefe da I. pôde, no proprio terreno do ataque, em bom observatorio, fornecer ao chefe da A. indicações tão nitidas quanto possível sobre o que deseja.

As transmissões são asseguradas pelo emprego simultaneo de todos os processos: T. S. F.; avião, signaes, telephone, estafetas. E' vantajoso o uso de pequeno numero de convenções claras e simples, que permitam reduzir a um signal ou a mensagem curtissima os pedidos dirigidos da I. á A., taes como: modificação de horario, desencadeamento ou suppressão dos tiros preparados, designados segundo numeração previa; execução de tiros não previstos sobre pontos designados por coordenadas.

Os pedidos das companhias do escalão de fogo, por artificios, são dirigidos aos cmts. do batalhão engajados que, por sua vez, os transmitem aos Cmts de R. e estes aos dos grupamentos de apoio directo. Podem ser feitos directamente do batalhão ao cmt. da A. de apoio directo, lançando, em seguida, o cmt. do R. L. de seu P. C., tambem o seu foguete a titulo de confirmação.

Os pedidos, transmitidos pelo telephone dos cmts. de batalhões referidos ao do grupamento de apoio directo dispensam essa confirmação.

As modificações de horario são feitas por ordem sómente do commandante da divisão.

Estas notas foram extrahidas da Revue d'Infanterie, numero de Março, das conferencias do Sr. Tenente Coronel Chabrol e do livro citado do Sr. Tenente Coronel Arthur Silio Portella.

T O R P E D O

A MELHOR MACHINA PORTATIL
TECLADO UNIVERSAL

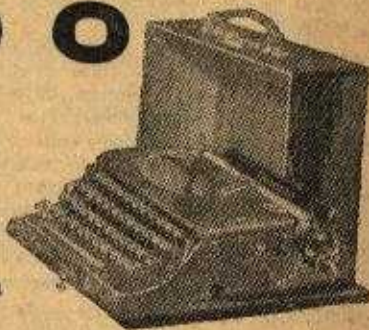
800\$000 em 10 prestações mensaes. — 700\$000
a dinheiro á vista.

CASA MERCEDES LIMITADA

TRAVESSA OUVIDOR, 19 — RIO DE JANEIRO

Com direlto a um curso gratis (3 mezes) na Escola

Mercedes — Rua Assembléa, 98-3º



BIBLIOGRAPHIA

A DEFESA NACIONAL, na passagem de seu anniversario, saúda effusivamente a todas as suas Confrades, Nacionais e Estrangeiras, ás quaes agradece a constante permuta, que tanto a honra, nesses XVI annos de sua existencia.

MEXICO

El Piloto Maio.

Escolas — Estudemos aviação — Rotas aereas mexicanas

El Soldado Maio e Junho.

Energica offensiva contra o alcoolismo — Instrução pratica e technica do atirador — Figuras militares notaveis.

Revista del Ejercito y de la Marina Maio e Junho.

Papel do Estado Maior durante a batalha — O combate movel da cavallaria — Papel do Estado Maior depois da Batalha — O moderno regimento de cavallaria.

PANAMA

Representação da Republica do Panamá na Exposição Ibero-Americana de Sevilha.

PARAGUAY

Revista Militar Maio e Junho.

O corpo de officiaes — Instrução profissional de nossos officiaes — Notas para a instrução da bateria — O combate do grupo.

PERU

Defesa del Circulo Militar Maio.

Manobras da 1ª Divisão de Infantaria da Reichswehr A Escola superior de Intendencia de Paris — Guerra da Independencia do Perú.

Tiro Civil Fevereiro-Março-Abril.

Progressão e instrução de tiro para o anno de 1929 — Meu testamento peruano.

SÃO SALVADOR

Boletin del Ministerio de Guerra Abril.

Considerações sobre o combate das pequenas unidades.

Revista del Circulo Militar Março e Abril.

Necessidades de Escolas de Aviação — Honrosos conceitos emitidos pela Imprensa seria da Capital a respeito do incidente occorrido com as instituições armadas — Patriotismo de uma menina columbiana — O combate defensivo — Plancheta de Mano Gurley — A escola e o quartel.

URUGUAY

Alerta Junho e Julho.

Principios geraes sobre disciplina — Noções sobre armas O grande inimigo — A Patria — Liberdade de acção da infantaria — Garibaldi — Valor militar.

Revista Militar y Naval Maio e Junho.

Papel do automovel na mobilisação — A guerra chimica — O armamento da cavallaria — Hygiene do cavallo — A arma chimica na guerra futura.

Europa
FRANÇA

La Revue Nautique Maio e Junho.

O lançamento de novos navios em 1929 —

O progresso dos barcos a motor na Suecia — Um cruzeiro pela Africa do Sul — Marinha Militar.

HESPAHANHA

Boletin Militar Maio.

O combate nas grandes cidades — Fuzil silencioso — O que será a futura infantaria francesa no Exercito reorganizado? — Passagem do "Jesus Del Gran Poder" pelo Brasil.

La Guerra y su Preparacion Fevereiro e Março.

Escola automobilistica do Exercito — Organização do Exercito Belga — Reserva de officiaes no exercito italiano — Problemas europeus contemporaneos — Canhão de infantaria de 7 cm. da casa Svoda (Tschecho-Slovaquia) — Manobras do Exercito Argentino em 1927 — A instrução militar nas universidades inglesas.

Memorial de Infantaria Junho e Julho.

Ensinamentos da campanha de Marrocos — A participação italiana na guerra europeia e suas consequencias — Clemenceau contra Foch? — A infantaria no combate e seus meios de acção — Curso de preparação para o asienso dos corpos.

Revista de las espafias Maio.

A Exposição de Sevilha — Aspectos de literatura portuguesa.

PORTUGAL

Revista Militar Maio e Junho.

Numero dedicado a Foch.

Junqueira & Cia. Ltda.

(Terrenos e predios á vista e em prestações)

Rua da Quitanda n. 113

RIO DE JANEIRO

TELEPHONE NORTE 7253

Comprar um terreno é segurar, é valorisar as proprias economias.

As guerras, as revoluções, os máus governos desvalorizam tudo, menos os terrenos que sempre augmentam de valor.

TERRENOS EM TODOS OS BAIRROS:

Cattete, Gloria, Tijuca, Engenho de Dentro, Irajá, Sapé e Colégio

Livraria, Papelaria, Lithographia
:: :: e Typographia :: ::

FUNDADA EM 1845

Endereço Telegr.: PIMENTAMELLO — Rio

Telephone — Norte 7828

LIVROS, REVISTAS E QUAESQUER
TRABALHOS DE ARTES GRAPHICAS

PIMENTA DE MELLO & Cia.

34, RUA NOVA OUVIDOR, 34

(Proximo á Rua Ouvidor)

Caixa Postal, 860

OFFICINAS:

419, RUA VISCONDE ITAUNA, 419

(Edificio Proprio)

Telephone — Villa 5996